AUGUSTO CURY

Mais de 20 milhões de livros vendidos somente no Brasil
Publicado em mais de 80 países

EM BUSCA DO SENTIDO DA Vida

Romance



O Colecionador de Lágrimas transformou-se em um colecionador de esperanças

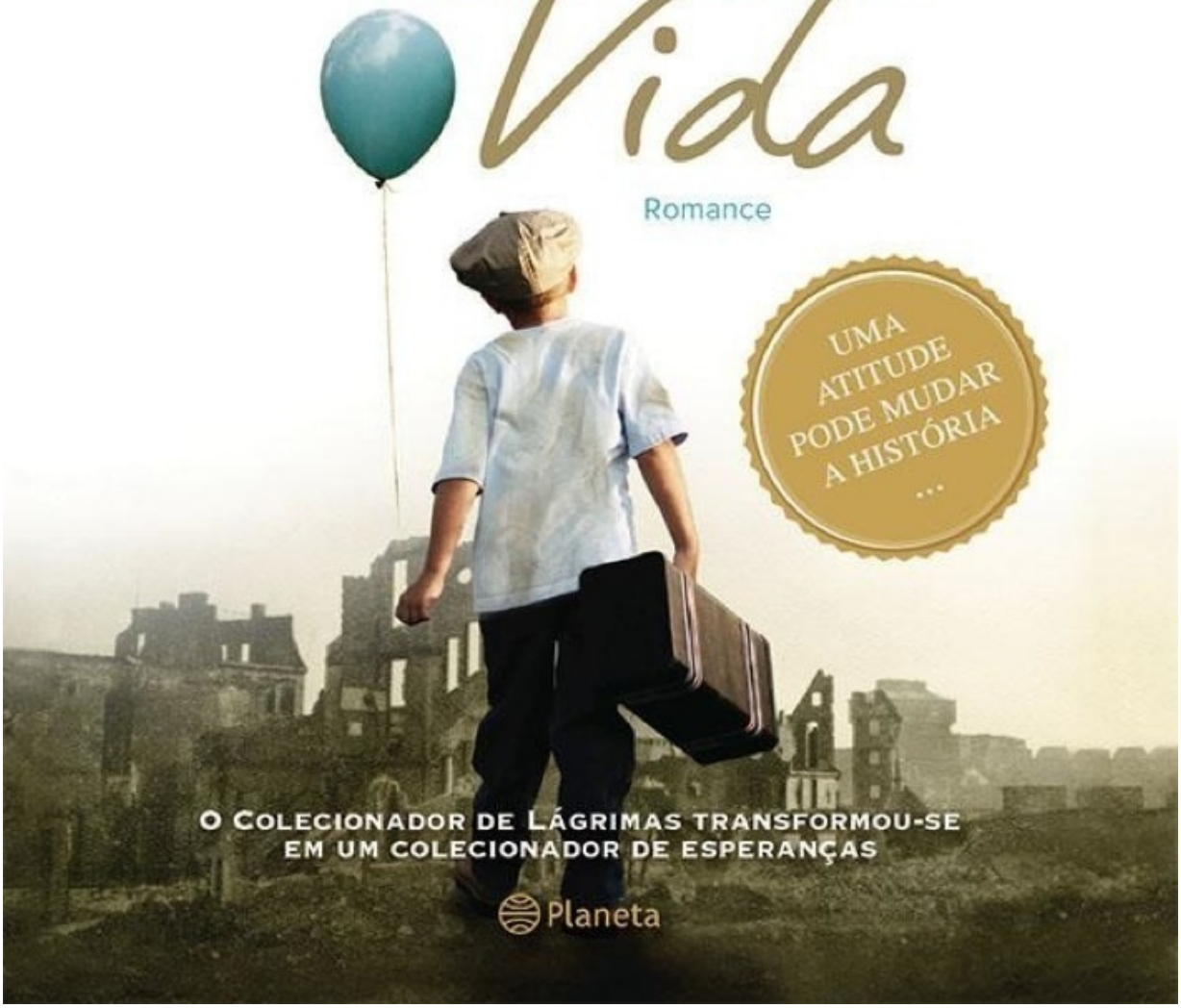
Planeta

AUGUSTO CURY

MAIS DE 20 MILHÕES DE LIVROS VENDIDOS SOMENTE NO BRASIL
PUBLICADO EM MAIS DE 60 PAÍSES

EM BUSCA DO SENTIDO DA *Vida*

Romance





Em Busca do Sentido da Vida

Augusto Cury

Planeta (2013)

Este romance é sobre um colecionador de lágrimas que, depois de experimentar terríveis perdas e sofrer derrotas inimagináveis, transforma-se num colecionador de esperanças. Ao ler esta obra você acompanhará a fascinante vida de um homem que aprendeu a superar o desespero e a dor após viver um dos capítulos mais dramáticos da história da humanidade. O professor Júlio Verne, um célebre intelectual de seu tempo, vive asfixiado por rotina, fama e conforto. Sua vida não tem um sentido existencial nobre. É então que ele descobre a "lei vital da psiquiatria/psicologia": uma pessoa só é verdadeiramente feliz quando procura irrigar a felicidade dos outros e promover seu bem estar.

Assim, em busca de um sentido existencial, o professor aceita participar do inédito e incrível projeto tecnológico de viajar no tempo. Seu objetivo: impedir que a Segunda Guerra Mundial aconteça e varrer das páginas da História as piores atrocidades já cometidas pelos homens.

PREFÁCIO

Talvez quando eu fechar meus olhos para a vida e meus livros forem utilizados em universidades mais do que hoje são, eles sejam objetos de interesse de Hollywood. Não me alegro com isso. Hollywood ama ilmar as mazelas do passado. Escrevo sobre o passado com o olhar para o futuro da humanidade, para contribuir com a prevenção de alguns erros crassos.

Nasci no Brasil, uma nação com mentes brilhantes, mas ainda pouco

valorizadas no teatro das nações. Nossa educação está entre as piores do mundo. Porém, a educação que proponho, a qual contempla as funções mais complexas da inteligência, como educar a emoção, gerenciar pensamentos, pensar como espécie, colocar-se no lugar dos outros, pensar antes de reagir, resiliência, coloca todas as grandes nações em péssimos lugares, mesmo os países mais ricos e desenvolvidos. Estudar décadas para conquistar um diploma de graduação ou pós-graduação, incluindo o mestrado e doutorado, e, consequentemente, ter um cérebro abarrotado de informações técnicas e não ser equipado minimamente para ter um Eu gestor de sua mente, ser autor da sua própria história e iltrar estímulos estressantes é quase que um crime educacional.

De acordo com pesquisas internacionais, uma em cada duas pessoas apresentarão um transtorno psiquiátrico cedo ou tarde ao longo da vida.

Estamos falando em mais de 3 bilhões de pessoas. Oitenta por cento da juventude mundial está apresentando insegurança e timidez. Mais de 1,4

bilhão de seres humanos desenvolverão o último estágio da dor humana, algum tipo de depressão. Para onde caminha a humanidade? Isso não os assombra, queridos leitores?

E se considerarmos duas síndromes que tive o privilégio de descobrir, a síndrome do circuito fechado da memória e a síndrome do pensamento acelerado (SPA), as quais implicam di iculdades de se colocar no lugar do outro, pensar antes de reagir, fadiga excessiva, dores de cabeça, dores musculares, irritabilidade, baixo limiar para suportar frustração, sofrimento por antecipação e dé icit de memória ou esquecimento, raramente não encontraremos alguém afetado nas sociedades modernas, das crianças aos adultos.

Não estamos formando coletivamente pensadores altruístas que tenham uma mente livre e uma emoção saudável. A educação está formando pessoas doentes para uma sociedade doente…

O protagonista deste livro, o professor Júlio Verne, compreende esse adoecimento educacional e ica desesperado. Ele era um intelectual, famoso, aplaudido e celebrado “no futuro”, no tempo em que vivia, mas era entediado, as ixiado por sua fama e conforto. Vivia no cárcere da rotina.

Sua vida não tinha um sentido existencial nobre. Foi então que começou a descobrir uma "lei vital da psiquiatria/psicologia": uma pessoa só é verdadeiramente feliz quando procura irrigar a felicidade dos outros, quando promove seu bem-estar. Os individualistas e os egocêntricos são dignos de compaixão, pois desertificaram sua emoção.

Depois de vivenciar fenômenos mentais que pareciam enlouquecê-lo, ele aceita participar do mais incrível projeto tecnológico, viajar no tempo e corrigir um dos piores erros da humanidade: varrer das páginas da História a Segunda Grande Guerra Mundial, eliminando Adolf Hitler.

Milhões de pessoas me leem em muitas nações, mas poucas ouvem os gritos das minhas palavras de que a humanidade está gravemente enferma. Se todos os seres humanos entrassem hoje no padrão de consumo da classe média norte-americana, precisaríamos de três planetas Terra. Quando a escassez de recursos ganhar as mesas, o aquecimento global ganhar os solos e os anônimos usando as redes sociais ganharem as vozes nas ruas de todo o mundo para protestar, talvez a humanidade desperte. Mas o preço será caríssimo, pois entre os protestos e a organização do caos pode-se demorar décadas, um tempo que não teremos.

O ideal seria que hoje a educação da emoção se izesse presente desde a educação infantil até o mestrado e o doutorado. O ideal seria que a educação izesse a mais paci ista e sólida revolução social formando pensadores e não repetidores de ideias. Talvez assim deixemos de ser colecionadores de lágrimas e nos transformemos em colecionadores de esperanças. Esse é o sentido existencial deste livro.

Enquanto bebo o cálice dos dias numa vida brevíssima que se encena no teatro do tempo e logo se despede no último ato, procuro também dar um sentido para minha vida. A rotina tem múltiplas armadilhas e talvez a pior delas seja nos encarcerar na mesmice, não pensar em outras possibilidades, viver porque se está vivo…



CAPÍTULO 1

NO NINHO DOS DOENTES MENTAIS

Alemanha, inverno de 1941.

Enquanto a Europa vivia um inferno, um homem encontrava-se prostrado na densa neve, atônito, estafado, destituído de energia ísica e mental para se reerguer. Não era perseguido pelos nazistas, pelo menos por enquanto. Era assombrado por outros monstros, mais sutis, mas não menos agressivos, dentro da sua mente… Perdera os parâmetros tempo-espaciais. Não sabia onde estava nem em que tempo se encontrava. Mãos gélidas, lábios trêmulos, olhos assustados. A brancura do gelo por toda parte lhe invadia a retina e confundia-lhe o raciocínio. “Ontem eu estava na primavera, mas isto aqui é inverno…”, pensou perturbado. A neve caía como plumas sobre seu corpo caído no solo.

Seu uniforme militar não era su iciente para aquecê-lo: 9°C abaixo de zero, mas a sensação térmica era de 15°C negativos. Seu coração entraria em estresse e colapso. Morreria de frio se não se exercitasse rapidamente.

Mas logo teria motivos para se movimentar. Latidos de cães pastores alemães famintos vinham em sua direção. Confuso, movimentou o pescoço e depois a coluna e os membros inferiores. Tinha pavor de cães bravios.

Havia uma pistola em seu coldre. Todavia, esqueceu-se de meter as

mãos na cintura e sacá-la. Nunca havia usado uma arma. Sua arma eram as palavras, mas as palavras eram estéreis diante de predadores vorazes. Seu nome?

Júlio Verne. Sua profissão? Professor, o mais notável professor de História do seu tempo. Especialista em eventos que norteavam a Segunda Guerra Mundial. Como muitos intelectuais, estava completamente desprotegido numa Europa em chamas. Sempre procurara dar um sentido digno para a sua vida. Agora, morreria sem qualquer sentido, serviria de carne fresca para animais que ladravam pelos ermos, desesperados para sobreviver mais um dia.

Os cães aproximaram-se rapidamente. Seu instinto gritava "saia correndo", mas com a racionalidade contraída, atolado na lama e paralisado pelo medo, não conseguia se erguer. Péssimo atleta, arrependeu-se naquele instante de ter desprezado os esportes e se dedicado apenas aos livros. Movia-se com enorme dificuldade. Ao se levantar perdeu o equilíbrio, tombou novamente ao chão. Os cães o rodearam rosnando para dar o golpe final. Lembrou-se felizmente da pistola. Mas ela parecia pregada ao coldre. Quando conseguiu sacá-la, era tarde. Os cães o atacaram.

Um mordeu-lhe a mão esquerda, outro o braço direito e ainda um terceiro a perna direita. Eram tempos de guerra. Tempos de fome: aos homens cabia uma ração de animal, aos cães restos, quando existiam.

Tempos onde os instintos prevaleciam sobre a sensibilidade. Os cães abandonados à própria sorte começaram a ter corpos humanos tombados pelo chão em seu cardápio. Um quarto cão se preparava para morder a jugular do moribundo Júlio Verne. Era seu fim…

De repente, um estranho homem apareceu de longe, bradando raivoso.

– *Heil* Hitler! *Heil* Hitler! Morte aos cães!

Em seguida começou a atirar.

Dois cães morreram, dois outros partiram famintos, ladrando inconformados.

O estranho se aproximou lentamente do professor, apontou-lhe a arma sobre o peito. O coração de Júlio Verne parecia que iria explodir antes de ser estourado pelo projétil. Antes do disparo, viu que seu algoz trajava um uniforme da polícia SS, a mais temível polícia alemã, responsável por caçar judeus em toda a Europa(1), dirigida por um dos maiores carrascos que a

humanidade já conheceu, Himmler. O símbolo da SS o motivou a gritar:

– Sou também da SS! Sou um o icial! – E limpou rapidamente as inscrições do seu uniforme que se escondiam sob a neve.

– Melhor ainda! Há tempos quero pegar um miserável nazista.

“Que loucura é essa!”, pensou o professor. Quando o sujeito fez um gesto de que ia apertar o gatilho, Júlio Verne novamente gritou:

– Espere! Sou judeu! Sou judeu.

O soldado disse:

– *Heil* Hitler! – E atirou, mas a 15 centímetros da cabeça do professor.

Em seguida deu uma farta gargalhada.

Júlio Verne jogou a cabeça no travesseiro de neve e respirou aliviado.

Depois, para seu espanto, ouviu o soldado dizer:

– *Heil* Hitler, matem os cães! Vivam os judeus!

Júlio Verne se sentiu nos labirintos de um ilme de icção. Parecia já ter vivido essa cena. Teve *flashes* mentais, como se aquilo lhe soasse familiar.

Era um homem sonhador, poderia estar numa cama confortável imaginando um caos inexistente. Abriu e fechou os olhos para ver se não se achava sob a égide de um pesadelo. Levou as mãos aos olhos e viu sangramento. A crua realidade gritava que estava acordado.

– Estava testando seu coração, judeu – expressou em seguida o estranho.

Repousou o ri le sobre o ombro esquerdo e estendeu a mão direita para o professor, que, absorto pelo medo, icara insensível ao frio e às feridas impostas pelos cães. Júlio Verne começou a entender que *viajar no tempo era um convite à loucura.* Tentou prestar atenção no rosto de quem o apoiava, mas a noite lhe turvava a visão, embora a lua estivesse em sua plenitude. Por instantes teve a sensação de conhecê-lo.

– Vamos para casa! – disse o desconhecido para o professor, que não sabia o que responder. O homem que brilhava em sala de aula estava mudo, fechara o circuito da sua memória, perdera sua fluência.

Os bizarros gestos do soldado não pararam por aí. Ele batia na cabeça com a mão direita compulsivamente, como se quisesse espantar fantasmas mentais, e fazia trejeitos como se estivesse trançando as pernas de bêbado.

Em seguida começou a cantar alegremente “Mais um, mais um”.

“Será que sou um troféu desse maluco?”, pensou o professor.

Em menos de dez minutos tivera duas chances reais de morrer, era recomendável segui-lo calado. Ferido e estressado pela longa viagem, caminhava abraçado ao estranho personagem, um alemão de 1,90 m, cabelos bem loiros, magro, rosto comprido, ao redor de 35 anos. No caminho o soldado teve que atirar em mais três cães que os atacaram.

Também dois ladrões que vagueavam pela noite em busca de algo que pudessem comer ou furtar os assaltaram. Usaram facas, mas o soldado não recorreu às armas, e sim aos punhos. Abandonou Júlio Verne por instantes sobre a neve e trocou socos com seus agressores. Forte, em menos de um minuto levou-os a perder a consciência.

Depois desses episódios caminharam vagarosamente por 200 metros, até que encontraram uma pequena vila. Os habitantes conheciam o soldado. Alguns personagens, sob a fraca luz das lamparinas a querosene, bradavam:

– *Heil* Hitler, Rodolfo! Morte aos inimigos!

– *Heil* Hitler! – gritava o soldado que o apoiava, como se estivesse saudando os moradores.

– Vida longa ao *Führer*, Rodolfo! – bradavam outros habitantes exaltando o grande líder da Alemanha.

– Longuíssima vida ao *Führer*, como um jato urinário! – falou irreverentemente o soldado em tom mais baixo. Parecia zombar dos adeptos de Hitler que habitavam na vila. O professor seguia-o sem entender seus gestos.

Em seguida, o intrépido soldado começou a cantar uma música alemã que ele mesmo inventara, exaltando a cerveja. No refrão, debochadamente mostrava que a revolução nazista começara dentro de uma cervejaria, um episódio histórico conhecido como Putsch da Cervejaria de Munique(2). Os intelectuais nazistas tinham tanta competência quanto os alcoólatras dos pubs. Rodolfo cantava olhando para as estrelas. Largou novamente o professor e começou a dançar. Fez da neve um palco. Alguns adolescentes que ainda não haviam se alistado nas forças alemãs saíram de suas casas e começaram a dançar e a cantar com o irreverente soldado. O professor mais uma vez apertava seus músculos para sentir se tudo era real. Logo a festa acabou.

– Seu bando de moleques! Respeitem o grande *Führer*! – bradou um homem de cabelos grisalhos, apoiado numa bengala, que veio furiosamente ao encontro deles.

O idoso homem os espantou como a pássaros. Parecia ser alguém que todos temiam na vila. Na realidade era um veterano da Primeira Grande Guerra, um homem amargo, incapaz de sorrir, que jamais admitira que a Alemanha tivesse perdido a guerra e que jamais aceitara que ela pagasse indenizações aos vencedores e sofresse sanções impostas pelo Tratado de Versalhes(3). Trazia duas medalhas de bravura ixadas à direita, na parte

superior do casaco que vestia.

Era um coronel, portanto, tinha uma patente muito superior à de Hitler, que na Primeira Guerra havia sido um simples soldado que corria desesperadamente do quartel general ao *front* da batalha levando mensagens. O maior golpe de Hitler não foi invadir países como a Polônia e a França com ataques-relâmpago militares, mas os ataques-relâmpago emocionais que o levaram a invadir o inconsciente coletivo da sociedade alemã. Nunca o marketing pessoal e os discursos ensaiados dominaram tanto uma plateia. O austríaco inculto, rude, radical, mas tremendamente carismático, as ixiara o pensamento crítico da nação mais culta do seu tempo, um fenômeno social que o professor Júlio Verne temia que se repetisse no futuro.

Passo a passo, o veterano de guerra que era fascinado por Hitler e que o conhecera pessoalmente se aproximou de Rodolfo e do professor. Quando a lua evidenciou o uniforme da SS de Júlio Verne, o idoso icou entusiasmado.

E bradou para toda a vizinhança ouvir.

– Um oficial do *Führer*! Um oficial do *Führer*! *Heil* Hitler!

Várias pessoas abriram as portas e janelas dos dois lados da pequena rua e gritaram em coro:

– Vida longa para o *Führer*! *Heil* Hitler!

Constrangido, Júlio Verne os saudou com as mãos, mas sem entusiasmo.

Deu um magro:

– *Heil*.

– Vida longa como um jato…!

O idoso pegou sua bengala, laçou com o cabo o pescoço de Rodolfo e apontou sua velha pistola para ele. Rodolfo percebeu que não era o momento de brincar, mesmo diante de seu tio Allen. Corrigiu-se:

– Vida longa como jato prolongado de água…

Momentos depois o coronel da reserva se aproximou de Júlio Verne. Seu entusiasmo começou a se desfazer. Observou-o prolongadamente. Bateu com a mão direita na face esquerda do professor, revelando uma delicadeza bruta, típica de o iciais experientes diante de jovens imaturos que aspiravam defender a grande Alemanha. Ficou intrigado.

– Estranho, mas não parece ser um… belo exemplar ariano. Esse nariz, esse rosto… Essas roupas… Humm… Onde as conseguiu?

Titubeando, um tanto sem fôlego, o professor apenas comentou:

– Foram dadas pessoalmente por Himmler…

Batendo repetidamente na cabeça, expressando intenso nervosismo, Rodolfo comentou:

– Ele é poderoso. Respeite-o tio Allen…!

– Cale a boca, Rodolfo. Sou mais poderoso que ele! Tenho acesso direto ao *Führer* – expressou convictamente. E acrescentou: – Qual é o seu nome?

– Otto Hamburger, é um amigo de infância – disse o sobrinho se antecipando.

– Não perguntei a você, Rodolfo! Deixe-me ver seus documentos.

Engolindo saliva e olhando para Rodolfo, o professor disse:

– Eu os perdi quando fui assaltado. Rodolfo me salvou. – Mostrou suas feridas.

– Ele lutou como um leão contra alguns ladrões e depois contra alguns judeus fugitivos. Veja as feridas.

Depois de observá-las e achando que o professor estava trêmulo de frio, embora este estivesse mais tremendo de medo, o veterano Allen pronunciou as palavras que deixaram o professor aliviado:

– Vá logo, Rodolfo, senão Otto não resistirá ao frio.

– Adeus, bondoso tio Allen!

– Cuide-se, Rodolfo. – Cuspindo na neve, o coronel completou: – Seu histórico de ser amigo de doentes mentais e de judeus me envergonha e levará à morte da sua família. *Heil* Hitler.

– Só ando com puro-sangue! *Heil* Hitler! *Bye*, Hitler!

– *Bye*, Hitler?

Rodolfo, esperto, saiu-se bem.

– Sim, *bye*, Hitler, tio Allen. O *Führer* deve partir para dominar a Europa, a Ásia, as Américas, o mundo, a lua, o sol. *Bye*, Hitler!

Allen saiu coçando a cabeça, não sabia se seu sobrinho estava caçoando ou zombando do grande líder. Rodolfo era imprevisível e dotado de um senso de humor incomum para os alemães, em especial naqueles áridos

tempos. Logo que o tio saiu de cena, Rodolfo deu outra gargalhada. Parecia não ter consciência de que a Alemanha já estava em chamas.



CAPÍTULO 2

HERÓI OU PSICÓTICO?

O comportamento de Rodolfo e o fato de ele ser amigo de doentes mentais induziram o professor a descon iar que a vila poderia ser um hospício rural. Seu diagnóstico não estava distante da realidade. Quando chegaram em sua casa, Rodolfo socou a porta, como se fosse arrombá-la.

– Calma, Rodolfo! Calma – gritou uma senhora de dentro da residência, que rapidamente se dirigiu à porta, com medo de icar sem ela. Foram recebidos pelos pais de Rodolfo. O pai, observando a visita, logo se adiantou.

– Mais um, filho…? – perguntou, tenso, sob uma aura de contrariedade.

– Mais um… Este seria comida de cães, papai – comentou brava e brevemente o filho.

Mas o pai, passando os olhos pelo uniforme do professor, tirou uma pistola de dentro da camisa e rapidamente a apontou para Júlio Verne, que mais uma vez se viu ameaçado.

– Mas e esse uniforme? – indagou esbravejando.

– Ele não tem as expressões bem de inidas de… de… – disse a mãe, que

interrompeu a palavra proibida “judeu”.

O professor franziu a testa e Rodolfo intercedeu.

– Não tem cara, mas tem jeito e tem cheiro de judeu, mamãe…

– Mas há algo errado! – disse o pai, tenso, sabendo que se fosse um nazista que enganara Rodolfo, todos seriam fuzilados.

– Papai, um nazista morreria, mas jamais se passaria por um judeu. Ele confessou! – afirmou Rodolfo em tom exasperado.

– Calma, ilho! Não se irrite, só estou dizendo que não parece. –

Temeroso, o pai se aproximou do professor e com a arma apontando para a cabeça dele, perguntou:

– Quem foi o profeta que introduziu Davi como rei de Israel? Cinco segundos para acertar e viver ou errar e ir para o inferno. Cinco, quatro, três, dois…

– O quê?… Samueeeel…!

– Quem construiu o primeiro templo em Jerusalém? Cinco, quatro, três…

– Salomão.

– Essa foi fácil. Quantos capítulos tem o livro de Êxodo? Cinco, quatro, três, dois, um…

– Não me lembro! Mas sei que Êxodo vem depois de Gênesis…

– Humm… Não parece um judeu inteligente, mas acho que é legítimo –

confirmou o pai.

Júlio Verne novamente respirou aliviado, mas raramente icara tão perturbado. Fora alvo de exaltação na vila porque o reconheceram como um o icial da SS. Agora era salvo por informações sobre a História de Israel. Que loucura era essa? Onde estava? Quem seriam essas pessoas?, indagava para si, agitado. O estranho era que os que o salvaram pareciam arianos

e não judeus.

– Muito prazer, meu filho. Eu sou Anna, meu marido é Günter Merkel.

– Eu sou Rodolfo Merkel – a irmou o ilho, soltando mais uma risada desproporcional, indicando que tinha um problema mental. Além disso, continuava com seu comportamento bizarro. Às vezes falava sozinho.

– E o seu? – indagou a mãe, sempre num tom suave.

– Júlio Verne.

– De onde você vem? – perguntou ela mais uma vez.

O professor engoliu saliva.

– De outro mundo… – confessou.

A delicada senhora, pensativa, meneou a cabeça e solidarizou-se.

– Eu entendo… Muitos judeus perderam tudo. Ficaram tão perturbados

que se sentem como se estivessem em outro universo… Mas venha aqui!

Sente-se no estofado ao lado da lareira para se aquecer. Vou buscar um cobertor e lhe trazer uns deliciosos biscoitos.

De repente, Rodolfo começou a dançar desajeitadamente e, em seguida, arriscou-se novamente a cantar:

– Sou uma fera! Sou um caçador de judeus! – Subitamente icou ansioso.

Olhou rapidamente para o teto de madeira e gritou: – Aviões vão nos bombardear! Escondam-se. – Rapidamente empunhou seu ri le, apontou para o alto e disparou duas vezes.

Júlio Verne, assustado, olhou para o teto mas nada viu, nem escutou o som angustiante de aviões em campanha militar.

– Pare! Não atire, meu ilho, os aviões já se foram! – bradou Günter, o pai. Em seguida pegou o ilho pelo colarinho e disse aos berros: – Você

quer nos matar! Atire, vamos!

A mãe entrou em pânico. Em lágrimas impediu que seu marido espancasse o filho, embora fosse mais frágil que ele.

– Não, Günter, não o agrida. Tenho alguma reserva para consertar o teto.

Júlio Verne voltou a se sentar, perto da lareira, mas estava ofegante. Não passaram duas horas e já havia tido mais sobressaltos do que jamais poderia imaginar. Em seguida, veio a explicação da mãe para o comportamento de Rodolfo.

– Não ligue para ele, judeu. Meu ilho é um bom homem, mas, desde que Hitler assumiu o poder, ficou com as ideias perturbadas.

Quando tudo estava mais calmo, mais um sobressalto. De repente, ouviram-se toques apressados e fortes na porta. Todos ficaram inquietos. O

casal de idosos se entreolhou, a lito. Günter, ansioso, foi atender. Fez um gesto ordenando para Rodolfo ficar quieto.

– Olá, Allen.

Era o irmão de Günter. O veterano que descon iara de Júlio Verne. Allen morava a 30 metros do local.

– Que barulho foi esse?

– Minha arma disparou quando eu a estava limpando – explicou Rodolfo.

– Ahhh! Günter, não convida um irmão para entrar em sua casa?

– Sinto muito, mas estou muito ocupado.

– Ocupado? Protegendo doentes mentais?

– Estou com minha família.

– Sua família? Espero também que não esteja cometendo a loucura de

proteger judeus.

Günter icou trêmulo. Tentou disfarçar sua ansiedade, mas era impossível.

– Loucura, Allen, é você descon iar de seu irmão. Se papai estivesse vivo, ele o repreenderia. *Heil* Hitler! – Após essa saudação foi imediatamente fechando a porta.

Allen o impediu com a bengala.

– Não traia sua pátria.

– Não traia sua família.

E assim se despediram. Günter se aproximou da lareira e sentou-se numa cadeira com dois braços de madeira torneados. O preço para fazer o bem era muito alto.

Günter Merkel e sua esposa Anna eram de uma generosidade invejável.

Eles haviam cuidado por anos de uma instituição para doentes mentais.

Infelizmente não sabiam que Hitler, querendo puri icar a raça ariana, iniciara uma das maiores atrocidades do mundo contra as pessoas indefesas do seu próprio povo, uma "eutanásia racial".

Em 1º de setembro de 1939, o dia em que a guerra com a Polônia começou, Hitler, que raramente assinava ordens letais para não abalar a opinião pública alemã, assinou um memorando liberando os portadores de doenças incuráveis para terem a concessão para morrer, uma concessão falsa, pois era imposta pelo partido governante, o partido nazista. O

programa se chamou dissimuladamente de "ação eutanásia". Não era a eutanásia no sentido clássico, consentida por uma pessoa em fase terminal e em dramático sofrimento.

Esse programa, por incrível que pareça, foi apoiado não apenas pelos médicos fanáticos da Liga dos Médicos Nacional-Socialistas, mas por muitos outros. Foi inclusive aceito por psiquiatras, que sob a insana in luência nazista também o aprovaram e elegeram pacientes doentes mentais para serem eliminados(4). Médicos clínicos e psiquiatras "enlouqueceram".

Crianças especiais e pacientes psiquiátricos de origem ariana foram eliminados em função da purificação racial. A humanidade chorou.

A sociedade alemã desaprovava a eutanásia na República de Weimar, antes de Hitler tornar-se chanceler. Mas, após a ascensão do nazismo, a utilização do marketing de massa para exaltar a supremacia racial numa sociedade que perdera a Primeira Grande Guerra, que tinha baixa autoestima, desemprego em massa, insegurança alimentar, altíssima

in lação, tudo associado à ação das polícias, como a SS e a SA, tropa de assalto do movimento nacional-socialista, que impunham um terrorismo de Estado, levou Adolf Hitler a fomentar os instintos mais primitivos que se alojavam no cérebro humano, inclusive no cérebro de intelectuais, por isso, não poucos deles abortaram sua consciência crítica.

Entretanto, muitos alemães, como os pertencentes à família Merkel, estavam decepcionados com Hitler, alguns, inclusive, tinham asco por ele, mas o clima de terror era de tal monta que silenciou suas vozes. A violência era tão surpreendente e avassaladora que amordaçou inclusive a capacidade de reação da grande maioria dos judeus. Como ovelhas mudas, foram para o matadouro.

O professor Júlio Verne, um judeu paci ista, gentil, que nunca tivera vocação para ser um herói, cria ter sido enviado do futuro para romper a inércia judia. Acreditava ter a missão de eliminar o poderoso, paranoico e superprotegido Adolf Hitler e, assim, mudar a História. Parecia estar em surto psicótico, cujo sintoma mais proeminente era um delírio de grandeza, pois na realidade era incapaz de matar uma mosca. Ao que parecia, ele não tinha força sequer para mudar a sua própria história, que dirá a história da Segunda Guerra Mundial.



CAPÍTULO 3

VIAGENS MENTAIS

Depois que o irmão de Günter saiu, um prolongado momento de silêncio se instalou. Em seguida Júlio Verne perguntou:

– Como é possível para alemães protegerem judeus?

– Não somos os únicos – a irmou Anna, e deu uma belíssima explicação ilosó ica. – Não protegemos judeus, protegemos a família humana, a nossa espécie, e os judeus fazem parte dela, embora o *Führer* os considere inimigos do regime. Além disso, os dois melhores amigos de Rodolfo durante a infância e adolescência eram judeus: Victor e Otto Hamburger.

O professor lembrou-se do nome Otto. Em seguida Anna completou:

– Os pais desses jovens também eram nossos diletos amigos.

– E o que aconteceu com eles?

Rodolfo deu um murro na mesa, raivoso ao ouvir a pergunta.

– Toda a família foi presa! Presa há dois anos!

– Calma, Rodolfo! – pediu o pai, temendo uma nova crise.

– Talvez estejam em alguma prisão. Logo serão soltos e poderão voltar a ser felizes – comentou Anna, insegura, sempre querendo abrandar a ansiedade

de seu ilho. Anna estava com 70 anos. Era uma intelectual

generosa, formada em biologia, pesquisadora de genética e, além disso, era professora universitária.

– Poderão voltar a ser felizes, mamãe? Santa ingenuidade! Foram eliminados – expressou Rodolfo tristemente. Tinha seu transtorno psiquiátrico, mas não era tão romântico como Anna.

Nesse momento passaram pela mente de Rodolfo os momentos inais em que os soldados da SS invadiram a casa dos amigos. Enquanto os arrastavam para fora, Rodolfo tentara segurá-los. Fora espancado na cabeça, caíra e, no solo, havia sido chutado. Desmaiara e fora dado como morto. O episódio piorou suas crises. Sentia-se perseguido e perseguidor de nazistas.

Tentando amenizar o clima, a mãe perguntou ao visitante:

– Qual seu nome todo?

– Júlio Verne Weissman.

– O que você faz? – perguntou Günter.

– Sou professor de História.

– Eu também… Sou um intelectual – afirmou alegremente Rodolfo.

– De que cidade você vem? – insistiu mais uma vez Anna.

– Bem, eu venho de Londres… sou um viajante do tempo – Júlio respondeu com um leve sorriso, sabendo que não acreditariam, menos Rodolfo, que rapidamente reagiu.

– Puxa, encontrei mais um maluco.

Günter e Anna se entreolharam.

– Em que ano você vivia? – indagou Anna, desconfiada.

– No século XXI.

Rodolfo bateu palmas e disse:

– Papai, esse cara é mais louco que eu e viaja mais, também… Uaau!

– Belo disfarce – disse Günter, e adicionou: – Comportar-se como doido tem suas vantagens!

Júlio Verne levou a conversa para outro lado.

– Vocês têm judeus escondidos aqui?

– Não. Mas já os tivemos – afirmou Anna.

– Para onde foram? – indagou o professor.

– Alguns partiram na calada da noite… – disse Anna, que em seguida aquietou-se sobre o resto da história.

– Dois foram mortos a quinhentos metros daqui. E um tornou-se comida

dos cães famintos do vilarejo – relatou Günter. – Essas mortes traumatizaram mais ainda Rodolfo.

Foram tantos os acontecimentos em cadeia que, embora Júlio Verne não tenha perdido o foco, não teve tempo de fazer a pergunta fatal. Mas no fundo parecia que estava evitando fazê-la. Se não conseguira enfrentar cães, míseros ladrões nem um idoso veterano de guerra, como poderia cumprir sua missão de eliminar Hitler? Nunca se sentira tão impotente.

Entretanto,

tentando

dominar

temporariamente

o

instinto

de

sobrevivência, perguntou bruscamente:

– Que data é hoje?

Todos acharam estranha a pergunta. Günter comentou:

– Não sabe que estamos em dezembro, dia dez?

Ofegante, o professor novamente indagou:

– Mas em que ano?

– 1941! – a irmou Anna, achando que Júlio Verne não estava simulando ser um doente mental que perdera os parâmetros tempo-espaciais. Ela icou convicta de que ele estava mesmo mentalmente perturbado. Pensou que provavelmente era devido à perseguição implacável a que os judeus eram submetidos.

Júlio Verne cria que seus pesadelos no "século XXI" eram reproduções iéis das experiências de quando viajara no tempo. Estava convicto de que já estivera na casa dos Merkel. Os personagens, a casa, o ambiente externo, tudo parecia conhecido. Algumas doenças neurológicas propiciavam essas falsas convicções, mas ele não acreditava que eram convicções destituídas de realidade. Havia uma concretude em sua perceptividade. Entretanto, as datas não batiam, o que o levou agora a crer que seus pesadelos não eram retratos fiéis das suas viagens ao passado. Havia distorções. Em seguida, ao recordar-se dos objetivos de sua "missão", seus olhos lacrimejaram.

– Não! Não é possível! Em minhas "viagens mentais" estive aqui em 1939 e não em 1941. E, salvo engano, no final do ano.

– Você esteve aqui? Onde? Na vila? – perguntou Günter.

Rodolfo apenas observava Júlio Verne com o cotovelo sobre a mesa e as mãos apoiando o rosto. O anormal não lhe era estranho.

– Não! Estive em sua casa.

– O quê? Você fundiu a cabeça, judeu! Não o conhecemos. Nunca o vimos! Jamais falamos com você – afirmou Günter, inconformado.

O professor não se importou com o espanto de Günter e Anna. Estava

abalado demais com os eventos da Segunda Guerra que já haviam iniciado e que ele não conseguiria impedir.

– Tem certeza de que estamos em dezembro de 1941?

– Claro – afirmou Anna.

– Cheguei cinco meses depois – disse ele completamente inconformado.

Nesse momento Júlio Verne teve uma visão dos comboios de trens transportando crianças, idosos, mulheres e homens judeus para os campos de concentração. Eram transportados em condições piores que animais.

Não havia alimentos, água, cama. E quando chegavam aos campos eram mortos nas câmaras de gás. Uma minoria tinha o privilégio de trabalhar como

escravo e viver mais alguns meses. Transformara-se num colecionador de lágrimas…

A família Merkel, confusa, assistia àquele homem em prantos. Em seguida ele lhes contou os motivos pelos quais chorava. O mundo dormiu enquanto judeus e outras minorias eram esmagados por atrocidades inimagináveis. Do mesmo modo os principais líderes mundiais também assistiram passivamente ao genocídio de Ruanda no inal do século XX e se tornaram espectadores passivos das atrocidades cometidas contra o povo sírio em 2012 e 2013. *As palavras têm o peso do ar, as ações, o peso do corpo, para os frágeis líderes é mais fácil discursar do que agir…* Tais líderes terão uma dívida impagável com a humanidade.

Os detalhes que o professor Júlio Verne comentava eram tão ricos, com tantas informações sociais e geográ icas, que se tornava di ícil para Anna e Günter crerem que tudo não passava de fruto do seu imaginário.

– No im de 1939, meses depois da invasão da Polônia, começaram as

deportações dos judeus para os guetos poloneses, mas a clara decisão de Hitler sobre o extermínio em massa só apareceu na campanha contra a Rússia(5). O discurso de 31 de março de 1941 sobre a “missão particular”

de Himmler para os altos o iciais na zona de retaguarda representou a primeira indicação de um plano de extermínio em larga escala. Meu Deus, meu povo está sendo mutilado nos campos de concentração e eu não consigo fazer nada. A maior máquina de destruição em massa da História já começou a entrar em ação – disse Júlio Verne batendo na mesa fortemente várias vezes, tal como Rodolfo.

– Alfred Rosenberg, o estúpido ideólogo do partido, escreveu em seu diário uma frase que mostrava seu estado de espanto diante dessa atrocidade: “Jamais esquecerei o que não vou anotar hoje” (6). O *Führer* ordenou o assassinato em massa – a irmou Rodolfo batendo várias vezes

em sua própria cabeça. Estava também em lágrimas. E completou atônito: –

Hitler, seu miserável! Solte meus amigos!

– Como você sabe disso, meu ilho? – indagou Anna em estado de choque.

– Livros… de… história, mamãe.

– Que livros, meu filho? Estamos no presente e você fala em história.

– Eu estive no século XXI. Li vários autores, como Yan Kershaw e Joachim Fest.

Agora não apenas Günter e Anna se perturbaram muitíssimo, mas o próprio Júlio Verne se abalou, pois conhecia esses brilhantes autores e sabia que eles escreveram sobre a Segunda Grande Guerra muito tempo depois de ela ter terminado. Nesse momento a mente de Júlio Verne se abriu e voltou-se para um estranho episódio que vivenciara no futuro.

Quando saía de um evento de psicologia onde era o conferencista, um personagem bizarro, vestindo uma roupa surrada, gritou-lhe o nome. Ele tinha a face, o biótipo e os trejeitos de Rodolfo. Como podia ter tido acesso aos livros de história? Como Rodolfo fora para o século XXI, se vivia na

primeira metade do século XX? Como retornara do século XXI para o seu tempo?

O professor colocou as mãos na cabeça. Mais uma vez sentiu que todos esses eventos pareciam surreais. Mas antes que as perguntas que entalavam na sua garganta ganhassem sonoridade, Anna interveio.

– Como é possível, meu ilho? Que máquina o transportou para o século seguinte? Que loucura é essa?

Convencer o pai de Rodolfo não era tão di ícil, pois era um homem dado ao misticismo, tal qual Hitler e alguns dos seus discípulos. O complicado era vencer a racionalidade da bióloga, Anna.

– Não sei como encontrei Rodolfo no futuro, mas o encontrei – declarou Júlio Verne. -- Os autores que ele leu são admirados em meu tempo e escreverão seus estudos históricos décadas depois do ano em que estamos agora. Talvez a mesma máquina do tempo que abriu uma janela cósmica para me levar ao passado o tenha transportado para o futuro?

– Mas como ela o trouxe de volta? Você entrou em alguma máquina, meu filho? – indagou Günter, atônito.

– Não – afirmou Rodolfo.

– Parece-me que minha viagem no tempo distorceu a cadeia de eventos sociais. Parece ainda que as minhas imagens mentais acionaram o

teletransporte da máquina do tempo. Ao que tudo indica, eu estive aqui primeiro, como estou agora, e esse fato é que abriu a janela cósmica para que Rodolfo izesse a viagem ao futuro. E assim ele entrou em contato comigo.

Anna esfregava as mãos em seus cabelos brancos. Tudo era muito irracional. Mas tentou ordenar suas ideias.

– Quer dizer que passado e futuro se entrelaçam como uma corda cujas pontas estão amarradas, o começo e o im estão no mesmo círculo? –

indagou ela, tentando dar uma brisa de lucidez àqueles fatos

incompreensíveis.

– Não sei… Talvez… É possível que depois de acionada, a máquina crie cordas cósmicas que teletransportam algumas pessoas que tenham contato no passado, como aconteceu com Rodolfo – ponderou Júlio Verne, perturbado. Em seguida, acrescentou: – A não ser que tudo aqui seja uma ilusão. Vocês são reais?

– Sim, claro – a irmou Günter, batendo algumas vezes na mesa para ouvir os estalidos.

– Eu não sei, não. Às vezes penso que sou uma ilusão, papai – comentou Rodolfo.

O pai deu um beliscão em Rodolfo.

– Ai, pai!

– Ilusão não sente dor. Não deixe o clima mais louco do que já está, meu filho.

A confusão era tamanha que Júlio Verne, apesar de perplexo, teve de dar vários detalhes históricos que aconteceram para convencê-los de que não eram um bando de loucos. Falou inclusive de detalhes das reuniões do partido nazista, da qual Günter era iliado. Depois de vários argumentos, Júlio Verne, que não era apenas professor de História, mas também um inteligente psicólogo, dissecou o caráter do *Führer*:

– Hitler tinha o hábito de traduzir tudo o que o preocupava em longos e prolixos discursos. Como muitos ditadores, era um homem incontrolável nos gestos e nas palavras. Tosco, radical, paranoico, ansioso, tinha baixo nível de diplomacia, falava o que lhe vinha à mente diante da sua corja de bajuladores que salivavam uma admiração irracional. Não escondia sua vulgaridade e beligerância. Entretanto, a indústria de destruição sistemática dos judeus nos campos de concentração era tão horrenda e destituída de quaisquer justi icativas políticas, sociais e cientí icas, que foi ordenada por Hitler e seus colaboradores discretamente. A falta de

registros eloquentes dessa decisão perturbou alguns historiadores. Hitler, apesar de ser megalomaníaco, tinha certa preocupação com a opinião pública mundial.

O professor disse que chegara cinco meses atrasado porque no dia 31

de julho de 1941 o todo poderoso Göring havia comunicado ao chefe da Segurança, Reinhard Heydrich, a ordem de “proceder à solução inal da questão judaica” (7). Assim como no diário de Rosenberg a mensagem era subliminar, também nos discursos nazistas as ordens de exterminação em massa eram dissimuladas.

– A Alemanha, berço de brilhantes ilósofos, como Kant, Hegel, Schopenhauer, Nietzsche, portadora da melhor educação clássica, está sendo vilipendiada em sua identidade essencial. Comparar os caçadores nazistas com os caçadores de animais pode ilustrar a loucura nazista –

expressou o professor.

– Como assim? – indagou Anna, curiosa.

– Os Jivaros no Equador, os Ianomâmis na loresta Amazônica e os Kuka-Maku na Colômbia(8) eram caçadores de animais. E, quando encontravam uma tribo rival, guerreavam com o objetivo de raptar suas mulheres ou para ter maior espaço para a caça. Eram implacáveis com inimigos, mas o objetivo era sobreviver. Os nazistas foram incomparavelmente mais longe: caçaram seres humanos. Motivo? O simples prazer de os abaterem.

Destruíam seus pares pelo simples fato de os encontrarem em seus caminhos. A higiene racial era uma desculpa. Abateram não os concorrentes, mas os frágeis. Esse fenômeno levou a humanidade às raias da loucura, ao último estágio da insanidade social – discorreu o professor.

Diante disso, Anna chorou. Momentos depois, a brilhante bióloga concluiu:

– O *Homo sapiens* desonrou completamente sua capacidade de pensar para se tornar o *Homo bios*, um ser instintivo e irracional… – E completou tristemente: – Eu fui professora universitária. O que me machuca é que a educação clássica em tempos de estresse social intenso não foi su iciente para nos vacinar contra a irracionalidade dos nazistas… Aonde chegamos?

Depois de uma pausa, ela ainda comentou:

– Se você vem do futuro, professor, se não está delirando, se seus olhos

enxergam o passado… Será que no seu tempo a educação está cumprindo seu papel para produzir pessoas autônomas e que tenham opinião própria?

Era uma grande questão. Anna não sabia, por não ser pesquisadora da psicologia, que, se a educação não desenvolvesse um Eu como autor da própria história, em tempos de estresse social fechar-se-ia o circuito da memória, impedindo-o de acessar milhares de janelas da memória com centenas de milhares de dados para dar respostas inteligentes.

A crise econômica, o desemprego em massa, a in lação em alta, a insegurança alimentar e o Tratado de Versalhes fecharam o circuito da memória de milhões de alemães. Esses fenômenos psicossociais diminuíram as defesas do inconsciente coletivo, propiciando que o vírus do hitlerismo se propagasse rápida e descontroladamente numa sociedade que não lhe pertencia. O austríaco tosco, rude, radical e inculto, autoproclamou-se um semideus para "salvar" a pátria.

Júlio Verne icou admirado com a perspicácia de Anna e mais ainda com a pergunta que ela fez. Honesto, disse:

– Tenho minhas dúvidas, Anna, de que em meu tempo a educação é mais nobre do que a do seu tempo. Os professores são pro issionais de ilibado valor, mas o sistema educacional está doente, formando pessoas doentes, para uma sociedade doente. Não mudou…

Anna ficou abalada. O professor ainda adicionou:

– No meu tempo, o sistema educacional está formando muito mais repetidores de informações do que pensadores. Com raras exceções, estamos formando meninos com diplomas nas mãos. Meninos que conhecem milhões de dados sobre o mundo exterior, mas não conhecem o planeta psíquico.

– Estou estarrecida, professor Júlio Verne. Pensava eu que nas décadas futuras a educação seria berço da formação de pensadores e não de repetidores de dados. Acreditava em minhas noites de insônia e re lexão que a humanidade nos séculos seguintes jamais assistiria às atrocidades que hoje fazem jorrar sangue pelas ruas e fazem desfalecer nossas almas: polícia secreta, opositores do regime considerados como inimigos a serem abatidos, imigrantes excluídos, doentes mentais eliminados, judeus considerados como

escória, supremacia racial…

Para Júlio Verne, a educação precisava mudar sua agenda.

– As funções mais complexas da inteligência para se conquistar uma mente livre e uma emoção saudável não estão sendo trabalhadas no solo do psiquismo dos alunos, como por exemplo pensar como espécie, colocar-se no lugar dos outros, pensar antes de reagir, proteger a emoção, gerir o intelecto, a resiliência, ter autonomia, opinião própria e prazer solene no

altruísmo, em promover o bem-estar dos outros.

O professor comentou ainda com os Merkel algo que eles não entenderam. Disse que a juventude mundial do seu tempo, na década de 2040, educada aos pés de algo chamado internet e embriagada pelas redes sociais, estava atravessando as labaredas do aquecimento global, da insegurança alimentar e da escassez de recursos naturais. Havia risco de ser seduzida por sociopatas carismáticos e teatrais, portando soluções mágicas e inumanas, à semelhança de Adolf. Não era possível dizer

“Holocausto Nunca Mais”.



CAPÍTULO 4

NO CAMINHO DA INCERTEZA

A madrugada iniciou-se sorrateira, calma por fora, mas turbulenta no território psíquico dos presentes. Anna e Günter foram para a cama, mas a cama deixou de ser um lugar de descanso, pelo menos naquela cálida noite. As

notícias que o forasteiro lhes dera extorquiram-lhes as fagulhas de tranquilidade. Às vezes parecia-lhes que Júlio Verne era um doente mental, em outros momentos, um intelectual. Não sabiam de ini-lo. Não sabiam o que dizer também sobre a convicção de Rodolfo, de ter viajado no tempo, afinal de contas seu filho sempre viajara sem sair do lugar…

O professor foi dormir no mesmo quarto que Rodolfo. Mas quem disse que Rodolfo queria dormir?

– O que você faria se pegasse Hitler, Júlio?

– Você nem imagina – comentou o professor.

– Eu lhe daria uns sopapos na cara, um gancho de direita no rosto, um chute nas bolotas e um convite para o inferno.

O professor teve um momento de descontração. Deu um breve sorriso.

Rodolfo continuou com suas bravatas:

– Segure-me, Júlio, se não vou para Berlim para pegar esse crápula.

Amarre-me na cama. Vamos.

Percebendo que tudo era teatro, o professor o incentivou.

– Vai! O que o impede? O que lhe falta?

– Um parceiro de coragem!

Júlio Verne engoliu em seco. Tentou dormir. Sono tenso, entrecortado, não reparador. Teve pesadelos horríveis e neles não era um herói, mas um covarde: bom nas palavras, péssimo nas ações.

Às sete horas da manhã estavam todos à mesa. Café, um bolo de farinha de trigo e pães ázimos, sem fermento, do jeito que os judeus ortodoxos apreciam. Mas Júlio Verne não era ortodoxo, apreciava uma boa comida, o que em tempos de guerra era uma raridade.

Rodolfo comia sem modos. En iava pedaços exagerados de bolo na boca,

migalhas caíam pelas laterais dos lábios. Era seu jeito de ser. Era um gênio, mas como muitos sobredotados tinha inabilidades sociais. Era reservado, dosado, compenetrado, estudioso, amante dos livros. Depois de desencadeado seu transtorno psiquiátrico, tornara-se mais bem-humorado. Tinha depressão bipolar, que naquele tempo não era assim diagnosticada. Os portadores dessa doença eram isolados, alguns amarrados e submetidos a terapia de choques.

O humor de Rodolfo lutuava, ora tinha tempos de depressão, desânimo, isolamento, ora vivia períodos de exaltação, grandeza e palavreado excessivo. Mas mesmo nesses períodos não perdia seu bom humor. Dizia:

“Sou um general de Hitler. Morte às moscas, salvem os judeus”. Não havia ninguém na Alemanha que zombasse tanto do poderoso *Führer* quanto ele.

Era para ter sido morto, à semelhança de milhares de doentes mentais, mas como era querido na vila e seus pais bem conhecidos, até agora fora protegido.

Rodolfo não apenas fantasiava, mas dava crédito às fantasias, como se fossem reais. Conversava com os personagens que criara, e agora tinha o professor para dialogar.

– Diga-me, Júlio Verne, onde você aprendeu a ser maluco?

– Bom, eu… Você acha que eu realmente sou doido?

– Doido não, doidão.

– Bom, eu aprendi minhas maluquices com… com uns cientistas e uns militares do meu século.

Rodolfo, por sua vez, comentou como havia aprendido as suas doidices.

– Já eu… eu aprendi com os nazistas. Veja isso…

Levantou-se e na frente dos pais e do professor imitou um soldado

nazista marchando: lexionava o joelho para o alto e para baixo e depois saldava imaginariamente o *Führer*.

– “*Bye*” , *Führer*! “*Bye*” , *Führer*! – Marchava e fazia sinal de tchau, sorrindo.

– Suas bobagens são perigosas – comentou Günter.

Anna o acalmou.

– Deixe o menino. Ninguém na vila liga para ele. É preciso se divertir nesse hospício social.

Júlio Verne conseguiu dar mais um breve sorriso, o que parecia impossível para quem tinha uma missão quase impossível. Em seguida Rodolfo, mais espirituoso ainda, pegou o cabo de madeira de uma vassoura e, como se fosse um microfone de uma rádio, impostou a voz e imitou Goebbels, o ministro da Propaganda de Hitler:

– Essa é sua rádio germânica! A rádio das vitórias do *Führer*. Somos privilegiados por ter um grande líder, o maior de todos. Nesta manhã matamos todas as raposas e gaviões e conquistamos mais um galinheiro!

Uaaaau, somos o melhor exército do mundo! – Em seguida fez um som de uma rajada de metralhadora: – Rata, tá, tá, tá, tá, tá. Ninguém canta de galo no mundo como nós: Cócórócóóó. – E continuou: – Em breve conquistaremos toda a Europa, depois as Américas, a Lua, Marte, o Sol, o Universo. Somos nazistas, somos arianos. Somos donos do mundo!!! Aaaah!

Não desliguem, caros ouvintes. Em breve mais vitórias para embelezar seus ouvidos e entorpecer seu cérebro. “ *Bye*”, Hitler! Tum, tum, tum. “ *Bye*”, Hitler.

O professor não conseguiu se conter. Relaxou e dessa vez deu uma gargalhada do deboche de Hitler, o “louco” mais persuasivo que o mundo já conhecera.

E então indagou:

– Onde aprendeu a ser radialista?

– Com Goebbels! Ensinou-me uma vez.

– O quê? Você conheceu o gênio do mal que promoveu Hitler?

– Sou amigo do seu sobrinho, Max! Mas detesto Goebbels! Disse-lhe com ódio que ele era bom para embalar e vender o *Führer*!

– E ele?

Rodolfo mostrou as marcas no rosto de uma impiedosa e impulsiva bofetada que recebera.

– E por que Goebbels não o matou?

– Ele apontou a arma para mim, mas Max interveio. Disse que eu era louco.

– Ainda tinham compaixão dos doentes mentais naquele tempo –

comentou Anna.

Lembrando-se da sua missão, o professor, animado, rapidamente indagou:

– Mas onde Goebbels mora?

– Berlim, a 500 quilômetros daqui – respondeu Günter.

Júlio Verne fez um sinal de desapontamento, seu alvo estava muito distante. Havia tantas barreiras para chegar até Hitler, ainda mais no dramático inverno em que estavam. Perdeu o ânimo.

– Mas soube que estará na semana que vem na casa dos pais.

– Onde eles moram?

– Moram na cidade mais próxima. A uns vinte quilômetros daqui.

– A cidade preparará uma grande festa para receber Goebbels –

comentou Anna, não entendendo as intenções de Júlio Verne.

O professor novamente alegrou-se. Imaginou que poderia chegar até Goebbels. Mas eliminá-lo não mudaria os rumos da Segunda Guerra, pois a

Europa já estava em chamas. “Mas quem sabe seria um ponto de mutação da história? Ou quem sabe ele me leva até Hitler?”, pensou.

Subitamente Rodolfo começou a falar sozinho. Conversava com seus fantasmas. Júlio Verne esperou que ele terminasse a conversa e pediu:

– Leve-me até Max, seu sobrinho. – Mas em seguida indagou: – Goebbels costuma vir só?

– Nunca só! Depois da fama, vem sempre com uma grande escolta.

O professor afagou a cabeça com a mão esquerda, contraiu os músculos da face. Havia se preparado para atacar os pontos de mutação que antecedessem o início da Segunda Guerra, para barrar a sequência das atrocidades que seriam de lagradas. Mas se interrompesse a trajetória de Hitler ou de alguém importante do governo, poderia pelo menos evitar a morte de milhares de inocentes, o que já teria feito sua missão valer a pena.

À noite, sozinho no quarto de Rodolfo, ensaiou escrever uma carta para marcar um encontro com Goebbels. Estava eufórico. Escreveu e reescreveu diversas vezes o pequeno texto. Não queria terminar a carta dizendo “vida longa ao *Führer*” como era comum nas correspondências da época. Exaltar Hitler, mesmo que falsamente, o deixava angustiado. Preferiu uma carta

simples:

Sr. Goebbels, gostaria de ter um encontro com o senhor por ocasião da visita à sua mãe em minha cidade. Gostaria de discutir ideias de seu estrito interesse, inclusive novas técnicas de propaganda veiculadas pelo rádio. Certo de que serei atendido, subscrevo-me.

Júlio Verne e Rodolfo Merkel

Após chegar ao texto inal e relê-lo, sua mente se abriu. Pasmo concluiu que era a mesma carta que recebera anonimamente quando estava em pleno século XXI, após ter um dos seus pesadelos. Pensara naquele tempo que a escrevera sob um ataque de sonambulismo e que a enviara para si mesmo. Mas agora teve plena certeza de que não estava “louco”, que a carta fora escrita nos tempos de Hitler. E que de alguma forma a máquina do tempo estava distorcendo os eventos.

Anna entrou no seu quarto sem bater na porta. Trouxe-lhe uma xícara de chá e o viu abatido. Respeitosa, não lhe perguntou nada. Nem ele queria dar mais explicações sobre sua confusa missão. Após Anna sair, foi invadido por uma aura de tristeza. Pensou consigo: “Se eu recebi essa carta no futuro, então Goebbels não a recebeu. Consequentemente, ela foi ineficaz”.

Preocupado em corrigir as distorções dos eventos, procurou tomar precauções para que a carta realmente chegasse ao seu destinatário.

Queria ser senhor do tempo, mas o tempo, sempre cruel, abatia generais, fragilizava heróis, furtava o vigor dos mortais. Júlio Verne era um homem perturbado, portador de uma missão colossal, que queria dar passos largos, mas sentia-se minúsculo, um caminhante que atolava os pés na lama da incerteza.



CAPÍTULO 5

NAZISTAS CAÇADORES

O asilo de doentes mentais de que o casal Merkel cuidava tinha uma porta de acesso pelos fundos da casa. Lá estavam abrigados mais de 30 doentes.

A maioria fora abandonada pelos seus familiares. Júlio Verne começou a visitá-los e icou impressionado com a afetividade que o casal lhes dedicava. Eles os abraçavam e beijavam no rosto. Havia uma cozinheira e um enfermeiro idoso que os ajudavam. Não podia viver como um foragido, tinha de dar um propósito a sua vida. Junto com Rodolfo, começou também a ajudar no asilo. Contava piadas, brincava, dava comida, banho e procurava relaxar

os pacientes.

A eutanásia racial ainda não havia batido às portas do asilo dos Merkel.

Ingênuos, nem sabiam que Hitler tinha dado ordens para eliminar todos os doentes mentais da Alemanha.

Num fatídico dia algo aconteceu. Cinco policiais da SS apareceram enquanto Júlio Verne fazia uma visita. Três deles portavam submetralhadoras. Depois de analisarem os documentos do asilo e checar lista dos internos, os compeliram a ser transportados para um hospital de melhor qualidade. Três furgões os aguardavam. Era comovente ver aqueles inofensivos e indefesos seres humanos desalojados. Alguns

estavam naquele abrigo há anos, expressavam rituais obsessivos, mal andavam, tinham o corpo curvado e travado.

Júlio Verne icou trêmulo, não apenas pelo medo de ser reconhecido, mas também porque sabia que iriam para a câmara da morte. Ele não suportou, tentou contra-argumentar.

Um policial apontou-lhe uma pistola.

– São ordens do *Führer*, senhor – apenas afirmou.

Os Merkel não sabiam para onde os levavam nem o porquê da intervenção do professor. Será que ele tinha informações secretas?, pensaram. Resistiram, pois amavam aqueles desprotegidos.

– Nós cuidamos bem deles. Não precisamos dar esse peso para o Estado

– comentou Günter.

– Você não entendeu. São ordens do *Führer*, senhor. Eles vão para um lugar melhor – disse com voz imponente outro policial jovem, de cerca de 25 anos.

– Mas eles são como nossos ilhos. Não queremos que os levem –

afirmou Anna.

Sem se importar com os olhos umedecidos do idoso casal, os policiais ainda comunicaram:

– Nós precisamos levar também seu filho. Onde ele está?

Rodolfo estava na sala com eles. Deveria manter-se calado, mas mais uma vez mostrou sua inocência.

– O *Führer* me procura? Que privilégio! – exclamou com deboche.

Os policiais izeram um sinal para que também os acompanhasse, pois tinham informação de que ele era um doente mental.

Prevendo o pior, Júlio Verne interveio.

– É melhor o doutor Rodolfo continuar ajudando os pacientes dessas bandas.

– Doutor Rodolfo? Quem é ele? – indagou um dos policiais.

– O mais brilhante médico dessa região – disse Júlio. – Médico como eu.

Em dúvida, os policiais o deixaram. Não podiam assassinar um médico do calibre de Rodolfo.

Depois de levarem todos os doentes do asilo, Anna e Günter caminhavam desolados pelo prédio vazio. Ela então fez uma pergunta fatal para o professor:

– Para onde os levaram?

Ele nada disse. Apenas abaixou a cabeça. Anna e Günter choraram. Já não ouviriam mais a voz de seus filhos… Ficaram deprimidos.

– Quem sabe não estão num lugar melhor, Anna? – indagava o professor, tentando aliviá-la.

Dois dias depois Júlio Verne descobriu que havia mais dois judeus na aldeia, um jovem casal, que há apenas cinco meses tinham se casado às escondidas: Simeão e a bela Sarah. Simeão era sobrinho de uma amiga de Anna, Mirian, cujas raízes judias eram guardadas a sete chaves. Simeão e Sarah

viviam nos porões da bela casa de Mirian.

À noite, sorrateiramente, o jovem casal foi, junto com a tia Miriam, até a casa dos Merkel, conhecer Júlio Verne e Rodolfo. O risco era grande, mas Simeão e a esposa não suportavam mais a "prisão" do porão. Longas conversas, diletos afetos. Momentos emocionantes cercaram o diálogo de Júlio Verne, Rodolfo e o jovem casal.

– Meus pais foram presos há três meses. Em outra cidade. Fugimos para cá. – contou Simeão, abatido.

– Os meus pais foram fuzilados porque se recusaram a entrar no comboio de trem – a irmou Sarah. Em seguida, com os olhos marejados de água, completou: – Meus dois irmãos foram presos e levados para a Polônia. Os nazistas, destilando ódio e deboche, propagandeavam para os judeus deportados que iam para uma terra que emana leite e mel, uma terra onde se pode praticar esportes, ouvir músicas e trabalhar livremente. Mas todos nós acreditamos que iam para o corredor da morte.

Parece que fizeram da Polônia o depósito das suas monstruosidades.

Anna, Günter, Miriam, o professor e Rodolfo ouviam sensibilizados aqueles relatos. Rodolfo, tentando animá-los, fez suas piadas. Mas era difícil relaxar minimamente que fosse naquele clima. Nesse ínterim, Simeão perguntou pela identidade de Júlio Verne. Ele não quis entrar na celeuma de falar da sua missão. Ririam dele.

– Sou um simples professor de História perturbado pelo desejo de entender que espécie é essa que elimina seus próprios ilhos sem que esses ofereçam ameaças.

Foram longas duas horas de conversa. Logo antes de o casal partir com a tia e voltar para o con inamento do porão, a suposta tranquilidade derreteu como gelo na primavera. Um grupo de policiais da SS muito tensos apareceu na pequena vila de uma rua só. Três deles seguravam cães numa das mãos e submetralhadoras na outra. Caçavam judeus.

Tinham recebido uma denúncia de Allen, o tio de Rodolfo. Entraram

direto na casa de Günter e Anna. Bateram na porta com incrível violência.

Todos entraram em pânico, e o desespero chegou às alturas quando ouviram os latidos dos cães. Segundos depois arrombaram a porta, pegaram os judeus em lagrante tentando sair da residência para se esconder.

Apontando suas metralhadoras, os policiais ordenaram que ninguém se movesse e que colocassem as mãos para o alto. Os nazistas passaram os olhos sobre o grupo reunido na sala e separaram a safanões o jovem casal de judeus do meio deles. Ficaram na dúvida se Júlio Verne era um judeu.

Ele estava com um uniforme da SS e, por enquanto, não o perturbaram.

Em seguida, indagaram os nomes dos idosos e renderam Miriam, a tia do casal. Tinham um relatório de que ela era de origem judia. Günter implorava por compaixão. De repente um soldado lhe disse:

– Compaixão? Vocês envergonham nossa raça protegendo judeus.

Günter tentou interceder por Miriam, que estava petrificada.

– Essa mulher contaminou a raça ariana, seu velho! – Retrucou um dos policias, e deu-lhe uma bofetada que o atirou longe.

Em seguida apontaram armas para os três. Iriam fuzilá-los à queima-roupa na própria sala dos Merkel, queriam que eles limpassem a sujeira.

Júlio Verne recuou assombrado. Estava taquicárdico, queria sair correndo.

Esse episódio não estava no *script* dos seus “pesadelos”. Fechou o circuito da memória, não conseguia pensar em mais nada a não ser em sobreviver.

E, além disso, o medo de cães o paralisava.

Rodolfo, ao contrário, era destemido. Tinha baixo limiar para compreender o perigo. Inconformado, socorreu seu pai e se preparava para intervir, mas de repente, uma cena cortou o coração de todos, menos dos nazistas. Simeão superou os vales escabrosos do medo e disse com intrepidez aos soldados:

– Deixem-me dizer minhas últimas palavras a minha esposa.

Vendo sua sólida determinação, os militares permitiram.

– Sarah, não perca jamais sua fé! Saiba que ainda que nos retirem os olhos, jamais nos impedirão de ver! Ainda que extraiam nossa língua, jamais nos impedirão de falar! Ainda que explodam meu coração e me matem, jamais deixarei de te amar!

E se desfez das garras de dois soldados e a abraçou. Os cães começaram a ladrar, pareciam invejar um amor inimaginável que só os humanos poderiam sentir.

– Eu te amo, Simeão! Agradeço a Deus por ter te conhecido. Nem a morte silenciará meu amor… – Sarah falou chorando.

Simeão fez uma oração em silêncio ao Deus de Israel e Sarah o acompanhou. A morte iminente não extirpara sua crença, ao contrário.

Júlio Verne presenciara muitos casos onde a vida estava em risco altíssimo e de forma atroz e injusta. Nesses episódios a espiritualidade deveria ser completamente as ixiada, mas lorescia em pleno deserto. Esse fenômeno fez o pensador Júlio Verne re letir que o ateísmo loresce mais em tempo de abundância.

O professor foi às lágrimas ao ver o amor borbulhante do jovem casal.

Lembrou-se da mulher da sua vida, Katherine. Ele prometeu silenciosamente a Kate que um dia romperia o cárcere do tempo, voltaria para o século XXI e a encontraria novamente, custasse o que custasse. Os soldados nazistas, ao contrário do professor, debocharam do casal.

– Que lindo! Judeus também amam!

Ávido para ver sangue, um deles disse:

– Agora vamos à nossa declaração de amor. Declaro que os vermes devem ser eliminados da Terra! Declaro, portanto, que vocês não merecem viver!

E sob os aplausos dos outros soldados, ele e mais dois policiais apontaram as armas para cabeça de Simeão, Sarah e Mirian. Quando ia apertar o

gatilho, alguém interferiu:

– Espere! Deixe eu mesmo terminar com esses judeus! – falou o tímido Júlio Verne, para o desespero dos Merkel.

Rodolfo, esperto que era, logo entrou em sintonia com o professor.

Exaltando-o sobremaneira, disse:

– Ele é um general de Hitler! – E lhe prestou continência.

O professor fez um sinal com as mãos para que Rodolfo diminuísse sua euforia e lhe abaixasse a patente, caso contrário, os soldados desconfiariam de que tudo era teatro.

– General não. Ele é um coronel do *Führer*! Um homem que não apenas caça os judeus, mas também nazistas estúpidos.

“Menos!”, expressou Júlio Verne com os olhos, querendo apenas que Rodolfo calasse a boca.

– Sim, sou um coronel da SS.

“Um coronel da SS naquele vilarejo, fazendo o quê?” Só podia ser balela, passou pela mente dos policiais. A inal de contas, eles eram de baixa

patente da mesma polícia. Em seguida, querendo mostrar autoridade, o professor começou a farejar os policiais que iam matar os inocentes como cães, assim como os superiores fazem com subalternos. Os cães rosnaram como se quisessem atacá-lo. Tentando contornar o medo desses animais, disse a Rodolfo:

– Faça esses cães se calarem, cabo.

– Cabo?

Rodolfo queria que ele subisse sua patente.

– Sargento Rodolfo, silencie esses cães agora ou irá para a corte marcial.

– Sim, senhor! – gritou Rodolfo.

E súbita e destemidamente deu um tapa na cabeça do cão mais agressivo, que de medo se comportou como um gato. Todos os cães se esconderam timidamente atrás dos soldados.

Os soldados icaram confusos com os dois malucos. “Será que o sujeito estranho era um o icial da poderosa SS? Será que esse tal de Rodolfo era mesmo um sargento?”, pensaram. A atitude dos dois, apesar de atabalhoada, deu certo, pelo menos naquele instante não estouraram os miolos de Simeão e sua esposa. Mas três dos seis policiais apontaram as armas para os dois, embora demonstrando certo temor, pois ambos trajavam uniformes de elite militar. Todos na sala torciam para que os dois desajeitados “policiais” tivessem sucesso.

– Seus documentos, senhor – pediu o cabo, que era chefe dos policiais, para Júlio Verne.

– Você não consegue enxergar um superior, soldado! – falou com autoridade o professor.

– Comunique o nome dele a Himmler, senhor! “ *Bye*”, Hitler! – bradou Rodolfo. Himmler era o líder máximo da SS, uma das polícias mais inumanas e agressivas da história, responsável inclusive pela “higiene”

racial e pelo extermínio em massa nos campos de concentração. Himmler, com seu colossal aparato policial, era o cão de guarda de Adolf Hitler.

– Sim, sargento, Himmler gostará de saber da petulância desse policial –

afirmou o professor.

O cabo engoliu saliva, icou ofegante. Em seguida, para não haver dúvidas quanto a sua identidade, o professor tirou do bolso alguns documentos e os mostrou. Eram documentos falsos, mas muito bem elaborados pelos que o haviam enviado do futuro. Os policiais izeram continência imediatamente para o “coronel”. Rodolfo idem. Mas um policial

não engoliu a trama.

– Mas, senhor, o que estava fazendo aqui com esses judeus?

Sem titubear, o professor pediu a Rodolfo:

– Anote o número do policial. Ele conversa demais. Não sabe minimamente o que significa o serviço de espionagem.

– Sim, senhor – novamente assentiu Rodolfo, tomando nota do sujeito.

O cabo, esperto, resolveu testar o “coronel”.

– Desculpe-me, senhor! Em tempos de guerra nossa insegurança a lora.

E como o senhor não é um traidor da pátria e solicitou matar esses judeus, por favor, tome minha pistola!

Mirian começou a ter vertigem. Sarah e Simeão entraram em pânico.

Anna e Günter estavam emudecidos.

Júlio Verne pegou a pistola e começou a suar frio. Apontou para a cabeça de Simeão. Esse abaixou a cabeça, não tinha como pedir clemência para seu amigo. Chegara a vez de testar a coragem do homem que queria mudar a História. Quando ia atirar, subitamente o professor abaixou a arma e começou a examinar a pistola. Empostando a voz, declarou:

– Vocês estão usando armas rudimentares, policiais! Eu tenho uma arma mais poderosa. – Tirou do bolso um pequeno aparelho e pediu para os soldados se aproximarem.

Curiosos diante de um o icial da SS, eles chegaram mais perto. Em seguida Júlio Verne emitiu um tremendo choque em três deles, que caíram imediatamente semiconscientes. Rodolfo deu um chute nos testículos do quarto. E num salto impressionante, Júlio Verne deu um choque no quinto, que estava apontando uma arma para ele. Rodolfo chutou as mãos do sexto e último policial, o cabo, que perdeu sua arma. Profundamente tenso, este deu um soco no queixo de Rodolfo, que icou abobalhado. Em seguida atacou Júlio Verne, mas o outrora tímido professor esquivou-se do golpe como um valente e o atingiu com um gancho de direita. Doeu-lhe a mão, mas valeu a pena. O cabo desmaiou.

Quase que simultaneamente os cães os atacaram. Quando o primeiro pulou

sobre o professor, este o atingiu com seu aparelho. E o grunhido de dor foi tão grande que levou os outros dois cães a fugirem como vira-latas espantados.

– Esse é o meu general! – falou alegremente Rodolfo, tentando se agarrar no sofá. Ingênuo, não sabia que a corajosa atitude de Júlio Verne colocara toda sua família em risco. Não poderiam mais viver ali.

Alguns policiais, inclusive o cabo, estavam acordando, mas o professor lhes deu seguidos choques, fazendo-os desmaiar completamente.

– Você mandou o cabo para o túmulo – declarou Rodolfo.

– O quê, eu o matei? – indagou desesperado o professor.

Todos perceberam que não estavam diante de um militar, mas de um simples civil espantado com a morte de um assassino pro issional pelas suas mãos.

Rodolfo, tentando aliviar-lhe a culpa, disse-lhe:

– Não se preocupe, coronel. Eu esmaguei os testículos daquele outro.

Günter rapidamente comentou.

– Ou eliminamos todos eles e escondemos seus corpos ou devemos nos mudar imediatamente desta vila. Como não somos assassinos, devemos nos mudar.

– Além disso, é impossível não deixar rastros – disse Simeão.

O professor sabia que deveriam se separar.

– Sarah, Simeão, isso foi o máximo que pude fazer por vocês. Fujam para o mais longe possível.

Eles icaram apreensivos, não só por eles mas pela tia que os acolhera.

Agora ela seria perseguida pelo nazismo.

– Vão, meus queridos, eu os abençoo. Procurem um lugar no campo, é melhor que na cidade. – E Mirian lhes deu um endereço a 15 quilômetros, numa

região montanhosa, onde tinha uma amiga que poderia dar-lhes abrigo temporário. – Quanto a mim, voltarei para casa.

Anna interveio.

– Não, Mirian, você vai conosco para a casa de uns parentes numa cidade distante daqui. Vamos, peguemos o mínimo necessário e partamos.

E assim Simeão e Sarah os abraçaram e partiram. As chances de sobrevivência deles eram irrisórias, mas a esperança faz a vida pulsar.

Sem esperança, se morre, ainda que vivendo; com ela se vive, ainda que morrendo. Júlio Verne, que era colecionador de lágrimas, começara a se transformar num pequeno colecionador de esperanças. Em seguida, ele tirou do bolso um aparelho minúsculo e começou a encostá-lo na cabeça dos policiais vivos. Uma luz ultravioleta era emanada.

Vendo a atitude do professor, Rodolfo indagou:

– Você está matando os desgraçados?

– Não, apagando a memória deles.

O aparelho apagava temporariamente a memória, tal qual ocorre

quando se sofre um acidente.

Anna e Günter haviam se casado no inal do século anterior, em novembro de 1899. Foram 42 anos de um bom casamento. Tiveram o único ilho Rodolfo após sete anos de matrimônio. Eles amavam a Alemanha, agora teriam de ser fugitivos em sua própria pátria. Anna estava cansada. Cansada da guerra, de presenciar inocentes serem perseguidos e mortos, de ver seu povo seguir os caprichos de um sociopata. Teria de caminhar sobre a neve e se aquecer naquele inverno rigoroso, mas nada lhe aqueceria a alma. Era uma mulher forte, mas teve uma crise de choro. Temia mais pelo filho do que por si.

– Que tecnologia é essa? – questionou Günter sobre a arma que o professor usara.

– Uma tecnologia de outra era! – Mas Júlio Verne não queria novamente entrar no assunto “viagem do tempo”. Não era compreensível nem haveria tempo para isso.

Anna olhou para Günter e se lembrou das informações que ele dera sobre Göring e a solução inal. Ficou convicta de que aquele misterioso homem era portador de informações cruéis, mas concretas. Júlio Verne disse que deveria seguir sua missão. Tentaria marcar o encontro com Himmler. Rodolfo insistiu em ir com ele, mas Júlio não permitiu.

– Respeite seu coronel. Você deve proteger seus pais, sargento. Em breve nos encontraremos.

Rodolfo bateu continência, embora não fosse o que queria. Após afetuosos abraços, o professor agradeceu a todos. Nunca imaginara que se tornaria amigo de alemães em plena Segunda Guerra Mundial.

– Obrigado, Rodolfo, em breve nos veremos.

– Nós venceremos essa guerra, coronel.

– Numa guerra nunca há vencedores, apenas perdedores – a irmou o professor.

E assim se despediram, cada grupo seguindo seu próprio destino.

Cansado, o professor repousou num estábulo a cinco quilômetros da casa dos Merkel.

Dormia, quando uma fresta de luz incidiu sobre seus olhos, fazendo-o despertar. Eis que ao acordar estava sob a mira de vários soldados da SS.

– Esse é o falso líder da SS apontado pelo veterano Allen.

O tio de Rodolfo pedira que averiguassem quem era Otto Hamburger, o nome com o qual Júlio Verne fora identi icado quando se conheceram. Otto

Hamburger era um amigo de Rodolfo que já estava morto. Era um judeu, cujo pai era alemão. Allen era um bom isionomista e um ótimo desenhista.

Desenhara a imagem do rosto de Júlio Verne e a entregara a um grupo de nazistas, diferente do que estivera na madrugada anterior na casa dos Merkel. Não queriam apenas alvejá-lo com um projétil, desejavam fazê-lo sofrer por ter ludibriado a SS.

– Está tremendo, seu canalha! Os judeus estão ficando espertos.

E antes que Júlio pudesse dar qualquer explicação, foi espancado. Não havia como escapar da morte. Após os primeiros chutes e murros, a dor foi tanta que a mente de Júlio Verne se abriu. Uma luz imensa surgiu e uma fenda cósmica se abriu. Algo inimaginável aconteceu.



CAPÍTULO 6

PRIMAVERA DE 2045

Neil Armstrong, o primeiro homem a pisar na Lua, disse: “Este é um pequeno passo para um homem, mas um grande passo para a humanidade”. A viagem para a Lua era um passo rumo ao futuro. Agora, outro homem, Júlio Verne, daria um passo incrivelmente mais ousado e muitíssimo mais perigoso, um passo rumo ao passado.

Júlio Verne, um professor de História, culto, determinado, brilhante orador, capaz de deixar seus alunos de cabelo em pé com suas intrépidas e teatralizadas aulas, revolveu aceitar o convite para fazer a mais fascinante viagem que um ser humano poderia empreender nessa brevíssima trajetória existencial: uma viagem no tempo. Uma viagem para o período mais dramático e vergonhoso da história da humanidade, os tempos de Adolf Hitler.

Sua missão, mudar a História. Uma missão apaixonante e saturada de armadilhas e de consequências imprevisíveis. Loucura ou não, esse plano foi levado adiante…

Notáveis cientistas e militares alemães gastaram bilhões de euros nesse projeto ultrassecreto e, mais que isso, gastaram sua saúde ísica e mental, consumiram noites intermináveis de sono. Re izeram o projeto 87 vezes,

realizaram 1.342 reuniões e debates acalorados. Foram 14 anos, 7 meses e 16 dias de experiências, testes e ajustes. Tudo isso para reunir os parâmetros da teoria da relatividade de Einstein e a teoria quântica de Rosenberg para construir a magna, única e arrebatadora máquina, a Máquina do Tempo: uma esfera circular de cerca de 20 metros de diâmetro.

Os membros da equipe, tomados por uma incontrolável euforia, observavam atentamente e em 3D, através de múltiplas câmeras, o professor adentrar a máquina. Pareciam meninos mordendo os lábios de ansiedade nos instantes finais da grande partida do seu time esportivo.

Sob as chamas da emoção, esqueceram-se por instantes de que estavam digladiando com o tempo. Esqueceram-se de que o tempo é um ditador implacável, transforma generais em tímidos garotos, celebridades em meros anônimos, ricos em completos miseráveis. Não se lembraram das armadilhas em que poderiam cair.

Pareciam ter injetado doses elevadas de adrenalina nas veias. Todos estavam se sentindo sobre-humanos. Mas duas pessoas estavam apreensivas. Elas representavam a parte mais altruísta e inteligente da humanidade, as mulheres. Ângela Feder e Kate, a esposa de Júlio Verne, alternavam no território da emoção generosos golpes de excitabilidade com penetrantes golpes de apreensão. A inal de contas, a história poderia sofrer rupturas com o envio de personagens, como Júlio Verne, ao passado?

Enquanto Júlio Verne fazia uma longa caminhada pelos túneis e elevadores que o levavam à Máquina do Tempo, Ângela mais uma vez partilhou sua insegurança com seus pares do projeto:

– E se Júlio Verne alterar eventos passados, quais serão as consequências para a cadeia de eventos futuros, inclusive para eventos corriqueiros? Até onde ele, nós, os membros do Projeto Túnel do Tempo, bem como a

Europa e toda a humanidade seremos afetados?

– Temo que adulterando a história estejamos agindo como deuses.

Talvez a viagem no tempo possa levar alguns, aqui, a cometerem um suicídio existencial – insistiu Kate, completamente insegura. E tinha motivos inquestionáveis para isso.

Katherine era uma especialista na área da psicologia social. Era uma intrusa no projeto. Só estava ali porque seu marido fora escolhido entre milhares de intelectuais e militares de todo o mundo para ser o protagonista da incrível viagem. E Júlio Verne fora escolhido porque a

Máquina do Tempo tinha um grave problema: não havia tecnologia extraída da teoria da relatividade ou da ísica quântica que pudesse realizar o teletransporte com segurança para um passado especí ico, ou seja, para um determinado dia, mês e ano, bem como para um espaço pré-

agendado. Talvez nunca fosse possível desenvolver tal tecnologia.

Entretanto, de acordo com testes incansáveis feitos durante anos a io, os notáveis cientistas do projeto chegaram à conclusão de que o botão de

"*stop*" da complexa Máquina do Tempo deveria ser acionado pela mais poderosa e pouco domável de todas as energias, a energia mental do usuário. Dependendo da cultura, do pensamento reinante e da motivação do viajante, ele conseguiria modular a sua viagem para um determinado tempo-espaço. Como um dos maiores especialistas do mundo em Segunda Guerra Mundial e como um dos mais excelentes peritos na personalidade de Hitler e nas técnicas de marketing de massa do *Führer* e de Goebbels, o professor Júlio Verne fora escolhido. O fato de ter ascendência judia também contou a favor da escolha, embora não fosse um item central.

O professor, que dava brilhantes aulas nas universidades na década de 1940 do século XXI sobre as atrocidades nazistas, agora testaria seu heroísmo em sua viagem no tempo. Mas ele nunca fora herói. Além disso, sua mente, como a de qualquer pessoa, não era completamente lógica e gerenciável. Ela o traía frequentemente. Levava-o a lugares e tempos indesejáveis.

Viajar na máquina do tempo era, portanto, arriscadíssimo. O

protagonista poderia se perder no tempo-espaço. Poderia, por exemplo, ir para os confins do universo ou vagar na era dos dinossauros. Essa era uma das preocupações de Kate. Os membros do projeto, incluindo os cientistas e os militares, embora fossem brilhantes especialistas em ísica, química e matemática, estavam igualmente inseguros. Só não confessavam isso.

– O que você quer dizer ao a irmar que ao mudar os eventos da história podemos causar um suicídio existencial? – indagou para Kate Theodor, líder entre os cientistas. O notável especialista em ísica quântica tinha raros conhecimentos sobre o princípio da incerteza, mas as incertezas sobre a vida o perturbavam.

– Estudo a teoria das relações sociais com detalhes. Suponho que mudar os eventos do passado pode mudar a teia das relações e a cadeia dos fatos subsequentes: o encontro dos amantes, a união dos pares, a concepção e, consequentemente, a existência de nossas vidas. Alguns de nós poderiam não vir a existir. Essa possibilidade não os abala?

Os cientistas e militares de alta patente já haviam discutido esse fenômeno, mas não profundamente. E não chegaram a conclusões importantes. Estavam tão cegos pelo determinação de eliminar Hitler e varrer sua in luência das páginas da história que consideraram que o risco valia a pena. Mas a esposa de Júlio Verne foi tão direta e inteligente que os fez suspirar. Entretanto, o general Hermann, o líder máximo do projeto, que também era um cientista brilhante, conhecedor íntimo da teoria da relatividade, achava que a possibilidade levantada pela “intrusa” não tinha fundamento.

– Isso é impossível, senhora Kate. Estamos aqui vivos no presente, somos concretos, reais e não um delírio existencial. Se somos concretos no tempo presente, nenhuma alteração na cadeia de eventos do passado pode nos abortar.

– Será? – duvidou novamente Kate.

– Tenho convicção ísica e ilosó ica de que, se Júlio Verne tiver sucesso, de alguma forma os eventos passados serão reorganizados para que nossos pais se encontrem de alguma forma, concebam, gestem e eduquem essas criaturas lindas que fazem parte do mais incrível projeto da humanidade – disse convictamente o general.

Todos os notáveis membros do Projeto Túnel do Tempo deram risadas com o tom do chefe. Mas no fundo ninguém tinha certeza de nada. Theodor comentou ainda:

– O ser humano sempre teve medo das novas tecnologias e na grande maioria dos casos esse medo era uma tecnofobia infundada. Cientistas devem ser ousados, devem caminhar por trajetórias nunca antes percorridas e chegar a metas nunca antes alcançadas. Claro que devem fazer tudo dentro dos limites da ética.

– Mas é ético tentar mudar a História? – indagou Kate. Enquanto isso Júlio Verne estava se preparando para a primeira viagem no tempo.

– É ético ver um paciente morrendo e não socorrê-lo? – retrucou Hermann, alterado.

– Não – afirmou Kate.

– Qual a diferença entre socorrer um paciente do tempo presente ou do tempo passado? Se nós desenvolvemos essa tecnologia, embora seja ultrassecreta, ao não usá-la não estaríamos em hipótese alguma sendo éticos. Eu creio em Deus, e, se ele nos dotou de tal capacidade, não deveríamos dar tudo o que temos pela humanidade, servir ao próximo, ainda que esse próximo esteja num passado distante? – ponderou

Theodor.

Ângela Feder aquietou sua ansiedade. Concordou e tentou aliviar a ansiedade da esposa de Júlio Verne:

– Kate, se uma criança pudesse ser resgatada da câmara da morte de Auschwitz, a existência do projeto valeria a pena!

Escolhido para ser o protagonista da missão, convencido de que o projeto não era fruto de cientistas psicóticos, mas da mais so isticada engenharia moderna, e tendo contornado a sua gigantesca resistência inicial, Júlio Verne, apoiado por Kate, apresentara algumas questões ilosó icas aos membros da equipe, as quais Kate novamente trouxera à tona. Embora ela estivesse ali há algum tempo, inclusive para que Júlio Verne se preparasse para a missão, tudo ainda era muito novo para ela.

Depois das colocações do general Hermann e dos cientistas Theodor e Ângela Feder, entretanto, Kate se calou. Embora fosse sempre muito generosa, percebeu que naquele momento estava sendo egoísta.

Júlio Verne foi conduzido à Máquina do Tempo por três pessoas que não conhecia. A ansiedade abateu-lhe a emoção. Queria fazer algumas perguntas, relaxar, mas seus condutores eram militares técnicos e frios, especialistas em cumprir ordens e não em discuti-las. Desceram de elevador até um imenso túnel no subsolo. Respiração profunda, coração galopante, ondas de calor pela pele, mente inquieta, tensão subjacente, sofrimento por antecipação faziam parte do cardápio psíquico e psicossomático do professor, agora um frágil viajante.

Ao sair do elevador,

icou deslumbrado. O local era surreal,

completamente iluminado, cujo espectro de luz era quase tão forte quanto a irradiação do sol sobre a Terra; se não estivesse protegido com um macacão de tecido especial, ele se queimaria. Dentro da máquina poderia tirar o macacão e icar com as vestes que trajava por baixo, de um o icial da SS. Se queria encontrar Adolf Hitler, teria que usar disfarces muito bem planejados.

A fonte de energia não advinha de um reator de icção nuclear, mas de fusão nuclear, muito mais poderosa, capaz de substituir a luz solar. Colunas indescritíveis de materiais translúcidos se espalhavam pelo ambiente.

Havia paredes revestidas por uma espécie de espelho sem recortes que re letia a luz para todos os espaços. Olhar para as paredes sem óculos protetores era um convite a icar cego, o brilho lesava irreversivelmente as células da retina. Minutos depois da decida, após caminharem 200 metros, chegaram ao centro do laboratório.

A Máquina do Tempo era uma esfera enorme, com quase 20 metros de diâmetro, que circulava em alta velocidade. Júlio Verne teve um leve ataque de pânico, faltou-lhe o ar, colocou as mãos na garganta. “Como entrarei na esfera?”, pensou.

De repente recebeu instruções em 3D projetadas no ar do seu lado

esquerdo. Entraria na Máquina do Tempo através de um veículo autopropelido que circularia na mesma velocidade dela. As velocidades se anulariam e o professor teria a sensação de que estaria parado, embora só o estivesse em relação à porta de entrada da esfera. Supercomputadores dentro da máquina controlariam todos os processos, até os órgãos vitais de Júlio Verne.

Então, sobrevoando pelo alto, surgiu o veículo que o conduziria ao lugar de acesso à máquina. Ele entrou na pequena aeronave, que o conduziu até a metade superior da esfera e começou a girar rapidamente ao redor da máquina. Quando atingiu a mesma velocidade da esfera, a porta do veículo e da esfera se abriram automaticamente. Júlio Verne foi para o interior do engenho. Não havia nada, nenhum controle digital, nenhum instrumento.

Sentou-se na poltrona e imediatamente seu corpo foi vestido por uma espécie de manta de proteção em forma de gel. Só sua face icou descoberta, embora as laterais da cabeça icassem protegidas. A manta vestiu o contorno de seus braços e pernas. Uma imensa energia seria gasta para produzir um pequeno “buraco de minhoca”, uma corda cósmica para ejetá-lo ao passado. O aplicativo para a viagem do tempo exigia a energia do pensamento. Como perito em eventos da primeira metade do século XX, Júlio Verne teria que canalizar sua energia mental para uma época desejável para cumprir sua missão. Mas dentro da so isticada máquina sentiu-se controlado pela insegurança e pela ansiedade.

A máquina começou a girar numa velocidade inimaginável, parecia que seu corpo se desintegraria. Segundos pareciam ser eternos. Mal conseguia pensar em seu alvo, tudo parecia loucura. De repente, como se deslizasse num imenso tobogã, sentiu que estava caindo ou lutuando livremente no tempo e no espaço.

Subitamente ouviu-se um grande estrondo onde a Máquina do Tempo se encontrava. Luzes digitais acendiam e apagavam e uma sirene ensurdecedora ecoava por todo o ambiente. Algo errado acontecera. Júlio Verne estava há pouquíssimo tempo dentro da máquina. Procuraram retirá-lo rapidamente, repetindo o processo de entrada. Um militar muito bem treinado subiu no pequeno veículo, que girou em torno da máquina. E

depois de atingir a mesma velocidade, as portas se abriram e inalmente

ele retirou Júlio Verne.

Júlio Verne sangrava pelo nariz. Tinha hematomas em várias partes do corpo, inclusive edema ao redor do olho direito. Estava desesperado.

Lutava como podia, dava socos no ar. Minutos depois se acalmou. Pensou que estivesse numa câmara de gás e estivesse morrendo. Sentiu faltar o ar.

Os membros da equipe acompanhavam seu resgate, viram alguns dos seus traumas e icaram preocupadíssimos. Kate mordia os dedos, seus olhos lacrimejavam.

– O que aconteceu com Júlio? – perguntou ela para a equipe.

Ninguém respondeu, ninguém sabia de nada. Médicos entraram em ação. Levaram-no numa maca, correndo, para receber os primeiros atendimentos. Ninguém podia entrar na sala de atendimento ultramoderna. Feito alguns exames, constatou-se que ele não corria risco de morrer. Horas depois, ainda todo dolorido, Júlio Verne acordou. E

disposto, queria falar com toda a equipe. Os militares e cientistas icaram animados com sua disposição. O general Hermann pediu desculpas e agradeceu sua coragem.

– Infelizmente, professor, houve um problema com a Máquina do Tempo.

O campo de energia não foi su iciente para produzir um campo magnético para gerar um re luxo no tempo, en im, para ejetá-lo em outra época. Mas temos certeza de que o problema será contornado.

– Como assim? – indagou espantado Júlio Verne. – Eu viajei no tempo! –

afirmou para a perplexidade de todos.

Todos os membros da equipe se entreolharam, inclusive Kate. Pensaram que os efeitos da máquina estavam turvando seu raciocínio.

– O senhor não saiu de dentro da Máquina do Tempo – comentou Theodor.

– Vocês estão enganados. Fiquei uma semana na casa dos Merkel, numa pequena vila. Convivi com Günter, o pai, Anna, a mãe, e Rodolfo.

– Mas como é possível? Você passou menos de um minuto dentro da máquina – afirmou Theodor.

– Um minuto? Não é possível!

– Mais precisamente cinquenta e seis segundos – con irmou outra cientista, Eva Groener, envolvida por um ceticismo frio. – Será que o senhor não sonhou enquanto estava dentro da máquina?

– Vivi situações reais. Meus hematomas por acaso são sonhos? Não estou

louco! – falou ele, agitado. – E mostrou suas feridas nas costas, nas pernas, além das que estavam visíveis na face.

Todos icaram perturbados do outro lado do vidro que separava a sala de atendimento de outra sala para “visitantes”. Alguns cientistas pensaram que esses hematomas eram sequelas da vibração e rotação da máquina ou uma automutilação.

De repente Júlio piscou os olhos e irmou seu campo visual: identi icou Kate entre os presentes.

– Kate, querida, senti tantas saudades de você! Conheci um casal, Simeão e Sarah, apaixonados um pelo outro. Raramente vi um amor tão grande, a não ser o nosso.

Kate icou surpresa com a observação. Pela rapidez da experiência, ela não tivera tempo de sentir saudade dele, mas experimentara grande temor quando ele havia entrado na complexa máquina.

Júlio Verne completou:

– Felizmente, quando Simeão e Sarah estavam para ser fuzilados pelos nazistas, eu e Rodolfo intervimos e os salvamos, pelo menos temporariamente.

Kate, ansiosa e repleta de dúvidas, indagou:

– Júlio, meu amor, em que ano você esteve?

– Quando entrei na máquina tentei me concentrar em 1921, antes do início da formação do partido nazista. Queria encontrar Hitler ainda frágil e desconhecido, mas fui enviado para vinte anos depois, para dezembro de 1941, uma data cinco meses depois que a ordem da solução inal da questão judaica já havia sido dada.

A ordem da solução inal era a autorização para o assassinato em massa de judeus, não importando a idade e a identidade.

– Falhei, Kate, falhei. Os campos de concentração já haviam se transformado em fábricas de extermínio em massa. Falhei – ele repetiu.

Todos os membros da equipe do Projeto Túnel do Tempo mostraram um semblante a lito e carregado de dúvidas. Inúmeras perguntas passaram na mente deles. “Como é possível Júlio Verne ter viajado por uma semana no passado se no presente passou-se menos de um minuto?”, indagavam-se.

Mas, ao mesmo tempo, sentiam-se animados com a possibilidade de estarem errados. Se o professor não delirava, a Máquina do Tempo funcionara. Não havia notícia mais vibrante do que essa. O general Hermann e o ísico Theodor haviam a irmado ao casal que a máquina já

havia funcionado. Entretanto, as provas não eram incontestáveis. A experiência era saturada de riscos, alguns incalculáveis.



CAPÍTULO 7

A GRANDE DECISÃO

Os membros do Projeto Túnel do Tempo buscaram provas de que Júlio Verne realmente viajara no tempo, como tecido antigo, substâncias químicas, DNA de outras pessoas, mas infelizmente nenhuma prova concreta encontraram, a não ser os traumas espalhados pelo corpo do professor, que ficou dias se reestabelecendo.

O estresse mental intenso que sentira na casa de Rodolfo, o sentimento de indignação pelas atrocidades cometidas pelo nazismo e principalmente o risco iminente de morrer produziram ondas cerebrais que acionaram uma corda cósmica que se conectara com a Máquina do Tempo e o izera retornar ao seu presente. Pelo menos era nisso que o professor cria. Mas a ciência não sobrevive de crença, todos sabiam disso.

Reestabelecido parcialmente, Júlio logo foi encaminhado a uma avaliação psiquiátrica/psicológica detalhada. Descobrir se ele estava mentalmente confuso ou apresentando comportamento dissimulatório era importante para os líderes da equipe, a inal de contas uma fortuna enorme havia sido investida no megaprojeto, sem contar que centenas de pessoas há mais de uma década vinham depositando sua inteligência e sua história na execução dele.

Para não constranger o professor, não foi dito que pairava descon iança sobre sua sanidade intelectual. Asseguraram-lhe tratar-se apenas de procedimentos de rotina. O dr. Runner, um neuropsiquiatra sisudo, pouco lexível, impaciente, que parecia mais um general do que um pro issional de saúde mental, auxiliado por uma psicóloga afável, Laura, aplicaram-lhe inúmeros testes. Depois izeram centenas de perguntas qualitativas e quantitativas. O professor começou a descon iar do tipo de diagnóstico que os pro issionais, que eram membros das Forças Armadas, estavam desenhando sobre sua saúde mental.

Os pro issionais que o interrogaram não eram quali icados para dizer se ele viajara ou não no tempo, mas eram responsáveis para dizer se seu raciocínio e pensamento críticos estavam preservados. Depois de todo o processo analítico que durou oito longas horas, veio o resultado. Deu inconclusivo. Mas o dr. Runner, chefe da equipe, apresentou seu laudo: *Apesar de o senhor Júlio Verne ter uma mente culta e um raciocínio arguto, que se esforça para se integrar aos parâmetros tempo-espaciais presentes, há uma*

grande possibilidade de ele estar desenvolvendo uma esquizofrenia paranoica, caracterizada por ideias persecutórias marcantes.

Seu inconsciente é de grande fertilidade, criou imagens mentais de que esteve no passado, mais especi icamente, nos conturbados períodos da Segunda Grande Guerra, e seu consciente crê, sem margem de dúvidas, que foram experiências irrefutáveis, portanto, verdadeiras.

Dr. Runner Brant

Major do Exército e especialista

em psiquiatria forense.

O professor não era o exemplo solene de uma pessoa calma, mas era muito ponderado, dosado e portador de um raciocínio lógico invejável. Fez questão de ter acesso ao laudo. E o leu a sós num escritório ao lado do seu quarto. Ficou indignado, tenso, deu um murro na mesa. Vários objetos caíram.

– Esse psiquiatra é um maluco! Quer me internar!

Em seguida respirou profundamente e tentou se controlar. Pegou os objetos caídos um por um e eis que um bilhete apareceu lutuando no ar e ele o pegou. Leu e ficou atônito, emudecido:

Caro Júlio Verne, a maior loucura é viver sem um sentido existencial. Sem sentido vivemos por viver, a vida não tem brilho, o caos não nos amadurece, a cultura não nos remete à sabedoria. Sem propósito, a mesa, por mais farta que seja, nutre o corpo, mas deixa faminta a alma. Sem propósito, vivemos num campo de concentração mental, ainda que rodeado por jardins. Não tenha medo de morrer em Auschwitz, tenha medo de viver uma existência sem sentido.

Assinado Viktor Frankl.

Júlio Verne se sentou, completamente perturbado.

– Não é possível! O doutor Viktor Frankl morreu há mais de meio século.

Era um médico vienense e foi preso em Auschwitz, mas escapou daquele inferno. Um dos motivos que o levaram a escapar foi porque construiu em sua mente esperança em meio ao caos, “ lores no deserto”, motivação para viver quando só era possível enxergar desgraças, corpos magros, mortes sumárias, injustiças intoleráveis. O doutor Frankl libertava seu imaginário para resgatar um sentido de vida, mesmo quando milhões de células do seu corpo eram esmagadas pela fome. Sonhava em sair vivo daquele esgoto humano e abraçar as pessoas que lhe eram caras, mesmo sabendo que provavelmente estariam mortas. Elas estavam vivas dentro dele…

Baixou os olhos para o papel e releu-o.

– O que signi ica essa mensagem? Encontrar sentido para a vida em Auschwitz? Nunca estive preso nesse campo! Estava na casa de Rodolfo, Günter e Anna!

E depois, num raro momento de insegurança, acrescentou, sempre falando consigo:

– Será que estou enlouquecendo, meu Deus? Não é possível que tudo tenha sido criado pela minha mente!

De repente Kate entrou na sala. Como a esposa sempre resistira a que ele entrasse na Máquina do Tempo, escondeu o bilhete. Precisava re letir mais sobre aquilo. Se Kate o descobrisse icaria muito mais a lita, talvez pensasse que o bilhete era produto de seu delírio.

Kate leu o laudo psiquiátrico e ficou indignada também.

Os líderes da equipe, embora apreensivos com o laudo, o olharam com reservas. Não podiam supervalorizar a avaliação feita, caso contrário, descartariam o escolhido. Além disso, o projeto era saturado de estímulos estressantes e, portanto, era quase impossível não icar um pouco perturbado com os eventos que o envolviam, ainda mais Júlio Verne, que estava no epicentro deles. A verdade é que todos estavam marcadamente ansiosos. Júlio Verne também não podia mostrar para os membros do projeto o estranho bilhete, pois nunca estivera num campo de concentração, sua história era outra. Era melhor, nesse clima psicótico, preservar um pouco de sanidade.

Não havia um membro do primeiro escalão militar ou dos cientistas que atuavam diretamente no projeto que não tivessem diminuído o limiar das expectativas para a frustração. Pequenas contrariedades invadiam o território da emoção, irritavam-nos.

– Para mim o professor está confundindo viagens no tempo com viagens

mentais, pesadelo com a realidade.

– Eva! Você sempre chafurda na lama da dúvida! – a irmou Theodor sem afetividade. Como explica os ferimentos no corpo do professor?

– Tudo isso está me deixando louca. As consequências que estão aparecendo não me deixam dormir – afirmou Ângela.

Eva assentiu com um gesto de cabeça, concordando que também estava insone.

– O medo é o pior cárcere humano. Temos de reciclar nosso medo e levar o projeto às últimas consequências, custe o que custar – a irmou Arthur Rosenberg, outro militar de alta patente que atuava no projeto.

Lúcido, determinado e pragmático, o brigadeiro não admitia falhas.

De repente chegaram Júlio Verne e Katherine para uma reunião. Todos silenciaram. Logo tomaram posições à grande mesa oval. Como ninguém ousava iniciar a conversa, o professor tomou a palavra e sua primeira reação foi novamente se punir. Colocou-se como um anti-herói.

– Fui derrotado. Sequer encontrei um ponto de mutação da história…

– Mas essa pode ter sido apenas a primeira missão. Se quiser, poderá continuar tentando – o general Hermann o encorajou, torcendo para que Júlio Verne jamais desistisse.

– A realidade é mais cruel do que nossos livros de história nos contam, incluindo os que eu escrevi. *Os livros traem a realidade crua quando em palavras frias traduzem a dor dos outros*. O leitor, por mais criterioso, não resgata as mazelas humanas.

E Júlio comentou que a Alemanha vivia uma psicose coletiva. Os nazistas

tinham perdido completamente a sensibilidade humana. Viviam um primitivismo inimaginável. Não pensavam como espécie, não se colocavam minimamente no lugar dos outros.

– Mas ainda podemos derrotar o velho Adolf. Sua missão, embora di ícil, ainda poderá ser coroada de êxito! – a irmou Theodor, tentando dar-lhe um choque de ânimo.

Theodor não teria a coragem do professor de entrar na máquina e, mesmo se entrasse, sua cultura sobre a Segunda Guerra e sua energia mental não eram su icientemente calibradas para voltar aos tempos de Hitler. Perder-se-ia no tempo, vagaria errante no espaço.

O professor olhou bem nos olhos de Theodor e depois nos de toda a equipe, inclusive Kate, e revelou sua fragilidade.

– Como vou mudar a história da humanidade, se mal evitei a morte de

um jovem casal que encontrei? Como vou escapar das garras do nazismo, se não consegui escapar de simples policiais que me espancaram? Não sei se sou o homem certo…

– Professor, a humanidade não precisa de heróis, mas de seres humanos conscientes das suas limitações. Quem mais contribuiu para mudar a história da humanidade, seja na ciência, iloso ia ou espiritualidade, foram pessoas de carne e osso e que em alguns momentos atravessaram o caos –

disse Eva Groener, tentando colocar combustível no ânimo do professor.

– Veja o exemplo de Jesus. Ele não teve vergonha de chorar na frente dos seus discípulos e bradar “Afasta de mim esse cálice!”, mas depois aceitou sua missão… “Não se faça a minha vontade, mas a sua vontade” –

emendou Ângela Feder.

– Você se esqueceu de que sou judeu.

– Oh, desculpe – falou Ângela. –Usei esse exemplo porque houve um tempo em que não acreditavam em Jesus como o Cristo.

– Não se preocupem. Conheço a história de Jesus e o admiro muitíssimo.

Ele se colocou como messias, embora eu não o veja desse modo. E quanto a mim, nunca tive vocação messiânica. Morro todos os dias um pouco. Sou assaltado pelo medo. Não apenas o medo de morrer, mas… também o medo… de matar… – Júlio Verne falou com a voz embargada. E, olhando irmemente para Kate, quis lhe confessar algo que o as ixiava. – Kate eu…

eu…

– Fale, querido…

– Eu matei um homem…

– Quando? – perguntou ela, perturbada.

– Nessa minha viagem… Eu matei um nazista, um cabo, com minha arma de choque elétrico. Foi horrível.

O general Hermann, embora tivesse dúvida de que realmente Júlio Verne houvesse viajado no tempo, tentou abrandar-lhe a culpa, ainda que o fato tivesse ocorrido, a princípio, só na imaginação dele.

– Provavelmente o nazista que você supostamente matou já havia sujado as mãos dezenas de vezes pelas mortes que causou.

– Mas eu não sou um assassino, general, sou um professor. *Um general arregimenta jovens para a guerra, enquanto os professores lavram os solos da mente dos alunos para que eles se coloquem no lugar dos outros, valorizem a vida e não façam guerras*…

O general quase perdeu o fôlego diante dessa tese poética.

– Pense deste modo: você não matou um assassino, você salvou muitos judeus de serem mortos.

Júlio Verne passou as mãos na cabeça, tentando aliviar-se. Em seguida comentou algo que o abalara.

– Hitler hipnotizou a juventude alemã com técnicas de marketing de massa. Todos sabemos disso. Mas o que ninguém fala é que os alemães não eram belicosos nem se sentiam uma raça superior. Tinham, na realidade, complexo de inferioridade.

– Por quê? – indagou Eva Groener, que nunca tinha pensado nisso.

O professor completou:

– Os alemães sentiam-se marcadamente inferiores pela perda da Primeira Guerra Mundial, pelo desemprego em massa, pela insegurança alimentar, pelo Tratado de Versalhes. Em três anos de propaganda massi icadora sob a orquestração nazista, os alemães saíram do complexo de inferioridade para o complexo de superioridade.

– Se os alemães que eram o topo da cultura do seu tempo foram vitimizados pelo marketing de massa, que povo na atualidade está livre disso?

– Essa é minha tese, Eva, uma tese que me tira o sono. É por isso que tenho escrito livros. Mas parece que sou uma voz solitária numa sociedade digital, embora tenha muitos leitores e alunos que me admiram. Novos holocaustos poderão surgir se não tivermos uma juventude autônoma, que tenha opinião própria e pensamento crítico. Novos sociopatas surgirão usando as redes sociais. Será que não é melhor prevenir os “Hitlers” do futuro que eliminar o Hitler do passado?

– Eu também penso assim! – falou Kate rapidamente.

O general Hermann olhou bem nos olhos de Júlio Verne e deu-lhe um golpe fatal.

– Se você viajou mesmo no tempo, sentiu um pouco da dor que nossos semelhantes experimentaram sob as garras do nazismo. Essa dor não é su iciente para romper o cárcere do egoísmo e fazê-lo tentar aliviar o sofrimento dos outros?

O professor respirou pausadamente. O general tinha razão. Ele pensou não apenas nos milhões de judeus, marxistas, eslavos, ciganos e homossexuais que foram mutilados pelo nazismo, mas também nas famílias alemãs.

– Provavelmente há milhares de famílias como a dos Merkel que conservaram seu altruísmo. Elas estavam sendo esmagadas por Hitler.

Todavia, elas não tiveram… não têm poder algum. Se voltar no tempo, terei de trabalhar sozinho ou no máximo com alguns malucos brilhantes como Rodolfo.

– Rodolfo? – questionou Kate.

– Um psicótico amigo, mais inteligente que alguns intelectuais.

Todos se mantiveram calados. Depois Erich, outro cientista da equipe, quebrou o silêncio e insistiu:

– Não desista. Lembre-se de que a ciência não pode viver de uma experiência inválida. É preciso repeti-la.

Nesse momento o professor de História respirou profundamente e sentiu dor na coluna cervical, dez centímetros abaixo do pescoço, onde o atingira o chute de um nazista, quando tentava proteger o rosto.

– Ai! Aquele miserável me acertou sem dó!

Em seguida confessou:

– Um dos meus terrores noturnos acionou a interrupção da viagem no tempo. – E contou o motivo pelo qual fora parar na casa dos Merkel. Mas disse que houve uma distorção nas datas.

– Fantástico! – expressou Ângela. – Críamos na hipótese de que as ondas cerebrais são os mecanismos que ejetam um viajante do tempo num lugar e momento específicos. Eis a prova viva.

– Vocês criam nessa hipótese? Não tinham certeza? Eu entrei na máquina achando que havia uma certeza científica!

Mais um momento de silêncio. O professor sentiu-se uma cobaia.

Theodor tentou dar suas explicações.

– Professor, o que difere a ciência do misticismo é a organização dos dados, a análise deles, a oportunidade de veri icar as hipóteses e a predição de fenômenos. Tudo isso tem de expandir a probabilidade de acerto.

– Caro Theodor, você tem um brilhante discurso que no fundo disfarça que você não tem certeza de nada… Sou uma cobaia do Projeto Túnel do Tempo… Por favor, me digam honestamente. Alguém, de fato, ou mesmo um animal, ou alguma coisa, já foi e voltou?

Eles se calaram. O professor sentiu o gosto amargo da traição. Kate também se sentiu traída. Vendo-a angustiada, Júlio Verne tentou abrandar sua indignação e aliviar o estresse da equipe, a inal de contas eles estavam empenhados em contribuir com a humanidade.

– Eu pelo menos voltei, senhores e senhoras. – falou, tentando dar um toque de humor no clima tenso.

Kate tomou a palavra.

– Mas digam-me honestamente. Se Júlio Verne retornar outra vez, não experimentará o cardápio de terror que aconteceu em seus pesadelos?

Ninguém deu uma resposta rápida. Após uma breve pausa, Theodor disse ao casal:

– Da próxima vez pode ser diferente. A força de vontade do professor capitaneada pela sua ilibada cultura pode levá-lo não ao epicentro dos episódios históricos que foram representados em seus terrores noturnos, mas para um ponto de mutação ou de virada da história. Ele pode ser colocado cara a cara com o *Führer*. É uma hipótese viável.

O professor Júlio Verne mais uma vez respirou profundamente. Só que dessa vez o seu temor era maior que a dor da coluna cervical.

– Bom, a hipótese mais viável é que preciso descansar.

Os analgésicos e o estresse o haviam esgotado. Os edemas e os hematomas não cederam facilmente, o que exigiu mais alguns dias de recuperação. Durante o processo, o professor pensou e se perturbou muito.

A próxima viagem poderia ser um suicídio. Sempre tinha dito que a melhor maneira de contribuir para ser feliz era investir no bem-estar dos outros. “E agora?”, pensava. Recuar era ir contra essa tese emocional.

Teve longas conversas com a esposa, mas não revelava o que se passava dentro de si, em especial sobre sua decisão. Após tomar uma refeição, teve vontade de fazer uma declaração de amor para Kate. A inal de contas, se partisse, poderia nunca mais vê-la.

– Kate, você é inesquecível e insubstituível. Não sou poeta, mas quem precisa manejar palavras se a mulher que ama é sua própria poesia?

Ela o beijou, mas estava ansiosa por sua resposta. E parecia que ele a estava dando de maneira subliminar.

– Você decidiu?

– Sim… – Fez uma pausa, depois completou. – Preciso tentar, Kate.

Ela ficou com os olhos cheios de lágrimas e não suportou.

– Não é uma atitude insana, querido?

– Talvez… Os loucos podem delirar… mas são mais honestos do que os que se consideram normais. – E nesse momento lembrou-se do estranho bilhete que aparecera lutuando no seu aposento. Acrescentou: – Depois de tudo o que vivenciei, preciso dar um sentido mais nobre à minha vida.

Não suportaria apenas discorrer sobre a História, preciso respirá-la.

– Há poucos dias comuniquei a você que estou grávida. Você foi às nuvens. Não me deixe, Júlio, nem a essa criança com que você sempre sonhou…

– Kate, jamais os abandonarei. Eu voltarei…

Sua esposa estava inconformada. Tentando dissuadi-lo ainda, disse:

– Tudo aqui é estranho, Júlio. As pessoas, esse projeto, essa máquina.

Nada é normal. Ouvi alguns cientistas dizerem em tom baixo que a máquina está cada vez mais instável. Ela o feriu…

– Será que nem você crê em mim? Não foi a máquina que me feriu!

Foram policiais que encontrei na viagem…!

– Acalme-se, querido…

Ela colocou as mãos sobre o ombro dele, tentando relaxá-lo.

– Não espero que você me compreenda Kate, apenas… apenas… – Não completou a frase, expressou outra: – *Estou sendo fiel à minha consciência…*

Quem não é iel à sua consciência tem uma dívida impagável consigo mesmo.

Não quero morrer com essa dívida.

Logo em seguida, percebeu que fora ríspido:

– Desculpe meu tom de voz, ando muito tenso. Mas não esqueça jamais que eu te amo… Eu prometo. Eu voltarei.

Ela pensou: “Como?”. Em seguida balbuciou:

– Eu também te amo…

Respirando profundamente, o professor pegou o interfone, ligou para a equipe e deu a sua resposta.

– Eu entrarei na Máquina do Tempo novamente.

Cientistas que eram sempre tão discretos izeram festa. Deram uma salva de palmas e em coro disseram:

– Esse é o cara!

Até os militares, sempre formais, quebraram o protocolo e revelaram incontida alegria.

Júlio Verne ainda acrescentou:

– Preciso aprender algumas técnicas de lutas marciais. Bem como ter armas mais poderosas.

Seu pedido foi atendido. Teve mais duas semanas para se preparar.

Treinou à exaustão, cerca de dez horas por dia, com os melhores lutadores do Exército. Também aprendeu a usar armas pequenas, mas de grande

eficácia.



CAPÍTULO 8

A SEGUNDA VIAGEM NO TEMPO

Primavera de 1942

No momento programado, Júlio Verne fez o mesmo ritual. Desceu pelo imenso elevador e realizou os mesmos procedimentos para entrar na Máquina do Tempo. Todavia, duas horas antes, num ambiente completamente, silencioso, tentara se ixar nos pontos de mutação da história que queria atingir. Pensara em Hitler como simples soldado na Primeira Guerra, no Putsch da Cervejaria de Munique, no período de formação do partido nazista, no candidato derrotado ao cargo de chanceler. Em posição de meditação, tentara recapitular a história, senti-la, respirá-la.

Logo antes de entrar na Máquina do Tempo, fez mais alguns exercícios mentais para recordar esses pontos vitais. Precisava dirigir a viagem tempo-espacial. Era um sonho, um delírio, um pesadelo…

Tudo escureceu novamente. Ouviu um grande estrondo. Parecia que seus tímpanos iriam estourar. Pior do que da primeira vez, teve uma sensação de morte. O coração batia forte e intensamente. Como um bebê expulso do útero, fora lançado para algum lugar do passado. Estava confuso, assustado, teve vontade de gritar, chorar, mas não podia respirar.

Sentia-se imerso em um líquido. Voltando à plena consciência, percebeu que estava mergulhado n'água, a quatro metros da superfície.

Desesperado, debateu-se e sentiu as mãos tocarem algumas paredes laterais. Estava num túnel de água. Tentou encontrar a super ície e emergir. Achou que não ia conseguir. Seus pulmões pareciam que iriam estourar. Quando já não suportava a falta de oxigênio, inalmente colocou a cabeça para fora d'água e respirou como um asmático profundamente asfixiado que reencontra ar.

– Aaahhh! Onde estou?

Agarrou uma corda cuja ponta estava amarrada a um balde. Estava num poço! Sentia-se tão sem energia que não conseguia se recompor para escalar a cisterna. Subia um metro e caía. Subia dois metros e novamente despencava.

Olhou para o alto e viu o ambiente iluminado. Pela luz do sol e pela temperatura da água deduziu que pelo menos não era inverno. Gritou, pedindo ajuda. Mas nada, ninguém aparecia. Procurou descansar. Uma hora depois reuniu forças para de novo tentar sair. O poço tinha 7 metros de profundidade e 1,20 metro de diâmetro. Logo que escalou metade dele, ouviu gritos. Aquietou-se e tentou calibrar sua audição.

– "Será que são nazistas?", perguntou-se em pensamento.

Mas de repente os sons abrandaram sua ansiedade e tornaram-se música para seus ouvidos. Eram crianças brincando. Pareciam felizes, livres, soltas, correndo sem medo. Sorriu. Animou-se a terminar a escalada.

Ficou tão eufórico que não conseguia se equilibrar. Usava os braços para erguer-se com a ajuda da corda e os pés na parede do poço como apoio.

Quanto estava a um metro da super ície, a velha corda rompeu-se. Caiu, bateu as

costas na lateral do poço e a cabeça no balde. Ferido e sem local para se apoiar, iria se afogar. A Máquina do Tempo produziria uma morte precoce.

Subitamente uma menina aparentando uns 8 anos, Anne, ouviu o barulho, aproximou-se do poço e gritou.

– Tem alguém aí?

– Tem, sim! Por favor, ajude, estou me afogando!

Ela levou um susto com a resposta e desapareceu. Júlio Verne, quase sem força para boiar, estava para imergir. Quando ia se entregar, eis que uma pequena boia foi atirada para baixo. Ele a agarrou como o mais imprescindível e valioso objeto do mundo.

Agora um menino, Moisés, de 10 anos, colocou a cabeça dentro do poço e gritou:

– Aguente firme! Vamos tirá-lo daí.

Um minuto depois o menino chegou com o pai e a mãe. Ambos estavam ofegantes pela corrida. O pai indagava, perturbado, como alguém podia ter caído no antigo poço, raramente utilizado pela família.

Para resgatá-lo, jogou-lhe uma corda. E ele, seus dois ilhos, sua esposa e três idosos alemães que chegaram em seguida lentamente puxaram Júlio Verne. Quando este apontou a cabeça para fora, viu que a cabeceira do poço era construída em forma de margarida.

Júlio Verne se agarrou nas pétalas mas, debilitado, mal conseguiu se segurar. Sentiu que iria cair novamente. Os que o haviam puxado rapidamente deixaram a corda e o agarraram pelas mãos e, com muitíssimo esforço, o retiraram. Não foi dessa vez que fechou seus olhos para a vida, mas o pior estaria ainda por vir.

O professor, após ser socorrido, estava tão fatigado que icou prostrado no chão. Seu tórax movia-se rápida e intensamente. Tossia e expelia a água que engolira. Procurava oxigênio para se reabilitar. Exausto, como muitos quase afogados, não tinha condições de falar. Surpreso, o pai, que se chamava Abraham, observou o homem com um uniforme nazista. “Será um desertor?”,

pensou. Ansioso, rapidamente o levantou e, apoiando-o, o conduziu para dentro de casa.

– Ninguém viu nada – disse para os ilhos, a esposa e para os idosos amigos que o ajudaram. Todos entenderam o recado. Depois chamou à parte sua esposa e recomendou tacitamente: – Não fale nada com o estranho, pois tudo o que disser pode nos comprometer. Apenas cuide das feridas dele.

Rebeca, sua esposa, também entendeu as ordens. Um marido não devia dar ordens a sua esposa a não ser nas relações doentes, mas eram tempos de guerra. A gentileza, nutriente fundamental das relações felizes, dera lugar às frases curtas carregadas de tensão e cobranças.

O professor estava no quarto de visitas deitado sobre uma confortável cama. A casa em que se encontrava era uma mansão. Abriu bem os olhos e observou admirado os desenhos dos vitrais, bem como os lustres de cristais e o acabamento de madeira que contornava o teto. “Esse homem não tem o biótipo de um ariano clássico, mas deve ser um alemão riquíssimo”, pensou. “Talvez seja um empresário ou um banqueiro.”

Rebeca colocou-lhe uma faixa apertada sobre a região torácica, para

diminuir sua dor. O professor gemia durante o tratamento. Ela pensou que o estranho podia ter quebrado ou trincado algumas costelas.

– Em que ano estamos? – Júlio Verne se arriscou a perguntar.

Rebeca achou estranhíssima a pergunta. Optou pelo silêncio. Ele insistiu, indagando de novo. Mas seguindo a recomendação do marido, ela apenas disse:

– Precisa se recuperar. Não gaste energia com perguntas.

– Desculpe-me. Qual é o seu nome? – indagou Júlio Verne.

Mas nenhuma resposta obteve.

Quinze minutos depois o marido dela reapareceu, parecendo preocupado com as feridas do estranho e mais ainda com sua identidade.

– Bom dia! Eu sou Abraham.

Em seguida os filhos, curiosos, também vieram:

– Eu sou Moisés

– E eu Anne. Prazer em conhecê-lo.

O dr. Abraham Kurt era um advogado muito bem–sucedido, especialista em direito penal e militante dos direitos humanos da Alemanha. Mas tinha um grave problema, era judeu. Morava numa ampla e arborizada casa num distrito de Frankfurt. Anne e Moisés eram seus adoráveis ilhos.

Tinham sido proibidos de frequentar a escola e não entendiam os reais motivos dessa exclusão, mas seus pais evitavam explicar-lhes o inexplicável.

De repente, ao ouvir o nome das crianças, o professor abriu as comportas da sua memória. Começou a ter lampejos de imagens mentais que o perturbaram. Parecia que já conhecia aquele ambiente. Mas estava confuso, não conseguia organizar suas lembranças e suas ideias. Procurou gerenciar seu estresse.

– É um prazer também conhecê-los e muitíssimo obrigado por terem me salvado – falou e contraiu a face de dor, pela pequena mudança de posição.

– Qual seu nome?

– Meu nome é Júlio Verne.

– Ah! Você é o homem que dá volta ao mundo em oitenta dias! – disse o dr. Abraham, lembrando-se do escritor francês Júlio Verne. Tentava descontrair o ambiente.

– Pois é, sou um viajante do tempo – brincou o professor.

– Você é um oficial da SS?

Essa pergunta detonou o gatilho da memória do Júlio Verne. Se o

an itrião sabia o que o uniforme representava, certamente tinha voltado nos tempos do nazismo. Sentiu um frio na espinha dorsal. A Máquina do Tempo novamente funcionara. Esboçou um sorriso, mas em seguida icou deveras apreensivo. Tentando se controlar, itou os olhos de Abraham e perguntou-lhe:

– Qual a razão da pergunta? Você admira a polícia secreta de Hitler?

– Ela presta um grande serviço ao *Führer* – falou Abraham, tentando desconversar. Em seguida fez um sinal com as mãos para todos os demais saírem do quarto.

– Sem dúvida! Sem ela a grande Alemanha não estaria de pé.

– Desculpe-me a pergunta. Como caiu no poço? Você é um desertor?

O professor gelou. Se ele pensava assim, esse homem que falava um alemão impecável provavelmente já o denunciara.

– Novamente, qual é a razão de sua pergunta? Você apoia desertores? –

retrucou Júlio Verne, usando mais conversas subliminares.

– Apoio a justiça… os direitos humanos… Sou advogado – disse o an itrião com um nó na garganta e a voz embargada, sintomas comuns de quem está em crise de ansiedade.

Júlio Verne achou estranha sua perda de espontaneidade. Respondeu:

– Caí no poço porque andava pelos jardins procurando por judeus. Ao olhar ixamente dentro do poço, escorreguei na margarida de concreto e caí.

O dr. Kurt quase perdeu a voz. Mas como sempre fora um advogado ousadíssimo, elevou o tom de voz e tentou se recompor:

– Você acha que os judeus devem ser exterminados? Por quê? Que mal eles fizeram à sociedade alemã?

Júlio Verne sentou-se na cama com di iculdade. Sacou sua arma, que não sabia

sequer se ainda funcionava, depois de estar mergulhada no poço.

– Você acredita que os judeus são seres humanos iguais aos alemães!

– Sim… Acredito… – a irmou o dr. Kurt, o suor pingando da testa, mas não abriu mão da sua honestidade e consciência. Ao mostrar que não se intimidava na sua própria casa, acabou com as dúvidas do professor sobre sua honestidade.

Os ilhos, que estavam escondidos atrás da porta e que ouviram tudo, começaram a chorar. Num ímpeto, entraram novamente no quarto e imploraram:

– Por favor, nós o salvamos!

Sorrindo, o professor pediu um abraço. A menina, Anne, sem entender nada, o abraçou. Faria tudo para preservar a vida do pai. Júlio Verne verteu lágrimas. Em seguida estendeu sua mão direita para o dr. Abraham Kurt e o cumprimentou.

– Muito prazer, eu sou um ser humano. Eu também sou judeu!

Abraham ficou felicíssimo. Apertou suas mãos.

– Nós também somos judeus – a irmou Moisés. E abrindo um largo sorriso, também abraçou o estranho.



CAPÍTULO 9

O QUE FIZERAM COM OS FILHOS DA

ALEMANHA?

Quando Júlio Verne se apresentou como ser humano e afastou a ameaça que pairava por trajar a veste de um o icial da SS, Rebeca fez uma expressão de alegria, exclamou uma saudação judia que quer dizer “paz”.

– *Shalon*! Deus é bom! Mas se acalmem, crianças. O senhor Júlio Verne está ferido.

Todavia, Júlio Verne, curioso, indagou para o casal.

– E os três idosos que nos ajudaram? Não eram alemães?

Rebeca era uma notável enfermeira, especialista em traumas ortopédicos, mas havia seis anos, quando os tentáculos do nazismo passaram a controlar todo o tecido social, deixara de exercer sua pro issão, pelo menos em hospitais. Generosa, passara a cuidar gratuitamente da vizinhança germânica e, em especial, dos jovens feridos na guerra. Gentil, afetiva e hipersensível, vivia a dor dos outros e ficava horrorizada em ver o que tinham feito com os ilhos da Alemanha, o país em que nascera e que sempre considerara seu, embora ultimamente nele viesse se sentindo um corpo estranho.

A dócil enfermeira não entendia por que os caprichos de um homem, Adolf Hitler, levara uma nação ao caos. Jovens de todas as idades, inclusive adolescentes, eram alistados cada vez mais novos nas Forças Armadas.

Percebia que eram considerados apenas números no *front*, e não seres humanos de inigualável complexidade. Nem sabiam a verdadeira causa pela qual lutavam. “Serviçais não podem pensar”, essa era uma das teses de Goebbels, o ministro da Propaganda nazista.

O medo de morrer sempre foi mais racional do que o heroísmo, mas ele é demonizado em tempos de guerra. Por ouvirem frases de efeito de que a nação estava em risco, os alistados eram constrangidos a dar seu sangue sem pensar. Todos os ditadores usavam essa tática, embora não conhecessem os mecanismos mentais que a sustentavam. Não sabiam que em situação de altíssimo risco fecha-se o circuito da memória, o que leva o

“Eu”, que representa a capacidade de escolha, a não ter acesso a milhares de janelas com milhões de informações no córtex cerebral para dar respostas inteligentes em situações estressantes, o que, por sua vez, facilita o adestramento da mente humana. Milhões de jovens alemães foram adestrados para obedecer a ordens e não raciocinar, um mecanismo sutil que tem se repetido em outras nações.

Hitler e Goebbels, espertíssimos, além dessa tática, usaram o seu reverso. Por um lado reforçavam a ideia do sentimento de ameaça e de humilhação por terem perdido a Primeira Guerra e serem submetidos às penosas condições do Tratado de Versalhes, por outro vendiam a tese de que a nação estava destinada a ter supremacia mundial. O marketing que lutuava entre o céu e o inferno, a humilhação e a exaltação, a insegurança e o poderio militar era devastador no inconsciente coletivo, entorpecendo a consciência crítica. Não apenas drogas viciam, mas o marketing de massa também.

A paranoia de Hitler de dominar a Europa, inclusive o Leste europeu e a Rússia, levava a frequentes campanhas suicidas. Hitler era um irresponsável com seus jovens, embora seus ataques-relâmpago funcionassem temporariamente. Soldados pobres, feridos nessas campanhas, retornavam para suas casas sem assistência do governo. Na região de Frankfurt, não poucos foram cuidados por Rebeca.

Quando Júlio Verne perguntou sobre a identidade dos três idosos que o ajudaram a tirá-lo do poço, ela mesma respondeu.

– Eles são alemães e são meus pacientes. Sou enfermeira. – Acrescentou:

– Hitler silenciou a voz da maioria dos alemães, mas não calou a

sensibilidade de alguns.

O dr. Kurt estava fascinado em encontrar um judeu. Pensava que todos já tinham sido deportados.

– Não sabia que ainda havia outros judeus na região de Frankfurt.

– Por que você diz isso? – indagou ansioso o professor. Em seguida, caindo em si, novamente desejou ardentemente saber em que ano estava.

Mas antes de fazer a pergunta, o dr. Kurt deu-lhe uma informação que lhe atravessou a mente como uma adaga.

– Porque os judeus que não foram mortos foram deportados para a Polônia.

Caiu o semblante de Júlio Verne. O dr. Kurt, pela ausência de informação, não sabia que na Polônia estava instalada a maior indústria de destruição humana da história. E essa máquina mortífera não apenas eliminava judeus, mas também eslavos, marxistas, poloneses, ciganos, políticos opositores e outras minorias.

– Oh, meu Deus, não! Em que ano nós estamos? – perguntou ofegante.

O dr. Kurt olhou para a esposa, achando que Júlio Verne estava mentalmente confuso.

– Não sabe que estamos em maio de 1942? – disse a pequena Anne.

– Oh! Não…! Não…! Não é possível! Estou adiantado novamente no tempo – falou inconformado o professor.

– O que você quer dizer com isso? – indagou o advogado.

Júlio Verne não tinha ânimo para responder. Sua missão novamente estava praticamente fracassada. O holocausto já havia se iniciado. Perdera a oportunidade de encontrar os pontos de mutação da história, de interferir nos grandes eventos que alterariam os destinos da Segunda Grande Guerra.

– Por favor, o que você quer dizer com “estou adiantado no tempo”? –

insistiu o dr. Kurt.

Inconsolado, Júlio comentou com a voz embargada pela frustração:

– Eu sou um professor. Sou especialista em dar explicações… Mas se lhes explicar o que faço aqui vocês não entenderão…

– Tente. Se não tentar nunca saberá se somos ou não capazes de entendê-lo – falou pacientemente Rebeca.

– De que escola você veio? Onde você mora? – perguntou o garoto Moisés.

Completamente desanimado, o professor falou duas frases sem escolher

as palavras.

– Vim do futuro, do século XXI, com a missão de mudar a História. Sou um fracassado viajante do tempo.

O an itrião novamente olhou para a esposa e ilhos e fez um sinal para não julgá-lo.

– Que legal. Um viajante do tempo, papai – disse Anne.

Para o dr. Kurt, entretanto, aquela resposta apenas con irmava sua suspeita. Era quase impossível não ter uma mente perturbada diante das atrocidades do nazismo. Certamente aquele pobre homem tivera seus sonhos, pro issão, família e seu sentido de vida mutilados. Medo e solidão deviam fazer parte diária do seu cardápio emocional. Era um crime exigir dele um raciocínio lógico.

Enquanto o dr. Kurt tentava entender a miserabilidade psíquica de Júlio Verne, este foi subitamente iluminado sobre sua viagem no tempo.

Conseguiu reorganizar a memória e resgatar lembranças. A energia mental de um de seus pesadelos guiara novamente a máquina do tempo. Sabia onde estava e quem eram aqueles personagens. Surpreendeu o chefe da casa.

– Você disse que é um advogado… Eu sei que é um perito em direitos humanos e com fama internacional.

– Como você sabe disso? Já foi um dos meus clientes?

– Não – disse o professor. – Mas também sei que sua ilha tem oito anos e seu filho dez.

– Mas isso não é difícil de concluir – interferiu a mãe.

– Seu pai, Rebeca, se chama Isaías e foi um comerciante de tecidos em Berlim, antes de se mudar para Frankfurt. Você tem um casal de irmãos.

– Como você sabe disso? – questionou ela, surpresa.

– E você, doutor Kurt, tem três irmãs, uma mora na Inglaterra e as outras duas foram deportadas em 1940.

– Não é possível!

– Você escreveu três livros e um está semi-acabado, mas foi furtado pelos nazistas há exatos… deixe-me fazer as contas… há exatos seis meses.

– Não, há dez meses – comentou o advogado, impressionado com a riqueza de detalhes que Júlio Verne conhecia.

O professor se corrigiu e, em vez de clari icar a mente deles, os perturbou mais ainda:

– Espere um pouco. Você tem razão, em meus pesadelos estive aqui em

janeiro de 1942 e não em maio. Portanto com cinco meses de diferença.

– Pesadelos? – indagou Rebeca, rubra e ansiosa.

Júlio Verne pediu para as crianças saírem, pois tinha coisas para revelar que não era lícito às crianças ouvirem.

O dr. Kurt novamente icou apreensivo. Fez um sinal e seus ilhos foram para o jardim.

Júlio Verne então contou sobre sua incrível história, o Projeto Túnel do Tempo e sua inimaginável missão: varrer Hitler da face da Terra.

O dr. Kurt e Rebeca não sabiam se riam ou se choravam, estavam inseguros. Mas a riqueza de detalhes que Júlio Verne sabia revelava que ele não era daquele mundo, pelo menos do mundo dos normais. E, apesar de tudo parecer loucura, eles pelo menos não estavam completamente desamparados. Havia um "maluco" disposto a eliminar o maior louco da história, o ditador da Alemanha.

Em seguida o professor mostrou algumas de suas armas eletrônicas, com construção de imagens em 3D. Foi então que o casal percebeu que Júlio Verne tinha uma tecnologia que jamais pensaram que existia. Após convencê-los razoavelmente, ele comentou:

– Há outras famílias judias em Frankfurt e seus arredores e os nazistas os estão caçando como ratos. Em breve baterão à sua porta e os deportarão para um campo de concentração. Sua fama, seus serviços, seu conhecimento de nada adiantarão. Que dia é hoje?

– 23 de maio!

– Meu Deus. A Máquina pode ter distorcido o mês, mas não o dia e a hora. Os nazistas provavelmente baterão nesta casa amanhã às 10 da manhã.

O casal ficou taquicárdico.

– Sinto muito, mas Anne e Moisés serão separados de vocês. A não ser que façamos algo que rompa o cárcere dos eventos históricos… – O

professor então completou seu pensamento elevando o tom de voz: – Por

favor, partam! Partam o mais breve possível!

– Mas como ter a certeza disso?

– Partam! Por amor às crianças, não percam tempo! – bradou Júlio Verne, descontrolado.

– E partir para onde? A Alemanha tornou-se um quintal do nazismo e somos completamente estranhos nesse ninho.

– Você bateu a cabeça muito forte, Júlio Verne – falou a enfermeira,

Rebeca. De fato havia um “galo” ou edema na região occipital, na parte de trás do crânio. – Seu trauma craniano talvez o tenha deixado confuso. – E

Rebeca imediatamente saiu do quarto. Não queria viver mais aquele clima.

Júlio Verne estava fazendo terrorismo psicológico.

O dr. Kurt relaxou após o comentário da esposa sobre o trauma craniano do forasteiro, achando que ela podia estar certa. Não deveria comprar aquela paranoia de viagem no tempo, pois uma crença errada e uma atitude incorreta poderiam colocar em risco a sua família. A inal de contas, havia anos estavam estáveis em Frankfurt, embora vivessem com grandes dificuldades financeiras. Era melhor deixar o hóspede descansar.

No corredor, ele e Rebeca trocaram um breve diálogo.

– O estresse social e o trauma ísico estão produzindo essas ideias de perseguição de Júlio Verne. Não é possível que seja de outro mundo – disse ela a Kurt. – Conheci vários judeus com esses sintomas.

– Mas as informações que ele possui são inacreditáveis! – afirmou ele.

– Eu sei. Não tenho resposta para isso. A Alemanha virou um hospício e parece que eu, você, os alemães, o professor, enfim, todos enlouquecemos.

Júlio Verne entendeu a reação do casal. Não dava para exigir muito deles. A Alemanha tornara-se um hospício coletivo. O fantasma do medo gerava pesadelos noturnos e os vampiros da SS produziam assombros diurnos.



CAPÍTULO 10

UMA FAMÍLIA DESTRUÍDA

O dr. Kurt, sentado no sofá, tentava relaxar lendo textos do ilósofo alemão Immanuel Kant, sobre a crítica da razão pura. Para Kant, que nascera em 22 de abril de 1724 na pequena Königsberg, não existia o “objeto em si”. O

objeto é fruto da experiência (*a priori*). Os objetos, portanto, são fenômenos percebidos pelo intelecto e sujeitos a um delicado processo de interpretação que, por sua vez, é in luenciado por fatores sociais, culturais, emocionais(9).

Como brilhante advogado que era, o dr. Kurt procurava aplicar os conceitos de Kant nas ciências jurídicas, demonstrando que a discriminação e a exclusão sociais feriam dramaticamente os direitos humanos. Eram frutos, fossem quais fossem os argumentos, de uma distorção doentia do processo de interpretação. Ele cria, tal qual o professor Júlio Verne, que quem não respeitasse os diferentes não seria digno da maturidade psíquica.

Todavia, contrariando o pensamento de Kant, os nazistas determinavam que a verdade era absoluta e não um fenômeno da experiência, o que perturbava muitíssimo o dr. Kurt. Para Hitler e seus discípulos, a verdade existia fora da mente humana e não era fruto desta. Em especial para o

ideólogo nazista Alfred Rosenberg, a mente apenas captava a realidade, era uma expressão desta. Esse argumento ilosó ico havia preparado o caminho para o terrorismo.

Se para os nazistas a verdade era inquestionável, “a coisa em si”, e não fruto de uma interpretação e, portanto, não sujeita a distorções, uma vez que eles, os nazistas, determinaram que os arianos eram uma evolução da espécie humana e os judeus e outras minorias eram raças inferiores, os superiores deveriam eliminar os inferiores. Essa tese absurda e irracional tornara-se uma verdade irrefutável para eles. Uma “verdade” que passara a ser proclamada em escolas, universidades, shows, peças teatrais, cinema, rodas intelectuais e, em especial, nas rádios, por meio de uma propaganda massificadora.

Os arianos saíram do complexo de inferioridade, de um estado de contração da autoestima pela perda da Primeira Guerra Mundial, para um salto irracional de superioridade, considerando-se predestinados primeiramente a dominar o teatro da Europa e depois o palco mundial e, assim, estabelecer uma nova ordem geopolítica e geocultural.

Se todos os seres humanos estudassem a última fronteira da ciência, o mundo onde nascem os pensamentos, a humanidade nunca mais seria a mesma. Ficariam perplexos ao descobrir que o processo de construção de pensamentos passa em milésimos de segundos por um complexo sistema de encadeamento distorcido, capitaneado por múltiplas variáveis, entre elas o estado emocional do interpretador (como estou), seu ambiente motivacional (o que desejo), o tipo de personalidade (o que sou) e o ambiente social (onde estou). A verdade, portanto, é um im inatingível.

Mas não para os líderes nazistas. Eram meninos no poder que criam que o ato de pensar deles incorporava a verdade absoluta. Ninguém podia mais ter opinião própria na Alemanha nazista. E a terrível polícia SS, bem como a SA e a Gestapo, sempre onipresentes, garantiam esse silêncio mordaz.

Nenhum ser humano é proprietário da verdade, seja um pai, um professor, um político ou um executivo. Nós só podemos contribuir com o outro quando o respeitamos e o ensinamos a se respeitar, a ser autônomo, a ter opinião própria e pensar criticamente. E sequestrar esses direitos é a base para se estabelecer uma ditadura. Toda ditadura esmaga a tese de Immanuel Kant, legitima a agressividade contra os inimigos do regime e abole o sentimento de culpa. As ideias dos ilósofos alemães estavam nos livros empoeirados, mas a ideologia nazista conquistou a alma de muitos.

Infelizmente mesmo nas democracias maduras há microditaduras,

inclusive em ambientes insuspeitos. Em algumas universidades, religiões, partidos políticos, condena-se a autonomia de maneira velada ou subliminar. Quem tem opinião própria ou pensamento crítico ou diferente sofre punições. Há milhões de casais que vivem debaixo de uma microditadura, levada a cabo pelo ciúme excessivo, a necessidade neurótica de controlar o parceiro ou a parceira, a di iculdade doentia de reconhecer erros e de pedir desculpas. O *Homo sapiens*, quando não sabe se colocar no lugar do outro e não pensa antes de agir, comete atrocidades de dar inveja aos mais ferinos predadores.

O dr. Kurt, pelos seus livros e pela fama internacional de defensor dos direitos humanos, fora preservado até ali das garras do nazismo. Mas não deixava de ser judeu e, como tal, sua eliminação era uma questão de tempo. Sabendo disso, advogados de diversos países escreviam para as embaixadas alemãs pedindo notícias de seu paradeiro. A pressão internacional o havia mantido vivo até agora. Não o mataram isicamente, mas assassinaram sua liberdade… "Se não me matam o corpo, mas me matam a liberdade, matam o sentido fundamental de existir. Logo, não estou vivo…", ele dizia para si.

Enquanto se concentrava na leitura dos textos de Kant, detonou um gatilho psíquico, abriu uma janela em sua mente com alto volume de tensão e que inanciou uma preocupação angustiante. "Se Júlio Verne é um judeu, se está trajando um uniforme da SS e está fugindo da polícia… Se o encontrarem aqui, os nazistas terão todos os motivos para eliminar minha família ou no mínimo deportá-la para um campo de concentração. A previsão sombria que ele fez da minha família se cumpriria, mas não por minha causa, e sim por causa dele!", pensou. Parecia uma profecia, mas não a de um louco, e sim a de um homem que amava seus filhos e esposa.

Precisava colocar Júlio Verne para fora da sua casa de alguma forma.

Começou a olhar paranoicamente para a rua a cada dez minutos, para ver se a policia se aproximava. Não conseguia relaxar minimamente. Pediu para as crianças se aquietarem e, depois, suplicou a Júlio Verne para não dar as caras nas ruas ou no jardim por enquanto. Jantaram sem muito barulho. Mas a pequena Anne quebrou a rotina.

– Júlio Verne, eu adoro ir à escola. Mas judeus não podem mais frequentá-las… Certa vez eu tentei…

– Eu também – comentou Moisés, interrompendo-a. – Fugimos de casa e fomos à escola. Mas os professores, que antes nos admiravam, nos expulsaram. Colegas com os quais brincávamos, zombaram de nós. Dois

cuspiram em meu rosto, falando “O que você faz aqui, judeuzinho? Aqui não é chiqueiro…”

Até alguns pré-adolescentes já tinham sido contaminados pelas

“verdades” absolutas do nazismo. Um menino de 12 anos tinha feito Anne tropeçar. Ela sangrara nos joelhos e começara a chorar, e fora socorrida por algumas meninas.

– Ainda tenho amigas que gostam muito de mim – contou a pequena Anne, que mal começara a vida e já sentia o amargo sabor de um dos maiores conflitos humanos: a exclusão social.

Júlio Verne icou sem palavras. Não conseguia consolá-los. Moisés expressou sua indignação:

– Não entendo. Que crime nós cometemos? – falou, não apenas como um garoto, mas como filho de um advogado.

– Eu já lhes disse. Não culpe seus colegas, ilho. Hitler é culpado – disse a mãe.

– Abaixe o tom, Rebeca – recomendou o dr. Kurt. Hitler era um nome proibido de se dizer nos lares judeus.

– Professor, conte-nos algumas histórias que você viveu no futuro –

pediu Anne, crédula e ansiosa.

– Não, filha, Júlio Verne está cansado. E já é hora de dormir.

Mas delicado, embora abatido, o professor, disse um “tudo bem” para o dr. Kurt e arriscou-se a alegrar o ambiente.

Escolheu não uma história do seu tempo, mas uma piada que Rodolfo, seu amigo doente mental, lhe contara. Três amigos naufragaram e icaram presos por muitos meses numa ilha no meio do oceano. Eram um judeu, um inglês e um alemão. Estavam morrendo de fome e de sede. De repente, apareceu uma garrafa. Desesperados, eles a abriram, e subitamente, dela surgiu um gênio. Todos se assustaram. O gênio era desequilibrado, impaciente. Logo disse que realizaria apenas um desejo de cada um dos miseráveis da ilha.

– O judeu pensou, re letiu, parou… e por im pediu para ir para um hotel cinco estrelas em Nova York, cheio de garçons, carne de carneiro, frutas tropicais e outras coisas. O gênio realizou seu pedido e ele desapareceu. O

inglês, depois de muito analisar, pediu para ir para uma mansão em Londres, com uma adega cheia de vinhos e também comida em abundância. Quando chegou a vez do alemão, ele icou muitíssimo aborrecido por seus amigos terem se esquecido dele. Possuído de raiva,

disse ao gênio: "Traga os dois de volta para esta ilha e os transforme em meus empregados".

E todos deram risada da estupidez do alemão da piada, inclusive o dr.

Kurt, que então comentou:

– A Alemanha tinha tudo para brilhar social, educacional e tecnologicamente no teatro internacional, mas sob o controle de uns tolos fez tudo errado. Esta não é uma nação de sociopatas. Parafraseando Rousseau: *Os alemães nasceram bons, os nazistas os contaminaram.*

A tese do ilósofo Rousseau é que o homem nasce bom, mas a sociedade o corrompe(10).

– Nas mesmas condições sociais, que nação não se contaminaria com esse vírus? – indagou a enfermeira Rebeca.

Anne não entendeu nada do que os pais disseram, mas, esperta, comentou:

– Se eu encontrasse o gênio pediria para todas as crianças frequentarem a escola e serem muito felizes.

– Muito bem, Anne – aplaudiu Júlio Verne.

– Mas é hora de dormir. Vamos, crianças – disse o dr. Kurt, levantando-se da mesa.

Nenhuma anormalidade parecia haver naquela noite, a não ser na mente do dr. Kurt. O brilhante advogado teve pesadelos. Acordou ofegante às 2, às 3 e às 5 horas da madrugada. Via-se sentenciado à morte.

Júlio Verne também teve o sono entrecortado.

Como Anne e Moisés icavam en iados o dia inteiro em casa ou no máximo brincavam nos jardins da casa, eles acordavam cedo, ansiosos para fazer algo para superar o tédio. Foram ao quarto de Júlio Verne antes do magérrimo café da manhã, que raramente tinha um pedaço de pão, torta ou bolo. A família não estava num campo de concentração, mas devido à dieta de baixa caloria todos já haviam emagrecido. O dr. Kurt perdera dez quilos, Rebeca oito. Anne e Moisés, embora estivessem em fase de crescimento, emagreceram três quilos cada um.

Anne levou uma folha em branco e pediu que o professor izesse um desenho da sua face, embora ele fosse um péssimo caricaturista.

– Não sou tão feia assim, professor – reclamou Anne depois do desenho pronto.

– Não mesmo! Você é linda! Mas vamos arrumar seu nariz.

– Arrume também meus olhos! Estão muito fechados. Pareço uma

chinesa.

– Ah! Claro.

– Professor, conte-nos mais histórias – solicitou Moisés.

Júlio Verne não estava animado. Sua emoção tensa tornava estéril sua mente. Preso em suas preocupações, não conseguia deixar de pensar no que em breve poderia acontecer com o futuro dessas crianças. Mas aos poucos relaxou e sentiu que deveria fazer Anne e Moisés felizes pelo máximo de tempo possível, ainda que fossem horas ou dias…

De repente, bateram à porta central da sala fortemente. Pareciam querer arrombá-la. Júlio Verne, recordando seu pesadelo, lembrou-se de que os nazistas invadiram a casa quando todos estavam tomando café.

Será que a máquina do tempo produzira outras distorções?, pensou aflito.

As crianças foram para a sala, pois o quarto delas icava na parte de cima do sobrado. O pai fez-lhes um sinal e elas rapidamente entraram num armário embutido na parede. O espaço era tão pequeno que não caberiam dois adultos ali. E, se não se prestasse bem atenção, não se veria que era um armário, pois não havia maçanetas externas, dando a impressão de que era a continuidade da própria parede.

Júlio Verne, advertido pelo dr. Kurt, também se escondeu. Trêmulo, o advogado abriu a porta. Rebeca tentou manter a calma, ingindo arrumar as almofadas do sofá estofado. Era um grupo de policiais da SS. Estavam caçando, aprisionando e deportando as poucas famílias de judeus que viviam escondidos na região, e a família do dr. Kurt estava na lista.

Também se achavam à procura de fugitivos. Em especial de um homem com farda da SS, pois tinham icado sabendo que um estranho frequentava a casa do dr. Kurt.

Por instantes, o advogado titubeou. Se falasse a verdade, Júlio Verne morreria. Se negasse e o achassem, sua família corria sérios riscos.

– Não sei do que estão falando – tentou desconversar.

– Onde está o fugitivo?

O dr. Kurt negou novamente e os instigou a procurá-lo. Vasculharam sala, quartos, cozinha e nada.

– E os filhos?

– Saíram – disse Rebeca visivelmente abalada.

– Saíram? Você está mentindo!

– Eles estão distantes, na casa de alemães amigos – afirmou o dr. Kurt.

– Alemães não são amigos de judeus!

E um dos soldados deu-lhe uma bofetada. O advogado caiu ao chão. Anne ouviu tudo e ficou aflita, mal conseguia respirar.

– Você nunca mais vai ver seus ilhos! Vasculhem a casa – o chefe da missão ordenou a cinco soldados. Mas nada encontraram.

Ao ouvir que seus pais seriam levados à prisão, Anne não suportou.

Moisés tentou tapar sua boca, mas ela começou a chorar. O medo da separação fechou o circuito da memória e seu mundo desabou. Esqueceu-se de todas as recomendações e treinamentos do pai para essa ocasião.

Abriu o armário e gritou:

– Mamãe, mamãe. – E correu para os braços de Rebeca.

– Que lindo! – disse o chefe da missão.

Alguns jovens policiais, arianos bem de inidos, deram gargalhadas.

Outros dois tentaram disfarçar o desconforto. Cumpriam ordens, mas sem prazer.

De repente, aos prantos, também saiu Moisés e abraçou seu pai.

– Soltem meu pai! Ele é um famoso advogado! – disse o menino.

– Um advogado famoso, meu pequeno herói. Estamos precisando dele num depósito de lixo. – E o militar lhe deu um pequeno empurrão.

Quando o dr. Kurt tentou reagir contra o policial que o maltratara, um deles apontou-lhe o fuzil e ele se aquietou. Todos foram levados para fora.

Os adultos foram colocados num caminhão apinhado de gente. Num outro caminhão o futuro da humanidade era transportado: crianças assustadíssimas, algumas chorando ininterruptamente tanto pelo medo quanto pela separação dos seus pais.

– Papai, mamãe! – gritavam Anne e Moisés antes de subirem no caminhão.

O dr. Kurt, quase sem voz, também gritava:

– Em breve nos veremos!

– Jamais esqueçam… Eu os amo. Eu os amo! – bradava a mãe em prantos. Foi uma cena emocionante.

Enquanto isso, no local em que estava escondido, Júlio Verne passou as mãos no chão e pegou um papel envelhecido que encontrou. Como havia uma fresta de luz, ele o leu. Novamente icou perplexo. Era uma mensagem dirigida a ele, supostamente escrita e assinada pelo famoso dr. Viktor Frankl.

Júlio Verne. Não desista da vida, pois ela nunca desiste de você. Busque um sentido para sua vida, mesmo que todas as células do seu corpo estejam morrendo. É a melhor maneira de icar

consciente e manter-se vivo.

Viktor Frankl.

O professor começou a sentir falta de ar. Ficou tenso, ofegante, taquicárdico. Queria sair para tentar proteger a família do dr. Kurt, mas sentia-se o mais covarde dos homens. Fora da casa o clima só piorava.

Quando os últimos policiais terminaram de fazer uma nova busca pelo forasteiro, o chefe da missão teve uma ideia tenebrosa. Gritou:

– Parem. Traga os pais. E aproximem as crianças.

O dr. Kurt, Rebeca, Anne e Moisés desceram do comboio e se aproximaram novamente.

– Muito bem, vocês amam papai e mamãe?

As crianças menearam a cabeça dizendo que sim.

– Se me disserem onde está o fugitivo, eu os solto. Mas se não me disserem, eu os mato. – E apontou a arma para a cabeça do casal de adultos…

Anne arregalou seus olhos saturados de lágrimas, seu irmão fechou os dele. Crianças que deveriam escolher sempre a vida, decidiriam quem deveria morrer…

Anne delatou o professor:

– Está debaixo da cama no quarto de hóspedes. No fundo falso. Mas ele é uma boa pessoa.

– Boa menina. Boa menina…



CAPÍTULO 11

O CAOS DE JÚLIO VERNE

Ao saberem onde provavelmente estava o forasteiro, quatro soldados viraram-se rapidamente para ir até o local. Mas não precisou, Júlio Verne já havia aberto a porta central da sala. Trajando uma farda de o icial da SS

com várias condecorações, ele desceu as escadas. O chefe da missão daria uma lição a todos os presentes. Ordenou o fuzilamento sumário do impostor ou traidor. O que menos importava era sua identidade. Mas o professor empostou a voz e, aos brados, disse:

– Sabe qual a pena por assassinar um oficial da SS?

E foi se aproximando. Todos ficaram atônitos com sua ousadia.

– Sabe como matamos impostores, seu canalha. – E o chefe do grupo

deu-lhe uma coronhada na cabeça. Júlio Verne quase caiu. – Matem-no!

– Himmler cortará seu pescoço. Pegue meus documentos e veja quem sou…!

Quando o ouviu citar Himmler, o temível e todo-poderoso da SS, o chefe da missão, que não era o icial, titubeou. Arrancou do bolso direito do uniforme do professor um papel de identi icação. À medida que o lia, icava assombrado.

A identi icação revelava: *Franz Josef Huber. Posto: SS-Brigadeiro-Führer.*

Nascimento 902. Número da SS: 107999. Condecorações: Cruz de Mérito de Guerra de Segunda Classe com Espadas; Cruz de Mérito de Guerra de Primeira Classe com Espadas; Espada de Honra da SS; Anel de Honra da SS.

Fritz, o chefe da missão, viu o anel de Honra da SS no dedo do professor; já ouvira falar que era uma peça valiosa. Ao analisar o documento, percebeu ser bem produzido. Não parecia um documento falso. Mas como explicar um homem escondido na casa de um judeu? Era di ícil dizer que o homem à sua frente era um o icial de alta patente, condecorado e, ainda por cima ariano.

– Você não me parece um ariano – comentou o policial Fritz. O seu número da SS era 433447. Entrara muito depois do suposto Franz Huber, o nome falso do professor. E diferentemente dele, nunca recebera uma condecoração.

Quando o professor ouviu que não parecia um ariano, partiu para o ataque. Num estado de fúria impressionante, gritou.

– O quê? Você julga um ser humano ariano pela aparência e não pela essência? Que absurdo! – E, como se quisesse debochar dele, a irmou: – O

Führer não tem aparência de ariano. Nunca notou? Goebbels, o ministro da Propaganda, é franzino e anda mancando. Tem ele aparência de ariano?

Intimidado, o policial icou inseguro. Nunca tinha pensado nisso, como milhões de jovens também jamais haviam re letido sobre o assunto. No fundo, nem sabiam por que estavam encenando essa peça de terror. Não

eram autônomos, não tinham opinião própria. Matavam judeus impiedosamente, eram mentes adestradas. Franz buscava uma medalha, ainda que fosse de segunda classe. Mas seu sonho era o Anel de Honra.

– Você só pode ser um desertor. O que faz na casa de um judeu?

O professor havia estudado as técnicas dos políticos do seu tempo:

“Nunca responda a perguntas diretamente, tangencie as respostas”.

– Não percebe que estou em missão especial? Sou um infiltrado.

– Como assim?

– Que absurdo! Você não teve técnicas de in iltração no seu treinamento? – E, observando o uniforme do policial de perto, indagou com desdém: – Nenhuma medalha?

– Ainda não!

– Vou recomendar. Mas voltando à sua pergunta. In iltrei-me na família de judeus por dois motivos, para descobrir seus ninhos e testar a idelidade e e iciência dos policiais da região de Frankfurt. Enquanto vocês

faziam esse arrastão, coloquei meu uniforme. Se não me achassem, denunciaria todos vocês por incompetência. Deixe-me ver seus documentos.

O chefe obedeceu à ordem. O professor olhou, colocou o documento contra a luz. Fez um sinal de descontentamento. O dr. Kurt, sua esposa e ilhos icaram perplexos. Estavam começando a acreditar que também haviam sido enganados pelo infiltrado.

– Um ariano puro da SS pode considerar sua missão estúpida, mas é um seguidor cego e fiel do *Führer* – disse o professor.

Os jovens policiais SS não entenderam se foram elogiados ou zombados.

– Já participei de encontros de segurança máxima com Heinrich Himmler *Chef der Deutschen Polizei*. Você conhece Himmler, Fritz?

Himmler era o todo-poderoso da SS.

– Pessoalmente não. Mas estudei sua biografia.

– Ah, ótimo. Então sabe que nosso grande líder nasceu dia 23 de maio de 1900, sendo apenas dois anos mais velho que eu. E morreu em 23 de maio de 1945.

O dr. Kurt engoliu em seco. Sentiu que ele não era um infiltrado.

– Morreu em 1945? Mas…

Júlio Verne estava tão acostumado com as datas do futuro que dera a data de morte de Himmler, alguns anos depois. O chefe da missão de novo ameaçou estourar seus miolos. Vendo-se em saia justa, Júlio saiu pela tangente.

– Parabéns, policial! Passou no teste. Vida longa a Himmler.

– Cite elementos da história de Himmler – incitou Fritz. Estava caindo na história do professor, mas agora começava a ficar novamente desconfiado.

– Está me testando, policial? Vou lhe calar a boca. Condecorações que Himmler recebeu: Ordem de Sangue número 3; Emblema de Ouro do Partido; Emblema de Honra da Juventude Hitlerista em Ouro com Folhas de Carvalho; Cruz de Tempo de Serviço da SS, 12 anos. E entre muitas outras decorações, há um mês, em julho de 1942, Himmler recebeu a Medalha Combinada de Piloto e Observador em ouro com diamantes.

O nazismo tinha uma farra de medalhas que seduziam os policiais. A simbologia não se restringia às suásticas estampadas em todos os estandartes da SS ou em suas braçadeiras, mas abrangia antigos ícones, como a Cruz de Ferro e a Cruz de Cavaleiro. A riquíssima simbologia de condecorações gerava no inconsciente coletivo a busca insaciável pela

premiação. A natureza do mérito era torpe, mas ser iel ao partido nazista, proteger a ideologia do *Führer* e disseminá-la no tecido social era o que importava, por quaisquer meios.

O líder da missão sabia dos detalhes que cercavam Himmler. Conhecia mais sobre seu chefe-mor do que sobre Adolf Hitler. Começou a ceder.

Pediu mais minúcias de seu ídolo. E Júlio Verne esbanjou conhecimento.

Comentou:

– Himmler nasceu em Landshut, Baviera, numa sólida e respeitável família de classe média. Seu pai era diretor de uma escola, um conservador. Himmler recebeu seu primeiro nome, Heinrich, em homenagem ao padrinho, o príncipe Heinrich da Baviera, de quem seu pai foi tutor. Aplaudiu a entrada da Alemanha na Primeira Guerra Mundial, mas só pôde se alistar em janeiro de 1918 como cadete o icial do 11º

Regimento de Infantaria. Dedicou-se até certo ponto aos estudos de agronomia. Filiou-se ao partido NSDAP, futuro partido nazista, em 1923.

Participou do golpe frustrado liderando uma coluna pelas ruas de Munique. Como era bem posicionado não foi preso, diferentemente de Hitler. Em 1925, tornou-se o icial local do Partido e começou a liderar uma minúscula SS em seu distrito.

O policial começou a pingar suor pelo rosto ao ouvir o relato de Júlio Verne. Era tudo verdade. O dr. Kurt e Rebeca se entreolharam. Se todas as informações estavam corretas, somente um fanático por Himmler poderia reuni-las. “Seria Júlio Verne um fanático por Himmler disfarçado?”, pensavam. Novamente ficaram desconfiados do professor.

Júlio Verne sabia muito mais coisas sobre Himmler, mas não podia contar tudo ao policial que o idolatrava, nem à pequena plateia que o ouvia, pois esse relato deporia contra o caráter do carrasco. Não podia relatar que Himmler não sofrera traumas, como Hitler sofrera, perpetrados por um pai austero e por ser excluído na adolescência da escola de Belas Artes de Viena. Apesar de não ter tido um corpo de estímulo estressante na infância, provavelmente fora superprotegido, não desenvolvera resiliência, capacidade de lidar com contrariedades, nem outras funções complexas da inteligência, como capacidade de pensar antes de reagir, de colocar-se no lugar dos outros e de expor, e não impor, suas ideias.

Himmler era inseguro, obsessivo, não era um brilhante orador como Hitler. Além disso, destilava três necessidades neuróticas: de poder, de cobrar os outros e de estar sempre certo (11). Se fosse competir numa sociedade civil normal, sem a proteção e as benesses que o partido nazista

lhe concedia, Himmler passaria despercebido, pois não tinha brilho próprio, era um intelectual medíocre. Mas sob a liderança da poderosa força paramilitar SS, tornara-se um carrasco de uma monstruosidade indecifrável. Seus subordinados tremiam aos seus pés. Tal como Hitler, era um homem mal resolvido emocional e socialmente, tinha complexo de inferioridade na juventude e, como muitas pessoas mal resolvidas nessas áreas quando assumem o poder, sentia ter-se tornado um deus, o poder o infectara, transformara seu complexo de inferioridade numa necessidade absoluta de controlar os outros. O poder para uma pessoa mal resolvida emocionalmente torna-se uma bomba. Por isso, a maioria dos líderes é indigna dele.

Himmler foi ao lado de Hitler um dos maiores carrascos da história da humanidade. Himmler pro issionalizou e industrializou a brutalidade contra minorias de um modo nunca visto. Sua psicopatia foi inimaginável.

Mas, para espanto da psiquiatria e da psicologia, Himmler era homem que não tinha em sua personalidade traumas que justi icassem ter se tornado um destruidor de massas. Porém, em uma análise crítica de sua biogra ia, percebe-se que não era autônomo e que, portanto, não tinha opinião própria nem consciência crítica da realidade(12). Não fora um psicopata em sua adolescência no sentido clássico, que feria sem sentir a dor do outro, mas sua mente, por não ser autônoma, fora adestrada pela ideologia racial do partido nazista que, inclusive, ele mesmo ajudou a criar.

– Estou impressionado com seus conhecimentos – expressou o policial da SS ao suposto Franz Josef Huber.

– Qual seu nome, mesmo, policial? – indagou com autoridade o professor.

– Fritz…

Nesse momento o professor olhou para o dr. Kurt, que, atônito ao ouvir as informações de Júlio Verne, não suportou. Com irme voz, o advogado comentou:

– Eu desconfiava que você não era nem judeu nem um desertor da SS!

– Descon iava, doutor Kurt? Eu estava testando esses meninos da SS.

Queria saber por que até hoje não tinham prendido um crápula como você.

O dr. Kurt cuspiu no chão. Quando Fritz ia matá-lo, o professor o repreendeu.

– Calma, Fritz! Este homem não merece uma bala. Parece que você não conhece os métodos de Himmler de extermínio em massa.

Fritz recolheu seu fuzil. Júlio Verne começou a debochar sutilmente de

Himmler. Foi então que o dr. Kurt entendeu o recado.

– Himmler, senhor Fritz, era um homem inteligentíssimo. Era tão inteligente que certa vez morou no campo e fez experiências com a reprodução de frangos(13).

– Não sabia que ele era um cientista que criara frangos, senhor Huber.

– Não? Pensei que conhecia detalhes da biogra ia de Himmler. A sabedoria conquistada com as galinhas foi transportada para a SS. Ele começou a selecionar soldados como vocês pelos critérios biológicos e de pureza racial. Analisava os olhos, os cabelos, a caixa craniana. Se bem que selecionou alguns desempregados e burgueses preguiçosos no começo.

Olhem para vocês, são de inigualável beleza e inteligência!

Constrangidos, os soldados se entreolharam e se mostraram agradecidos pelos elogios. Dava para entender como eram manipuláveis. Havia 12

policiais pasmados e dominados por Júlio Verne, incluindo os dois motoristas do comboio.



CAPÍTULO 12

PRESERVANDO AS CRIANÇAS

O professor comentou ainda que foi Himmler quem persuadiu Hitler a concordar com as linhas elitistas e de pureza racial com as quais desejava desenvolver a SS. Hitler, contanto que Himmler oferecesse uma iel guarda de segurança para protegê-lo das conspirações da SA e de outros inimigos, incentivava o sonho de Himmler(14).

– Mas como você sabe de tudo isso? – indagou um tímido jovem da SS

que mal completara 18 anos. No começo da guerra haviam sido admitidos jovens mais maduros, de 25 a 30 anos. Agora, garotos eram adestrados.

– Sei disso e de muito mais. Sei até que Himmler se preocupa com uma raça-matriz, uma futura elite alemã capitaneada pela SS, que será implementada por uma grande rede de maternidade do programa *lebensborn*, ou fonte de vida – disse o professor Júlio Verne.

O ideal de pureza racial era tão estúpido quanto insano. *Himmler, um homem que mal entendia de reprodução de frangos iria aprimorar a raça humana…* Em seguida, o professor deu uma tossida e completou:

– E pessoalmente recomendarei vocês para fazerem parte dessa raça-matriz.

Os jovens policiais icaram orgulhosos do que ouviram. E com incrível

liberdade, Júlio Verne bateu carinhosamente no rosto do carrasco encarregado daquela missão, como se fosse um pai ou professor, e disse:

– Vocês são fortes, belos, superiores. Uma raça superior não deve destruir os desprotegidos. Vocês são arianos ou não?

– Sim! – responderam coletivamente.

– São fortes ou fracos? – bradou o professor.

– Fortes! – proclamaram em coro.

– Os fortes são generosos, os fracos são agressivos.

Eles se entreolharam. Viram o rosto de Anne e Moisés. Viram também o rosto abatido e amedrontado das demais crianças que lotavam o segundo caminhão.

– Soltem todas as crianças! – ordenou Júlio Verne. – Uma raça superior mostra compaixão e não exclusão!

Ansioso, Fritz concordou:

– Soltem as crianças!

Sabia que, se precisasse, seria fácil prendê-las novamente, mas não deixou de ser essa atitude uma fagulha de sensibilidade.

– Os adultos também! – ordenou firmemente o professor.

– Os adultos? Há ordens expressas de prendê-los! – retrucou agressivamente o líder da missão, agitando seu revólver para Júlio Verne, achando que fora enganado.

O professor respirou profundamente. Olhou para o dr. Kurt e Rebeca, que pareciam gritar: “Salve as crianças e não se importe conosco”.

– Passou no teste de novo, Fritz! Mais uma vez passou! – disse Júlio Verne. Não podia exagerar e colocar tudo a perder.

Trinta e sete crianças entre 4 e 9 anos saíram dos comboios e aplaudiram

os soldados. Os bebês estavam acompanhando seus pais no outro caminhão. Foi uma cena de indecifrável comoção. Aquelas crianças que deveriam estar correndo atrás das borboletas e dos esquilos eram tratadas de modo pior que os cães sem proteção nas ruas. Algumas estavam com as faces sujas de terra. Assustadas, muitas choravam pedindo os seus pais, outras, as mais velhas, tiveram um gesto ímpar, vieram abraçar Júlio Verne, que mais uma vez se tornou um colecionador de lágrimas. Mas, disfarçando sua dor, procurou se tornar um colecionador de esperanças. Pelo menos aquelas crianças não iam para os campos de concentração, não naquele dia.

Cinco crianças agarraram Fritz, e também Hanz, o segundo em

autoridade entre os policiais. Agarraram-nos como se fossem meninos dos orfanatos suplicando para serem adotados. Fritz icou comovido, tentou não chorar na frente dos seus liderados, mas foi impossível esconder algumas lágrimas. Os homens da SS, numa rara oportunidade, perceberam que estavam ceifando a vida de inocentes, crianças da sua própria espécie.

Saíram das fronteiras da obediência cega e se deixaram emocionar. Alguns, comovidos, afagaram os cabelos de meninos e meninas de 5 e 6 anos.

Pareciam dizer: “Desculpem-nos por levar seus pais”.

Alguns alemães que estavam sequestrados dentro de suas casas se arriscaram a levar alimentos para aquelas crianças famintas, que sem demora os devoraram. Moisés e Anne as levaram para sua casa. Ficariam ali até quando? Não se sabia se mais um mês, uma semana, um dia ou algumas horas. Pelo menos tinham migalhas de liberdade…

– Senhor, o que será dessas crianças sem seus pais? – indagou Hanz para o chefe da missão. Os fortes têm compaixão.

– Soltem um casal – bradou Fritz.

Foi uma cena comovente. Um casal foi solto. Mas não escolheram o dr.

Kurt porque havia ordens expressas de deportar o “perigoso” advogado.

Quando as crianças já tinham entrado na casa de Anne e Moisés, três

policiais, descon iados de que tinham sido ludibriados, e completamente embriagados com o ideal nazista, de repente assassinaram a sangue-frio seu chefe, Fritz. Logo em seguida os três foram assassinados por Hanz e por homens iéis a Fritz. Foi um horror. Sobraram 9 policiais, dois portavam submetralhadoras. O casal solto, pasmado, olhou a cena pela janela frontal da casa de Moisés e Anne. Torciam para que os carrascos nazistas partissem.

Em seguida, os policiais levaram os prisioneiros adultos e os bebês para serem deportados. Júlio Verne teve de acompanhá-los para esclarecer melhor sua história, ainda mais depois desses assassinatos. O professor não atacara um ponto central de mutação da história, mas um ponto marginal. Pelo menos aliviara a dor de algumas crianças por algum tempo.

O que o aborrecia é que ele parecia tratar dos sintomas e não das causas.

Chegaram a uma estação de trem. O movimento de gente e a agitação no processo de deportação eram tão grandes que havia mais de mil policiais da SS envolvidos.

Hanz, o policial de patente imediatamente abaixo da de Fritz, o que morrera, disse ao professor:

– Temos ordens para partimos juntos no comboio de trem. Claro, vamos

de primeira classe.

– E os judeus irão em vagões de gado sem água, comida e espaço sequer para se sentar? – indagou o professor.

– São ordens, senhor – afirmou Hanz.

– E para onde esse comboio de trem vai? – indagou Júlio Verne, perturbado. Hanz icou intrigado que ele, como o icial, não o soubesse.

Achou que estava sendo testado.

– Para a Polônia.

Seu semblante caiu.

– Polônia? Em que lugar?

– Auschwitz.

– Auschwitz?

Júlio teve calafrios. Sabia o que o aguardava. Se escapasse das balas dos o iciais, não escaparia de Auschwitz. Teria de tentar uma fuga do trem. A Máquina do Tempo lhe proporcionaria outras desagradabilíssimas surpresas.

– Mas não posso ir, Hanz. Tenho outras missões.

Em seguida chegou um bilhete às mãos de Hanz. Era uma ordem expressa para uma reunião urgente com o estranho personagem Franz Huber, ou melhor, o professor.

– Temos de conversar com três oficiais, senhor. Estão nos aguardando.

Júlio Verne, tenso, inseguro, achou que não duraria nem para chegar a Auschwitz. Era melhor partir do que enfrentar uma máquina de interrogatório. Dificilmente ludibriaria essa casta de nazistas, ainda mais se descobrissem que ele preservara as crianças. Tentou fugir, mas Hanz, que era acompanhado por cinco policiais, colocou a mão na pistola. Júlio Verne entendeu o recado. Tinha de passar pelo inferno nazista outra vez.

De repente, apareceu um sujeito por detrás do professor e, em tom altissonante, bradou:

– "*Bye*", Hitler!

O professor gelou. Só podia ser uma pessoa, e era: Rodolfo. Ambos se abraçaram. Os policiais da SS que ali estavam não sabiam inglês, por isso não entenderam que "*Bye"* Hitler signi icava "Adeus" Hitler, que era uma forma de despedi-lo do teatro da Alemanha e quem sabe do planeta.

Rodolfo, que trajava seu uniforme de sargento da SS, afastou-se um passo de Júlio Verne e prestou continência. Mas mais uma vez exagerou:

– Grande general!

O professor fez sinal com as mãos para ele baixar sua patente.

– O senhor é um coronel brilhante, mas tem pulso de um general.

Hanz achou estranha a relação entre os dois personagens, mas como Rodolfo tinha o porte ísico de um ariano, alto, loiro, de olhos azuis, mais uma vez pensou que muito provavelmente estava diante de uma autoridade da SS.

– Rodolfo, meu amigo, onde estão seus pais?

– Plantando cenouras.

– Franz Huber, vamos.

– Franz Huber? – indagou Rodolfo.

O professor teve calafrios. Em seguida, Rodolfo, que apesar de sofrer uma doença mental era inteligentíssimo, consertou o fora.

– Não é Franz Huber, é *coronel* Franz Huuuber!

E para a angústia do professor, Rodolfo se convidou:

– Eu também vou!

– Você fica, sargento! – E Júlio lhe fez continência.

Rodolfo icou a contragosto. O professor temia que os dois fossem fuzilados. Ainda mais se Rodolfo abrisse a boca. E assim se despediram, pelo menos temporariamente.



CAPÍTULO 13

A FARSA É DESCOBERTA

Os judeus en ileirados entravam silenciosamente um a um nos comboios.

Alguns tentavam escapar de seu destino saindo das longas ilas. Fugiam sem saber que os soldados da SS apreciavam uma caça à distância.

Treinavam tiro ao alvo com corpos humanos. O professor viu um homem, Willi Berger, do centro do seu escritório na estação de trem, atirando em judeus fugitivos. Depois pedia o troféu: as obturações de ouro do abatido.

Willi Berger, comandante da SS, recebeu junto com dois outros o iciais a Hanz, Júlio Verne e outros dois policiais. Fora do escritório havia um batalhão fazendo segurança. Era praticamente impossível escapar. O

professor icou do lado de fora. Não fora chamado ainda, era apenas escoltado. Ao tentar escapar, dois policiais que o ladeavam o ameaçaram.

Enquanto isso Willi começava o interrogatório dentro da estação.

– Onde estão as crianças, policial?

Tremendo e quase sem voz, Hanz disse:

– Nós as soltamos, senhor.

– Traidores!

Willi Berger, o exterminador de humanos, icou pasmado ao saber que as crianças judias tinham sido deixadas para trás. Sob um ataque de raiva,

acrescentou:

– Não sabem que os judeus contaminam o solo da Alemanha? Isso é traição à causa da SS e à purificação de nossa raça! Serão fuzilados.

– Um o icial de alta patente da SS, Franz Huber, recomendou que as soltássemos.

– O quê? Um oficial da SS deu essa ordem? Cadê esse maldito ariano?

– Está lá fora.

Trouxeram o professor. Willi Berger olhou assustado para o sujeito com uniforme da SS e várias condecorações, inclusive a adaga de serviço e a faixa de punho prateada. Engoliu saliva. Passado o sentimento de cobiça por aquelas insígnias, perguntou:

– Quem é o senhor?

– Franz Josef Huber. Posto: SS-Brigade-Führer. Número da SS: 107999.

– Há quanto tempo está na SS, de onde o senhor é e o que faz aqui?

– Não reconhece minha adaga de serviço de 1933?

Willi revelou sua ignorância. Ficou inseguro. Júlio Verne, percebendo o momento de incerteza do outro, tentou controlá-lo. Partiu para o ataque.

– Quais condecorações o senhor tem…?

– Bem, eu tenho a Cruz de Mérito de Guerra de Segunda Classe com Espadas.

– Pois além da Segunda Classe tenho a Cruz de Mérito da Guerra de Primeira Classe. E além disso tenho a Espada de Honra da SS.

Em seguida lhe deu seu documento de identi icação. O comandante icou boquiaberto. Parecia tudo real. Começou a crer que estava diante de um

ícone da polícia política. E icou mais abalado ainda quando o professor tirou um anel do dedo e lhe mostrou. Como era mais culto que Hanz, perdeu a voz. Pegou o anel de Honra da SS, que tinha gravados uma caveira e símbolos rúnicos. Sabia que o próprio Himmler lhe conferia signi icado místico, com poderes especiais. Assim como Fritz, que morrera, o sonho de Willi Berger era um dia possuir o anel.

– Como o conseguiu?

– Só há um meio. Fidelidade, idelidade, idelidade… O senhor é iel ao *Führer*? – Júlio bradou em voz imponente.

– Sim, sou! – Em seguida os três oficiais saudaram: – *Heil* Hitler!

O professor, é claro, bradou "*Bye*", Hitler.

– É isso que vim veri icar. A pedido de Himmler eu estava disfarçado para pegar um advogado judeu proeminente e também porque fomos

informados de que nessa região há membros da SS com inclinações antinazistas.

– Longe de nós, senhor. Somos fiéis ao *Führer*.

– Você, como fiel ao *Führer*, se considera um grande líder?

– Procuro ser – disse Willi, perturbado.

O interrogado invertera o jogo. Os demais o iciais o analisavam com a testa franzida.

– E sabia que um grande líder deve em primeiro lugar ter compaixão pelos miseráveis?

O comandante deu de ombros. Não sabia o que dizer.

– Vi você atirando em judeus através da janela.

– Eles fugiam.

– Aprisionar judeus é cumprir ordens do *Führer*, mas maltratá-los ou atirar

em alguém desarmado é uma atitude inferior. Não está à estatura da raça ariana. Concordam ou não, senhores? – falou Júlio, querendo engolir os olhos dos outros dois oficiais.

Willi Berger icou perturbado. Era um dos piores carrascos da SS. Tinha prazer na dor dos outros. Júlio Verne sabia que não podia fazer quase nada para aliviar o drama dos judeus e de outras minorias se não atacasse um ponto de mutação da história. Nesse momento olhou para a janela e viu novamente os judeus subindo no trem. Percebeu que o Projeto Túnel do Tempo falhara. Era uma questão de tempo até ser descoberto.

Já que não podia atacar um ponto de virada da história, como eliminar Hitler ou Himmler, desesperado, resolveu atacar um ponto marginal.

Poderia ao menos aliviar a dor de alguns judeus, como izera com as crianças que temporariamente havia salvo.

– Mas as ordens… – estava retrucando Willi quando foi interrompido.

– As ordens de Himmler são para aprisionar, e não maltratar. Dê-me as ordens para eliminar as crianças.

– Não as tenho.

– O Anel de Honra da SS é dado apenas aos fiéis, senhor Willi.

Na realidade havia ordens de eliminar todos os judeus, inclusive as crianças, mas elas eram mais orais do que documentais, e o professor de História sabia disso.

– Tomarei providências, senhor Huber, para conter os maus tratos –

disse o carrasco sem nenhum sentimento de culpa.

– Excelente. Darei recomendações expressas a Himmler acerca de sua

competência e fidelidade.

O professor saiu do interrogatório aparentemente por cima. Cinquenta metros à frente encontrou um casal que havia pouco fora ichado e estava entre

os enileirados que iam pegar o comboio. Eram o dr. Kurt e Rebeca.

Rebeca estava abatida, inconsolável por estar distante de Anne e Moisés.

Sem forças, ela tropeçou. Um policial a chutou. Júlio Verne instintivamente empurrou o policial e a levantou.

Willi Berger contemplou de longe o comportamento daquele estranho, Franz Josef Huber. Minutos depois chegava às mãos de Júlio um bilhete que o convidava, ou melhor, o "intimava" para se hospedar na casa do oficial.

Naquela noite Júlio Verne teve uma mordomia inacreditável. Enquanto morriam de fome mulheres, homens e crianças nos campos de concentração, os líderes alemães tinham carne, ovos, leite, coalhada, tudo em abundância, inclusive vinhos. Ser chefe da SS era enriquecer com facilidade. Subornos, joias, materiais dos judeus que eram expropriados nem sempre entravam nos cofres da SS.

O professor fez amizade com os dois ilhos de Willi. Fazia tempo que ambos não riam diante de um personagem tão carismático. Apesar de tudo, o professor era vigiado 24 horas por dia. E percebia isso.

Willi mandou pesquisar com urgência o nome de Franz Josef Huber. O

relatório demorou dois dias. Chegou à tardezinha, quando ambos estavam em sua casa. Havia alguns oficiais presentes. Ninguém sabia do que tratava o documento. Willi se retirou e o leu, perplexo.

– O nome é verdadeiro. As condecorações que recebeu são verdadeiras.

O numero da SS é verdadeiro. É verdadeiro também que Franz Huber conhece Himmler e participou de encontros de segurança máxima com Himmler. Mas a pessoa é falsa. Franz Josef Huber é chefe da Gestapo em Viena, na Áustria. Nunca esteve em uma missão especial a serviço do escritório central da SS nesta região. Fui enganado por esse miserável. Ou é um inglês espião, um judeu terrorista ou é um alemão subversivo.

Sem demora foi ao encontro do professor, que estava na varanda da casa, conversando com os dois oficiais amigos de Willi. Queria assassiná-lo

impiedosamente diante da plateia. Mas seria horrível sujar sua varanda de sangue. Sentiu-se humilhado, mas inegavelmente chegara a admirar a inteligência do impostor que nesses dois dias lhes dera notáveis aulas de história. Apontou sua pistola para o professor, que levou um susto.

Todos pensaram se tratar de uma brincadeira. Mas Willi não era um

homem de brincar, ainda mais com uma pistola nas mãos. Logo chegaram os militares do pelotão de fuzilamento que ele havia acionado. Hanz o comandava. Queria mostrar com esse pelotão sua autoridade, fosse diante do miserável impostor, fosse diante dos seus amigos. Como a cúpula da SS, tinha a necessidade neurótica de evidência social.

Ao ver o pelotão, o professor recolheu seu sorriso. Percebeu que a farsa tinha sido descoberta. Mas icou mais perplexo ainda quando percebeu que entre os policiais que lhe cravariam uma saraivada de balas estava Rodolfo. Se Rodolfo usasse sua arma contra os policiais, seria morto facilmente. Não era um especialista. Era impossível salvar sua pele e ainda mais a de seu exótico amigo.



CAPÍTULO 14

OS BRUTOS TAMBÉM SE EMOCIONAM

O professor foi levado para o imenso jardim da casa. Willi sem demora ordenou que os policiais apontassem seus fuzis. A qualquer momento dispariam. Hanz estava visivelmente perturbado. Aprendera a gostar de Júlio Verne. Mas antes disso, Willi, com o relatório nas mãos, bradou:

– Franz Josef Huber, seu maldito impostor. O senhor conhece pessoalmente Himmler, o poderoso *Reichs Führer*-SS?

O professor lembrou-se de sua amada Kate. O sonho estava se acabando, morreria em mais alguns segundos. Passou pela sua mente a imagem de si mesmo correndo prazerosamente atrás de Kate. Viu-se em seu imaginário beijando-a e eternizando seu amor. Ela estava certa, a Máquina do Tempo colocara um im na sua história. E agora? Agora deveria tentar manter a farsa, ainda que fosse descoberta. Gerar a dúvida era a melhor forma de continuar respirando.

– Sim, eu conheço Himmler! – afirmou com voz

– Eu tenho um relatório aqui, seu crápula, que o desmente.

Mas antes que Willi lesse algo do relatório mostrando que o professor era um espião hipócrita, este o bombardeou com uma rajada de dúvidas.

– Sou o icial lotado em Viena. Sou chefe da Gestapo. Estou em missão

o icial, mas secreta. Cheguei aqui de avião. Ninguém a não ser Himmler, Göring e seus subordinados diretos sabem que estou aqui. Ah, Walter Huppenkothen, comissário criminal da Gestapo, também sabe que estou aqui. Telegrafe para ele.

Willi Berger icou novamente perturbado. “Como o sujeito saberia de tudo isso?”, indagou para si. Como o viu hesitante, o professor o isgou com uma voz imponente:

– Vai me dizer que não conhece Walter Huppenkothen, Willi?

O comandante titubeou. Já havia ouvido falar desse nome. Enquanto isso Rodolfo suava. Não se aguentando, tentou proteger seus amigo judeu:

– Eu já ouvi falar de Walter Huppenkothen, senhor. – E abaixou sua arma.

– Mantenha sua posição, policial, se não você também vai ser fuzilado! –

disse Willi aos gritos.

Por instantes, o carrasco icou inseguro de dar ordem para o pelotão de fuzilamento.

Outro oficial, amigo de Willi, afirmou:

– Eu conheço Walter Huppenkothen.

– Conhece? Se o conhece sabe que Walter é o comissário criminal da Gestapo – disse o professor. – E se o conhece, deve saber que ele icou famoso porque recebeu ordens de Himmler de investigar a conexão do poderoso Göring com o círculo de resistência durante um atentado a bomba contra o Hitler.

Todos icaram pasmados com essa informação. Em seguida, Júlio Verne acrescentou:

– Claro, não havia nenhuma evidência de conspiração por parte de Göring. Ah, mas esse assunto é secreto. O iciais menos graduados não devem saber desses detalhes, isto inclui você, Willi. – E assim se calou.

O o icial amigo de Willi que dissera conhecer Walter Huppenkothen icou rubro, começou a suar, pois sabia dessas informações e elas eram realmente secretas. E fez sinal com a cabeça para Willi, querendo dizer: “O

cara é real. Abaixe as armas, caso contrário você é que será fuzilado”.

Willi Berger mais uma vez se via desarmado diante do tal Franz Huber.

Então, espertíssimo que era, decidiu usar a mais incrível máquina da verdade para saber se de fato o professor era um alemão comprometido com a puri icação racial ou um espião ou um judeu disfarçado. Mandou imediatamente trazer dois judeus de um camburão. Eles vieram

caminhando e quanto mais se aproximavam, mais o professor entrava em pânico. Eram o dr. Kurt e Rebeca, seus amigos. Hanz conduziu o casal até eles sob a mira da sua pistola.

Quando o professor os viu, era tangível seu espanto. Ficou condoído.

Sabia o que estava por vir e queria estar em qualquer lugar do mundo,

mas não ali. Arrependeu-se naquele instante de ter entrado na Máquina do Tempo. Sentiu-se um anti-herói. Olhou para Hanz, o superior imediato de Fritz, o que havia sido assassinado na frente da casa do dr. Kurt, e sua expressão foi de quem queria devorá-lo. Hanz pareceu balbuciar:

– Sinto muito…!

Não fora ele quem denunciara o casal. Foram os olhos espertos de Willi que os fotografaram no primeiro dia, quando vira Rebeca sendo socorrida pelo estranho oficial. Sem demora, o carrasco disse:

– Está vendo esses belos espécimes de judeus? Se você é um o icial da SS, não terá di iculdade de me ver dar ordens para o pelotão fuzilá-los, mas, se for um judeu e quiser poupá-los, estará demonstrando quem realmente é, sua verdadeira identidade. – E virou-se para o pelotão: –

Apontar! Um, dois…

Rodolfo estava no meio do pelotão e quase paralisado pelo medo.

Algumas vezes movia levemente sua arma para a esquerda, para onde estava Willi. Mas seria suicídio qualquer tentativa de matá-lo. Quando iam fuzilar o casal, subitamente o professor interveio.

– Não precisa contar mais, Willi…! Aponte todos os fuzis para mim! – E

deu alguns passos na direção dos três o iciais. E, ousado, disse algo só para eles ouvirem. – Mas antes de me matar, pense um pouco. Eu enganei você.

Mas pior do que ser enganado, é ser enganado por um judeu…

Os policiais em formação não ouviram a “piada”, nem o dr. Kurt e sua esposa. Os dois o iciais riram de Willi. Era a maior verdade. O brutal o icial da SS teve vontade de engolir o professor vivo. De ímpeto, apontou sua pistola para estourar-lhes os miolos.

– Calma, homem – disse o professor: – Já pensou se espalhar por toda a SS dessa região e até por toda a Alemanha que Willi Berger hospedou um judeu por dois dias em sua casa? Um judeu que comeu sua comida e bebeu seu vinho. Certamente Himmler o perseguirá como conspirador.

Willi Berger respirou fundo e percebeu que o inteligente judeu tinha razão. O oficial que conhecia Walter Huppenkothen confirmou:

– É, chefe, todos cairemos em desgraça.

– Ninguém está sabendo disso! – Willi protestou, em tom mais baixo para que suas palavras não contaminassem os ouvidos dos policiais do pelotão.

– Não? Lembra-se da foto que tiramos no primeiro dia, eu, você e seus dois amigos?

– Sim… – Willi reconheceu, enraivecido.

– Tenho um informante em Berlin, que está com uma cópia de nossa foto.

Dessa vez foi Willi quem suou frio. As pernas de seus amigos bambearam. O professor, diante disso, prosseguiu:

– Tenho uma proposta. Não mate o dr. Kurt e Rebeca. Nem a mim. Deixe-nos viajar nos comboios de trens até a Polônia.

Willi titubeou.

– E tem uma coisa – acrescentou Júlio.

– O quê? – indagou o carrasco, que jamais pensara que negociaria com um judeu.

– O anel de Honra da SS. É seu, homem. Ele não é falso e me custou uma fortuna.

O o icial da SS queria ansiosamente se apossar dele, mas controlou sua ambição.

– Não negocio…

– … com judeu? Mas vai negociar. Você é violento, mas não é estúpido.

– Louco! – exclamou Willi diante dos amigos furiosos.

– Eu não tenho nada a perder. Pode me matar. Mas vocês serão mortos por alta

traição.

Willi nunca tivera tanta vontade de sacar sua pistola e puxar o gatilho.

Mas, sem sombra de dúvida, um escândalo dessa magnitude o levaria a cair em desgraça. Por muito menos antinazistas sucumbiram na política de terror do Terceiro Reich. Ninguém estava seguro.

– Aceito.

– Aceita? Mas tem outra exigência. Quero dialogar com o pelotão.

– O quê? O que dirá?

– Você vai ouvir.

Ele icou entre o casal de judeus e o pelotão de fuzilamento. As armas, agora, estavam apontadas para ele. Com uma incrível intrepidez, o professor falou àqueles jovens cujas mentes tinham sido adestradas pela

propaganda de massa de Hitler, Goebbels e Himmler. O dr. Kurt e Rebeca icaram preocupadíssimos com a atitude de Júlio Verne. Parecia que já havia salvado sua pele. Ele queria provar mais o quê?

– Qual é o instrumento básico do intelecto humano? Respondam!

Willi deu ordens para eles responderem.

Ninguém sabia, exceto o excêntrico Rodolfo, que, depois do silêncio, respondeu:

– O pensamento!

– O pensamento! Parabéns, ariano! E como construímos pensamentos?

Ninguém soube responder.

O professor disse:

– Vocês conhecem os pensadores alemães, como Heidegger, Hegel, Nietzsche, Kant?

Eles não conheciam.

– Todos os grandes pensadores, alemães ou não, usaram o pensamento pronto para produzir ciências políticas e iloso ia, mas não se estudou, pelo menos sistematicamente, a natureza e o processo de construção de pensamentos. Através dos pensamentos amamos e odiamos, aplaudimos e vaiamos.

Willi e seus amigos o iciais icaram atônitos com a cultura do judeu, mas não sabiam onde ele queria chegar. O professor de História e mestre em psicologia parecia estar em sala de aula e continuou:

– Antes de disparar o gatilho do ri le, primeiro dispara-se o gatilho do pensamento.

Aqueles militares nunca tinham pensado sobre o pensamento. Eram meninos com armas nas mãos, disparando em primeiro lugar o preconceito e depois as balas… Eram mentes adestradas por Hitler. O professor estava querendo desarmá-los de dentro para fora. Como amordaçara Willi, queria fazer uma experiência única com os jovens nazistas. Uma experiência jamais tentada, mas que todo pesquisador de psiquiatria, psicologia e sociologia gostaria de fazer. Será que os alemães eram agentes do mal?

– Qual é mais poderoso? O pensamento ou as armas? – indagou o professor.

Willi estava espumando de raiva, mas um dos seus amigos apreciava o debate.

– Os pensamentos! São eles que fazem as armas – respondeu Hanz.

– Parabéns, ariano. Para construir os pensamentos, você entra em

milésimos de segundo na sua memória e sem usar um mapa encontra os elementos, como pronomes, verbos, substantivos, que os constituem. Essa incrível façanha só os arianos fazem? Esse casal de judeus não a fazem também?

– Sim, claro – disse Rodolfo.

Os outros policiais não responderam.

– Eles estão longe de seus ilhos. A saudade e a solidão que eles sofrem não são patrocinadas pela mesma construção de pensamentos que a dos pais de vocês? O medo da perda dos ilhos deles não é tão so isticado como o que os seus pais sentiram quando vocês saíram de casa? Eu sou judeu!

Mas não penso como judeu, não sinto como judeu, não amo como judeu, mas penso, amo e sinto como ser humano…

Nesse momento, Júlio Verne olhou bem nos olhos daqueles garotos nazistas e parafraseou Jesus de Nazaré:

– "Quem nunca cometeu erros, atire a primeira pedra…" – Como professor de História, conhecia e admirava muitíssimo os textos do Mestre dos mestres. – Após ouvir-me, rogo-lhes, sejam honestos em seus pensamentos! Quem não me vê como ser humano atire a primeira bala…

De repente, um por um, começaram a abaixar suas armas. Foi uma imagem de rara beleza ilosó ica. O dr. Kurt e Rebeca derramaram lágrimas. Os jovens alemães que haviam fechado o circuito da memória pela propaganda de massa nazista eram seres humanos por detrás da couraça. Eram ávidos para amar, dialogar, superar a solidão, correr atrás dos seus sonhos. O professor Júlio Verne constatara uma tese que um dia lera e que o orientava: *"Todo ser humano é um cofre. Não existem mentes impenetráveis, mas chaves erradas"* *(15)*

O dr. Kurt pensou consigo que toda guerra era uma fábrica de monstros.

Não havia ganhadores, apenas menos perdedores. Tanto carrascos como vítimas adoeciam.

Willi permanecia insensível. Subitamente pegou sua pistola e impetuosamente atirou no peito de Hanz. O professor curvou-se sobre o corpo do alemão e tentou ajudá-lo. Hanz teve a sensibilidade e a coragem de dizer.

– Eu sou cristão. Fui convocado para amar meus inimigos, ainda mais pessoas inocentes. Obrigado por ter me tirado desse inferno…

E assim fechou seus olhos.

– Desculpe-me – falou o professor.

– Bom, já matei um admirador de judeus, agora estou louco para estrangulá-lo – disse Willi para Júlio. – Vou ceder, mas você e seus amigos serão transportados para Auschwitz como animais…

E pegou o anel do professor. Era seu trunfo. Desse modo foi selado um pacto entre um judeu e um carrasco. Mas esse pacto teve seu preço. Willi não matou, mas espancou, socou e chutou Júlio Verne na frente de seus amigos.

O professor tremulava de dor. Tinha duas costelas trincadas. Mal conseguia respirar. Depois desse episódio, ele e o casal de amigos judeus foram conduzidos para os comboios de trens. O professor, debilitado pelo espancamento, não conseguiu subir no vagão. Rodolfo, sempre disfarçado de nazista, o ajudou, juntamente com o dr. Kurt.

Voltando a face para Rodolfo, Júlio agradeceu por tê-lo ajudado.

– Eu também vou nesse trem – afirmou Rodolfo resoluto.

– Não! Você é mais útil vivo do que morto. Ajude as crianças.

E lhe falou o endereço onde estavam os ilhos do dr. Kurt e de Rebeca. E

assim se despediram, com lágrimas nos olhos.



CAPÍTULO 15

UM DIA COMO ANIMAL

A grande maioria dos que entraram nos comboios de trens caiu numa armadilha. Ninguém sabia exatamente para onde iam nem o que os aguardava. Alguns acreditavam que seriam recebidos no Leste europeu e teriam dignidade, trabalhariam, teriam sua família, suas camas e casas de volta. Ledo engano. Logo tiveram péssimo presságio.

Não havia bancos, nem sequer espaço para sentarem-se. Tinham de icar em pé devido à superlotação de pessoas. Os vagões foram trancados pelo lado de fora. À noite se ouviam as rodas de ferro atritando-se nos trilhos. Outrora um som agradável, os "gritos" metálicos sufocavam vozes e tornavam-se fantasmagóricos. Dominados pela desesperança e pelo medo, ninguém falava ou fazia qualquer gesto. Alguns choravam de medo.

As janelas tinham sido tapadas com tábuas, restavam apenas algumas frestas para entrar ar e luz. Sentiam sede e quase não conseguiam respirar. No vagão onde se encontrava Júlio Verne penduraram num canto um cobertor, atrás do qual as pessoas faziam suas necessidades. Não demorou muito para o cheiro tornar-se insuportável. Muitos adormeceram de cansaço, mesmo em pé.

Eram longas 32 horas até Auschwitz, se tudo corresse bem. Não havia

água, pão, apenas uma massa de humanos. O mau cheiro das feridas contaminadas, a falta de higiene dos capturados em lugares inóspitos, os gemidos dos mutilados tornavam o próprio comboio um campo de concentração. Alguns idosos e feridos não suportavam a longa viagem e desfaleciam.

Os livros de história têm uma dívida impagável com a realidade crua experimentada pelos atores que respiraram os fatos. O professor Júlio Verne sabia disso. Ensinara história e procurava teatralizá-la para diminuir essa dívida, para procurar fazer com que seus alunos entrassem um pouco nela, mas agora, ao vivê-la, estava perplexo.

Cria em Deus, mas, diferentemente de Kate, sua esposa, não era um homem religioso, raramente fazia orações. Agora, mexia os lábios continuamente em sacri ício ao Autor da Existência. Mas ao olhar nos olhos abatidos das pessoas ao seu redor, alguns eram médicos, comerciantes,

advogados, mães, pais, crianças, en im, gente inocente, sua fé se perturbava muitíssimo. Dizia para si.

– Por que meu Deus? Por que tanta violência?

No inal da viagem começou a entrar no terreno do ateísmo, como não poucos dos que passaram por tais atrocidades. Indagava-se, num tom baixo:

– Onde está Deus? Deus não pode existir! Se existisse, não admitiria esta violência!

Um senhor idoso, de uns 70 anos, brilhante médico e que estava quase desfalecendo, ouviu suas palavras e o abalou com o que lhe disse:

– Se Deus não existir meu ilho, os sociopatas que feriram a humanidade venceram.

– Por quê? – indagou Júlio Verne com lábios secos, destituído de fé.

– Para quem sofre grandes injustiças e dores insuportáveis, crer em Deus… torna-se o fenômeno mais lógico da mente humana, meu filho.

– Como assim? – indagou o professor, perplexo diante do homem quase desfalecido.

E, abalando um dos mais notáveis intelectuais do século XXI, o misterioso médico completou:

– Se Deus não existir, ninguém cobrará a crueldade dos sociopatas nem aliviará a dor dos feridos… Mas, se Ele existir, a alma é real e imortal, e a vida, por mais curta ou longa, tornar-se-á um pequeno texto… e a morte, por mais violenta que seja, se converterá apenas numa vírgula.

– Uma vírgula?

– Sim! Pois o texto continuará a ser escrito na eternidade… Cedo ou tarde a justiça poderá ser feita. Hitler e seus asseclas serão punidos.

Ao dizer essas palavras, o idoso homem expirou. E parecia sorrir ao se

despedir da vida. O professor, completamente atônito, tentou segurá-lo com suas mãos, mas não tinha forças. Algumas pessoas ajeitaram o corpo num canto do vagão.

Nada alimentou tanto a fé de Júlio Verne do que as palavras daquele homem. E ele as guardou como pérolas em seu espírito. Parecia um anjo que o retirara do inferno emocional. Mais uma vez o colecionador de lágrimas tornou-se um colecionador de esperanças. Faltavam duas horas para chegar a Auschwitz, mas não foram as horas mais tristes. Tais palavras mexeram com o imaginário de Júlio Verne, que começou mais uma vez a sonhar com Kate. Pensou no ilho que ela gestava e fazia-lhe juras de amor. Talvez estivesse delirando, mas nada lhe foi tão agradável.

Diferentemente dos demais judeus, o professor sabia que a verdade era implacável. Quando chegou a Auschwitz, estava quase sem forças. Foram aconselhados pelos que usavam roupas listradas a se manterem despertos, com a pele viva, corada. Pediram que beliscassem o rosto.

Se demonstrasse fraqueza, os médicos fariam um sinal e ele imediatamente seria assassinado. Em Auschwitz, as câmaras de gás eram produzidas não pelo gás carbônico, mas por um gás mortal emanado de um pesticida chamado de Zyklon B(16), que as ixiava os pulmões. Quando o professor chegou ao campo, elas ainda não haviam sido instaladas.

Semanas depois icariam prontas. Se mostrasse disposição, conseguiria se livrar de uma bala de fuzil e poderia se tornar um escravo nas fábricas químicas do campo (17).

Depois de separados em grupos, os prisioneiros passaram em ila dupla por um dos médicos mais famosos da história do nazismo: Josef Mengele, o carrasco de Auschwitz. Mengele fazia experiências cirúrgicas com judeus sem anestesia. Não se importava com a dor dos outros. Fazia ainda experiências atrozes com gêmeos. Não se importava com os ilhos da humanidade. Jogara no lixo o juramento de Hipócrates.

Mengele observava a postura e a cor da pele dos judeus que passavam por ele em longas ilas e nada dizia, apenas virava o dedo polegar para a esquerda ou para a direita. Determinava desse modo quem iria morrer e viver.

Ao se aproximar do carrasco da medicina, o professor ficou abaladíssimo

ao reconhecê-lo. Seus lábios começaram a tremer de medo e de ódio. Medo de não passar no grosseiro teste e ódio porque aquela seria uma oportunidade de avançar em Mengele e tentar feri-lo ou quem sabe eliminá-lo. Mas estava debilitado, sem forças. E o pior era que sua atitude poderia trazer graves consequências. Se Mengele fosse ferido ou quem sabe morto, a SS poderia impor uma brutal vingança: talvez nenhum judeu sobrevivesse naquele dia ou nos dias posteriores.

Ao passar por Mengele, diminuiu a marcha e itou-o bem nos olhos, querendo comê-lo vivo. Mengele o poupou, mas como Júlio o havia encarado, sofreu uma coronhada que o atirou longe. Quase desmaiou e foi morto. Felizmente suportou a dor.

Os que sobreviviam recebiam um surrado jaleco listrado. O ritual no campo era medonho. Bem cedo iam para os trabalhos forçados nas fábricas de Auschwitz III; à tarde, quase esgotados, retornavam para seus péssimos alojamentos. Os que tropeçavam durante o trajeto ou no trabalho e não conseguiam se levantar rapidamente eram mortos no ato. A sair e ao entrar no alojamento, eram conferidos um a um.

Era proibido conversar uns com os outros enquanto trabalhavam ou caminhavam enfileirados, sob pena de serem mortos sumariamente. A rara oportunidade de conversar era com seus companheiros de cama. Mas mesmo lá havia um carrasco, um *Kapo*, proibindo qualquer relacionamento ou motim.

O s *Kapos* eram frequentemente criminosos recrutados pelos nazistas para manterem a ordem nos imensos barracões (18). Quando se dá poder a um líder sobre a vida e a morte dos liderados, um poder divino, ele se mostra frequentemente o pior tipo de deus possível. Os *Kapos* eram implacáveis com os miseráveis dos campos de concentração.

O professor re letia sobre o destino que todos teriam no campo. Não havia chance de escapar. Não adiantava usar qualquer habilidade intelectual no campo. Os nazistas eram surdos, só sabiam cumprir ordens.

Era início de junho de 1942, o campo foi extinto em 1945, quando a Alemanha perdeu a guerra. O professor desconhecia registros de alguém

que tivesse entrado em 1942 e escapado com vida. Os escravos duravam apenas alguns meses, devido aos maus tratos e à ração insu iciente, cerca de 500 a 700(19) calorias por dia, sendo que a necessidade diária para um adulto que executava trabalhos pesados era de mais ou menos 3600

calorias(20).

Nos prisioneiros, por viverem em altíssima situação de risco de vida,

a lorava o instinto de sobrevivência, o que contraía os níveis de solidariedade entre os "con inados". Ninguém prestava muita atenção na dor do outro, cada um lutava por seu pedaço de pão. Isso era o que diziam os livros de história, mas o professor se surpreenderia. Afetividade também nasce no caos.

Os primeiros dias em Auschwitz pareciam levar os escravos à loucura.

Os prisioneiros eram empilhados em suas camas como se fossem objetos.

Como era possível acomodar em cada uma das três camas do triliche nove pessoas, deitadas uma ao lado da outra? Insônia, dores musculares, ansiedade, angústia eram a pauta de cada noite.

Se de noite era um martírio, de dia era um inferno. Nesses currais humanos não havia livros para ler, rádios para ouvir, ruas para caminhar, lores para contemplar, brisa para sentir. Uma rotina massacrante as ixiava a mente daqueles homens. Nenhuma atividade intelectual e emocional a não ser pensar, pensar, pensar… e esperar o pior. A tortura mental era tanto ou maior que a ísica. Os nazistas eram os inimigos externos e os pensamentos mórbidos, os internos.

O dr. Kurt dormia no primeiro lance da triliche, ao lado de Júlio Verne.

Querendo escapar do ambiente inumano de Auschwitz, o advogado indagou para o professor:

– Conte-me essa história sobre a viagem no tempo. Como é seu mundo?

Os que os ouviram pensaram que os dois eram loucos. O professor estava desanimado, mas também precisava fugir um pouco da realidade.

Sentou-se na cama e com a voz baixa para o *Kapo* não ouvir começou a contar a sua história. Ficou mais de uma hora narrando, parecia viajar em seu imaginário. Tudo o que o professor dizia era tão absurdo para os ouvintes famintos e angustiados prisioneiros que os distraiu.

Falou do sentimento de indignação das forças armadas da Alemanha do século XXI por terem os militares desse tempo, o tempo do nazismo, con iado o destino da Alemanha às mãos de um homem grotesco, falastrão, inculto e sociopata, Hitler. Todos os judeus se deliciavam ao ouvir o professor. Um tanto sem jeito, ele também discorreu sobre a Máquina do Tempo.

– Máquina do Tempo? – repetiu Josué, um médico clínico geral saturado de ódio e com todas as razões para odiar. – E qual a sua missão ao viajar no tempo?

O professor parou, pensou… Sabia que não era recomendável revelá-la.

Mas já havia contado para o dr. Kurt, portanto, não dava para esconder.

– Eliminar Hitler… – comentou timidamente.

Mais risadas…

– Um judeu herói? Um judeu com sua força e com sua inteligência foi enviado para eliminar Hitler…? Era só o que faltava. Estamos perdidos –

expressou Herbert, um advogado perspicaz e inteligente como o dr. Kurt.

Ao ouvir a tese do professor, não sabia se ria ou se chorava.

O circo sempre é necessário, mesmo quando não há motivos externos para sorrir. A história e a missão de Júlio Verne tornavam-se uma piada até diante de seus olhos. Nada era mais bizarro do que suas palavras, mas pelo menos elas aliviavam um pouco aqueles miseráveis e anestesiavam temporariamente sua dor, inclusive a ísica. Não podia tossir que sentia dores terríveis no tórax. Desse modo, começou todas as noites a ser o centro das atenções dos moribundos ao redor do seu tépido leito. Todavia, procurava calibrar sem tom de voz, falar sem alarde. Poderiam ser mortos por conspiração.

– No meu tempo há celulares, computadores pessoais, internet.

E explicava como funcionavam esses aparelhos.

Uma semana depois, os baixos níveis de carboidratos e de proteínas começaram a turvar a consciência de muitos, o que os fazia, pelo menos alguns deles, crer que o pobre professor era de fato um enviado de outro mundo, embora, ao que tudo indicava, tivessem escolhido o homem errado.

Era um agente vergonhosamente frágil.

De repente, Samuel, que fora um rico comerciante, descon iado de que Júlio Verne era um maluco que contaminava os demais companheiros com ideias tolas, o colocou contra a parede. Fez uma pergunta fatal:

– Já que você é do futuro, diga-nos: quem ganhará a guerra?

– Os aliados.

– O que acontecerá com Hitler, Göring, Himmler, en im, com os principais homens do nazismo? – questionou novamente Samuel.

O professor pensou prolongadamente na resposta. As notícias poderiam agradar, mas a data em que morreriam os principais nazistas decepcionaria muitíssimo os prisioneiros que não sabiam se viveriam mais um dia. Olhou profundamente nos olhos fundos dos seus colegas de cárcere e primeiro falou sobre Hitler.

– Hitler se suicidará…

A plateia de judeus esquálidos e magérrimos sorriu, ainda que a notícia parecesse fantasiosa. Antes que perguntassem qualquer coisa, Júlio Verne

comentou alguns fatos históricos que cercaram esse suicídio.

– Em seus últimos momentos, o carrasco, antes de morrer, disse ao seu brilhante arquiteto e amigo Albert Speer: “Resolvi permanecer aqui… Não lutarei. Não desejo que meus inimigos desonrem meu corpo. Ordenarei minha cremação. Eva Braun deseja partir comigo, e antes atirarei em Blondi…”(21)

Hitler queria poupar sua cadela de estimação de sofrer, mas não se importava que milhões de seres humanos sofressem nos campos de concentração. Que paradoxo! Até na hora da morte Hitler era marcadamente egoísta. O professor fez uma pausa, olhou para o teto e recordou a imagem das crianças mutiladas pelo nazismo. Foram mais de um milhão. Em seguida disse as palavras finais do *Führer* a Speer:

– "Acredite, Speer… um breve momento e estarei livre de tudo, liberto desta dolorosa existência…"(22)

Ao ouvir essas palavras, os combalidos judeus de Auschwitz rangeram os dentes diante da insanidade do homem que levara o mundo ao caos e os judeus ao matadouro. Muitos perderam toda sua família: pais, ilhos, irmãos, irmãs, primos, amigos. Alguns presenciaram a morte deles por fuzilamento.

– O homem que mais imprimia dor na humanidade considerou sua vida uma "dolorosa existência"? Hipócrita! – concluiu Herbert rapidamente.

– Nós é que vivemos a dolorosa existência – expressou o médico Josué, que vira toda sua família sendo dizimada.

– Hitler tem uma mente doente… – comentou o professor, mas essa expressão causou a ira de alguns companheiros.

– Doente? Doentes estamos nós… Ele é a encarnação do mal – disse Samuel.

– Ele é um verme – falou categoricamente Herbert.

– Ele é o maior carrasco da humanidade – afirmou Josué.

De repente, o dr. Kurt fez a pergunta que não queria calar, uma pergunta que Júlio Verne não podia responder.

– Quantas pessoas morrerão em Auschwitz? Sairemos vivos deste inferno?

O professor engoliu saliva, teve um acesso de tosse e intensas dores no peito. Por instantes quase não conseguiu respirar. O ar comprimia seus pulmões, mas ele hesitava em articular a voz e responder. Todavia, não

podia deixar a pergunta sem uma resposta, ainda que incompleta.

– Auschwitz é um território polonês anexado pelos alemães em 1939. Na primavera de 1940 foi criado o campo de concentração, onde antes funcionava um antigo quartel(23). A partir daí tornou-se uma instituição estatal administrada pela SS. Em 14 de junho de 1940, as autoridades alemãs destinaram a Auschwitz o primeiro transporte de presos poloneses, a maioria políticos. Depois dos judeus, os poloneses representaram o maior número de vítimas desse campo(24).

– Quantos judeus vão ser deportados para cá? – perguntou o exaltado Herbert.

Até poucos dias antes, um *Kapo* que cuidava da disciplina do alojamento vinha ouvindo as histórias do professor e até se sentira cativado por suas palavras. Aquele homem rude fora aos poucos se mostrando menos agressivo e passara a ser mais complacente com os judeus, pelo menos com o grupo que envolvia o misterioso Júlio Verne. Mas aquele *Kapo* adoecera e fora substituído por outro. Não tardou para que esse novo funcionário considerasse como um grupo de rebeldes os que conversavam em surdina no alojamento. Nessa noite, ao perceber os ânimos exaltados em torno do professor e pensando tratar-se de uma conspiração, aproximou-se dele e o espancou. Fez-se um profundo silêncio, e todos se encolheram nas camas. Júlio Verne estava dolorido, mas fora poupado de responder.

Entretanto, a rotina era tão angustiante que eles não se esqueceram da pergunta. Na noite seguinte, sedento por resposta, foi a vez de Josué indagar ao professor, mas dessa vez o fez num tom mais baixo, embora não menos tenso.

– Diga-nos, quantos judeus virão para este inferno?

Após um suspiro profundo, o professor disse-lhe:

– A partir de 1941, os nazistas deportaram cidadãos de outros países.

Durante seu funcionamento, os alemães enviaram para este campo cerca de um milhão de judeus, quase cento e cinquenta mil poloneses, vinte e três mil ciganos, quinze mil prisioneiros de guerra soviéticos e vinte e cinco mil pessoas de outras nacionalidades(25).

– O quê? Tudo isso? – disse perplexo Manasses, um rabino atuante em muitas sinagogas alemãs, que de tão magro e desnutrido que estava deu crédito aos números do professor.

– Infelizmente.

Não precisou muito para eles fazerem as contas da quantidade de

pessoas que morreriam.

– Onde está Eloin(26)? Que silêncio é esse? – exclamou Herbert indignado, clamando um dos nomes do Deus de Israel.

– Deus foi uma utopia dos nossos antepassados? – comentou abatido Esaú, um judeu que praticamente se tornara ateu depois de assistir às atrocidades contra seu povo. – Em seguida, projetou sua raiva em Júlio Verne. – Hitler escapou de muitos atentados, parece um messias do mal, e você é um louco enganando outros tolos.

Observando que muitos dos seus companheiros estavam perdendo a fé, adentrando num círculo ateísta como o de Esaú, Júlio lhes repetiu as palavras que o intrigante homem idoso lhe dissera no inal da viagem para Auschwitz, momentos antes de fechar seus olhos para a vida.

– Se Deus não existir, ninguém cobrará crueldade dos sociopatas nem aliviará a dor dos que eles feriram… Mas, se Ele existir, a justiça poderá ser feita, pois nesse caso, a vida tornar-se-á um pequeno texto e a morte, por mais violenta que seja, se converterá apenas numa vírgula, pois o texto continuará a ser escrito na eternidade…

Manasses comentou:

– Sábias palavras. Uma mensagem viva do Altíssimo. – Em seguida recitou o salmo do Rei Davi: – "O Senhor é meu pastor… Deitar-me faz em verdes pastos… Ainda que eu andasse pelo vale da sombra da morte, não temeria mal algum, porque tu estás comigo(27)…"

De repente, um judeu que ninguém conhecia e que se achava um pouco distante, mas que ouvia tudo calado desde o primeiro dia, abriu a boca como um mestre:

– A vida no palco desta terra, por mais curta ou longa que seja, é apenas uma brevíssima peça que perante a eternidade não passa de breves segundos. Se perdermos a nossa fé, os fortes de fato prevalecerão e os frágeis existirão apenas para servi-los.

Depois dessas palavras ninguém disse mais nada. Foram dormir.

Naquela noite não ouviram os gemidos dos companheiros do alojamento, nem se incomodaram com os piolhos que os infestavam, nem muito menos com a fome e com o odor fétido do ambiente. Tiveram uma rara noite de descanso.

Reconfortado pela noite anterior, o dr. Kurt, por tudo o que ouvira, tinha quase certeza de que aquele misterioso homem era mesmo um viajante do tempo. Animado com a notícia de que Hitler não sobreviveria, pediu:

– Conte-nos mais sobre o destino final do crápula da Alemanha!

O professor o fez.

– Mais perto da meia-noite, a ex-amante e agora companheira, Eva Braun, enviou uma mensagem da SS para convidar o arquiteto Speer, que ao longo dos anos fora quase um con idente de Hitler, para tomar um drinque com ele. Hitler lhe disse: “Que tal um champanhe como despedida?”. E enquanto beliscavam um bolo e alguns doces conversaram a respeito de Goebbels, Bormann e os russos.

– Sua tese não se sustenta. Se Hitler já era um derrotado, por que não fugiu? Tinha dezenas de aviões ao seu dispor – questionou Esaú.

– Hitler não é um gigante. É um homem depressivo, pessimista, extremista, impulsivo e hiperfalante. Tem necessidade neurótica de poder e de evidência social. Quando contrariado, se des igura. Não é um herói. Ia bater em retirada, mas Goebbels, o fanático e altamente e iciente propagandista do nazismo, que durante anos passou a imagem de Hitler como o alemão dos alemães, o messias de um novo tempo, convenceu Hitler a icar em Berlim. E, se fosse necessário, deveria morrer em Berlim, pois, segundo ele, o *Führer* tinha de cumprir seu papel histórico e não fugir como um frágil homem.

Goebbels foi quem introduziu nos meios de comunicação de massa a ideia

de que uma mentira contada cem vezes torna-se uma verdade. De fato, o registro constante de uma ideia ou tese na memória, se não for iltrada constantemente por um pensamento crítico, forma uma plataforma de dados na MUC (Memória de Uso Contínuo) que sequestra o Eu e o leva a perder a sua autonomia ou capacidade de ter opinião própria. Esse vírus contaminou não apenas a sociedade alemã, mas o próprio Goebbels.

O gênio do marketing caiu na própria armadilha. Embora conhecesse as fragilidades de Adolf Hitler, seu biótipo não ariano, sua cultura tosca e rude, falou tanto da grandeza do *Führer* e do seu papel messiânico no teatro das nações que suas falsas teses tornaram-se ao longo de mais de dez anos verdades inquestionáveis para ele. E mesmo sabendo que a Alemanha estava completamente derrotada, ainda vendia a ideia para o sugestionável Hitler de que ele tinha um papel reservado na História(28).

Depois dessa exposição, o professor comentou:

– Goebbels disse que o *Führer* não deveria fugir. Morrer em Berlim era um privilégio, o que culminou com o seu suicídio. Goebbels e sua esposa também se suicidaram. E, infelizmente, levaram as suas inocentes crianças também à morte. Nunca o marketing foi tão poderoso, nunca o marketing

chegou às raias da loucura como naquele momento…



CAPÍTULO 16

O ENCONTRO COM VIKTOR FRANKL

Na noite em que o professor discorreu sobre o im de Hitler, o *Kapo*

tirou do alojamento três pessoas que gemiam de dor. Nunca mais voltaram.

Quanto ao grupo de Júlio Verne, o que todos tiveram medo de perguntar era quando o *Führer* da Alemanha morreria. Que dia? Que mês? Que ano?

Ninguém ousou indagar isso, bastava sentir as fagulhas da esperança daquela noite.

No dia seguinte, como sempre, o trabalho foi pesado. As refeições insu icientes os faziam perder massa muscular. Não tinham forças para carregar peso, mas tinham de transportar produtos químicos e colocá-los nas caldeiras. Sob os gritos e cassetetes dos policiais da SS, eram obrigados a obedecer. Os que não conseguiam eram eliminados. Era uma violência inimaginável.

À tarde voltaram para o alojamento. Josué, muito debilitado, não estava suportando andar. Júlio Verne, ao seu lado, sabia que ele poderia morrer.

Encorajava-o. Em voz baixa, disse:

– Vamos, Josué, o alojamento está perto.

– Não vou conseguir…

Passado algum tempo, percebendo que ele estava se entregando, Júlio

insistiu.

– Vamos, só faltam cinquenta metros. – E vendo que ele ia cair, o segurou.

Um policial deu-lhe um soco e o atirou ao chão. Ia matar os dois. O

professor, bom de argumento que era, disse-lhe:

– Como pode matar dois dos melhores escravos do *Führer*? Somos especialistas em produtos químicos. Estamos esgotados porque trabalhamos mais do que esses cadáveres que estão de pé! Con irme com os policiais que nos controlam.

O policial pensou por alguns momentos e depois recuou. Recolheu sua arma e mandou que entrassem na ila novamente. Ambos se levantaram com di iculdade e com sacri ício chegaram ao alojamento. Naquela noite o professor não estava animado para dar mais uma aula de história, mas o sempre dócil Manasses indagou:

– Quando acontecerão esses fatos? Quando Hitler vai morrer?

Era a pergunta que o professor não queria responder para aqueles cadáveres ambulantes. Inseguro, comentou:

– 30 de abril.(29)

– 30 de abril? Estamos no inal de junho. Um dia parece uma eternidade neste ambiente fétido. Morreremos todos – disse com toda razão o dr.

Herbert. – Mas em que…

Herbert ia perguntar qual era o ano. Júlio Verne o cortou. Queria retardar a triste notícia. Continuou o relato daqueles últimos momentos.

– Espere Herbert… Espere… Nos derradeiros momentos, Hitler se despediu dos amigos e assessores mais próximos. Do lado de fora estava a velha guarda: Bormann, Goebbels, Artur Auxmann, fundador da Juventude Hitlerista, o embaixador Hewel. Horas depois, após a cerimônia de casamento em que juraram ser arianos puros, Eva Hitler rompeu e engoliu uma cápsula de cianureto. Hitler, após usar a pistola Walter 7.65 mm contra ela, atirou também em si, logo depois de ingerir uma cápsula igual(30).

A plateia de prisioneiros ouvia os fatos atentamente. Quando alguém de novo ia fazer a pergunta fatal, “em que ano?”, o professor continuou sua fala:

– Hitler dará as ordens para queimar seu corpo. Göring será preso no inal da guerra e como muitos outros será sentenciado à morte. Himmler morrerá dia 23 de maio…

O dr. Kurt não se aguentou:

– Pare, professor. Em que ano? Em que ano tudo isso acontecerá?

O colecionador de lágrimas verteu água dos olhos.

– 1945.

Aqueles homens cadavéricos, moribundos, miseráveis, que quase não tinham mais líquido no saco lacrimal por estarem desidratados, choraram copiosamente.

– Não, não é possível. Somente daqui a três anos? – disse o dr. Kurt.

– Você é um louco. Todos os dias sonhamos que os aliados vencem a guerra e você fala em 1945 – comentou David.

– Quem suportará três anos neste inferno? – indagou Herbert. Ninguém suportaria, ninguém sobreviveria, a não ser que eles rompessem o cárcere da história, mudassem um de seus capítulos, através da intervenção do estranho agente chamado de Júlio Verne.

– Não sobrará um judeu na Europa – disse Manasses, dessa vez desesperançado.

– Não, Manasses. Haverá. Muitos morrerão, mas não poucos sobreviverão – disse Júlio, embora soubesse que o objetivo de Adolf Hitler era o genocídio.

– A morte pode ser um prêmio para quem vive nesta masmorra, mas a vida é um prêmio para quem tem uma mente livre – disse com uma voz delicada alguém que ouvira em silêncio tudo o que o professor dizia havia noites. Era o mesmo personagem desconhecido do grupo que dias atrás falara: *"A vida no palco desta terra, por mais curta ou longa que seja, é apenas uma brevíssima peça que perante a eternidade não passa de breves segundos"*.

Com a face emagrecida como os demais, cabelos quebradiços pela falta de nutrientes, o debilitado homem era diferente. *Parecia ver orvalho no deserto, brisa no calabouço, esperança nos vales do desespero.* Era um vendedor de esperança para uma plateia desanimada.

– É o sonhador da semana passada – disse, irritado, Josué.

– Não temos opção: ou acreditamos na vida ou já estamos mortos antes

de morrer.

– Utopia homem, ninguém vive de utopia – disse agressivamente Herbert. – Se Júlio Verne não é um maluco chafurdando na lama dos seus delírios, estamos completamente abandonados.

– Não, não estamos. O Autor da Existência chora as nossas lágrimas,

abate-se em nossas fadigas, tremula em nossa dor, nos convida a erguermos os olhos e olhar a seara verdejante num campo de pedras.

– Mais um louco – afirmou David.

– Qual seu nome? – perguntou Júlio Verne, curioso, como se no futuro, no tempo em que nascera, já houvesse saboreado ideias semelhantes a essas.

– Eu? *Eu sou um simples médico que quando não enxergo esperança ao meu redor, a construo dentro de mim…*

– Não é possível! Não me diga que você é… Viktor Emil Frankl?

– Sou eu – a irmou Viktor Frankl, admirado por ter sido reconhecido, mesmo tendo consciência de que antes de ser preso, humilhado e vilipendiado pelos nazistas, já era doutor em medicina e um respeitado neurologista e psiquiatra.

Júlio Verne icou chocado. Começou a fazer viagens mentais. Lembrou-se da mensagem que misteriosamente recebera de "Viktor Frankl": uma no futuro, que misteriosamente aparecera no laboratório do Projeto Túnel do Tempo, e outra no passado, na casa de Kurt. Começou a suar frio. Elas o encorajavam a ser iel a sua consciência e a buscar com todas as forças um sentido para sua vida.

Sabia que Viktor Frankl era um personagem real da história e não invenção da sua mente. Sabia que fora preso num campo de concentração e que fora uma das raras pessoas a sair com vida. O dr. Frankl parecia

"delirar" em imaginário enquanto estava no campo de concentração. Ele via o que as imagens não revelavam, era capaz de enxergar lores num ambiente onde só havia arame farpado, cercas elétricas e violência.

A busca de um sentido maior para sua vida, mesmo quando ela valia menos que a de um animal, nutrira sua esperança e revigorara suas forças para suportar o caos e sobreviver a ele. Depois que saiu do inferno nazista, o dr. Frankl se tornou nas décadas seguintes um dos mais brilhantes psiquiatras do século XX. Todavia, Júlio Verne jamais imaginara que o encontraria em Auschwitz. Por momentos, ao receber as mensagens, assinadas por ele, pensara que elas eram uma construção realizada por sua própria mente durante seus pesadelos com a Segunda Guerra.

Júlio Verne esfregou as mãos no rosto. Estava ansioso para perguntar se Frankl lhe escrevera as mensagens. “Mas ele vai me achar insano…” Porém não suportou a curiosidade.

– Viktor Frankl, parece loucura perguntar, mas você enviou duas mensagens para mim?

– Eu? Desculpe-me, mas não o conheço.

O professor icou abalado com a resposta negativa. Mais uma vez a sua própria mente o traíra. Todos torceram o nariz para o professor.

– Mas era assinado por você. Poderia, por favor, fazer sua assinatura, ainda que no ar?

Viktor a desenhou.

Júlio Verne icou chocado. Tinha contornos semelhantes… Mas não podia dizer que recebera as mensagens, uma em 1941 e outra um século depois.

Nem podia a irmar que eram do psiquiatra vienense. Seus amigos estavam começando a lhe dar algum crédito. Se dissesse que recebera tais mensagens, o considerariam um louco irremediável. Era melhor icar calado.

Dr. Frankl icara impactado com a inteligência de Júlio Verne. E, observando que seus amigos estavam colocando suas informações em xeque, disse:

– Talvez ainda as vá escrever para você, meu bom amigo.

E procuraram repousar. No dia seguinte, continuariam sua jornada nas

fábricas alemãs. Se quisessem viver mais um dia, tinham de trabalhar, seja feridos, doentes ou debilitados. A nação estava em guerra e precisava dos produtos fabricados pelos escravos judeus. E os policiais da SS que os vigiavam eram implacáveis. A consciência da morte deveria se tornar um cálice para embriagá-los com sabedoria e compaixão, mas a necessidade neurótica de poder embebedava-os com arrogância e insensibilidade. O

poder sempre viciou e destruiu mais que as drogas.



CAPÍTULO 17

UM BANQUETE INTELECTUAL INIMAGINÁVEL

O professor icou abalado ao encontrar aquele médico que um dia se tornaria famoso. Por instantes resgatou sua memória. Estava diante do dr.

Frankl, um homem de 37 anos, dilacerado, abatido, magérrimo, que antes de chegar a Auschwitz, havia poucos dias, tinha passado pelo campo de Theresienstadt(31).

Numa das poucas vezes que teve um breve momento de relaxamento, Júlio Verne abriu um sorriso naquele curral humano, pois sabia que Viktor Frankl sobreviveria ao campo. Enquanto tomavam uma rala sopa de batatas, o professor lhe disse:

– Nem todos nós morreremos. Alguns aqui superarão o caos e tornar-se-

ão estrelas numa sociedade escura – falou simbolicamente.

– Não sei se vou morrer, professor, mas jamais desistirei de viver. Eu agradeço a Deus a cada momento o dom gratuito da vida: o ar que respiro, as células que trabalham incansavelmente, o coração que pulsa no meu peito e até esta mísera comida que ingiro.

Sensibilizado com sua motivação para a vida, o professor fez um relato surpreendente ao dr. Frankl.

– A História lhe reservará um lugar de honra. Será libertado pelo

Exército norte-americano em abril de 1945. Depois deste inferno, dr.

Frankl, você se tornará chefe do departamento de Neurologia do Hospital Policlínico de Viena, fará seu doutorado em iloso ia e se converterá em um dos maiores pensadores do século XX. E terá muitos discípulos…

Dr. Frankl deu risadas.

– A loucura tem suas vantagens… – brincou com Júlio Verne. Agora ele mesmo achava aquilo impossível.

O dr. Frankl pensava que a fértil imaginação do professor era uma estratégia para tangenciar a realidade e, assim, aliviar sua dor. Era um homem movido pela busca de um propósito para a vida. Considerava que a mente tinha ferramentas subutilizadas para reanimar sua esperança…

A medicina, a iloso ia e em especial as mazelas emocionais que o dr.

Viktor Frankl vivenciara em Auschwitz o levaram à prática de um exercício intelectual diário para suportar a tortura ísica e psíquica, o que o incentivaria a fundar mais tarde a Logoterapia que, depois da psicanálise de Freud e da psicoterapia individual de Adler, passou a ser chamada de

“terceira escola vienense de psicoterapia”.

– Por acaso foi meu paciente? – indagou Viktor Frankl para o professor, já que ele era tão gentil e dissera que recebera mensagens dele.

– Não, mas li textos das suas teses. E trago-lhe uma grande notícia, essas teses trarão força para o cansado, coragem para o abatido, ideias para mentes

férteis –derramou-se Júlio Verne novamente em elogios.

Viktor Frankl icou intrigado com o professor. Mas sua resposta foi singela.

– O futuro é uma possibilidade, o presente é minha realidade. Quero apenas transformar este deserto em um lugar suportável…

À noite, Herbert, que ouvira a conversa entre eles enquanto tomavam a sopa, insistiu novamente nas questões fatais.

– Diga aí, homem do futuro, se esse Frankl sobreviverá, eu escaparei?

Quantos mais sobreviverão nesta casa de loucos?

Todos os mais próximos insistiram na resposta. Colocavam-no contra a parede para reanimar minimamente suas emoções fragmentadas e desesperançadas.

Júlio Verne engoliu em seco. Não tinha coragem de revelar as informações que dava em sala de aula. Somente na indústria de destruição humana de Auschwitz mais de 2 milhões de judeus morreriam(32). Foi a maior destruição, concentração de dor e desespero por metro quadrado da

História. Nos outros campos o drama não seria muito diferente: 200.000

faleceriam em Majdanek, 800.000 em Treblinka, 600.000 em Belzec, 340.000 em Chelmo e 250.000 em Sobibor. E milhares de outros em outros campos menores. Se o professor dissesse que morreriam cerca de 6

milhões de judeus e sobrariam cerca de 2 milhões e 900.000 judeus apenas, diria em outras palavras que por pouco não ocorreria um genocídio completo(33) na Europa.

Vendo Júlio Verne perturbado com a possível resposta, Viktor Frankl o salvou.

– Números… Os números as ixiam nossa motivação para viver. Matam-nos com o coração pulsando. Júlio Verne é um simples mortal. Não o matem antes do tempo…

Completamente fatigado após sua breve aula, o professor deitou-se na cama dura e começou a viajar pelo século XXI. Resgatou algumas de suas reações em salas de aulas. Seus contemporâneos tinham comida, mas não a honravam, tinham liberdade, mas não a exaltavam, podiam amar, mas muitos não amavam nem a si mesmos… O maluco do alojamento pelo menos trouxera algum alento para aqueles homens desesperançados.

No outro dia à tarde, antes de retornarem para o alojamento, um policial da SS, formando seu arquivo pessoal, ordenou que vários judeus icassem de pé para uma foto. Guardava os retratos como se fossem troféus. Os personagens abatidos esboçavam uma expressão facial di icílima de descrever. Raramente se tirou uma foto tão melancólica…

Ao se posicionar para a foto, Júlio Verne olhou ao redor, viu aquelas pessoas magérrimas se posicionando para satisfazer a vaidade de um caçador de homens e subitamente levou mais um choque. Exclamou consternado:

– Não, não é possível. Eu já vivi essa cena.

Ninguém entendeu nada. Ora levavam a sério o suposto homem do futuro, ora ninguém se importava com ele.

– Silêncio…! – ordenou o policial, um jovem alto, de olhos azuis, loiro, com menos de 20 anos de idade.

O espanto do professor se devia ao fato de ter se lembrado que vivera aquele momento em um de seus pesadelos no futuro, nos aposentos do laboratório da Máquina do Tempo. Ficou abalado ao concluir que a energia mental sobre aquele momento histórico o havia transportado para dentro dele. Fora capturado pelo seu inconsciente, tornara-se uma vítima de seus pesadelos. “Será que tudo isso é um sonho?”, pensou.

Após a foto, Viktor Frankl percebeu o estado angustiante em que se encontrava Júlio Verne. Durante a magra refeição, colocou a mão direita sobre o ombro esquerdo dele e tentou consolá-lo usando as teses que um dia o tornariam famoso:

– *Ouso dizer que nada no mundo contribui tanto para a sobrevivência, mesmo nas piores condições, como saber que nossa vida tem um sentido.*

O professor estava abalado pela conclusão de que seu inconsciente conspirava contra ele e de que seu maior inimigo talvez não fosse o Nazismo, mas ele mesmo. Respirou profundamente e re letiu sobre a tese do dr. Frankl. Mas David interrompeu sua reflexão.

– Esperança? Sentido? Que sentido pode haver neste campo de extermínio, dr. Frankl? A vida aqui vale menos do que uma bala.

– *Quem não consegue mais acreditar no futuro está perdido num campo de concentração maior ainda(34)* – ponderou Frankl. O psiquiatra vienense defendia a tese de que havia um campo de concentração que poderia ser instalado no território da mente humana e poderia ser pior que Auschwitz.

Muitos suspiraram diante desse pensamento, mas nem todos.

– Você é um mercador de utopia, dr. Frankl. Olhe para nós. Não conspiramos contra Hitler nem contra a Alemanha, mas somos considerados vermes e não seres humanos – comentou Herbert.

Mas o fascinante médico vienense continuou a brilhar no breu da mente de seus amigos do campo de concentração.

– *Há pessoas que têm meios para viver, como esses soldados que nos policiam, mas não têm nada por que viver. Os que têm muito e não têm sentido de vida podem ser mais miseráveis que nós(35)*.

Herbert bateu no prato e o derrubou, fazendo um som estranho no silencioso refeitório. Estava resistente em aceitar essas teses.

– Estamos morrendo de frio, de fome e de angústia. Nossa ração diária mal alimenta um cão – expressou o brilhante advogado, que já não acreditava em mais nada.

Mas Frankl não se intimidou, pois se calasse, já estaria morto, pelo menos por dentro.

– *Se não encontrarmos um sentido para nossa dor, enlouqueceremos, já estaremos mortos. Quando não conseguimos mudar a realidade somos desafiados a mudar a nós mesmos…(36)*

– Como? Crendo no Deus de Israel? – disse engolindo em seco Esaú, destituído de fé.

Viktor Frankl, mostrando uma força que luía do seu espírito, do território mais cálido da sua emoção, expressou:

– E por que não, Esaú?

– Eu fui um fervoroso religioso. Frequentava semanalmente as sinagogas. – E, para mostrar sua descrença na justiça de Deus e dos homens, citou o ilósofo francês Voltaire. – Mas agora tenho dúvidas. Ou Deus não existe ou a humanidade é um laboratório fracassado e Ele a abandonou(37). Nunca leu Voltaire?

Manasses tomou a palavra e respondeu para Viktor Frankl.

– Eu li Voltaire e vou responder ao seu questionamento. *Para mim Deus não é um delírio da mente humana. Deus existe e não abandonou o projeto humano. Ele não está alienado de nossa dor, Ele tremula em nossa musculatura lácida, chora nossas lágrimas secas e grita "Espere! Em breve Eu o retirarei do parêntese do tempo…*

Júlio Verne, lembrando-se de Kate, que tinha mais fé que ele, e Viktor Frankl aplaudiram suavemente as palavras de Manasses. Em seguida o professor lembrou-se das palavras intrigantes do médico que desfalecera em seus braços no comboio de trem para Auschwitz. Parafraseou-o:

– No teatro do tempo, a existência, por mais dura ou suave que seja, é uma brevíssima peça que por instantes é encenada e logo é encerrada quando se fecham as cortinas. Se Deus existir, o espetáculo continuará na eternidade…

Se Ele não existir, a eternidade será um delírio, o espetáculo não continuará.

E se não continuar, os diretores do script *que nos encerrou nessa peça de terror não serão cobrados.*

Viktor Frankl sorriu e completou:

– A questão é mais do que se Deus existe ou não. Ele precisa existir para aliviar a dor dos miseráveis! Por isso é mais fácil produzirem-se

ateus em gabinetes confortáveis do que nos fétidos infernos desta existência.

Ali, no campo de concentração de Auschwitz, no refeitório onde serviam uma fétida e indigna refeição, alguns poucos magérrimos seres humanos que estavam entre a vida e a morte desfrutaram de um banquete que os homens mais abastados da Alemanha e Polônia não imaginavam existir.

O dr. Kurt, que estava sentado na frente deles, animado com o que escutara, tomou a palavra.

– Eu sou especialista em direitos humanos e creio na justiça humana.

Mas infelizmente em nossos tribunais não mais do que vinte ou trinta por cento dos crápulas da humanidade vão às barras da justiça e são

condenados à altura dos seus crimes. Se não há um tribunal divino para reparar as falhas da justiça humana, é melhor sucumbir ao desespero.

O medico vienense mais uma vez foi arguto.

– Penso que Deus espera que não o decepcionemos e que saibamos sofrer e morrer, não miseravelmente, mas com orgulho. Quanto mais uma pessoa não viver em função de suas mazelas – dedicando-se a servir uma causa – mais humana será e mais realizada também.

– Morrer com orgulho? Não decepcionar Deus, o autor do tempo, num tempo em que ele permitiu que nos retirassem tudo? Como isso é possível?

– indagou Herbert. Mas em seguida entendeu que do ponto de vista lógico não era possível servir a uma causa naquele maldito cárcere. Como se estivesse saindo do cárcere ísico, ele e seus amigos entenderam que nos solos da sua mente poderiam libertar seu imaginário para enxergar o invisível e ouvir o inaudível. Poderiam ter gana para viver na terra do nada, conquistar fagulhas de dignidade no palco do vexame.

Viktor Frankl foi um dos maiores colecionadores de esperanças no cáustico ambiente da Segunda Grande Guerra, pensou o professor Júlio Verne. Ele sabia, e icou mais convicto ainda depois de todo aquele embate, que a mente humana possui mecanismos incríveis para nos aliviar mesmo quando o terror desaba sobre nós. Para isso eram necessárias doses elevadas de imaginação

e criatividade, mas sem ultrapassar os parâmetros da realidade. Nunca a loucura e a sanidade estiveram tão próximas.

Herbert apoiou a cabeça nas mãos diante de tudo o que ouvira. Mas não estava mais indignado, embora continuasse perplexo. Expressou com brandura:

– Não sei sonhar acordado! Sou lógico demais!

Apesar de não haver unanimidade, todos icaram positivamente abalados com as palavras do sereno médico. Em seguida todos foram cumprir o turno vespertino. Foi uma tarde única. Eles conseguiram ver a vida pulsando além dos arames farpados, cercas elétricas e chicotes. Os nazistas escravizavam seus corpos, mas não suas mentes…



CAPÍTULO 18

O CÁRCERE DOS JOVENS ALEMÃES

Os ensinamentos de Viktor Frankl e de Júlio Verne contaminaram alguns dos prisioneiros, mas a grande maioria dos encarcerados de Auschwitz estava infectada com um pessimismo incurável, o que era completamente compreensível. Milhares de seres humanos abatidos, desnutridos e apinhados num pequeníssimo espaço sob pressão constante para o trabalho forçado eram um convite à psicose e a reações agressivas.

Disputavam instintivamente um pedaço de pão.

A ruptura completa da realidade não era o objetivo desses dois pensadores. Mas as condições aviltantes levavam o processo de construção de pensamentos

de muitos a se desorganizar. A leitura da memória já não tinha uma linearidade coerente, dançava por múltiplos arquivos, perdia os parâmetros da lógica, inanciando alucinações (imagens irreais) e delírios (pensamentos destituídos de realidade). Alguns alucinavam e comiam frutas, fartavam-se com manjares, deliciavam-se com pães e vinhos que só existiam em suas mentes. Outros saíam da crua fragilidade e deliravam como se fossem grandes personagens militares.

– Venham lutar, seus crápulas. Ajoelhem, seus merdas – diziam eles como se fossem poderosos generais aos radicais e inumanos nazistas dos

campos. Eram assassinados imediatamente. Abatiam-nos com uma simples bala, sob um sorriso sarcástico de quem sentia prazer por ter varrido mais um judeu da face da Terra.

Outros ainda cristalizavam os sentimentos persecutórios. Sob uma psicose paranoica, ao caminhar para o trabalho carregando seu debilitado corpo, ouviam vozes e viam nazistas em seu encalço a cada momento. Sob o calor do medo, abandonavam as ileiras e fugiam para lugares imaginariamente

“seguros”.

Rompiam,

assim,

as

normas

de

comportamento. Igualmente abatidos, serviam de exemplo para subjugar os demais infelizes.

A higiene pessoal era feita em fétidos banheiros coletivos. Mas faltava água, sabão, não havia papel higiênico e muito menos toalhas. Piolhos, sí ilis, lesões na pele, corpo febril faziam parte da rotina dos encarcerados.

Um abrigo de animais teria mais dignidade. O mau cheiro recorrente

ofendia a sensibilidade nasal. Os ilhos da humanidade, os alemães nazistas, tratavam seus pares como indignos de encenar a peça da vida no teatro da existência. Abortavam o pensamento crítico para não re letirem sobre as atrocidades que cometiam contra os escravos dos campos de concentração. Cegos, não viam que a existência, por mais longa que seja, é efêmera como a flor que seca sob o calor do sol.

Júlio Verne já dera aulas vibrantes para universitários. Embora fosse um fascinante orador e um brilhante intelectual, não tinha a menor ideia da tortura ísica e mental ocorridas nesses currais humanos. Quando estava no século XXI, conhecera os museus do holocausto, visitara Auschwitz algumas vezes, mas era fácil discursar sobre o extermínio em massa tendo jantado na noite anterior, dormido numa cama confortável, lido jornais, respirado ar puro, saboreado imagens na TV.

Enquanto trabalhava na fábrica química no campo III de Auschwitz-Birkenau, observava os movimentos dos policiais. Era di ícil não icar pasmado. A maioria era formada por garotos de 18 a 20 anos. Sisudos, rígidos, faces petri icadas, músculos contraídos, olhares ferinos. Eram marcadamente infelizes. Não eram sociopatas clássicos, forjados pelos traumas do passado, mas eram sociopatas funcionais, adestrados para destruir.

O professor sabia que a Alemanha perderia a guerra e que esses jovens, por estarem sob as ordens diretas dos superiores mais graduados, não seriam condenados, pelo menos a maioria. Mas já estavam condenados.

Toda vez que matavam ou tratavam com brutalidade um prisioneiro nos

campos de concentração arquivavam janelas Killer ou traumáticas no seu córtex cerebral.

Tais janelas são inapagáveis. Os carrascos seriam as ixiados em seu psiquismo, e mesmo que negassem as atrocidades que cometeram e viessem a sorrir, jamais poderiam refletir profundamente sobre a vida sem entrar em colapso emocional, sem vivenciar o último estágio da dor humana, a depressão. Adolf Hitler matara os judeus por fora e milhões de alemães por dentro.

– Meu Deus, eles também estão encarcerados – concluiu o professor.

Viktor Frankl esfregou suas mãos na cabeça e disse para alguns amigos:

– O que acontecerá com a mente deles quando saírem deste maldito campo? O que acontecerá quando deixarem o estereótipo de super-homens e se posicionarem como simples mortais?

– Se pudesse, eu os colocaria numa masmorra sem pão nem água – disse Herbert com dores pelo corpo e cada vez mais magro e, portanto, muito próximo da morte. Ele se esforçava para ter esperança no caos, mas quando olhava para os carrascos nazistas se mordia de raiva.

– Mas eles já são prisioneiros, Herbert – afirmou o professor.

– Eu os mataria um a um – comentou David.

– Mas eles já estão mortos, David – afirmou Viktor Frankl.

– Pare de filosofar, doutor Frankl – pediu Herbert mais uma vez irritado.

– Mas não é iloso ia, é uma realidade mental – insistiu Viktor Frankl, que fazia uma parceria com o professor para tentar transformar o ódio pelos nazistas que seus amigos possuíam num desejo ardente pela vida. Os que desanimavam logo enfraqueciam, contraíam doenças ou eram baleados. Todos os dias duas a três pessoas do seu grupo morriam no alojamento ou no trajeto para trabalhar nas fábricas químicas.

– Você quer dizer que tanto os carrascos como as vítimas são violentados em sua humanidade? – perguntou o dr. Kurt para o dr. Frankl.

– É o que penso. As vítimas vivem no cárcere ísico e os carrascos, no cárcere psíquico.

E, para o espanto dos amigos, o professor se antecipou no tempo e comentou:

– Quando terminar a guerra, os líderes nazistas serão julgados pelo tribunal de Nuremberg. Alguns serão enforcados e outros serão absolvidos. Mas no fundo ninguém será absolvido no território da emoção.

Enfrentarão o tribunal da sua consciência. Haverá sequelas intermináveis.

– Em nós, os que sobrevivermos, também haverá incríveis sequelas –

disse Herbert.

– Mas, se sobrevivermos, poderemos viajar para dentro do universo psíquico sem medo de sermos seres humanos, sem culpa, sem autopunição… – a irmou Viktor Frankl, pensando em sintonia com Júlio Verne.

Houve silêncio naquela noite. Não falaram mais nada.

Os pensamentos de Viktor Frankl e de Júlio Verne não aliviavam a dor ísica dos seus amigos, mas aliviavam, pelo menos um pouco, a dor emocional, o humor marcadamente depressivo e pessimista.

Na noite posterior, o professor comentou:

– Somos a única espécie que pensa e tem consciência que pensa, mas o pensamento é uma ferramenta que pode destruir ou construir, libertar ou aprisionar. Em meu tempo, no século XXI, muitos são escravos dos seus pensamentos: sofrem por antecipação. Estamos nós preparados para utilizar bem essa ferramenta?

O dr. Viktor Frankl respondeu:

– Frequentemente não. Falhamos ao longo da História em usar o pensamento como instrumento para promover uma paz duradoura. Não houve períodos onde sucessivas gerações viveram em harmonia. Guerras, genocídios, discriminação, disputas irracionais, competição predatória, necessidade neurótica e cega pelo poder sempre izeram parte da historicidade humana.

– Pensar com responsabilidade, colocando-se no lugar dos outros, é nosso grande desa io – a irmou o professor, que, de repente, se levantou e mostrou algumas rachaduras no alojamento, sempre disfarçando seus movimentos, para não dar ar de uma reunião.

Seus amigos o acompanharam, olhando para o alto ou para o lado, para não perceber que dialogavam. Ele completou:

– Nossas universidades, com raras exceções, nos preparam para ver erros tangíveis ou externos. São tecnicistas, preparam pro issionais para o trabalho, mas não para serem seres humanos capazes de se interiorizar, mapear seus fantasmas, reciclar suas fobias, repensar sua arrogância e ansiedade. Culpa, mágoas, decepções, medos, con litos icam alojados nos bastidores da mente por anos ou décadas… Levamos para nosso túmulo os nossos conflitos.

Quando acabou de dizer essa frase, eis que apareceram cinco policiais

da SS, de cerca de 18 ou 19 anos de idade, que pareciam mesmo literalmente querer levá-lo para o túmulo. Aos brados, perguntaram:

– Quem é Júlio Verne?

Ninguém respondeu nada. Nesse momento ameaçaram.

– Quem é Júlio Verne ou Franz Huber?

Mais um momento de silêncio. Júlio Verne era querido e “famoso” no alojamento.

– Apresente-se ou todos morrerão!

E apontaram as submetralhadoras.

Júlio Verne, que já estava de pé, temendo que alguém morresse por sua causa, declarou:

– Sou eu…!

– Um recado do oficial Willi Berger: “Peguei-o, seu miserável…!”

O professor tremeu de medo. Os policiais se aproximaram dele e o espancaram impiedosamente. O dr. Kurt tentou protegê-lo, foi golpeado na cabeça e sangrou. Herbert gritou:

– Ele não fez nada!

E os policiais responderam.

– Mas você fez.

E o metralharam, para desespero do professor. Outros judeus mais próximos também foram espancados, dois deles que não faziam parte do círculo de amigos morreram dois dias depois. O professor não foi morto, pois recebeu uma punição pior que a morte. Uma punição recomendada pelo carrasco Willi Berger, o o icial que ele enganara em sua última viagem na Máquina do Tempo: icar longos dias dentro de uma solitária, para morrer à míngua.

Morrer de fome era uma punição plausível para o rebelde. A ração que já era reduzida foi diminuída. Água não dava para hidratá-lo o su iciente, não havia cama nem banheiro, fazia suas necessidades no piso de um quarto mal iluminado de seis metros quadrados.

O homem que no século XXI fora escolhido a dedo pelo altíssimo conhecimento que tinha sobre a Segunda Guerra Mundial para repaginar a história, mais uma vez tornou-se um colecionador de lágrimas. Só que agora chorou lágrimas secas devido à desidratação. Ele, que andava em busca do sentido da vida nos solos inumanos de Auschwitz, não via sentido algum em estar naquela solitária. E, o que era pior, tinha de carregar a culpa de que por sua causa seus amigos foram espancados e mortos.

Kate estava certa. Aceitar o convite para ser o protagonista do Projeto Túnel do Tempo era brincar de deus. O projeto estava falido, pelo menos até aquele momento…



CAPÍTULO 19

O SURTO PSICÓTICO DO PROFESSOR

Ao ser con inado numa espécie de solitária, a tensão mental do professor atingiu níveis insuportáveis. O campo já era um inferno, agora viver quase sem luz, sem se mover e praticamente sem comida era um convite à morte iminente. Aos poucos começou a perder conexão com sua história. Sua mente icou pouco a pouco confusa. Sem alimentos, sem paisagens, sem Kate, sem fé, sem nada…

O colecionador de lágrimas tremia os lábios e soluçava sem parar.

– Que espécie é essa…? Meu Deus… eu não suporto… Vou apodrecer…

nesta masmorra… sem dignidade! A humanidade não é viável…! Que espécie é essa que mata seus próprios filhos?

O dr. Viktor Frankl aprendera a gostar de Júlio Verne. Raramente vira uma mente tão brilhante e altruísta como a dele. Sabia que naquele cárcere desenvolveria uma grave psicose ou morreria de fome.

Preocupado com sua saúde mental, subornou o *Kapo* do alojamento e escreveu duas mensagens para ele em dias alternados nos 15 dias em que ficou preso.

A primeira mensagem era pequena e tinha estes dizeres:

Júlio Verne, quando todas as células do seu corpo estiverem morrendo, encontre ainda assim

um propósito para viver. Caso contrário, você já estará morto.

Assinado Viktor Frankl

Ao ler a mensagem, Júlio começou a gritar sem parar:

– Eu já estou morto, Victor! Eu já estou morto! Só não me enterraram!

Mas essas poucas e sábias palavras lhe causaram um impacto. Lia-as mais de mil vezes por dia.

A segunda mensagem, dois dias depois, tinha este conteúdo: *Caro Júlio Verne, a maior loucura é viver sem um sentido existencial. Sem sentido, vivemos por*

viver, a vida não tem brilho, o caos não nos amadurece, a cultura não nos remete à sabedoria. Sem propósito, a mesa, por mais farta que seja, nutre o corpo, mas deixa faminta a alma. Sem propósito, vivemos num campo de concentração mental, ainda que rodeados por jardins. Não tenha medo de morrer em Auschwitz, tenha medo de viver uma existência sem sentido.

Assinado Viktor Frankl.

Ao receber o segundo bilhete nadando em cima da sopa rala, Júlio o leu, passou-o de uma das mãos para a outra. Leu de novo, apesar da baixa luminosidade. Lembrou-se de que era o mesmo bilhete que havia recebido quando estava no futuro, cerca de cem anos à frente das labaredas indomáveis de Auschwitz.

Deu um leve sorriso. Pregou a mensagem na parede com a própria

"cola" da sopa.

– Viktor Frankl parece um louco querendo me contaminar com a loucura da busca de um sentido da vida -- murmurou.

E dava risadas. Nada tão absurdo para alguém que estava às portas da morte, mas essa mensagem pouco a pouco o animou. Era preciso encontrar um sentido no caos, pelo menos morreria menos dolorosamente. As mensagens o levaram mais uma vez a lembrar-se das palavras do judeu mais famoso da História, o carpinteiro de Nazaré: "Não só de pão viverá o homem…".

– Mas eu estou morto! – E sorria… E de repente começou a dizer para si:

– Não, eu ainda não estou morto. Preciso de sonhos… de imagens mentais…

de alucinações…!

Conseguiu derramar uma gota de lágrima, apesar de desidratado.

Descobriu, que enquanto todas as suas células morriam precisava nutrir-se com sonhos, imaginação, saudade, esperança. Viktor Frankl havia aprendido esse segredo. Até os miseráveis de Auschwitz podiam sonhar…

Sonhar com o impossível. Nunca a loucura fez tão bem à vida.

Lendo continuamente as mensagens de seu amigo, Júlio Verne começou a libertar sua imaginação e criar personagens como mecanismo de defesa para não morrer de solidão, para manter-se desperto, conectado consigo.

Sorria, contava histórias, debatia com esses personagens. Era um ser humano tentando espantar suas loucuras com doses elevadas de

“loucuras” e esperanças.

Seus sonhos o levaram a lutar pela vida, mesmo quando todas as suas células morriam. Mas não aceitou morrer, pelo menos não sem dignidade.

Para sobreviver por mais um dia precisava de um mínimo de proteínas.

Naquela masmorra fétida e fria, os insetos, como aranhas e baratas, começaram a se transformar em guloseimas. Ingeriu todos que podia.

Tentava se manter lúcido, mas era di icílimo, pois seu metabolismo cerebral agonizava. Imaginou inúmeras vezes que estava com Kate num restaurante, deliciando-se com vinhos, farta comida e seus delicados beijos.

Imaginou o parto de sua esposa, imaginou-se segurando-lhe as mãos. Viu seu ilho crescer e correr atrás dele entre as árvores. Essas imagens nutriam sua mente.

Viktor Frankl tornou-se para ele *um vendedor de esperança*. À medida que os dias passaram, começou a dar crédito aos seus personagens. Já não sabia o que era real ou fruto da sua confusão mental. A Máquina do Tempo foi cruel com o singelo professor. Willi Berger, o o icial da SS a quem enganara, queria que ele morresse aos poucos, pois uma bala na cabeça lhe seria um prêmio. Ninguém saía vivo daquela masmorra. Mas, motivado pelas suas imagens mentais, teimou em viver. Quando saiu da solitária era um farrapo humano. Estava confuso, desidratado, só pele e ossos. Foi conduzido vagarosamente ao seu alojamento. Perturbado, indagava para seus amigos:

– Quem sou? Onde estou?

O dr. Kurt, condoído por ele, afagava sua cabeça e tentava animá-lo.

– Você? Você é um brilhante professor, um viajante do tempo.

– Eu? Humm… Um viajante do tempo? Onde está meu quarto?

– Aqui é seu belo quarto – disse, constrangido, o dr. Frankl.

– Frankl! Que bom vê-lo. Onde está minha TV?

– TV, o que é TV? – indagou o médico vienense.

– Não sabe o que é uma TV? Chame a Kate.

– Quem é Kate?

Ele não respondeu. Caiu em si, silenciou sua voz. Estava tão magro e abatido que já não se lembrava da sua missão. O passado e o futuro se mesclavam e pareciam ser uma massa atemporal. O dr. Kurt começou a descon iar que Júlio Verne sempre tinha sido um inteligente lunático e nada mais. Todos os fatos que descrevera eram irreais.

Viktor Frankl não desistiu do professor. Subornou o *Kapo,* que também já tinha certo apreço por Júlio Verne, para conseguir uma ração extra. E subornou também os policiais da SS que contavam diariamente os prisioneiros com um anel de ouro, que guardara rigorosamente, para que Júlio Verne icasse alguns dias no alojamento sem trabalhar. Debilitado do jeito que estava, ele seria baleado. E, além disso, começou dentro dos limites da prisão a ajudá-lo terapeuticamente. Começou com exercícios mentais. Júlio parecia distante, tinha um olhar vago e alienado.

– Não deixe que destruam sua identidade, Júlio Verne.

– Humm…

– Pense na História. Quando você nasceu?…

– Em 2012…

– Em que ano estamos hoje?

– 2048.

O dr. Viktor Frankl achou que ele estava delirando.

– Pense no que você mais ama e no que crê.

Júlio começou a gritar por sua esposa, mas sua voz estava muito fraca.

– Kate…! Kate…!

– Silêncio – pediu o dr. Frankl. Não queria chamar a atenção no alojamento.

Foi uma tarefa difícil, mas pouco a pouco começou a dar resultado…

– Traga à sua mente o que lhe pode dar esperança.

Ele trouxe as imagens que havia construído na solitária. Era fácil perder a humanidade e a racionalidade naquele curral inumano, mas pouco a pouco Júlio Verne começou a voltar a se animar e a viver e pensar coerentemente. Com o passar dos dias, começou a discorrer sobre os fatos históricos que conhecia para continuar se conectando com a realidade. O

dr. Frankl observava perplexo seu conhecimento. Ou ele era uma grande fraude ou era um homem suprainteligente. Dizia para o psiquiatra vienense:

– Em 1939, logo depois da invasão da Polônia, começaram as deportações para os guetos poloneses, mas a clara decisão de Hitler sobre o extermínio em massa apareceu na campanha contra a Rússia.

E continuava retirando dos porões da memória mais recordações.

Respirava fundo, meditava e depois dizia:

– O Discurso de 31 de março de 1941 sobre a “missão particular” de Himmler aos altos o iciais na zona de retaguarda representava a primeira indicação de um plano de extermínio em larga escala. – Conversando consigo mesmo, o professor expressou: – Em 31 de julho de 1941, Göring determinou ao chefe da segurança, Reinhard Heydrich, a ordem de

“proceder à solução inal da questão judaica”, o extermínio em massa (38).

Göring, seu psicopata brutamontes, estou aqui por sua causa! – Em seguida começou a cuspir nas mãos e a alisar seus cabelos com a saliva. E

depois continuou a dar aula para si mesmo e para seus amigos.

Os demais prisioneiros, que eram seus amigos, ouviam a conversa dele com o dr. Frankl e começaram a ter compaixão. David falou para o dr. Kurt:

– Verne pirou.

– É melhor assim. Os loucos são mais felizes – disse Esaú.

O diálogo terapêutico entre o dr. Viktor Frankl e Júlio Verne continuava, apesar de todas as limitações de tempo e liberdade. O dr. Frankl começou a dormir mais próximo de Júlio Verne, para que pudessem continuar a ter esses breves diálogos. Eram dois intelectuais que debatiam ideias.

O dr. Frankl e o famoso professor conheciam milionários, cada um em seu tempo, que se sentiam deprimidos e sem qualquer motivação para viver. Eram ricos por fora, mas miseráveis por dentro. Júlio Verne sabia que no futuro, no século onde nascera e vivera, as estatísticas eram perturbadoras:

– Uma pessoa a cada quarenta segundos tira sua vida e uma pessoa a cada quatro segundos tenta o suicídio. Milhões de pessoas vivem naquele tempo num campo de concentração emocional. Os traumas existenciais, os con litos sociais e os fatores genéticos não conseguem explicar completamente esse campo de concentração emocional, que atinge não apenas ricos, mas todas as camadas sociais.

– Por que a miserabilidade psíquica não é um privilégio apenas da primeira metade do século XX? – indagou o dr. Frankl para Júlio Verne, tentando testá-lo e estimular sua consciência crítica.

– Os seres humanos modernos não sabem proteger sua emoção como a mais excelente propriedade. Eles fazem seguro de tudo, mas não seguro emocional. Ficam décadas da pré-escola à pós-graduação, mas não aprendem minimamente a iltrar estímulos estressantes, a gerenciar seus pensamentos, contemplar o belo. A humanidade, em especial a juventude

mundial, está entristecendo no apogeu da indústria do entretenimento.

Os amigos, mesmo o psiquiatra vienense, não sabiam se Júlio Verne

delirava ou tinha uma imaginação fértil. O fato era que suas ideias tocavam profundamente o psiquismo daqueles homens combalidos.

– Qual a diferença entre contemplar o belo e admirar o belo? – indagou o dr. Frankl.

– Até psicopatas como Adolf Hitler sabem admirar o belo – disse Júlio Verne, para espanto dos que o ouviam.

– Impossível! – protestou, exaltado, Esaú.

O professor explicou-se:

– O *Führer* é capaz de acariciar sua cadela Blondi atenciosamente, mas ao mesmo tempo também é capaz de dar telefonemas para exterminar inúmeras pessoas nestes fétidos campos de concentração da Polônia.

Contemplar o belo exige re inar o processo de observação, colocar-se no lugar dos outros e fazer das pequenas coisas um espetáculo aos olhos.

Finalmente seus amigos entenderam esse fenômeno psicológico. Hitler fora um dos maiores colecionadores de quadros e obras de artes da história. Admirava o belo, mas não o contemplava.

– De acordo com a teoria das janelas da memória, contemplar o belo forma uma plataforma de janelas Light, que se torna um núcleo da habitação saudável do Eu, dando estabilidade e profundidade emocional –

comentou Júlio Verne, agora não como professor de História, mas como um instigante psicólogo. – Em meu tempo há muitos miseráveis morando em palácios, pois não aprenderam a contemplar o belo.

O mundo não sabia mais contemplar o belo. Viktor Frankl e o professor usaram mecanismos de defesa para cultivar o belo em suas mentes e transformar o inferno de Auschwitz em algo não prazeroso, mas minimamente suportável. O sentido da vida nascia não do ambiente fétido e inumano do campo de concentração, mas do território da emoção e dos solos da imaginação deles.

E assim as noites se seguiram. O professor continuava a falar sobre o

maior sociopata da história, o que o fortalecia e o conectava com a realidade.

– Hitler é emocionalmente débil, intelectualmente rude, de baixo nível de diplomacia…, fala o que lhe vem à mente diante de uma corja de bajuladores cegos… que admiram sua oratória e liderança…

O professor era tão envolvente que os magérrimos judeus isicamente

próximos entravam em seu delírio, o aplaudiam. Felizmente estavam tão debilitados que os estalidos das palmas não despertavam o *Kapo*.

Certa noite, após uma exposição do professor, Viktor Frankl entrou em cena e completou seu raciocínio:

– Pior que um líder estúpido é a corja de aduladores que não tem opinião própria. Hitler não esconde sua vulgaridade, sua beligerância, mas a indústria de destruição sistemática de nossa raça… é de tal monta horrenda e destituída de quaisquer justi icativas políticas, sociais e científicas, que são completamente insanas…

Júlio Verne, respirando profundamente, acrescentou:

– Os patrocinadores desse sadismo social dissimulam o destino dos longuíssimos trens que deportam nosso povo. Somos judeus. Somos seres humanos, pensamos com a mesma dignidade e complexidade que qualquer outro povo. Temos o direito à vida…

Mais algumas palmas. O professor completou:

– São muitos os que choram. Nem os próprios judeus ao subir nesses comboios sabem para onde vão. Boatos ardilosamente tentam enganá-los.

– Quais são os reais motivos para nos deportar e eliminar? – indagou David.

– Segundo os nazistas, os judeus são portadores de doenças contagiosas, são resistentes ao regime, são responsáveis pela crise econômica… – disse inconformadamente o professor.

– Que doenças portamos? – questionou Esaú.

– Que perigo ao governo oferecemos? – indagou o dr. Kurt.

– Que crise econômica causamos? – interrogou David.

Tinham sede e fome de explicações, mas estavam em estado de inanição intelectual. Não havia respostas que explicassem o fato de terem sido transformados em escravos. De repente, o *Kapo* se aproximou da turma de amigos. Preocupados, todos foram dormir. Os olhos fecharam-se, mas a mente não se aquietou. Todos tiveram insônia.



CAPÍTULO 20

PESADELOS DE UM INTELECTUAL

No século XXI havia pessoas que não acreditavam que os campos de concentração existiram e, se existiram, que tivessem sido tão dramáticos.

Isso sempre perturbara Júlio Verne. Agora que experimentava ao vivo e em cores o drama do campo de concentração, mais uma vez sentia-se envergonhado pelas aulas de história que dava no século XXI. Embora suas aulas expositivas fossem didáticas, eloquentes, não estimulavam o pensamento crítico o su iciente. Não geravam mentes livres, pensadores autônomos. Só começara a mudar esse quadro quando passara a teatralizar suas aulas, o que tinha ocorrido após ter pesadelos com a Segunda Guerra.

Lembrava-se de tudo isso agora. Certa noite foi-lhe particularmente

angustiante, em especial porque se recordou de que os países aliados demorariam para perceber que o genocídio judeu estava em pleno processo.

– Eles são lentos! Lentos!

– Eles quem? – indagou David.

O professor começou a contar que os governos, como o da França e da Holanda, subjugados pelo poder nazista, se tornaram colaboracionistas.

Continuavam a prender e deportar judeus das suas terras. A Finlândia recusaria entregar seus 2 mil judeus. Na Dinamarca, a população escondeu seus 7 mil judeus. Não poucos foram enviados para a neutra Suécia(39).

Júlio Verne, ao citar esses dados, demonstrava que tinha recobrado plenamente sua serenidade, mas uma serenidade que não era confortável.

Ele debatia ideias com Viktor Frankl para tentar se aliviar. A certa altura, fez um interessante e inteligente paralelo entre a iloso ia dos Estados Unidos e da Europa, e o porquê dessa iloso ia norte-americana não ter produzido uma paz social estável e duradoura.

– Will Durant, autor norte-americano do livro *A História da Filoso ia(40)*, tentou explicar nessa obra porque a Europa tinha uma iloso ia mais rica e madura do que a dos Estados Unidos: “A Inglaterra demorou 800 anos desde sua fundação até seu Shakespeare e a França também demorou 800

anos da fundação até seu ilósofo Montaigne. Os EUA não tiveram tempo para ter uma iloso ia madura porque tinham de lavrar minas, arar a terra”.

– Os EUA tiveram de arar suas terras e explorar suas minas para sobreviver, enquanto o abundante continente europeu teve tempo para ilosofar – a irmou Viktor Frankl, mas comentou inconformado: – É incrível como a Europa, berço dos mais incríveis pensadores, tornou-se palco do mais inimaginável terror.

– A rica iloso ia europeia, capitaneada por Spinosa, Kant, Descartes, Locke, Rousseau, Voltaire, Schopenhauer, Kant, Hegel, Nietzsche e tantos outros, não se tornou uma vacina e iciente para prevenir o drama da

Primeira e da Segunda Guerras Mundiais. E a iloso ia europeia falhou por quê? Porque não conseguiu sair das páginas dos livros para penetrar nas páginas do psiquismo da juventude das nações desse nobre continente, não formou líderes nacionais em quantidade e qualidade suficientes.

– Você tem razão, Júlio. É fácil culpar o sistema político-social pelas atrocidades cometidas nos solos deste velho continente. Mas a própria iloso ia, em destaque os produtores de conhecimento e seus transmissores, têm de fazer um exame de consciência, têm de reconhecer seus erros. Eles ficaram encastelados nas universidades.

– Na Europa do meu tempo, doutor Frankl, os líderes, preocupados com que jamais outra guerra assolasse o continente, uniram a moeda e as tarifas e permitiram o livre trânsito de pessoas e produtos. Foram atitudes acertadas, mas não promoveram o ensino sistemático dos mais nobres pensadores, não promoveram uma educação que contemple a capacidade

de pensar como humanidade e não apenas como povo, cultura ou raça. Na era de ouro do consumo de produtos, o consumo das ideias está perdendo seu privilégio. A iloso ia perdeu encanto. O país "Europa" é unido pela moeda, mas não em sua alma, continua dividido em sua essência, é um barril de pólvora que, se não for desarmado, é passível de estourar no século XXI ou XXII…

Em seguida o professor começou a comentar como Hitler sequestrou a sociedade alemã e porque esse sequestro poderia se repetir no futuro. Em 21 de março de 1933, Hitler não era unanimidade. Ele havia assumido o poder há pouco e era considerado ainda um líder bizarro, rude, falastrão, o que levou a imprensa internacional e não poucos alemães a pensarem que ele logo cairia. Mas nessa fatídica data, ele criou o primeiro campo de concentração para con inar seus desafetos políticos, os alemães considerados perigosos, os inimigos do regime nazista. Muitos marxistas, que formavam o grupo político que mais combatia os nazistas, foram ali torturados e mortos.

– Mas não foram Hitler e seus asseclas que inventaram os campos de concentração. Eles apenas os construíram industrialmente. Construíram mais de 1.800 campos, dos quais apenas alguns ficaram famosos.

Embora os nazistas tenham levado a violência e a crueldade até as últimas

consequências nesse campos, os Estados Unidos também construíram os seus. Milhares de japoneses que eram cidadãos estadunidenses foram con inados em campos de concentração depois que o Japão atacou Pearl Harbor. Não foram mortos e torturados, mas foram feridos em sua liberdade fundamental.

No Brasil, o governo Getúlio Vargas, bem como outros países latino-americanos, incluindo a Argentina, eram simpáticos ao fascismo de Hitler.

Mas em 7 dezembro de 1941 o Japão cometeu seu maior erro de política internacional, atacou Pearl Harbor, o que levou os EUA a declarar guerra a Alemanha, Itália e Japão.

Representantes de 21 países das Américas se reuniram na Conferência do Rio de Janeiro, no Palácio Tiradentes, para debater a urgência de garantir a navegabilidade do Atlântico. Oswaldo Aranha, então ministro das Relações Exteriores do Brasil, rompeu relações diplomáticas com o Eixo, formado por Alemanha, Itália e Japão(41). Era 28 de janeiro de 1942. Mas o país continuava formalmente neutro.

O alinhamento do Brasil com os Aliados despertou a ira do intolerante Hitler. Em um ataque de raiva ele ordenou a seus submarinos que

torpedeassem os navios com bandeira brasileira. Era tanto uma forma de retaliação como de prevenção, pois temia que tais navios suprissem a necessidades dos Aliados no Atlântico. O Brasil passou a ser considerado um inimigo a ser abatido.

Ao todo, 35 navios brasileiros foram atacados de 1941 a 1944 – 33

afundaram, com 1.081 mortos. Um número signi icativo, mais de 25 mil brasileiros participaram da Força Expedicionária Brasileira e combateram na Segunda Guerra Mundial, em especial na Itália. Dos militares brasileiros, 42 eram judeus e tinham um motivo a mais para libertar a Alemanha do jugo de Hitler.

Depois dessa exposição do professor, Viktor Frankl comentou:

– O instinto de preservação da espécie humana está inscrito em sua carga genética, em destaque na relação entre pais e ilhos. Relatos dizem que

frágeis mães africanas enfrentaram leões para proteger seus ilhos.

Mas na Alemanha nazista esse instinto de preservação foi abortado.

– O ser humano, quando ameaçado, privado, pressionado, en im, quando se acha sob os focos de tensão, se não tiver um Eu educado para ser gestor da sua História, entra numa janela Killer, cujo volume de ansiedade fecha o circuito da memória e bloqueia milhares de janelas saudáveis – discorreu o professor.

– Você está desculpando os alemães, professor – protestou David. – Eles são mil vezes culpados. São maus na sua essência.

– Não. Não são. Hitler devorou o inconsciente coletivo dos alemães, para depois nos devorar, David. Esses jovens que nos açoitam e nos matam também são escravos da síndrome do circuito fechado da memória.

– Que explicação é essa? Os policiais da SS são monstros! Nasceram monstros! – afirmou Esaú.

– Não, Esaú. Essa teoria genética é justamente a teoria em que os nazistas acreditam.

Em seguida Júlio discorreu sobre a teoria multifocal da inteligência, que incluía a teoria das janelas da memória. Foi fundo:

– *Os psicopatas clássicos são escravos de janelas traumáticas ou Killer, localizadas pontualmente no córtex cerebral. Tais janelas são forjadas pelas intempéries na infância e adolescência, como privações, perdas, violência infantil, abusos, frustrações graves. Enquanto os psicopatas funcionais ou não clássicos, caso de Hitler, Himmler e milhões de outros nazistas, não foram forjados por traumas especí icos na infância e adolescência, mas por um so isticado aprendizado patrocinado por ideologias sociopolíticas radicais*

e fundamentalismo religioso, cultural ou ilosó ico. Tais ideologias constroem uma plataforma de janelas traumáticas diferentes das janelas traumáticas do psicopata clássico, tanto em quantidade quanto em qualidade, o que os diferenciava, por exemplo, de psicopatas como Jack, o Estripador. Este fechava o circuito da memória diante de algumas vítimas especí icas, enquanto aqueles, os nazistas, desenvolveram uma plataforma doentia de

habitação do Eu. São capazes de matar uma criança judia e minutos depois discutir música clássica com seus pares, beijar seus ilhos, irrigar suas lores. Aliás muitos nazistas amam música, tocam instrumentos, mas ao mesmo tempo também são maestros da maior sinfonia de terror da história. Os psicopatas funcionais, diferente dos clássicos, não precisam, portanto, de um foco de tensão ou um ritual especí ico para abrir suas janelas Killer e ferir suas vítimas. Elas são tão inumeráveis e pulverizadas em grandes áreas do córtex cerebral que se abrem espontaneamente em situações corriqueiras.

Compreendendo essa nova teoria, o dr. Kurt, notável jurista e um ícone como defensor de direitos humanos, ficou pasmado. Comentou:

– Agora entendi porque milhões de jovens e adultos desta nobre Alemanha, essa pátria encantadora que abracei como minha e que tinha um povo pací ico, tornou-se protagonista das atrocidades que hoje vemos e presenciamos. Meu Deus, até onde nossa espécie pode chegar!

O professor prosseguiu suas complexas explicações:

– Um relato de Wladyslaw Szpilman, descritas num livro a ser escrito no futuro, mas sobre fatos que estão ocorrendo hoje, intitulado *O pianista(42)*, é eloquente sobre o fechamento do circuito da memória sem a necessidade de importantes focos de tensão. A descrição de Szpilman sobre os psicopatas funcionais é de cortar o coração: *"Um menino de cerca de 10*

anos apareceu correndo pela rua. Estava tão pálido e assustado que se esqueceu de tirar o boné a um policial alemão que vinha em sentido contrário. O alemão parou, tirou o revólver sem dizer uma palavra, encostou-o à têmpora da criança e disparou. O policial meteu calmamente o revólver no coldre e seguiu seu caminho. Olhei para ele; não tinha feições particularmente brutais, nem parecia zangado. Era um homem normal, tranquilo, que desempenhara um dos seus muitos pequenos deveres diários".

Viktor Frankl chorou com a exposição do professor e com a descrição desse último relato. Os demais amigos também icaram atônitos com sua explicação. Em seguida Júlio comentou que os psicopatas clássicos ferem alguns, mas raramente as massas, pois suas limitações intelectuais os

impendem de conquistar o poder numa sociedade.

– Enquanto os psicopatas funcionais podem conquistar as massas, seja pelo voto ou pelas armas – concluiu o psiquiatra vienense.

– Exatamente – confirmou Júlio Verne. – E, além disso, usam inumeráveis argumentos para justi icar suas atrocidades. Quando tais líderes assumem o poder, mesmo não conhecendo a teoria das janelas da memória, eles usam estratégias para plantar janelas Killer no inconsciente coletivo e adestrar a mente de seus seguidores: reforçam con litos socioeconômicos existentes, criam inimigos da sociedade e se autopromovem como messias generosos para resgatar seu povo. Geram um cárcere emocional da sua sociedade. Foram esses fenômenos psicológicos que izeram com que a culta Alemanha pré-nazista abortasse sua consciência crítica e vendesse sua liberdade para esses toscos e incultos nazistas – assinalou.

Iluminado, Manasses concluiu:

– Um ser humano não precisa ser devorado na infância para se tornar um devorador dos outros quando adulto. Infelizmente ele pode aprender brutalidades inimagináveis, incompatíveis com seu passado.

– Himmler foi mentalmente adestrado e é um adestrador de mentes incautas ao dirigir a maior indústria de destruição humana da História, a SS – assegurou o professor. – A SS, que hoje nos escraviza, começou tímida, como uma pequena guarda pretoriana de proteção pessoal a Hitler, inicialmente composta de oito homens, e se expandiu assustadoramente.

Himmler dedicou sua vida à expansão da SS. Em 1934, pouco tempo depois que Hitler havia ascendido ao poder, já contava com uma força de 200 mil policiais(43). Himmler a comandava com mão de ferro. Não era um comandante, mas um deus diante de asseclas ou seguidores cegos, capazes obedecê-lo sem questioná-lo. A SS tornou-se uma força militar particular de proporções gigantescas para proteger não apenas pessoalmente Hitler, mas também para guardar o ideal nacional-socialista e lutar por ele com unhas e dentes. Entre os policiais da SS só se admite um biótipo, o de

“alemão puro”.

– Os nazistas foram sequestrados no único lugar em que deveriam ser

livres, dentro de si mesmos – afirmou o dr. Kurt.

– Nossas escolas estão doentes. Nossos alunos tornaram-se gigantes na ciência, mas meninos na maturidade psíquica – afirmou Viktor Frankl.

– Nossos alunos aprendem a matemática numérica, mas não a matemática da emoção, onde dividir é aumentar: dividir as lágrimas aumenta a capacidade de superá-las – con irmou Júlio Verne em sintonia com o psiquiatra vienense.

– Nossos jovens aprendem a ísica lógica, onde ação gera uma reação, mas não aprendem a ísica da emoção, onde uma ação gera a capacidade de pensar antes de reagir e não uma reação imediata – concluiu Esaú com sensibilidade.

– Quem vive em função do fenômeno bateu-levou torna-se um animal, não um ser pensante – afirmou o dr. Kurt.

Foi por meio dessas fascinantes viagens intelectuais que Viktor Frankl e o professor Júlio Verne, bem como seus amigos mais próximos, embora fossem escravos severamente maltratados, tornaram-se livres. Livres no único lugar em que não é admissível ser um escravo. A sabedoria brotou no solo da loucura…



CAPÍTULO 21

QUERENDO ELIMINAR HIMMLER

Na noite posterior o professor, ao recordar alguns fatos históricos, começou

a ter calafrios, mas de preocupação e não porque estava febril.

Estava preocupado não apenas com a sua sobrevivência, mas com a de seus amigos e de seu povo. Subitamente perguntou:

– Que dia é hoje?

Era uma pergunta recorrente para alguém que dizia que viajava no tempo. Mas dessa vez seus amigos não sabiam ao certo. Todos haviam perdido a noção do tempo. Os dias eram os mesmos, poluídos, massacrantes, esgotantes. Não havia ins de semanas, festas, feriados.

Havia uma luta pela sobrevivência. De repente, um judeu matemático que teimava em contar os dias e esperava a redenção de Israel pelo messias ou, no mínimo, que a Alemanha perdesse a guerra, comentou.

– 16 de julho de 1942.

– Não, não é possível! Amanhã Himmler fará uma visita a Auschwitz!

Amanhã, 17 de julho(44).

Seria a segunda visita de Himmler a Auschwitz. Na primeira, que ocorrera no dia 1º de março de 1941, ele havia inaugurado junto com dirigentes da IG Farben as fábricas químicas Buna-Monowitz. Na ocasião,

oferecera a mão de obra mais barata possível, 40 mil prisioneiros-escravos(45). Nessa segunda visita ao campo de Auschwitz, a dose do terror chegaria às alturas. Viria inspecionar diretamente se as câmaras de gás e os crematórios estavam sendo ampliados conforme suas ordens.

– Himmler estará aqui? – indagou o dr. Kurt. – Fazendo o quê, neste depósito de corpos magérrimos?

– Ele… Ele… – O professor não podia contar qual era o objetivo da missão do carrasco, caso contrário, todos teriam um colapso nervoso.

Pela data Júlio Verne sabia que uma fábrica de destruição em massa de judeus e de outras minorias estava sendo testada. Essas fábricas de extermínio foram ordenadas pelo próprio Himmler depois de uma visita a campos de

extermínio por fuzilamento.

Os carrascos que fuzilavam pessoas inocentes, embora se tornassem sociopatas pro issionais, não

icavam emocionalmente imunes às

atrocidades. Não poucos se deprimiam, alguns, inclusive, se suicidavam. O

próprio Himmler icara histérico e quase tivera um colapso ao presenciar um fuzilamento(46). Fragmentos das vítimas baleadas o atingiram. Mas ele não interrompeu o processo de extermínio, ao contrário, pediu a um

"engenheiro" da SS, Artur Nebe, para aperfeiçoá-lo.

Himmler encorajou Nebe a desenvolver um método menos penoso, mas não para as vítimas, e sim para os executores(47).

Nebe icou abalado quando Kohn, seu motorista, atentou contra a própria vida. Kohn, por causa do horror que presenciava diante das atrocidades cometidas contra os judeus, icou mentalmente deprimido, confuso, desorientado. Não suportou, suicidou-se.

Nebe começou a fazer experiências usando gases de exaustão do seu carro, um Horch de oito cilindros. Cinegra ista amador, ilmou com entusiasmo o resultado. Matar seres humanos em massa excitava-lhe o cérebro. Depois que terminou a guerra, uma ilmagem contendo uma câmara de gás produzida com a exaustão de um caminhão foi achada em Berlim. Artur Nebe, que nasceu em 3 de novembro de 1894, teve a morte, não con irmada, em 3 de março de 1945. Alguns suspeitaram que não morreu, assumiu uma segunda identidade.

Especialistas em técnicas de extermínio a gás foram assessorar a construção de câmaras de gás no campo de concentração de Belzec, cuja capacidade de matar era pequena no começo. O objetivo inicial era eliminar judeus incapacitados para o trabalho na área. Somente aos poucos

icou claro que a meta era liquidar todos os judeus poloneses. As operações de matança em massa em Belzec começaram na primavera de 1942 e em Auschwitz no outono daquele ano(48).

Assassinatos em massa em furgões a gás iniciaram-se com doentes mentais e ísicos e depois se estenderam a toda população de judeus. Era o cumprimento de *Mein Kampf*, o livro de Hitler. Em maio de 1924, Hitler já trabalhava no primeiro volume, elaborando ideias durante e imediatamente após seu julgamento. Na época, estava preso pelo levante contra o governo, conhecido como o Putsch da Cervejaria de Munique(49).

O título inicial do livro de Hitler não era atraente: *Quatro anos e meio de luta contra mentiras, estupidez e covardia (50)*. Somente na primavera de 1925 veio a ser substituído por *Mein Kampf* (Minha Luta). Ideias radicais, extremismo ideológico e noções débeis de ciências políticas e econômicas permeavam sua obra. Inúmeras melhorias estilísticas foram feitas para torná-lo mais palatável ao leitor.

O primeiro volume tinha características mais autobiográ icas e o segundo, escrito após sua saída da prisão em 1926, tratava mais extensamente sobre a natureza do Estado. Foi a própria editora do partido nazista que o publicou. Di icilmente Hitler teria chance de publicá-lo em uma editora séria. Os anos se passaram e *Mein Kampf* não fez o sucesso que Adolf esperava. Até 1929, o primeiro volume vendeu 23 mil exemplares e o segundo, 13 mil numa Alemanha de 80 milhões de habitantes, que mesmo fragilizada economicamente, apreciava ler. Hitler foi frustrado, mas não derrotado.

O sucesso do partido nazista em 1930 deu fôlego à obra. Os dois volumes alcançaram 80 mil exemplares em 1932. E a partir de 1933, quando Hitler passou a ser o chanceler da Alemanha, tornou-se um mega *best-seller*, o que fez dele um homem rico. Tinha tanto dinheiro que, num gesto de propaganda demagógica, rejeitou seu salário de chanceler.

Até 1945, mais de 10 milhões de exemplares foram vendidos na Alemanha, e milhões de outros no exterior. Não foi o conteúdo da obra em si que a fez alçar voo, mas o poder político. *Mein Kampf* se tornou a matriz ideológica de um partido de extrema direita, que tinha baixo nível de planejamento estratégico político, social e econômico. Dependia da força de um homem que hipnotizava uma nação pelos gestos e pelo terror. Por incrível que pareça, até os de icientes visuais podiam lê-lo: em 1936 já havia uma versão em braile.

– Por que você parece tão abalado com o dia de amanhã, professor? –

indagou David.

Júlio Verne tentou disfarçar seu temor. Sua mente ainda estava confusa pelos deprimentes dias de con inamento. Sabia que em Auschwitz as câmaras de gás não eram alimentadas pelo gás carbônico, mas por um pesticida terrível, que asfixiava os pulmões.

– Estou abalado porque quero matar Himmler.

Todos os seus amigos deram risadas… O herói magérrimo não tinha forças para matar uma mosca.

Vendo que todos achavam sua missão impossível, tentou provocá-los para que colaborassem com ele. Comentou:

– Hitler já produzia ideias radicais e exclusivistas em 1919 e 1920. E tais ideias foram desenvolvidas em seu livro. Em 1920 ele já falava em eliminar a tuberculose racial matando "o agente causador, o judeu".

As imagens bacterianas demonstravam que os judeus deveriam ser tratados do mesmo modo que os vermes, pela eliminação. Em *Mein Kampf*, Hitler escrevera: "A nacionalização de nossas massas só terá sucesso quando, além de toda a luta positiva pela alma de nosso povo, seus envenenadores internacionais forem eliminados".

– Somos considerados bactérias nesse esgoto. Vamos icar calados?

Hitler quer o genocídio! – concluiu Júlio Verne.

Quando falou a última palavra, todos aqueles homens icaram mais perplexos do que já estavam. Se descon iassem que Hitler almejava o genocídio judeu, teriam usado de todos os meios para fugir da Alemanha antes de ele assumir o poder, como muitos judeus haviam feito. Mas foram muitos os que não acreditaram nas ameaças desse radical e teatral político.

Júlio Verne sabia que em qualquer sistema político, mesmo nas democracias maduras, esses políticos existem, só não têm o meio de cultura adequado para se desenvolver.

Eram quase 10 horas da noite. Precisavam descansar para enfrentar mais

um dia fatigante. Ninguém se animou a fazer uma conspiração contra Himmler. Primeiro porque achavam que o professor não era muito digno de crédito, a história da viagem no tempo era-lhes mais uma diversão para amenizar a dor em Auschwitz do que digna de crédito, por mais que em alguns momentos o achassem um gênio. Segundo porque, se mal conseguiam carregar o peso do corpo, mal conseguiriam empunhar uma arma, que dirá furtá-las. Além disso, havia um contingente de 8 mil policiais da SS armados até os dentes servindo em Auschwitz. Qualquer rebelião produziria uma carnificina como retaliação.

Nos últimos dias o número de judeus dentro do campo estava desaparecendo rapidamente. As câmaras de gás eliminavam não apenas quem chegava nos comboios de trens, mas também os escravos mais debilitados. A crueldade dos nazistas chegava às raias do impensável. Além de matar os judeus em massa, eles debochavam de sua crença, uma crença que, por paradoxal que fosse, havia influenciado toda a sociedade alemã.

Na entrada da câmara de gás, eles colocavam a insígnia: *Neste lugar entram os retos do Senhor.* Alguns entravam chorando, outro fazendo suas orações.

No dia seguinte, 17 de julho de 1942, logo pela manhã, mais uma vez as imensas filas duplas dos prisioneiros de cada alojamento foram formadas.

Eram contados e como sempre caminhariam até as fábricas químicas.

Subitamente apareceram seis policiais da SS que vieram procurar um judeu específico. Quem os liderava era um oficial com um uniforme impecável, um quepe bem posicionado, tinha ar de um deus. Todos ficaram apreensivos. O oficial bradou com voz altissonante.

– Quem é Júlio Verne?

Mais uma vez o professor foi procurado. Não podia olhar para quem gritava pelo seu nome, pois quem deixava a formação da fila era punido com uma bala. Ele havia passado a noite se imaginando pegando Himmler numa emboscada. Ao ouvir a citação do seu nome, pensou “Descobriram-me…?”. Mas quem? Não era possível que o tivessem denunciado ou lido o seu pensamento. Pensou, então, que Willi Berger viera pessoalmente junto com Himmler a Auschwitz para cortar sua garganta.

– Quem é Júlio Verne? – novamente indagou esbravejando o o icial alemão, pois não conseguia identificar ninguém naqueles corpos magros.

Vendo que o o icial ia puxar sua arma para começar a matar judeus indiscriminadamente até que lhe contassem, o professor se apresentou, o coração palpitando.

– Sou eu, senhor!

O o icial se aproximou passo a passo, tirou sua pistola do coldre e a encostou na nuca do professor. Em seguida lhe disse:

– General! Você está irreconhecível.

Júlio Verne sentiu as pernas tremerem e os olhos lacrimejarem, mas não de desespero, e sim de alegria. Conhecia aquela voz. Era de Rodolfo… Seu amigo gênio, mas que tinha comportamentos de um doente mental. Rodolfo que era sempre espalhafatoso representava bem em Auschwitz. Sabia que se quisesse resgatar seu amigo, tinha de ter a disciplina militar.

Eis que nesse momento um batalhão de soldados da SS caminhava lado a lado de uma celebridade militar. Era o próprio Himmler. Havia um alvoroço em torno desse carrasco. O professor, ao vê-lo com sua face redonda, o reconheceu e seus lábios começaram a tremer. Era seu ponto de mutação da história. Morreria na tentativa, mas se eliminasse Himmler poderia mudar eventos importantes.

Himmler, o cão de guarda de Hitler, caminhava passo a passo, tinha a necessidade neurótica de evidência social, amava ser bajulado. Carregava seu chicote e de vez em quando o batia na bota de couro preto amaciado, enviando uma mensagem subliminar a todos os subordinados. O todo poderoso da SS passou entre os escravos do campo, olhou-os de cima a baixo como se fossem insigni icantes e tivesse poder sobre a vida deles.

Aos poucos Himmler se aproximou do professor. Este não teve dúvidas, fez um pedido suicida a Rodolfo, mas num tom baixo.

– Dê-me seu revólver, Rodolfo!

Mas Rodolfo, apesar do seu transtorno psiquiátrico, resistiu. Estava particularmente consciente naquele dia. Retrucou:

– Se tiver êxito, não restará um judeu neste campo hoje. Todos morrerão.

Rodolfo talvez estivesse certo. Quando Reinhard Heydrich, o mesmo que Göring encaminhou para "proceder a solução inal da questão judaica", fora assassinado no ano anterior, em 1941, uma represália dantesca ocorrera na cidade de Lídice. Seus 1.700 habitantes masculinos, mesmo os que não tiveram nada com o caso, foram assassinados. O saldo da morte de Himmler poderia ser inimaginável. Mas o professor estava cego.

– Dê-me o revólver, Rodolfo!

Como Rodolfo titubeou, Júlio Verne reuniu suas poucas forças e o tomou de suas mãos. Todavia, imediatamente foi atacado e derrubado na frente de Himmler por dois policiais. O chefe da SS icou surpreso com a ousadia daquele judeu. Os judeus frequentemente eram passivos, mesmo às portas da morte.

– Que verme ousado! Deixe que eu mesmo o elimine!

Quando ia atirar na cabeça do professor, Rodolfo interveio.

– Não senhor, não faça isso.

Himmler imediatamente apontou a arma para ele.

– Um traidor da causa ariana!

Mas Rodolfo, intrépido, bateu continência e disse:

– Senhor, eu sou o icial médico! Este judeu fétido está contaminado por uma terrível bactéria! Veja os olhos amarelados deles. Observe aqueles pontos pretos na sua pele. Se o matar aqui ele contaminará todo o campo, inclusive o senhor.

Himmler olhou para Júlio Verne e, como era sugestionável, emocionalmente imaturo, obsessivo e tinha mania de doenças, enxergou o que o tal médico da SS comentara.

– Cadê o Josef Mengele?

Josef Mengele era o terrível médico de Auschwitz, que fazia experiências cirúrgicas com judeus sem dar anestesias.

– Nem quis vir aqui para não ser contaminado – afirmou Rodolfo.

Júlio Verne comprou a ideia de Rodolfo de que estava infectado com uma bactéria mortal. Teatralizando seus gestos como se estivesse morrendo, suplicou com a voz pastosa e rouca:

– Estou morrendo… – E dissimulando, pediu: – Mate-me…!

Himmler, receoso, deu ordens:

– Mate esse miserável e bem longe deste acampamento.

Querendo salvar outros, o professor apontou para seus amigos.

– Eles também estão contaminados…

Insensível, Himmler passou os olhos nos judeus mais próximos e saiu de cena imediatamente para não ser contaminado com o ar que eles respiravam.



CAPÍTULO 22

O SABOR DA LIBERDADE

Rodolfo pediu que somente um motorista e dois policiais os

acompanhassem, pois o risco de contaminação era grande. Dez indivíduos foram selecionados, entre eles o dr. Kurt, Esaú, David e outros. Rodolfo queria levar mais, mas os policiais que inspecionavam seu comportamento no processo de seleção começaram a icar descon iados. Viktor Frankl não foi selecionado. Naquele dia se atrasara 30 segundos para entrar na ila, o que o levou a estar a 15 metros de distância do grupo dos “contaminados”.

Júlio Verne virou-se, tentou suplicar por ele, mas não foi possível. Não viram nele os mesmos sintomas presentes no professor. Júlio acabou se conformando, pois sabia pela história que o médico sobreviveria ao caos.

Desse modo partiram para algum lugar distante três quilômetros do acampamento. Durante o trajeto, Júlio Verne indicou que seriam salvos.

Seus amigos mais uma vez pensavam que ele delirava.

O professor estava apreensivo. Os dois policiais e o motorista poderiam matar a todos. “Como Rodolfo vai dominá-los? Será que vai matá-los? Ele é tão desastroso”, foi pensando durante o trajeto.

Três quilômetros à frente, chegaram a um determinado ponto onde havia uma grande vala. Levas de judeus já tinham sido ali enterradas. Era

uma cena de inigualável tristeza. Rodolfo, como era chefe da missão, pediu para os judeus ficarem frontalmente um ao lado do outro.

E deu uma ordem para os dois jovens.

– Atenção. Apontar…

Júlio Verne icou angustiado. Com as armas apontadas era quase impossível que não morressem. Por que Rodolfo não termina logo com isso?, pensou.

– Fiquem eretos! – gritou Rodolfo. – Vamos novamente. Atenção soldados de Hitler. Apontar e… abraçar.

E de repente os dois soldados e o motorista correram para abraçar os miseráveis que estavam tremendo de medo. Ninguém entendeu nada…

Não eram policiais da SS, mas jovens loucos com a injustiça fomentada por

Adolfo Hitler. Os policiais eram ilhos de mães judias com alemães. Eram arianos impuros, viviam na clandestinidade, embora tivessem traços alemães. E, tal qual Rodolfo, não eram mentalmente “normais”.

– Você quase nos matou de susto, Rodolfo!

– Queríamos testar seus corações, general. “*Bye*” Hitler!

– “*Bye*” Hitler!

Havia meses os miseráveis de Auschwitz não sorriam, mas quando ouviram a saudação “Tchau Hitler”, começaram a rir loucamente.

Contemplaram as árvores, e nunca lhes pareceram tão lindas. O vento sul envolveu seus corpos e nunca deram tanto valor à brisa. Com lágrimas nos olhos, tocaram as folhas, os troncos, o solo. Respiraram a liberdade e sentiram que seu sabor é indecifrável. Um dia livre vale mais do que cem anos presos, pensaram.

Como ninguém do grupo retornou a Auschwitz, a SS descobriu a trama e passou a caçá-los por toda a região. Sabendo que eram perseguidos, percorreram mais de 150 quilômetros em regiões inóspitas. Procuraram uma região cujas fazendas tinham pastos associados à grande cobertura lorestal, pois era mais fácil se esconder. Por onde passavam o ambiente era de beleza única. A liberdade os encorajava a contemplar o belo.

Passaram a dormir no caminhão. Como não tinham dinheiro para comprar alimentos nem cobertores, começaram a praticar furtos para suprir suas necessidades básicas. Foram denunciados e tiveram de bater em retirada. Os dias se passaram e eles foram ganhando peso e saúde. Por im, percorreram uma região de di ícil acesso até que encontraram uma velha casa aparentemente abandonada devido aos bombardeios que

sofrera quando Hitler tinha invadido a Polônia. Um casal de idosos lá vivia e os rendeu com suas armas.

– Rezem porque vocês vão para o inferno – disse o idoso homem.

Todos ficaram apreensivos. Rodolfo o questionou:

– Você ama ou detesta Hitler?

– Odiamos aquele canalha.

– Nós também. Somos fugitivos – afirmou o professor.

Dissipada a resistência do casal, foram recebidos com festa.

No jantar, o homem lhes disse que dois grupos de policiais da SS já tinham estado naquele lugar procurando fugitivos. Todos icaram apreensivos.

– Eles chegaram até aqui? – indagou o dr. Kurt.

– Temos que nos dividir até que a Inglaterra vença a guerra – sugeriu o dr. Kurt.

Se os pegassem, na melhor das hipóteses os levariam de volta para o inferno de Auschwitz. Talvez os pendurassem de cabeça para baixo diante de todos os prisioneiros. O grupo resolveu se dividir de dois em dois e se espalhar pelos campos. Teriam assim mais chances de sobreviver. Pela primeira vez na história um continente icara pequeno demais para abrigar um povo. Não havia lugar seguro na Europa.

Quando o dr. Kurt falara sobre a Inglaterra vencer a guerra, Júlio Verne tinha esboçado um leve sorriso de ironia. Sabia que os aliados ainda demorariam quase três anos para vencê-la. Uma eternidade quando se é caçado.

Rodolfo e o professor formaram uma dupla. Como as armas eram poucas, as deixaram para seus amigos.

Dois meses se passaram desde que saíram de Auschwitz. O professor ganhou 12 quilos. Pediu perdão a Deus por fugir dos preceitos da Torá e comia tudo que via na frente, pois não sabia se no outro dia haveria algum alimento. Lembrar-se da fome que passara no campo de concentração fechava o circuito da sua memória e o tornava desesperado por comida.

Na madrugada de 17 de setembro de 1942, o professor e Rodolfo dormiam numa casa mutilada pelo tempo à beira de um rio de dez metros de largura. Júlio Verne estava mergulhado num sono profundo. Teve múltiplos

pesadelos naquela noite. Sonhou com a missão do Projeto Túnel do Tempo. Aceitara a magna missão de intervir nos fatos históricos e tentar revertê-los, mas agora se sentia o mais fracassado dos homens. O

extermínio em massa dos judeus e outras minorias estava em pleno funcionamento e ele era apenas um fugitivo querendo salvar a própria pele.

Não mudara um capítulo da história, nem sequer uma página, pois os miseráveis "contaminados" que saíram de Auschwitz não foram salvos por ele, mas por Rodolfo. E, além disso, provavelmente a maioria deles já teria sido capturada. Em seguida sonhou com Kate e pediu-lhe desculpas por não tê-la ouvido.

– Desculpe-me Kate. Sou um anti-herói. Desculpe-me.

Acordou assustado. Rodolfo, muito mais tranquilo que o professor, dormia profundamente. Minutos depois Júlio voltou a adormecer, mas seu sono foi agitado, sem qualidade. Vinte minutos após ter fechado os olhos, a âncora da sua memória se ixou em áreas do seu córtex cerebral que tinham registros de fatos históricos que ocorreram antes da deflagração da Segunda Guerra. Parecia que, apesar de ser um anti-herói, seu inconsciente conspirava para encontrar soluções para o drama que a humanidade estava vivendo.

Teve um pesadelo particularmente agitadíssimo com o ministro do Exterior e homem forte da Polônia, Józef Beck. Antes de invadir a Polônia e começar a Segunda Guerra, Hitler izera uma proposta aos líderes poloneses, a qual, se eles aceitassem, talvez evitasse de a Polônia ser invadida. A Inglaterra e a França não declarariam guerra à Alemanha e, portanto, a Segunda Grande Guerra não aconteceria. Era uma aposta interessante, valeria a pena pagar para ver, embora Hitler fosse ambicioso e dissimulado.

Em seu pesadelo, o professor discutia com Beck para que este aceitasse a proposta dos nazistas de devolver a pequena cidade polonesa de Dantzig, que antes da Primeira Guerra pertencia à Alemanha. E também a proposta de ceder um corredor de passagem para a Alemanha numa eventual guerra com a Rússia, pois Hitler detestava os comunistas. Mas Beck era resistente.

Júlio Verne suplicava-lhe em favor das futuras dezenas de milhões de vítimas… Mas nada. Beck não acreditava nessa história de outra guerra

mundial nem de milhões de vítimas. Desde quando Hitler se tornara um chanceler, os líderes poloneses achavam que ele era um engodo, político radical e estúpido, que em breve iria cair. Mas não caiu. O predador se armou. Sem eficácia diplomática e mentalmente abalado, o professor perdeu a estribeira, começou a gritar com o ministro das Relações

Exteriores da Polônia:

– Você é louco, Beck! Você vai atear fogo na Europa!

Acordou assustado, estava ofegante, enquanto seu companheiro de choupana continuava a roncar relaxadamente. Meia hora depois voltou a dormir. Eram 5 horas da manhã. O astro que comanda a orquestra do dia logo os despertou com suas frestas de luzes. Os dois companheiros começaram os preparativos para o "café da manhã", sem pão, leite, manteiga, apenas um suculento peixe de dois quilos feito na brasa, pego na tarde anterior.

Enquanto devoravam o peixe, perceberam um barulho estranho nos arredores. Olharam pela janela e viram dois policiais da SS se aproximarem. Prenderam a respiração de medo. Como estavam sem armas, sabiam que se os descobrissem teriam de lutar. Apagaram rapidamente o fogo, esconderam o peixe e tentaram se encolher atrás de alguns móveis estropiados. Mas os policiais tinham visto de longe a fumaça saindo pela chaminé.

Sem pedir licença, arrombaram a porta e começaram a procurar os habitantes. Havia dois cômodos na casa, uma sala-cozinha e um pequeno quarto. Como ninguém se apresentou e não encontraram uma viva alma na sala, descon iaram que no aposento ao lado se escondiam os fugitivos que haviam enganado o poderoso Himmler.

Não tiveram dúvida. Metralharam o quarto. Matariam os presentes e depois perguntariam aos defuntos quem eram. Ação típica dos nazistas.

Mas o professor e Rodolfo estavam em cima de um triliche, não foram pegos pela saraivada de balas. Quando os policiais entraram, eles pularam como predadores em cima deles e iniciaram uma luta corporal.

Derrubaram-nos e começaram a socá-los, mas os nazistas eram bem treinados e fortes. Logo reverteram a desvantagem e começaram a espancar

o professor e Rodolfo.

Um dos policiais, o que lutava com o professor, conseguiu retirar o revólver do coldre e apontou para o peito dele. O estado de tensão do professor foi às alturas. Eram seus últimos segundos de vida… Quando o policial ia disparar, subitamente ouviu-se um estrondo no pequeno aposento e uma luz irradiou-se intensamente. Uma corda cósmica abriu-se.

A Máquina do Tempo de alguma forma novamente foi acionada pelo estado de pânico do professor e o transportou para um lugar imprevisível, ainda na Polônia.

Não se sabe o que ocorreu com Rodolfo, mas o professor, pelo menos

por enquanto, escapara da morte. E, dessa vez, inalmente, o mais inteligente e frágil dos heróis se encontrava em um ponto solene de mutação da história… Teria sua grande oportunidade de mudar os eventos da Segunda Grande Guerra.



CAPÍTULO 23

A POLÔNIA ANTES DO CAOS

Um homem moribundo estava deitado numa praça. Era Júlio Verne, com hematomas no olho direito. Eram 3 horas da madrugada. Um vento frio roçava seu peito, mas não o despertou. Parecia esgotado, sem energia para levantar e caminhar. Acordou com o sol das 7:30 incomodando sua face e os sons dos caminhantes perturbando seus ouvidos.

– Onde estou? – perguntou espantado para si.

Olhou ao redor e percebeu que estava numa cidade importante, com um trânsito fervilhante de carros a motor e de tração animal. Perguntou para um passante idoso onde se achava.

– Está na bela capital da Polônia, em Varsóvia, homem de Deus – disse o idoso diante do confuso mendigo.

O poliglota professor entendeu a língua do generoso homem.

– Não é possível! Se fui transportado, tinha de estar no futuro! – a irmou Júlio Verne, perplexo. E batia no rosto para sentir se tudo era real ou mais um pesadelo. A dor na pele não deixava dúvidas.

– Que futuro, homem? – perguntou o idoso, curioso, para o “doente mental”.

Mas ele não respondeu, apenas fez outra pergunta.

– Por favor, em que data estamos?

Sabendo que o mendigo variava, mas que pelo menos parecia querer se integrar à realidade, o estranho foi gentil com ele.

– Hoje é vinte e seis de agosto de 1939.

– 26 de agosto de 1939? Então a Segunda Guerra Mundial não começou.

– Segunda Guerra? Do que você está falando? – indagou o senhor de cabelos grisalhos que lutara como capitão na Primeira Guerra. Sabia que a Europa não suportaria mais uma guerra mundial.

Júlio Verne não respondeu. Levantou-se num sobressalto, animado, e começou a dar pulos de alegria.

– Ainda dá tempo! Ainda dá tempo!

A Segunda Guerra Mundial se iniciaria dali a exatos sete dias, dois dias após 1º de setembro de 1939, quando ocorreria a invasão da Polônia pelas forças

nazistas. No dia 3 de setembro, a Inglaterra e a França declarariam guerra à Alemanha.

O tempo conspirava contra o professor, teria sua grande chance de contribuir com a humanidade, mas precisaria tomar atitudes urgentes. O

seu último pesadelo havia contribuído para ele ser transportado para esse fundamental ponto de curvatura da história. Teria de encontrar Józef Beck, o in luente, resistente e teimoso ministro do Exterior da Polônia e convencê-lo de que em breve a Europa arderia em chamas se ele não cedesse às reivindicações de Adolf Hitler.

Júlio Verne precisava de roupas novas, fazer o cabelo, barba, en im estar minimamente apresentável para uma futura audiência com o líder polonês.

Hábil em furtar alimentos, furtou roupas e algum dinheiro para dar um trato na aparência. Enquanto se vestia, pediu desculpas em voz baixa para as pessoas que havia lesado, era em prol da humanidade. Cortou o cabelo, arrumou-se e depois de obter informações precisas e traçar um plano, foi para o palácio do governo.

Józef Beck estava numa sala de reunião a 20 metros do seu gabinete, discutindo justamente as propostas do *Führer*. A reunião começara à noite e tinha varado a madrugada. O ministro espumava de raiva.

– Hitler é um louco. Está blefando. Não terá coragem de invadir a Polônia! Além disso, a Alemanha ainda está debilitada. Não tem todo esse poderio que anuncia – dizia para os líderes poloneses, que incluíam membros das Forças Armadas, um grupo seleto de deputados e empresários da indústria bélica.

A maioria, in luenciada por ele, concordava com a insanidade da exigência

do *Führer*. O chefe do Estado-Maior, numa atitude grandiloquente, disse:

– Temos poderio para enfrentar Hitler!

Mas a necessidade neurótica de poder embriaga a racionalidade e faz ver o que não existe. A Polônia tinha soldados valentes, alguns tanques e aviões e muitos cavalos. Seria arrasada em poucos dias pelos tanques de

guerra e pela poderosa aviação militar alemã.

Do lado de fora da porta da sala de reunião havia vários soldados fazendo guarda. Fora, no pátio e nas cercanias do palácio presidencial, mais de cem soldados faziam a segurança dia e noite. Era um lugar que exigia o máximo de segurança, pois temiam-se atentados por parte da terrível polícia secreta nazista. O professor usou de incrível *expertise* para adentrar a fortaleza.

Beck, após extenuante reunião, retornou ao seu gabinete para pegar alguns papéis e ir para casa descansar. Era 1 hora da madrugada.

Subitamente uma cena deixou perplexo o líder polonês. Vislumbrou um homem bem trajado sentado em seu macio sofá marrom de couro de búfalo, recheado com plumas de ganso. O estofado era o assento preferido do dirigente, que ali costumava sentar-se para admirar o belíssimo jardim vitoriano do palácio.

Quando ia chamar os guardas, o professor suplicou.

– Por favor, não chame os seguranças. Estou desarmado.

Mas três soldados, tendo ouvido a conversa no gabinete e sabendo que Beck entrara sozinho, invadiram o espaço de armas em punho. Protegido, Beck cresceu.

– Quem é você?

– Não sou nazista. Sou um amigo da Polônia.

O interrogatório continuou.

– Identifique-se e diga o que faz aqui! – ordenou o líder polonês.

– Eu? – Júlio pensou e resolveu que não tinha tempo a perder. Era melhor ser transparente, por mais maluca que parecesse sua missão: – Eu sou um enviado de um governo amigo para tentar evitar a invasão da Polônia pela Alemanha.

– Enviado de quem? Você está maluco?

Não podia dizer que era um enviado da Alemanha, não esta do tempo dos nazistas, mas da Alemanha do futuro, da Alemanha que queria corrigir

sua história. O imbróglio seria tão grande que Beck pensaria que o professor era um nazista dissimulando seu comportamento. Então Júlio mentiu.

– Sou enviado da Inglaterra.

– Da Inglaterra? Mostre suas credenciais.

Engolindo saliva, o professor confessou:

– Não as tenho. Perdi durante a trajetória para furar o bloqueio para estar aqui.

– Você certamente é um espião nazista.

– Não, não sou! Sou Júlio Verne. Vim avisá-lo de que em dez dias a Alemanha invadirá a Polônia e a devastará.

Imediatamente recebeu um bofetão de Józef Beck. A Polônia que pleiteava ser um ator de peso no tabuleiro das nações não podia ser devastada por nenhuma outra nação, pensava o poderoso ministro.

Debilitado, o professor quase desmaiou, mas não perdeu ânimo, pois pela primeira vez tinha a oportunidade de atacar um evento importantíssimo que contribuíra para de lagrar a Segunda Guerra. Mas sabia que como suas explicações eram destituídas de consistência, tinha grande chance de ser morto por fuzilamento, a inal "invadira" o gabinete do paranoico líder da Polônia. Tentou outra estratégia.

– Senhor Beck, eu fui enviado do futuro para tentar evitar a Segunda Guerra Mundial.

– Enviado do futuro? Segunda Guerra Mundial? Você está doido. Não vou perder meu tempo. – E deu ordens para os guardas: – Leve-o para o cárcere.

– Por favor, me ouça. Eu atravessei a barreira do tempo e do espaço para

avisar que se o senhor não ceder Dantzig e o corredor de passagem proposto pelo *Führer* da Alemanha, Hitler, esse crápula megalomaníaco em poucos dias invadirá a Polônia e de lagrará a Segunda Grande Guerra Mundial. A Europa tornar-se-á um grande cemitério. Mais de setenta milhões de pessoas morrerão.

O outro soldado ia espancá-lo, mas o professor, fraco ainda pelo período que icara con inado em Auschwitz e pelas agruras da fuga, protegeu o rosto com as mãos e suplicou-lhe:

– Por favor, não… não sou inimigo…

Beck conteve a ira do soldado. Ficara impressionado com os argumentos de Júlio Verne, por ele haver citado Dantzig e a questão do corredor de

passagem. Não era tão maluco assim. Era bem informado.

– Como você sabe dessas propostas, se são secretas? Como sabe sobre Dantzig? – indagou veementemente o líder polonês.

Hitler tinha obsessão em recuperar a pequena cidade de Dantzig da Polônia. Não era por estratégia militar ou econômica, mas por uma questão de honra nacional. Assim como o Tratado de Versalhes era considerado uma desonra nacional, pois impunha punição econômica e militar à Alemanha após ter perdido a Primeira Guerra, saber que Dantzig pertencia à Polônia era para o *Führer* um vexame nacional.

– Sei de muitas coisas. Sei que ontem, 25 de agosto, Londres assinou o Pacto de Assistência à Polônia no caso de uma invasão da Alemanha.

Beck icou impressionado com esses dados, pois o assunto ainda não havia saído na imprensa, já que o pacto fora assinado no inal da tarde do dia 24 de agosto. E, além disso, o fato não fora alardeado no rádio para não colocar em pânico a população. O professor clamou a Józef Beck:

– Em nome da humanidade, eu lhe suplico que ceda essa pequena cidade e o corredor de passagem para esse psicopata da Alemanha. A soberania e a identidade da Polônia não serão comprometidas. E, além disso, poderá ter a renovação do Tratado de Não Agressão proposto por Hitler.

Todas essas propostas foram peças importantes no grande jogo que antecederam a Segunda Guerra. Se Beck não fosse radical, se tivesse bom senso e cedesse, a história mundial teria a possibilidade de ser reescrita.

Antes da invasão da Polônia, Adolf Hitler ainda era contido e um pouco temeroso. Não era o predador que em dias invadia um país e o dominava.

Por isso, talvez as ideias do "professor do futuro" dessem certo, até porque nada poderia ser pior do que as atrocidades que seriam perpetradas na Segunda Guerra Mundial. Mas Beck zombou do professor.

– Você é ingênuo! Jamais me curvarei às propostas de Hitler. Leve-o à prisão – ordenou aos soldados. – Será julgado.

O professor derramou lágrimas. E enquanto era arrastado contra sua vontade por dois soldados na frente e outro com uma arma apontada na sua nuca, deu sua última cartada.

– Espere, ministro. Ribbentrop, seu colega ministro do Exterior da Alemanha, há três dias conseguiu um pacto russo-germânico de não agressão. Era o que Hitler precisava para invadir a Polônia. No início de setembro, o caos começará.

De fato, Hitler, apesar de detestar o socialismo russo, tinha feito um

pacto de não agressão com Stalin para que este não pensasse que a próxima nação a ser invadida pela Alemanha seria a Rússia. Stalin, ingênuo, acreditara na ética nazista. Mas não tardaria para o *Führer* colocar suas garras sobre a Ucrânia e a Rússia.

Beck abalou-se com a informação do professor, quase icou sem respiração, mas também deu sua última cartada. Proferiu uma importantíssima frase, mas pouco difundida na história:

– Com os russos perdemos a liberdade, com os alemães perdemos a alma.

Essa frase foi proferida algumas vezes, inclusive diante de diplomatas franceses e ingleses que haviam pedido para Beck re letir sobre as propostas de Adolf Hitler. Mas obstinado, radical, pertinaz, aferrado a velhos conceitos, Beck preferira olhar para o próprio umbigo e não para a

sociedade polonesa.

Diante do radicalismo do ministro das Relações Exteriores da Polônia, veio à mente de Júlio Verne o sofrimento das crianças e mães judias mortas nos campos de concentração, dos soldados mutilados em combates.

Perturbadíssimo, cerrou os dentes e teve um ataque de raiva.

Respirava ofegante como uma fera acuada prestes a atacar. Imaginou-se avançando em Beck, tomando-lhe a arma e matando-o. Tentou se soltar, mas dois brutamontes o seguravam. Além disso, a arma direcionada à sua cabeça poderia ser disparada. Procurou gerenciar seu estresse. Teria alguns dias para tentar um milagre, arrumar outra estratégia.

Enquanto era levado, o colecionador de lágrimas gritava:

– Um grande líder tem de ter coragem para avançar e mais coragem ainda para recuar! Os ilhos desta nobre nação serão serviçais! A Polônia será palco do maior horror da humanidade! Campos de concentração serão construídos e brutalmente eliminarão milhões de seres humanos…

Beck icou louco ao ouvir os brados do professor no corredor. Gritou para os soldados interromperem a marcha. Aproximou-se dele e berrou em seus ouvidos, quase o levando à surdez.

– Somos a grande Polônia! Nunca dite ordens para um líder! – E o ministro deu-lhe duas bofetadas violentas na cara.

Ditar ordens para um líder insensato é o mesmo que fazê-lo se aferrar àquilo em que acredita, ainda que sua crença seja intelectualmente estúpida e sociologicamente inumana.

Um policial se preparou para assassinar o professor, mas Beck o interrompeu.

– Não. Leve-o para posterior investigação.

Dez metros à frente, enquanto era levado, Júlio passou pela lixeira do gabinete de Beck e sentiu cheiro de comida. Desesperado, fechou o circuito da sua memória e reagiu por instinto. Atacou a lixeira que tinha restos de alimentos

e algumas cascas de banana. Para alguém que vivera em Auschwitz, aqueles restos eram um manjar. Mastigou-os como um animal faminto diante dos olhos espantados dos soldados e do ministro polonês.



CAPÍTULO 24

UM NOVO ATAQUE DE PÂNICO

O professor, por ser considerado um criminoso perigoso, icou sozinho numa cela. Embora tivesse uma alimentação incomparavelmente melhor do que em Auschwitz, seu estado depressivo frente à própria impotência de impedir a Segunda Guerra Mundial dominou o instinto da fome, não sentia prazer em comer. Não parava de pensar na invasão da Polônia. Ao derrotar o país, a Alemanha intensi icaria a caça aos judeus alemães e iniciaria as deportações dos judeus poloneses para os guetos de Varsóvia.

Tais acontecimentos tornar-se-iam uma mola propulsora para a formação de Auschwitz e de outros campos.

O professor sabia que algo precisava ser feito urgentemente. Era 28 de agosto de 1939. Em três dias, dia 1º de setembro, ouvir-se-iam os sons infernais de bombas, canhões, bombardeios. A Alemanha invadiria e massacraria a Polônia. Sabendo disso, o professor segurava as barras da cela com as mãos e tentava impotentemente chacoalhá-las. Era impossível romper os grilhões de ferro e os grilhões do medo. Estava perdendo a oportunidade de ouro para atacar outro ponto de mutação da história e evitar a Segunda Guerra Mundial. Seu cérebro estressado fazia seus pulmões terem dispneia, falta de ar, e seu coração pulsar

incontrolavelmente:

– Tirem-me daqui! Levem-me até Beck! A Polônia vai arder em chamas!

– Cale a boca – gritavam alguns presos.

Pensar em crianças como Anne e Moisés, no dr. Kurt, em Herbert, Esaú e Rodolfo o levava ao desespero.

– A Polônia vai capitular. Tirem-me daqui!

Gritava e chorava, chorava e gritava.

– Calem esse louco – outros presos bradavam.

Vieram dois guardas e lhe deram uma surra.

Mas era impossível silenciar a voz da sua mente. Ainda que o amordaçassem, ele gritaria em seus pensamentos. Foi então que começou a dar aulas de dentro da sua prisão. E mais uma vez ele irrigou a sensibilidade daqueles que o ouviam, pelo menos de alguns. Eram criminosos, mas também eram seres humanos. Como caçador de pérolas, o professor conseguia explorar tesouros em terrenos inóspitos.

Ele começou a dar aulas sobre a Polônia e a Alemanha. Comentou sobre as condições sociopolíticas que se instalaram após a Primeira Guerra e os riscos de ocorrer outra guerra mundial. Os presidiários começaram a icar desesperados com a fala daquele culto homem.

Hitler era um homem mundialmente famoso e admirado, em especial por pessoas radicais, fascistas e de partidos de extrema direita. Muitos criminosos de várias raças o tinham como ídolo, inclusive na prisão em que o professor estava. Mas a razão começou a prevalecer sobre a emoção. Ao mostrar a personalidade do *Führer* alemão, sua intolerância racial, beligerância, brutalidade, capacidade de vender sua imagem no palco social e, ao mesmo tempo, cometer atrocidades em seus bastidores, foi seduzindo alguns da plateia de criminosos. Ele não negou sua raça, disse que era judeu e comentou as mazelas que os judeus vivenciariam.

– Ribbentrop, ministro do Exterior alemão, manifestou o desejo de assentar

todos os judeus da Europa na ilha de Madagascar sob o comando alemão, mas com administração judaica. Alguns estudos foram feitos para isso. Em meados de agosto de 1940 pensou-se em mais detalhes do plano para pôr quatro milhões de judeus nessa ilha mas, agora, sem a autonomia administrativa judaica. Os judeus estariam debaixo do controle estrito da SS. A ilha tornar-se-ia um megacampo de concentração. Os planos foram abortados. Preferiram eliminar os judeus, das crianças aos idosos.

E em seguida o professor contou-lhes sobre os campos de concentração.

Discorreu que Hitler e outros fanáticos nazistas desenvolveram um antissemitismo maníaco, re lexo de uma atro ia da mentalidade humana.

Alguns criminosos choraram.

– Eu sou um assassino! Cometi um latrocínio. Ao roubar, matei quando fui confrontado. Sou culpado, mas jamais ouvi falar que crianças e mulheres inocentes poderiam ser mortas gratuitamente! Como isso é possível? – falou indignado um prisioneiro.

– Hitler em poucos dias dominará a Polônia e eliminará os prisioneiros.

– Por quê? – indagou outro prisioneiro inconformado.

– Para esvaziar as prisões e ter espaço para encarcerar líderes políticos da Polônia.

O impacto foi tão grande em alguns criminosos que eles queriam sair do cárcere a qualquer custo e libertar Júlio Verne, mas o presídio era uma verdadeira fortaleza. O infeliz professor nunca se sentiu tão impotente. Na noite de 30 de agosto contava cada minuto, pois sabia que no dia seguinte perderia sua própria guerra. Seu cérebro estava estressadíssimo. Os criminosos também estavam agitados. Descontrolado, Júlio proclamava:

– Guardas, é madrugada de 1º de setembro. Não dá mais tempo! Não dá mais tempo! – dizia aos prantos. E bradava: – Deus! Por que não me ajuda?

Por que não tem compaixão dessa humanidade doente? Deus, onde está você? – proclamava sem parar.

Suava frio, estava perturbadíssimo, delirando. Atirava seu corpo contra as grades, querendo rompê-las. Tinha risco de morrer traumatizado. Os presidiários das celas ao lado estavam com compaixão dele e temerosos. Os mais distantes, sem saber o que se passava, amaldiçoavam o maluco.

– Cale a boca, maldito. Nós o mataremos. Queremos dormir.

Num ataque de raiva, o outrora dócil professor sentenciou aos brados:

– As bombas os ensurdecerão e os fuzis os matarão. – E se sentou inconsolado no frio chão da prisão.

Não relaxava um segundo. Qualquer barulho parecia o som estridente de bombas. E sentado, mais uma vez se tornou um colecionador de lágrimas. Sua mente continuava a ser assaltada por todas as imagens que presenciara em Auschwitz. Quase que involuntariamente citava em voz sofrida o nome de seus amigos.

– Rebeca, Dr. Kurt. Desculpem-me. Eu falhei… Eu falhei…

Era um homem completamente fora de si, profundamente descontrolado. De repente, seu estado de pânico, tensão mental e humor

trucidado pela dor foram tão agudos e intensos que levaram sua mente a acionar novamente uma corda cósmica. Um estrondo gigantesco aconteceu na prisão. Sem saber o que estava acontecendo, o professor foi transportado no tempo. Dessa vez não precisou passar por um pesadelo, pelo menos não dormindo.

Foi transportado estranhamente apenas para dias antes do tempo em que estava. Encontrava-se num imponente porto na costa francesa. Mas trajava as engraçadas roupas listradas de um presidiário polonês. Confuso, deparou-se com dois homens que se aproximavam. Falavam em inglês. Os homens, muito bem trajados, estavam sendo escoltados à distância por três outros policiais.

Os homens icaram atônitos com a imagem do personagem que viram dez metros à sua frente. Ao se aproximarem, notaram não apenas que trajava roupas bizarras, mas havia hematomas e lesões na face. Condoídos, jogaram algumas moedas para o mendigo.

– Onde estou? – perguntou Júlio para eles.

– Na França, oras – respondeu um deles, que parecia francês.

– França? Em que dia e ano estamos?

Um olhou para o outro. O inglês resolveu falar, pois o estranho perguntara na sua língua.

– 18 de agosto de 1939.

O professor sorriu.

– Felizmente ganhei mais alguns dias.

O outro, com sotaque francês, acrescentou à fala do primeiro:

– Vamos, Michael, não temos tempo para perder. Precisamos nos antecipar a Hitler.

O professor olhou bem para aqueles homens, pareciam diplomatas. De repente sua mente se abriu e ele disse para si: “Não é possível! Será que são eles?” Quando os dois já se encontravam a cerca de 15 metros de distância, o professor gritou:

– Michael Key!

Um deles se voltou espantado para o professor, como se esse fosse seu nome.

– Nicholas Dominique?

– Sim, sou eu – confirmou o que tinha sotaque francês.

Com um sorriso incomum para um mendicante, num estado de êxtase, Júlio disse para si: “Minha mente está conspirando para mudar a História”.

O professor estava diante de mais um ponto de mutação da história.

– Os dois brilhantes diplomatas da Inglaterra e da França encarregados de interromper o acordo germânico-russo que deu ousadia a Hitler para

invadir a Polônia. Hitler sabia que Stalin conhecia sua aversão pelos marxistas. Ele os varreu da Alemanha quando se tornou chanceler. Sabia que se invadisse a Polônia seria quase como declarar guerra à Rússia, pois ambas dividiam as fronteiras(51).

Os dois homens icaram atônitos com as informações do bizarro professor, mas valorizavam o trivial e não o essencial.

– Como sabe nossos nomes? – indagou Nicholas.

– E como você sabe que esse tratado está em curso? – acrescentou Michael.

– Sou um homem muito bem informado, senhores.

– Nicholas, acho que estamos icando famosos – brincou Michael e perguntou ao professor: – Quem é você?

– Pareço um mendigo, mas sou um professor de História.

– Em que podemos ajudá-lo? – indagou Nicholas.

– Senhores, vocês podem mudar o curso da História. Um acordo entre a Alemanha e a Rússia vai atear fogo nas ambições de Hitler e acalmar Stalin, o paranoico secretário geral do Partido Comunista. Impedir esse tratado poderia conter o ímpeto megalomaníaco de Hitler e mudar os acontecimentos que estão por vir. Eu lhes rogo, não peguem um vapor, peguem um avião, cheguem na frente para impedir o tratado de não agressão entre Hitler e Stalin.

– Calma, Stalin sabe que Hitler detesta os comunistas – a irmou Nicholas.

– Não fará um acordo às pressas.

– Está enganado, senhor. Em cinco dias o ministro do Exterior de Hitler, Ribbentrop, selará um acordo de dez anos de não agressão entre a Rússia e a Alemanha.

– Quando? – indagou Michael descrente.

– No dia 23 deste mês de agosto(52). – E, suando frio, o homem do futuro confessou: – A Polônia será invadida no dia 1º de setembro. E seus países declararão guerra à Alemanha, de lagrando a Segunda Guerra Mundial.

Por amor à humanidade, sejam rápidos. Antecipem-se a Ribbentrop.

– Como você sabe que isso ocorrerá?

– O fato é que sei, e sei que se vocês falharem a Segunda Grande Guerra matará mais de setenta milhões de pessoas. Será um desastre sem

precedentes para este continente e para a humanidade. Eu lhes suplico, peguem um avião, não vão de navio. Convençam Stalin antes de Ribbentrop.

O professor estava diante do maior ponto de mutação da história que já presenciara. Sabia que se convencesse os diplomatas francês e inglês, a Segunda Guerra Mundial poderia não acontecer. Como sempre, cinco minutos poderiam mudar a História para o bem ou para o mal.

Infelizmente, Michael olhou para Nicholas e franziu a testa como se estivesse diante de um homem mentalmente perturbado.

– Ribbentrop? Aquele falastrão vai fazer um acordo com Stalin? Duvido.

– E depois zombou do professor: – É inegável que estamos diante de um mendigo intelectual, mas que conhece pouco a diplomacia alemã.

– Fique tranquilo, cuidaremos de Ribbentrop – afirmou Nicholas.

Mas o professor era obsessivamente insistente.

– Senhores, não estou tranquilo, estou a ponto de ter um colapso. Mesmo que Stalin não seja um crápula como Hitler, se não impedir esse tratado, Hitler alçará voo em sua ambição geopolítica. Ele invadirá a Polônia, e o sucesso dessa campanha o fará conduzir ataques-relâmpago por todo o continente.

Júlio Verne tinha razão. A vitoriosa campanha contra a Polônia colocaria combustível na megalomania do *Führer*. Não fazia muito tempo que o

próprio Hitler havia confessado que era um simples soldado na Primeira Guerra, um simples corredor que transmitia informações. Mas a Alemanha perdera a guerra e, agora, esse soldado resgataria o império ao qual acreditava que a Alemanha estava destinada. Ele havia dito: "*A vitória que jogamos fora em 1918 será agora recuperada em alto e bom tom. O corredor que vai do front para o quartel general agora se acha predestinado a resgatar a Alemanha e reacender o sonho imperialista nascido no im do período bismarckiano*" *(53)* Hitler sabia da fragilidade das Forças Armadas alemãs diante da possibilidade de uma coalizão inimiga. Por isso, precisava abrandar os ânimos da Rússia. Não podia sustentar guerras de longa duração. Era preciso concentrar-se em ataques curtos em focos determinados, de maneira a expandir aos poucos sua economia e indústria bélica e seu sistema de defesa, até que tivesse condições de enfrentar uma guerra mundial. Tais ataques rápidos e maciços foram chamados de ataques-relâmpago(54).

Mas antes de lançar os alemães nessa estratégia militar, Hitler usou a

estratégia de exaltar constantemente a raça ariana e propagandear a sua superioridade. Sob o calor de uma autoestima exaltadíssima sustentada pela indústria de propaganda de Goebbels, milhões de jovens alemães se entregaram à sua ideologia.

Depois da vitória sobre a Polônia, no discurso de 23 de novembro de 1939, quando queria preparar os altos comandos para invadir o mais breve possível outros países do Ocidente, mais uma vez mostrou sua falsa modéstia ao exaltar a si mesmo acima de todos os alemães. Dizia que nenhum ariano se comparava a ele. Considerava-se único para dirigir a Alemanha. O austríaco rude, inculto e falastrão vendia sua imagem como ninguém.

Após ouvir sobre o poder bélico de Hitler e seus possíveis ataques-relâmpago,

Nicholas,

com

o

orgulho

francês

ferido,

a irmou

categoricamente para o professor:

– Hitler é um engodo, uma ilusão. Sua máquina militar não tem poder para aventuras. Não seja tolo, homem.

– Senhor, a França capitulará em uma semana.

– Você está louco – reagiu agressivamente o diplomata francês: – Nossa frota naval é mais poderosa que a da Alemanha! Nosso Exército e Aeronáutica são mais poderosos que os dela.

A irritabilidade e autossu iciência de Nicholas, embora desprezassem a engenhosidade do estrategista Hitler, tinha seus fundamentos. Antes de 1º

de setembro de 1939, dia da invasão da Polônia pela Alemanha, a Marinha alemã não só era inferior à esquadra inglesa, mas também à francesa (55).

Além disso, o Exército de Hitler consistia em 102 divisões e só metade estava ativa e disponível.

Entretanto, a Aeronáutica nazista era fortíssima. Dispunha da quantidade gigantesca de 3.298 aparelhos. Depois da campanha contra a Polônia, as reservas de munição icariam reduzidas à metade, de modo que uma continuação ativa da guerra não teria sido possível por mais um mês.

Portanto, um ataque em conjunto das potências ocidentais, aqui incluindo não apenas a França e a Inglaterra, mas também os Estados Unidos, que só entrariam na guerra no dia 7 de dezembro de 1941 após o Japão destruir Pearl Harbor, teria provocado um afundamento das forças alemãs e a consequente decadência de Hitler. Mas o Ocidente não se uniu para dar uma resposta rápida e cabal contra o nazismo. O preço da inação sempre foi mais caro que o da ação.

Os diplomatas francês e inglês tiveram uma lentidão imperdoável para

evitar o acordo entre a Alemanha e a Rússia. Zombaram de Júlio Verne.

Nicholas instigou seu colega inglês a seguir seus planos.

– Vamos, Michael. O navio nos espera.

– Sim, vamos. Precisamos de uma viagem relaxante. A inal de contas temos trabalhado muito – afirmou Michael.

– Na era do avião, com um mundo prestes a estar em chamas, pegarão um mísero vapor para ir à Rússia? Isso é uma heresia diplomática – falou o professor, abalado, rilhando os dentes de ansiedade. – Senhores! A Segunda Guerra Mundial vai implodir a Europa.

– Calma, homem, diplomacia exige serenidade – comentou Michael.

– Mas exige também rapidez. Quase seis milhões de judeus vão morrer.

Marxistas, eslavos, homossexuais, ciganos, maçons serão mutilados. A França será humilhada mais que os alemães o foram pelo Tratado de Versalhes. Cidades inglesas serão arrasadas. E, além disso…

Nicholas olhou para Michael, depois de novo para o professor, e disse:

– Pare com essas fantasias!

– Você é louco? Derrotaremos Hitler com extrema rapidez, se ele invadir a Polônia – afirmou Michael.

E ambos se foram.

O professor continuava a ranger os dentes de raiva. Uma viagem, uma simples viagem, poderia, se tivesse sucesso, evitar o sofrimento de milhões de seres humanos. Um ponto altíssimo de mutação da história estava sendo dissipado diante de seus olhos. Perturbado, Júlio Verne perdeu a noção de perigo e num sobressalto tentou pegar a arma de um dos guardas para pressionar aqueles diplomatas a mudarem de ideia.

– Assassinos! Vocês querem o conforto de uma viagem de navio enquanto o ministro do Exterior da Alemanha toma um avião para seduzir Stalin? Estouro

seus miolos de não mudarem de ideia.

Estava tão transtornado que não viu outro soldado à paisana se aproximar. Foi golpeado na nuca, caiu ao solo e começou a ser espancado, chutado. Foi levado à prisão quase morto por tentativa de assassinato de duas altas lideranças da diplomacia anglo-francesa. O crime era grave. O

relógio não interrompia sua marcha. O tempo adquiriu sabor, as horas tornaram-se amargas como fel.

O Projeto Túnel do Tempo era mais uma vez frustrado. A mente do professor o apoiava a mudar a História, e até que conseguia mudar pontos periféricos dos acontecimentos, mas os capítulos centrais pareciam

imutáveis. A história embalada pelas atitudes humanas seguia inexoravelmente seu próprio curso. Milhões de vidas foram silenciadas por alguns minutos de decisões erradas… Minutos fundamentais, mas que poucos conheceram…



CAPÍTULO 25

O RETORNO AO FUTURO

A prisão francesa era menos escura, lúgubre e fria do que a polonesa, mas não menos asfixiante, pois ele mesmo, Júlio Verne, se punia por não ter tido habilidade intelectual su iciente para convencer os diplomatas francês e inglês a pegarem um avião para fechar um acordo com Stalin. Conseguira mudar o pensamento de um *Kapo* e de alguns nazistas, mas não dos cultos diplomatas.

O professor estava ísica e mentalmente esgotado. As agressões que sofrera nas últimas semanas, a responsabilidade de mudar a História, seu sentimento de impotência e seu comportamento autopunitivo produziam uma sobrecarga cerebral dantesca. Um ser humano pode desenvolver transtornos psiquiátricos, mesmo que tenha tido uma infância saudável.

Basta estar sob estresse acima dos limites suportáveis e por um tempo prolongado, caso do professor Júlio Verne. A Máquina do Tempo tornar-se-ia para ele uma máquina de doença mental.

O outrora dosado e lúcido professor estava transtornado e desequilibrado. Esqueceu-se do seu amigo Viktor Frankl e da busca do sentido existencial. Ele nem se importava se estava doente ou saudável, pois a Segunda Guerra tornaria o mundo um hospício global. Sem nenhum

gerenciamento sobre seus pensamentos, o professor começou a gritar na prisão, como se a tonalidade da voz pudesse ter algum efeito sobre a História, ou pelo menos sobre a sua, particular.

– Loucos! Tirem-me daqui. A França vai capitular. Tirem-me daqui. – E

batia seu corpo novamente contra as grades. Era o mais frágil dos heróis.

Esquecera-se do provérbio militar dos membros do Projeto Túnel do Tempo: *não me pergunte se sou capaz, dê-me minha missão que darei cada gota de energia para alcançá-la*.

O professor já não tinha energia para pensar em nenhuma outra estratégia. Estava num campo de concentração mental. Dividia a sua cela com dois outros assassinos. Ao ouvir os gritos do professor, os dois o espancaram. Silenciaram sua voz. Para sobreviver, calou a boca, mas não a mente.

Sabia que a França cairia um dia, e quando o marechal Pétain, chefe do Estado francês, colaborasse com Hitler, haveria deportação em massa de franceses judeus para os campos de concentração. Mas teria algum tempo ainda para tentar fugir da prisão. Pensar em viver um só dia novamente num campo de concentração dava-lhe pavor, mas falhar em mudar a História provocava-lhe pânico.

Sentava-se num canto da cela e libertava seu imaginário. Kate tinha razão.

Tentar mudar a história era brincar de deus. O professor não era deus, sentia-se o mais mortal de todos os seres humanos. Era um homem ferido.

Os dias se passaram e aos poucos ele começou a conquistar aqueles assassinos durões e radicais com seus gestos, palavras e ensinamentos.

Recobrou sua lucidez e reconciliou-se com sua missão. Contribuir com o aprimoramento psíquico dos dois assassinos o levou a resgatar seu sentido de vida. Mais uma vez constatou a tese que o controlava: “Todo ser humano é um cofre. Não existem mentes impenetráveis, mas chaves erradas”(56).

Comia muito, inclusive restos de comida dos outros companheiros de cela, não apenas porque estava com fome, mas pela crise de ansiedade que o solapava. O campo de concentração havia alterado sua relação com a comida, produzindo-lhe uma fome compulsiva. Mas com a alimentação que conseguira após sair de Auschwitz, mesmo na prisão polonesa e agora na francesa, recuperara quase todo o peso que perdera.

À medida que o tempo passava, aumentava sua ansiedade em sair do presídio. O prazo para fazer qualquer coisa para evitar a guerra

novamente estava se esgotando. Pediu ajuda para os amigos de cela, mas eles sentiam-se igualmente impotentes.

Queria correr pelas ruas de Paris até o palácio presidencial ou pelas avenidas de Londres para alertar as autoridades sobre o sangue que os ilhos da Europa verteriam e a dor que os faria gemer. Mas aparentemente só conquistara os miseráveis com sua eloquência e suas aulas de História.

Um dia conseguiu a inal criar um tumulto, colocar fogo no seu colchão. A confusão foi tamanha que agitou a prisão. Seis policiais entraram na cela e começaram a espancá-lo. A inal de contas, o professor era considerado altamente perigoso. Matá-lo seria um alívio para aquele inferno, serviria de exemplo para os demais prisioneiros.

Subitamente, o estresse mental dos episódios recentes, somado à brutalidade que sofria, abriu mais uma vez uma corda cósmica, transportando o professor para outro tempo.

Ele não soube inicialmente onde estava. O ambiente era escuro. Havia oxigênio, mas seus pulmões reclamavam por ar. Mal enxergava suas mãos.

De repente uma escotilha se abriu e uma luz intensa entrou e agrediu sua retina. Rapidamente tampou seus olhos com as mãos, procurando olhar apenas por entre as frestas dos dedos.

Quando menos esperava, dois homens vestidos com uniformes brancos citaram seu nome:

– Professor Júlio Verne, permita-nos ajudá-lo.

– Onde estou?

– De onde nunca saiu, professor.

– Como assim?

– Dentro da Máquina do Tempo.

– Como assim?

– Eu não respondo perguntas, senhor. Mas ao que parece a máquina novamente falhou.

– Quanto tempo fiquei na Máquina?

– Apenas dois minutos, senhor.

– Não é possível!

Mas dois minutos no presente haviam sido uma eternidade no passado para o professor.

Foi então que se deu conta de que retornara ao futuro, a sua própria era. Estava na Máquina do Tempo.

– Por favor vista a sua roupa.

– Que roupa?

– A que o senhor tirou dentro da máquina.

Foi então que o professor percebeu que estava nu. Não sabia o que acontecera com o uniforme da prisão francesa. Foi coberto com um manto e quando saiu da Máquina do Tempo vestiu novamente seu macacão especial.

Logo que saiu do ambiente, encontrou Kate, que o beijou:

– Querido, o que aconteceu? Você está todo ferido!

– Eu falhei, Kate. Eu falhei.

– Falhou como? Você ao que parece não viajou no tempo.

– Se eu contar você achará que estou ficando louco.

Em seguida os cientistas do projeto pegaram nos braços de Kate, pedindo que ela se afastasse de seu marido. Ele precisava icar internado o dia todo se recuperando.

Júlio permaneceu 36 horas incomunicável. Fez uma série de exames de sangue, queriam saber como estavam suas células. Fez uma série de testes bioquímicos. Fatiaram mil vezes seu cérebro com um so isticado programa 3D. O professor, apesar de desidratado, dos hematomas faciais, no tórax e nos membros inferiores, estava bem.

Depois desse período, Kate pôde visitá-lo. Ela icou perplexa com tudo que seu marido lhe contou. Fez mil perguntas. Era di ícil para ela acreditar em todos os fatos que sucederam no passado, já que no presente parecia que ele não saíra do lugar. Se ela não o conhecesse, pensaria que não era um professor de História, mas um inventor de ficção.

O professor novamente passou por uma bateria de testes psiquiátricos e psicológicos, com os mesmos pro issionais que o atenderam na primeira viagem. O neuropsiquiatra dr. Runner, novamente muito frio, fazia perguntas com rispidez. Parecia que seu diagnóstico já estava selado desde a primeira vez que o interrogara. Ele era o chefe da equipe; Laura, a psicóloga, o auxiliava. Como militar, ela obedecia às ordens do dr. Runner, embora não concordasse com ele. Para o neuropsiquiatra, o paciente havia

enlouquecido:

O sr. Júlio Verne apresentou piora no seu estado mental geral. Embora continue loquaz e comunicativo, não expressa pensamento crítico. Sua racionalidade tangencia a realidade, persistindo num marcante conteúdo persecutório: crê que quase morreu diversas vezes pelas mãos de algozes nazistas e de policiais poloneses e franceses. O que é mais grave, acredita também, e sem margem de dúvida, que sua mente possui poderes sobrenaturais para teletransportá-lo de uma realidade para outra, de um tempo para outro. Assim, além da psicose paranoica, apresenta delírios de grandeza como tentativa de superar os fantasmas que ele mesmo criou. Portanto,

recomendamos que sejam interrompidas imediatamente as experiências com o professor, sob o risco de ele desorganizar irreversivelmente sua mente.

Dr. Runner Brant

Major do Exército e especialista

em psiquiatria forense.



CAPÍTULO 26

BOMBARDEADO PELOS MEMBROS DO PROJETO

Na manhã do outro dia, às 10 horas, todos os cientistas e militares responsáveis pelo Projeto Túnel do Tempo estavam reunidos ao redor da grande mesa vermelha de mogno. Todos já tinham lido o diagnóstico do dr.

Runner e estavam apreensivos. Não precisaram olhar para os livros de história para checar que o professor falhara em mudá-la. Para eles, a máquina que construíram apresentara falhas no teletransporte. Haviam mentido para o professor que já haviam feito experiências com sucesso. As experiências não foram completas e plenamente con iáveis. O professor era a grande cobaia. No fundo, o esperto Júlio Verne sabia disso. Mas era um homem apaixonado pela humanidade e achara que valia a pena o risco para contribuir com ela.

A primeira impressão que tiveram na presença do professor era de que ele estava combalido. Parecia mesmo ter estado em uma guerra, mas talvez tivesse sido uma guerra consigo mesmo. Estava mais magro, ferido, desidratado, parecia um moribundo que perambulava pelas ruas.

Júlio Verne começou a contar suas perturbadoras aventuras. Por ser professor, procurou ser didático. Abordou caos por caos, crise por crise.

Eles o ouviam com distinta atenção e se entreolhavam, confusos. Júlio

iniciou falando do encontro com a família do dr. Kurt e depois descreveu seu drama no campo de Auschwitz. Comentou sobre o dr. Viktor Frankl e narrou os incríveis diálogos que tiveram no fétido cárcere.

Enquanto contava suas fascinantes e horripilantes experiências, os membros do projeto acharam estranhos alguns dos seus comportamentos que antes não haviam se manifestado. Com a memória debilitada, faltava-lhe precisão nas ideias. Repetia algumas informações…

– Eu já disso isso? – perguntou aos presentes.

– Sim, professor – falou Eva delicadamente.

– Ah, me desculpem.

Enquanto percorria seus relatos, dava alguns tapinhas de leve na cabeça, como se estivesse testando se realmente estava ali vivo, real, presente na reunião. Receava que esse encontro estivesse sendo uma armadilha do seu imaginário. Parecia perturbado.

– Incrível. Simplesmente incrível todo esse relato. E você trouxe alguma

evidência que comprove que esteve em todos esses lugares? – perguntou o general Hermann Müller, o líder militar do Projeto Túnel do Tempo.

– Prova? Não, senhor… Mas espere. Tente encontrar o nome das pessoas que eu e Rodolfo ajudamos. Eles saíram de Auschwitz vivos.

Eles aceitaram a sugestão. Acionando o supercomputador do projeto, eles procuraram os nomes de todos os judeus libertados: Dr. Kurt, Herbert, David, Esaú…

– Infelizmente, todos eles foram mortos em Auschwitz. Ninguém está vivo.

– Que pena… Todos foram recapturados… – Júlio falou comovido, com lágrimas nos olhos.

– Recapturados? – repetiu Theodor, o chefe da equipe dos cientistas. –

Mas não há relatos de que fugiram e depois foram recapturados.

– Naquele inferno havia poucos relatos. E os nazistas, sabendo que cometiam um crime contra a humanidade, queimaram as informações que possuíam.

– Precisamos de uma prova, professor Júlio Verne. O senhor icou apenas dois minutos dentro daquela bendita máquina – falou irritado Hermann.

– Não fui a uma viagem de pesquisa – retrucou também irritado o professor, mas depois se recompôs: – Desculpe-me, general. Não estou bem.

– Quer encerrar a reunião e reiniciá-la amanhã? – ofereceu Ângela Feder com paciência. Mas o professor trocou seu nome.

– Não, Eva… ou melhor, Ângela. Podemos continuar. Talvez minhas roupas pudessem ser a prova de que viajei no tempo, mas não sei o que aconteceu. Fui vestido e voltei nu.

– Você se debateu muito dentro da máquina – comentou Ângela. –

Parece que ficou tão agitado que tirou sua roupa.

– Em dois minutos?

– Desculpe-me, professor, mas em dois minutos dá para fazer muita bobagem – a irmou o brigadeiro Arthur Rosenberg, outro militar de alta patente do projeto.

– Olhe meus hematomas. E não estou cinco quilos mais magro?

– Automutilação, desidratação, evaporação, radiação. Há muitas explicações para isso – afirmou general Hermann.

– Vocês estão achando que meu marido está louco? – questionou Kate, tomando as dores de Júlio Verne. – Suas histórias parecem absurdas, mas o próprio projeto é absurdo, beira a loucura.

– Apenas queremos provas, senhora Kate. Nós, mais do que qualquer pessoa no mundo, queremos acreditar nas histórias dele. Mas somos cientistas, e, por sermos militares, temos uma disciplina lógica rigorosa.

– Apesar do raciocínio do meu marido estar levemente fragmentado, ele ainda é um homem eloquente, vibrante e profundo. Sua história no campo de Auschwitz é crua, convincente, chocante.

– Eu senti meus olhos se encherem de lágrimas enquanto ouvia o relato

– disse o general Hermann. – Suas palavras penetraram em nosso sistema auditivo e invadiram literalmente nossos cérebros. Mesmo assim precisamos de provas. Temos um laudo psiquiátrico que depõe contra Júlio Verne.

– Laudo? Eu sabia. O dr. Runner, com o perdão da palavra, parece um médico… – Júlio ia falar nazista, mas estaria sendo impiedoso. Corrigiu-se a tempo. – … radical. Ele valoriza o trivial e não o essencial.

– É a função dele – a irmou Theodor e acrescentou uma pergunta: –

Quanto tempo você acha que ficou em Auschwitz?

– Mais de um mês, seguramente.

Os cientistas se entreolharam desconfiados.

– E na prisão polonesa e francesa?

– Na prisão polonesa iquei preso do dia 26 ao dia 30 de agosto de 1939.

Na prisão francesa entrei no dia 18 e lá permaneci até 27 de agosto de 1939.

– Espere um pouco, você foi primeiro à Polônia, depois foi preso do dia 26 ao dia 30 do mês de agosto e depois sua mente abriu uma corda cósmica e você foi preso do dia 18 ao dia 27 de agosto. Você esteve preso em dois lugares diferentes ao mesmo tempo – assinalou Erich, o mais jovem cientista.

– Isso é impossível! – afirmou Arthur Rosenberg.

Fez-se um silêncio na plateia. Nesse momento parecia que tudo que o professor dissera era fantasia da sua cabeça, verdadeiro surto psicótico.

Mas o professor contra-argumentou.

– Eu não sei como. Estive em dois lugares diferentes, mas não ao mesmo tempo. Estava preso no tempo-espaço polonês e depois fui transportado para o tempo-espaço francês. Eram dois tempos diferentes. A máquina entra em sintonia com meu estresse mental e produz distorções que não compreendo. Mas de uma coisa sei, louco eu não sou. Embora talvez esteja ficando…

Em seguida deu mais alguns tapas leves na face. Parecia não se importar com a observação dos outros. Parecia alienado em seu mundo. Kate começou a chorar. Estava vendo o psiquismo do marido se deteriorar.

Talvez o dr. Runner tivesse razão, a experiência da Máquina do Tempo estava destruindo o homem que amava. Precisava ser interrompida.

– Os tempos são equivalentes. Dois minutos no presente foram vivenciados como quase sessenta dias no passado – concluiu Eva Groener.

E acrescentou: – Eu sou especialista em estatística. Seus relatos ferem as leis da matemática. Nossa máquina não está projetada para ser acionada por uma mente criativa.

Perturbada com essa informação, Ângela, que tinha grande apreço pelo intelecto do professor, tentou defendê-lo antes de selarem o diagnóstico.

Deu alguma explicação:

– Talvez a energia mental do professor tenha sofrido uma alteração pela energia da Máquina do Tempo. Ela mesma se tornou uma micro máquina do tempo capaz de ser acionada nos focos de tensão.

– Mas como isso é possível, Ângela? – questionou Bernard, outro notável cientista.

– A energia mental de quem é introduzido na Máquina do Tempo pode retornar a uma corda cósmica já existente e, assim, pegar uma carona no pequeno buraco negro criado por ela. E desse modo ir e voltar ao passado,

criar, portanto, uma corda cósmica própria. Nunca pensamos nisso. Parece um delírio.

– Vocês me colocaram neste projeto. Corri risco de vida, fui preso, torturado, esmagado pela fome e pela culpa e, agora, passo por um mentiroso? – questionou o professor, profundamente magoado.

Theodor virou-se para ele:

– Desculpe, professor. A ciência está acima das nossas paixões. Estamos fazendo apenas conjecturas sobre nosso conhecimento do tempo e espaço.

Após um breve momento, o general Hermann disse:

– Professor, o senhor é honestíssimo. Não temos dúvida de que de fato viajou. Só estamos em dúvida se viajou concretamente ou em sua mente.

– Não sabemos. Mas assim como o senhor viajou em seus pesadelos, a Máquina do Tempo pode ter ativado suas memórias e simulado viagens como se fossem reais – acrescentou Eva Groener.

Ângela tinha elevados conhecimentos de biologia molecular. Levantou-se, pediu licença e examinou os traumas de Júlio Verne.

– É estranho, mas a coloração de alguns hematomas e sua densidade indicam que eles foram produzidos nas últimas semanas e não nos últimos dois dias.

– A radiação pode mudar a evolução natural dos hematomas – comentou Theodor. – Não é uma prova concreta.

O diplomata inglês, Michael, o francês, Nicholas, o ministro das Relações Exteriores da Polônia, Józef Beck, o carrasco nazista, Willi Berger, o Dr.

Kurt, bem como seus amigos do campo de Auschwitz, todos tinham invejado sua mente, mas também, alguns mais, outros menos, o consideraram impostor. Agora, os membros do mais arrojado e complexo projeto cientí ico que a humanidade já produziu entraram na ila dos seus algozes.

O limiar de tolerância a frustrações do professor estava quase zerado.

Mas ele se lembrou do pensamento do grande amigo que muito o ajudara, Viktor Frankl: *“ Se você não tiver esperança, estará num campo de concentração pior do que o Auschwitz”*. Era normal essa descrença, talvez ele mesmo descon iasse de alguém que portasse uma história semelhante à sua. Mais tranquilo, lembrou-se das mensagens que recebera do dr.

Frankl quando estivera na masmorra do campo. Respirou profundamente, recostou-se na cadeira e pela primeira vez relaxou, pelo menos minimamente.

Todos perceberam que seu semblante mudou, inclusive Kate. Ângela, querendo poupar o professor, se antecipou e quis dar fim no projeto.

– Será que é possível mudar a História? Somos homens e não deuses.

– Eu sempre acreditei que *quem vence sem riscos sobe no pódio sem glórias*… – expressou-se poeticamente Hermann, algo incomum para um general. – Mas agora vejo que os riscos são enormes. Podemos destruir a mente de nossos heróis. – E depois se voltou para o professor e se desculpou: – Sinto muito por tê-lo colocado nessa situação.

– Mas, general, e todos os acontecimentos que eu vivi? Lembre-se dos

nazistas em meu encalço. Do anel da SS e tantos outros elementos.

– Eu sei, professor. É inegável que houve uma distorção no tempo e espaço propiciando os fenômenos incompreensíveis que o senhor tem vivenciado. Sempre o achei inteligentíssimo, desde o primeiro dia que o convidei para nos conhecer, mas estou, e creio que todos aqui estão, mais perturbado do que seguro depois de que o senhor entrou na Máquina do Tempo. Ela está instável. Parece afetar o cérebro do usuário. É melhor adiar o projeto, antes de abortá-lo. Muitos ajustes, que talvez demorem anos, têm de ser feitos para o projeto continuar.

Kate se alegrou, mas o professor, depois que saíra do palco da sala de aula e vivera as atrocidades patrocinadas pelos nazistas, não era mais o mesmo, não queria desistir. Mesmo que o tachassem de louco, resolveu de novo insistir em que mudara a sorte de alguns nazistas, inclusive de um *Kapo*, e de vários prisioneiros poloneses e franceses. Em seguida comentou:

– Depois de tudo que vi e vivi, não posso desistir desse projeto. Vocês poderão ir a restaurantes e comer com prazer, mas minhas refeições nunca serão as mesmas depois de Auschwitz. Vocês poderão dormir e se aquecer com seus cobertores, mas não haverá cobertores que me libertem do inverno da minha emoção.

Após essa emocionante fala, para espanto de todos, Júlio assegurou com todas as letras:

– Eu me lembrei. Tenho uma prova de que estive em Auschwitz. Tenho uma prova de que a Máquina do Tempo funciona.

Todos icaram paralisados. Ele pediu licença e foi pessoalmente em busca de sua prova. Era a mensagem do dr. Frankl, escrita para ele quando estivera na solitária. A mensagem que também aparecera misteriosamente no seu quarto.

Caro Júlio Verne, a maior loucura é viver sem um sentido existencial. Sem sentido vivemos por viver, a vida não tem brilho, o caos não nos amadurece, a cultura não nos remete à sabedoria. Sem propósito, a mesa, por mais farta que seja, nutre o corpo, mas deixa faminta a alma. Sem propósito, vivemos num campo de concentração mental, ainda que rodeados por jardins. Não tenha medo de morrer em Auschwitz, tenha medo de viver uma

existência sem sentido.

Assinado Viktor Frankl.

Quando o professor trouxe o bilhete, todos icaram impressionados com o papel envelhecido. Era uma textura diferente, com palavras escritas e assinadas pelo dr. Frankl. Agora eles tinham um material a ser analisado. A viagem no tempo não seria apenas um discurso, poderia ser colocada em xeque. Tinham como fazer a datação do carbono e ver a idade do papel.

Podiam fazer um exame grafotécnico e comparar com a letra do dr. Frankl, morto no século anterior.

Todos estavam ansiosos com o laudo, que não tardou a chegar. Vinte e seis horas depois, ao abrir na frente de todos o conteúdo do laudo, o general Hermann fez uma expressão de insatisfação. Na verdade, foi uma tentava de brincar com a sua equipe, cujos cérebros estavam marcados pelo esgotamento e pelo estresse. Mas em seguida, disse altissonante.

– "A textura do papel não é mais fabricada nos dias de hoje. Suas ibras foram produzidas numa região especí ica da Polônia na primeira metade do século XX. O exame grafotécnico é completamente compatível com a caligra ia do dr. Frankl, o famoso médico vienense. A tinta, ao mesmo tempo em que parece fresca, paradoxalmente não é mais produzida na atualidade." Senhores, podemos comemorar: a Máquina do Tempo funciona!

Todos se levantaram e aplaudiram o professor, que não disse nada, apenas derramou lágrimas de comoção. Kate também estava emocionada.

Ela e o ilho que se desenvolvia em seu útero tinham de correr outros riscos, tinham de esperar para ter seu marido e pai de volta. Júlio Verne faria outra viagem…

Ele olhou para a esposa e disse:

– Depois de tudo que passei, todas as minhas células clamam para que eu fuja da Máquina do Tempo, mas depois de tudo que vivi e vi, minha vida não teria sentido se eu não tentasse mais uma vez mudar a História. Uma vida sem sentido é um céu sem estrelas, vazio e frio.

– Mas você não é um messias – disse Kate angustiada.

Todos ouviam atentos o embate do casal.

– Eu sei, sou um simples e imperfeito mortal. Mas se eu recuar, os

alimentos que hoje comerei não me darão prazer, minha casa não me dará conforto, minha cama não me dará descanso. – E, lembrando-se de Anne e Moisés, ele acrescentou: – Nem mesmo os sorrisos do meu ilho ou ilha me alegrarão.

– Mas você não tem controle sobre a Máquina do Tempo.

– Estou estressado e amedrontado, mas talvez não tenha usado as ferramentas certas. Eu quero eliminar Hitler. Eu quero atacar o mais bombástico ponto de mutação da História…

– Resolveu tentar assassinar o Hitler criança? – indagou Hermann, deixando transparecer sua expressão de alegria, pois essa era sua primeira opção como militar.

– Não! Quero eliminar Hitler antes de ele se tornar o poderoso e impiedoso chanceler alemão. E tenho uma estratégia.

Júlio Verne não era um herói, mas lembrou-se de uma frase que sempre trouxera consigo e que Hermann também já mencionara: *"Quem vence sem riscos e derrotas, subirá no pódio sem glórias…"* Riscos dosados fazem parte da história de um vencedor. Entretanto, riscos insuportáveis aguardavam o professor.



CAPÍTULO 27

A GRANDE ESTRATÉGIA PARA RETORNAR AO

TEMPO CORRETO

O paradoxo do avô que sempre perturbara os membros da equipe do Projeto Túnel do Tempo parecia vivo. Esse paradoxo evidenciava que um neto não poderia viajar no tempo, pois se numa dessas viagens ele encontrasse seu avô antes de ele ter tido ilhos e, ainda que involuntariamente, o eliminasse, seu pai inexistiria e ele, o neto, também.

Portanto, seria impossível viajar no tempo.

Entretanto, a mensagem de Viktor Frankl para o professor era uma prova concreta de que ele viajara no tempo, o que excitou muitíssimo toda a equipe. Mas alguns, lá no íntimo, embora não confessassem, criam que só era possível mudar pontos marginais e não pontos centrais da história.

A energia para fazer funcionar a Máquina do Tempo era dantesca e estava cada vez mais instável. Uma explosão poderia ser catastró ica, colocaria em risco não apenas o laboratório, mas o estado e quem sabe todo o país. Os militares, os cientistas e Júlio Verne não tinham muito tempo a perder. Precisavam enviá-lo no tempo certo, num momento único para eliminar Hitler. Mas como fazê-lo?

O maior problema não era a instabilidade da Máquina do Tempo, mas a

instabilidade de outra máquina, mais complexa e di ícil de ser controlada, a mente humana, a mente de Júlio Verne. O professor sabia que sua energia meta ísica é que dirigiria a viagem através do “buraco de minhoca”, a corda cósmica. Por isso, na reunião seguinte, sem demora comentou:

– Meu desa io é conseguir uma sobrecarga mental com o psiquismo de Hitler para dirigir a Máquina do Tempo e fazer com que me leve até o tempo em que ele era o “cabo boêmio”, quando era um sujeito desprotegido, e assim pegá-lo, antes de ele se projetar nacionalmente. Não posso viajar para o tempo em que Hitler saiu-se vitorioso nas urnas, pois o encontraria rodeado de capangas da SS. Gostaria de viajar para o tempo do Putsch da Cervejaria de Munique.

– O que foi esse episódio? – indagou Bernard, confessando que História não era sua especialidade.

O professor comentou que, inspirado na bem-sucedida “Marcha sobre Roma” de 1922, que assinalou a chegada de Mussolini ao poder, Hitler, diante de uma in lação galopante, chegara à conclusão, no outono de 1923, de que a economia da Alemanha entraria em colapso. Reuniu seus amigos, como Hermann Göring e Ernst Rua, e arquitetaram que com o uso da força da SA tomariam o governo regional da Bavária. Na quinta-feira, 8 de novembro, um fanático Hitler instigou os homens da SA, bem como bêbados, desempregados e outros radicais a tomar o poder. A fracassada revolução e o julgamento em que seduziu os juízes a lhe dar uma pena branda o tornaram famoso(57).

Ao falar sobre esses assuntos e destacar o Putsch da Cervejaria de Munique, o professor Júlio Verne ponderou que se Hitler não tivesse promovido esse levante, fosse por uma simples gripe ou porque estivesse num cárcere privado, ou ainda, se tivesse sido punido de maneira exemplar pelos juízes em Munique caso houvesse participado do Putsch, a história mundial poderia ter sido outra.

Após o professor descrever esse episódio, Ângela perguntou:

– Mas como a máquina vai levá-lo a esses momentos fundamentais da História? Pelo que você nos contou, ela o levou a tempos indesejados, nos quais a História seria irreversível, como quando já havia sido instalado o campo de Auschwitz. Qual a estratégia para sua mente não traí-lo ou surpreendê-lo?

O professor respirou profundamente, passou as mãos sobre o rosto e a testa e deu sua contundente resposta:

– Minha estratégia é conquistar uma sobrecarga psíquica sobre a

personalidade de Hitler antes que ele assuma o poder.

– Como assim? – indagou curioso o general Hermann para o intrépido professor.

– Precisamos debater sobre as características doentias da personalidade de

Hitler: psicopatia, falácias, radicalismo, arrogância, necessidade neurótica pelo poder. Todas essas informações poderão ser registradas de maneira privilegiada em minha memória, formando uma plataforma de janelas que, quando eu estiver na Máquina do Tempo, me conduzam diretamente ao Hitler em ascensão ou quem sabe ao cabo frágil que lutava na Primeira Guerra Mundial, que transmitia informações do quartel para o *front*. Para eu ter sucesso em eliminá-lo tenho de retornar a uma época antes da formação da poderosíssima SA, a polícia paramilitar do partido, e a SS, a polícia de proteção de Hitler e da "raça ariana".

– A estratégia é boa – concordou Theodor.

– Também acho. E, por incrível que pareça, pensei muito nessa noite exatamente nesse método – comentou Eva Groener. – Sugiro que todos nós pesquisemos sobre o psiquismo de Hitler e façamos um debate caloroso ao redor desta mesa na presença de Júlio Verne.

– Brilhante ideia – afirmou Bernard.

– Mas não tempos muito tempo para semanas de pesquisa – comentou o general Hermann.

De fato, o tempo conspirava contra os membros da equipe. Foi então que a psicóloga Kate deu sua instigante sugestão:

– Que tal a participação de psiquiatras forenses?

– Não estou entendendo a proposta – afirmou Ângela.

– Já que não há tempo a perder e Júlio Verne não pode errar o alvo, que tal convocar pelo menos três notáveis psiquiatras forenses para dar seu diagnóstico sobre a mente doentia de Hitler? Penso em dois ou três psiquiatras porque a opinião de um único pro issional não produziria um debate acalorado.

– Excelente ideia – comentou Júlio Verne, pegando nas mãos da esposa. –

Essas informações me ajudarão a formar de maneira mais rápida e consistente uma plataforma de janelas da memória de que preciso.

– Tem minha aprovação. Esses pro issionais poderiam discutir conosco seu pensamento, em destaque com Júlio Verne, e esquentar o clima emocional e afetá-lo positivamente em sua viagem – comentou Ângela Feder.

– Tempo, eis a questão. Devemos nos apressar – disse o brigadeiro Arthur.

– Não apenas o tempo, Arthur, mas sigilo absoluto é nosso dilema –

relembrou o chefe militar, general Hermann: – Todos sabem que o Projeto Túnel do Tempo é ultrassecreto. Se a sociedade e a imprensa o descobrirem estaremos acabados. O di ícil será assegurar que esses psiquiatras emitam seu parecer sem jamais saberem o porquê de estarem sendo convocados.

– Bom, podemos convocar o doutor Runner, o psiquiatra do projeto.

Muitos o consideram um gênio, um especialista em mentes de sociopatas.

Ele sabe sobre nossas pesquisas, sabe sobre a Máquina do Tempo, mas não sabe do propósito que temos de eliminar Hitler. O bom é que está sob sigilo militar. Quanto aos outros dois psiquiatras, precisaremos manter o máximo de discrição.

– Não gosto desse doutor Runner. O homem crê que sou um psicótico.

Sonha em me internar – comentou rapidamente Júlio Verne.

Ele foi tão contundente que todos deram risadas.

– Talvez não gostar dele seja uma vantagem para ter uma sobrecarga mental adicional sobre a personalidade de Hitler.

O professor meneou a cabeça, concordando. Além do dr. Runner, outros dois famosos psiquiatras foram convocados. Theodor argumentou que seria melhor dizer a eles que participariam de uma mesa redonda patrocinada pelas Forças Armadas para analisar per il de grandes ditadores. Esse estudo teria uma função pedagógica para prevenir a ascensão de outros psicopatas no mundo moderno, seja na Europa ou em outros continentes.

O professor Júlio Verne icou satisfeito com o apoio que recebeu dos

membros do projeto. O corpo de informações que receberia sobre a mente de Hitler poderia ajudá-lo não apenas a retornar no tempo adequado, mas também arquitetar táticas para varrê-lo da história.



CAPÍTULO 28

O PRIMEIRO PSIQUIATRA: A PERSONALIDADE

ESQUIZOIDE DE HITLER

Escolheram a dedo os outros dois psiquiatras. Ao convocá-los, explicaram-lhes os "motivos" da missão e lhes deram 72 horas para estudarem dia e noite a personalidade de Adolf Hitler. Foram previamente convocados porque já eram especialistas em mentes criminosas e já haviam escrito artigos sobre a mente do *Führer*.

Na data combinada, os três ilustres psiquiatras forenses entraram na sala de reunião. Foi-lhes dada plena liberdade para se expressarem. A condição era que enquanto izessem sua abordagem pudessem ser questionados pela equipe presente.

Júlio Verne estava convicto de que o objetivo central desse debate sobre a mente de Hitler não era encontrar conclusões absolutas, pois sabia que no campo da psiquiatria e da psicologia o conhecimento total era um im inatingível, embora não poucos profissionais de saúde mental acreditassem em verdades puras, imutáveis.

Foi uma interessantíssima experiência reunir argutos psiquiatras numa mesa com notáveis cientistas da ísica e brilhantes e pragmáticos militares

para fomentar um caldeirão de emoções sobre o homem que colocara a Europa e o mundo em pânico. Tudo isso sob o olhar de um crítico professor de História. Ninguém imaginava previamente que Adolf Hitler tinha uma personalidade mais sofisticada do que supunham.

Cada psiquiatra faria sua exposição num período do dia: manhã, tarde e noite. O debate esquentou logo de manhã com a exposição do primeiro psiquiatra, Runner Brant, de 47 anos, o mesmo que participava do projeto.

O dr. Runner era lúcido, lógico, contundente, tinha um raciocínio esquemático e opiniões fortíssimas. Não era um homem de fazer concessões em seus argumentos. Viu Júlio Verne no centro da mesa redonda e ficou incomodado. Mas sem meias palavras comentou:

– Adolf Hitler, o homem que dominou esta nação e tinha ambição de dominar este continente e o mundo, não havia perdido os parâmetros da realidade, ao contrário, tinha consciência dos seus atos e planejava milimetricamente suas atitudes. Em minha convicta opinião, o *Führer* da Alemanha tinha um *transtorno de personalidade esquizoide.*

– É uma psicose? Uma esquizofrenia? – perguntou Eva Groener.

– Não, não é uma psicose esquizofrênica. – E nesse instante Runner olhou para Júlio Verne, como se quisesse dizer “eis aqui um esquizofrênico!”, e completou seu raciocínio: – Como disse, Hitler sempre esteve integrado à realidade. Tais personagens são incompreendidos e costumam ser muito inteligentes.

– Quais são os sintomas desse transtorno? – perguntou curiosa Ângela Feder.

– Os portadores de *personalidade esquizoide(58)* possuem uma cadeia de sintomas bem de inida. – E, como dr. Runner era professor universitário, procurou enumerar didaticamente cada um dos sintomas. – Primeiro: poucas atividades lhes produzem prazer.

O psiquiatra explicou que Hitler era um homem intimista, dado a re lexões. Poucos estímulos irrigavam sua emoção com alegria, à exceção das artes e das grandes vitórias.

O professor Júlio Verne interrompeu o raciocínio do dr. Runner e discordou parcialmente dele.

– Hitler gostava de animais, sempre os teve, inclusive durante a Primeira Guerra Mundial. – E citou informações que o próprio psiquiatra não tinha.

– O cabo Adolf Hitler tinha um cachorro chamado Foxl, provavelmente um fox terrier. O próprio Hitler comentou sobre esse cão: *“ Como eu gostava daquele bicho. Sempre que alguém encostava em mim, Foxl icava furioso.*

Nas trincheiras, todos o amavam. Durante as marchas corria ao nosso redor; tudo observava, nada o distraía. Compartilhávamos tudo. À noite dormia ao meu lado” *(59)*.

Todos icaram impressionados com o conhecimento de história de Júlio Verne, apenas o dr. Runner não icou confortável, pois teve de engolir a crítica do professor. Júlio prosseguiu:

– Hitler vivia numa masmorra psíquica. Amava animais e tinha apreço pelas artes, aliás foi o político que mais colecionou obras de artes da história(60), mas discordo que era um homem dado a re lexões, pelo menos profundas. Vivia na super ície intelectual, tinha uma existência sem grande sentido existencial. Amava cães e pinturas, mas não seres humanos. Mas tinha outros prazeres, típicos de uma pessoa mentalmente doente: a necessidade neurótica de evidência social e de controlar os outros.

O dr. Runner icou impressionado com o raciocínio do homem que ele diagnosticara como psicótico. Mas teve um ataque de raiva por ter sido criticado logo na abordagem do primeiro sintoma de Adolf Hitler. Porém, como militar, procurou manter a disciplina.

– É surpreendente que esse homem tenha tido uma relação marcadamente afetiva com cães e tão destrutiva com seres humanos –

comentou o general Hermann.

– É mais fácil lidar com cães. Eles obedecem à ordens, não pensam, general – afirmou Eva Groener.

Em seguida o dr. Runner abordou o segundo sintoma da personalidade

esquizoide de Hitler, que citou como sendo frieza emocional, afetividade distanciada ou embotada.

– Hitler desenvolvia seus projetos e comandava as batalhas com uma afetividade distanciada, como se a dor humana não existisse. Um comportamento típico de um líder com sólidas convicções.

– Concordo – disse Júlio Verne. – Mas você, doutor Runner, aborda essa característica e a explica num tom de voz como se ela fosse positiva, como se admirasse Hitler.

O psiquiatra fechou o circuito da memória, não suportou a afronta. Bateu irado com o punho direito na mesa.

– Você está me provocando, seu, seu…

– Seu doente mental, é isso? Quem se mostra desequilibrado é o senhor

– retrucou Júlio Verne.

– Acalmem-se, senhores. Estamos num debate civilizado – interferiu

Theodor, o chefe da equipe de cientistas.

Olhando para seus superiores, o dr. Runner se controlou.

O professor, depois de uma pausa para respirar, completou.

– Hitler detestava a Alemanha.

– Eu discordo – expressou o dr. Runner com veemência: – Os métodos de Hitler podem ser questionados, mas ele amava a grande Alemanha.

– Amava uma ova, doutor. Hitler era capaz de olhar mapas e encaminhar exércitos para o *front* sem se importar minimamente com os ilhos da Alemanha. Ele levou milhões de jovens arianos ao suicídio. Ele detestava a Alemanha.

O clima esquentou novamente, para a felicidade dos membros da equipe, pois o embate poderia ser útil para o professor Júlio Verne viajar no tempo.

O psiquiatra continuou a revelar os sintomas do transtorno que Hitler tinha.

– Em terceiro lugar, citaríamos a capacidade limitada para expressar sentimentos ternos, calorosos. Hitler não vendia bem sua imagem emocional, tinha dificuldades de evidenciar seus sentimentos mais cálidos.

Logo que o dr. Runner citou e explicou esse sintoma, Júlio Verne discordou sem meias palavras.

– Não concordo, doutor Runner. Ele foi o maior marqueteiro da história.

Mostrava sentimentos calorosos quando lhe convinha. Ele se deixava fotografar em posições que mostravam afeto, simplicidade, cuidado com a natureza. Além disso, era considerado o solteirão mais cobiçado da Alemanha nazista. Curvava-se diante das mulheres da alta roda e beijava-lhes as mãos, mostrando inigualável gentileza(61), mas em seguida telefonava para eliminar milhares de inocentes mulheres judias nos campos de concentração. No entanto, concordo num ponto dessa característica: como psicopata clássico, Hitler não internalizava e não expressava sentimentos profundos, como sentimento de culpa e arrependimento.

O dr. Runner deu uma tossidela, queria comer o professor vivo.

Entretanto, defendeu sua tese:

– Hitler tinha di iculdade de mostrar afeto. Com algumas pessoas que o admiravam e em ambientes controlados, mostrava sentimentos fraternos.

Você não estava dentro dele para julgá-lo, professor. Seu preconceito é estúpido.

– E você, entrou em mim para me julgar como um psicótico, doutor? Você me reduziu a um diagnóstico de maneira não menos estúpida.

Em seguida o general Hermann entrou em cena e fez esta observação:

– Em ambientes controlados, como as reuniões de cúpula política ou militar, Hitler de fato mostrava sentimentos calorosos, contava piadas, era engraçado, mas, se contrariado, perdia o controle.

– Exato, general. O homem que dirigia a Alemanha não dirigia sua própria mente. Era emocionalmente imaturo – afirmou o professor.

Entretanto, para espanto de todos os que participavam daquele debate, o dr. Runner sempre parecia dar descontos a Hitler.

– A personalidade do *Führer*, general, não é muito diferente da personalidade de muitos líderes da atualidade que detestam críticas e raramente reconhecem seus erros e pedem desculpas.

– É verdade, a maioria dos líderes da atualidade se infecta com o poder, está despreparada para exercê-lo, tem a necessidade neurótica de ser perfeita – interveio o professor. – Mas a diferença, doutor Runner, é que quem discordasse de Hitler caía em desgraça. Hitler não admitia competidores.

O psiquiatra, constrangido com a assertiva de Júlio Verne, abordou mais um sintoma da personalidade esquizoide de Hitler.

– Quarto lugar: indiferença a elogios ou críticas. O *Führer* achava que tinha um destino, uma missão, uma meta existencial a ser cumprida. E

acreditava nela. E independentemente de nós o aprovarmos ou não, ele era um grande líder. E como grande líder, as críticas e os elogios não o desviavam de sua trajetória – concluiu com certo ar de satisfação.

O professor olhou bem nos olhos do psiquiatra, passou as mãos na cabeça e, indignado, disse-lhe:

– Se liderasse máquinas, Hitler poderia ser considerado um grande líder, mas como liderava seres humanos, tornou-se um monstro. Doutor, quem não é capaz de ouvir críticas não é digno do poder de que está investido. Ele se colocava como um messias inumano.

A brilhante psicóloga social e professora universitária Kate, que era cristã praticante, interveio mais uma vez. Comparou dois grandes messias históricos.

– Um dos maiores con litos de Adolf Hitler era que o homem mais admirado na Alemanha era um judeu: Jesus. Espertíssimo, ele usou um intenso marketing de massa para destruir a imagem do Jesus-judeu no

inconsciente coletivo dos alemães e, aos poucos, se colocar como messias de uma nova Alemanha, o protagonista de uma nova ordem mundial, onde a raça ariana teria supremacia.

– É por isso que dizia constantemente *eu* sou o alemão dos alemães, ninguém ama mais a Alemanha que *eu*, *eu* a retirei do calabouço econômico, *eu* a libertei da humilhação do Tratado de Versalhes. Ele propagandeou a cultura do eu – afirmou Júlio Verne.

Ângela Feder ficou impressionada com essa observação.

– Fico pensando como o messiânico Hitler tinha ódio das biogra ias de Jesus, os chamados evangelhos. Era di ícil ele engolir que Jesus jamais passou por cima de um ser humano para executar sua missão, enquanto ele fazia isso constantemente.

O dr. Runner parecia se contorcer em sua poltrona. Estava impaciente.

Kate, em sintonia com Ângela, disse-lhe:

– Correto, Ângela. Jesus não impediu nem mesmo seu traidor, Judas Iscariotes, de traí-lo. No último jantar, deu-lhe um bocado de pão e lhe disse: “O que tendes para fazer, faze-o depressa”. Era tão generoso que corrigia em particular e elogiava em público. Horas depois, no Jardim das Oliveiras, chamou o mesmo Judas de amigo no ato da traição. Ele não tinha medo de ser traído, tinha medo, sim, de perder um amigo. *Nunca alguém tão grande se fez tão pequeno para tornar os pequenos grandes.*

– É por isso que Hitler considerava a sensibilidade e ética de Jesus como características femininas – comentou o professor.

Theodor, que era um ateu, icara comovido com a exposição de Kate.

Concluiu:

– Para o homem Jesus, o ser humano estava em primeiro lugar. Mas para o sociopata psicopata Adolf Hitler, a meta estava em primeiro lugar.

Adolf Hitler tinha a necessidade neurótica de ser aplaudido e aprovado, mas com o passar do tempo nem os elogios o animavam. Vivia de migalhas de prazer.

Quanto às críticas de seus generais e marechais, Hitler tinha reações antagônicas, ou se enfurecia com elas ou simplesmente as ignorava. Nada o detinha.

O dr. Runner comentou que o poder isola as pessoas.

– Hitler era um homem solitário e infeliz. Detestava a rotina da política.

Era um homem pouco compreendido – a irmou, para explicar mais um sintoma da personalidade esquizoide do líder nazista, que seria a preferência quase invariável por atividades solitárias.

– Concordo com o senhor com ressalvas – expressou o professor de História. – Hitler amava grandes eventos, espetáculos militares, óperas, mas não tinha apreço pela interação interpessoal. O poder de fato é um convite à solidão, isola as pessoas, e em Hitler esse isolamento foi às alturas. O *Führer* fazia reuniões de trabalho a contragosto, vivia em seu *bunker*, encarcerado em seus pensamentos.

– Ele incentivava o esporte?

– Muito. Era um homem que desejava que o corpo dos alemães fosse saudável.

– De fato, Hitler incentivava o esporte, mas não o praticava, pois se dizia um péssimo esportista. Como tinha a necessidade de ser o centro das atenções, qualquer coisa que o colocasse em segundo plano era descartada.

– Verdadeiramente um homem estranho com uma personalidade…

Como é o seu diagnóstico mesmo, doutor Runner? – indagou o general Hermann.

– Esquizoide.

– Terminou ou há outros sintomas que caracterizam a personalidade esquizoide? – perguntou o compenetrado militar Arthur.

– Sim, há outros – con irmou o dr. Runner. – Mas não se encaixam muito em seu per il psicológico. Trata-se da preocupação excessiva com a fantasia e a

introspecção.

– Se encaixa, sim – a irmou Júlio Verne. – Hitler frequentemente icava horas deitado num divã, numa atitude sombria de meditação. Chafurdava na lama de suas ideias mórbidas, permanecia com espírito distante, alienado do presente, com um ilhote de sua cadela Blondi. Acariciava com uma das mãos o cachorrinho e com a outra dava ordens para eliminar crianças da nossa espécie… Mais de um milhão de crianças e adolescentes judeus foram mortos pelos nazistas.

À exceção do psiquiatra, todos icaram perplexos com esse paradoxo doentio expresso na personalidade de Hitler. Em seguida o dr. Runner abordou o penúltimo sintoma da personalidade esquizoide, a falta de amigos íntimos ou confidentes.

– Esse sintoma – a irmou o psiquiatra – com certeza Adolf Hitler não possuía. Ele tinha muitos amigos e alguns confidentes.

– Os amigos são fundamentais para regular nossas ações, questionar nossas verdades – a irmou Theodor, impressionado com a complexidade

da personalidade de Hitler. – Por que as pessoas não o dissuadiram de entrar em guerra, de eliminar doentes mentais alemães, de assassinar em massa os judeus, eslavos, ciganos, homossexuais?

– Na realidade não o in luenciaram porque entraram em seu delírio –

comentou o professor: – Desde o Putsch da Cervejaria de Munique, Hitler passou a ter uma corja de bajuladores e não amigos.

– Lembremos que Goebbels, o gênio da propaganda nazista, se matou junto com seus ilhos para não abandonar Hitler quando este foi derrotado

– comentou Ângela. – Goebbels não era um amigo, mas um serviçal.

– Pelo fato de Hitler ser deprimido, compenetrado, que expressava pouco suas emoções, seus bajuladores pensavam que estavam diante de uma pessoa madura, ricamente introspectiva, sem ter consciência de que tinham um menino dirigindo a nação – afirmou o professor.

– Você está exagerando! – protestou o dr. Runner. – O que o faz ter tantas convicções de que Hitler foi um monstro?

– Esqueceu? Eu sou doutor em História. E quer mais: eu estive lá…

Os militares torceram o nariz, pois Júlio Verne deveria manter em sigilo o projeto. Mas como o dr. Runner já o havia entrevistado, eles se acalmaram. O psiquiatra aproveitou o ensejo.

– Você já esteve lá… É por isso que fechei meu diagnóstico.

– De quem? De Hitler ou o meu?

– Ambos.

O clima fervilhava e Kate, sempre altruísta, tentou abrandá-lo:

– Até no inconsciente coletivo da sociedade como um todo o gesto de levantar o braço direito e saudar “ *Heil* Hitler” era a forma de exaltar um homem que vendeu a imagem de um líder único, espetacular.

– Mas aos olhos das ciências sociais ele não tinha nenhum preparo para dirigir sequer um pub – afirmou Eva Groener.

– Acho que a senhora não lê História, senhora Eva – comentou o psiquiatra com ironia: – Hitler, em poucos anos, conseguiu trabalho para sete milhões de desempregados. A in lação altíssima foi controlada. A economia debilitada deu um salto.

– Acho que você também não lê História, doutor Runner. Hitler de fato levou a economia a um salto. Investiu em destaque na indústria bélica, como nenhum outro. E fez uma dívida enorme. Se a guerra não explodisse, a economia alemã iria implodir. Onde está o estadista? Onde está o homem que pensa a longo prazo? – indagou rapidamente o professor.

E por fim o dr. Runner comentou o último sintoma de uma personalidade esquizoide, a insensibilidade marcante para normas e convenções sociais.

O psiquiatra não quis discorrer sobre esse sintoma. Sabia que seria bombardeado. O professor, com um nó na garganta, também não quis

explaná-lo. Estava entristecido demais. Apenas disse:

– As regras jurídicas, a constituição do país, não tinham qualquer valor para esse deus…

Seu olhar parecia viajar no tempo. Lembrou-se de que os nazistas consideravam os doentes mentais, como seu amigo Rodolfo, e as crianças especiais alemãs que precisavam tanto de atenção e proteção como uma classe inferior, destinadas a ser eliminadas. Lembrou-se das crianças judias como a pequena Anne, do dr. Viktor Frankl e de todos os miseráveis de Auschwitz. Seres humanos belíssimos e complexos foram considerados leprosos sociais. Cansado, fez um sinal com as mãos de que para ele o debate daquela manhã estava encerrado.



CAPÍTULO 29

O SEGUNDO PSIQUIATRA: A SOCIOPATIA DE HITLER

Às 2 horas da tarde, o segundo psiquiatra entrou na sala e logo depois das apresentações formais começou sua exposição. Era mais jovem, mais articulado, ousado, conciso, intrépido. Walter Lepsius tinha 35 anos e era professor doutor de psiquiatria na Universidade de Berlim, além de especialista em mentes de sociopatas. Foi direto ao diagnóstico sobre a personalidade de Hitler, para depois defender seu ponto de vista com extrema segurança.

– Há anos tenho analisado a história do protagonista do holocausto judeu.

Estou plenamente convicto de que Adolf Hitler tinha um *transtorno de personalidade antissocial(62)*. Foi um sociopata de primeira grandeza. Um sociopata é um psicopata potencializado, capaz de colocar em risco toda uma sociedade.

– Hitler, na atualidade, passaria num teste de sanidade mental? –

questionou Bernard.

– Se na atualidade a personalidade de Hitler fosse analisada por psiquiatras e psicólogos, ainda que medianos, ele não estaria apto a entrar na carreira política, ser candidato a nada. Mas na época, a grande maioria

dos psiquiatras se calou vergonhosamente sobre seu potencial de destrutividade, incluindo o brilhante ilósofo Heidegger. A ciência tem uma dívida impagável com a história.

– O doutor Walter Lepsius tem razão sobre a grave sociopatia de Hitler.

Mas discordo de que nos dias atuais ele não iludiria alguns psiquiatras e psicólogos. Hitler era teatral, mentalmente so isticado, carismático e acima de tudo dissimulador – afirmou o professor Júlio Verne.

– Quando o *Führer* assumiu o poder, a maioria dos psiquiatras não apenas silenciou, mas colaborou com as ideias nazistas – comentou Kate.

– Perfeitamente, Kate. Perderam sua autonomia, suas opiniões pessoais.

Os próprios psiquiatras entregaram seus doentes mentais para serem mortos para puri icar a raça alemã. Negaram o óbvio: que os doentes mentais são tão complexos quanto os “sãos”. E quem é verdadeiramente

“são”? – indagou o professor Júlio Verne, que em seguida deu números estarrecedores.

Os nazistas assassinaram pelo menos 200 mil alemães, entre crianças, mulheres e homens, com overdose de remédios e principalmente em câmaras de gás, porque tinham alguma de iciência ísica ou mental. Além disso, 400 mil cidadãos alemães considerados geneticamente inferiores foram esterilizados entre 1933 e 1939. E, desses, 5 mil morreram no pós-

operatório. Havia pelo menos nove doenças ou alterações que obrigavam um alemão a ser esterilizado contra sua vontade, entre eles: alcoolismo, epilepsia, de iciência mental, esquizofrenia, má formação ísica, nanismo, surdez, cegueira(63).

– Falando em cegueira, os nazistas eram corjas de cegos! – disse estarrecida a inteligente cientista Ângela Feder.

– O incrível é que Adolf Hitler, querendo puri icar insanamente os alemães, se esqueceu de que estava abaixo da média. Sequer passou no teste de alistamento militar em 5 de fevereiro de 1914, em Salzburg –

a irmou o general Hermann: – Eis o veredicto: "Inapto para o serviço militar e para tropas auxiliares; muito fraco. Incapaz de carregar uma arma"(64).

– Mas o mais incrível, general, é que quinze anos depois que a Primeira Guerra Mundial terminou, esse simples, radical, mas teatral e esperto soldado estava dominando os militares da mais alta patente das Forças Armadas da Alemanha – comentou o professor.

– Meu Deus, até onde vai o marketing de massa! Se na época havia apenas o rádio, imagine hoje na era da internet e das redes sociais – falou

Kate, que era especialista em relações sociais.

Júlio Verne argumentou que já terminara o tempo em que se fazia necessário um grande líder, partido, sindicato ou meio de comunicação para arregimentar as vozes. Agora estava em curso a revolução dos anônimos, mas, ao mesmo tempo, ele acreditava que, se não houvesse uma capacidade de iltrar as informações, as redes sociais poderiam perder autonomia, servir de massa de manobra.

O psiquiatra Walter Lepsius, ao ouvir toda essa discussão, icou impressionado com o nível intelectual do grupo. Mas retomou a palavra para discorrer sobre Hitler.

– Após ser rejeitado, Hitler retornou a Munique e saudou a declaração de guerra em 1º de agosto com estas palavras: "Meu coração, como milhões de outros, transborda de alegria e orgulho" (65). Sua personalidade antissocial

estava borbulhando na juventude. – E começou a citar os sintomas básicos para defender tal diagnóstico: – Em primeiro lugar, indiferença pelos sentimentos alheios.

O psiquiatra comentou que a dor dos outros não tocava a emoção do *Führer*.

Diante desse sintoma, o professor fez um comentário:

– Quando Hitler estava perdendo a guerra e milhões de vidas já tinham sido perdidas, inclusive alemãs, ele não expressava qualquer peso na consciência. Reclamava que tinha sido demasiado generoso com seus inimigos.

– O mundo girava em torno das suas necessidades, o resto era resto –

a irmou Eva Groener. – Só não entendo como milhões de alemães se deixaram persuadir por esse louco.

– Hitler tinha múltiplas faces, Eva. Com uma das mãos ele acariciava, com a outra en iava o punhal. Com uma das mãos escrevia poesias, com a outra dava ordens para matar crianças.

E para assombro dos presentes, incluindo Walter Lepsius, o professor discorreu sobre uma face de Hitler que poucos conheciam: a de “poeta”.

Ele declamou:

Frequentemente sigo em noites frias

Ao Carvalho de Odin no calmo bosque

Tecendo com negra magia uma união

A lua traça runas com seu feitiço

E sua mágica fórmula humilha

Os que se enchem de orgulho à luz do dia!

Forjam suas espadas em fulgurante aço

– mas, em vez de lutar,

Congelam como estalagmites.

Assim se distinguem as almas – as falsas das verdadeiras Penetro um ninho de palavras

E distribuo dádivas aos bons e aos justos

E minhas mágicas palavras lhes trazem bênçãos e riquezas(66) .

– Em que época ele escreveu essa poesia, professor? – perguntou o psiquiatra.

– Durante a guerra das trincheiras, em 1915. Hitler estava com 26 anos

– relatou Júlio Verne

– Portanto, já tinha uma personalidade estruturada. Nesta poesia ele declara sua marcha como um caminhante na soturna noite social:

"Frequentemente sigo em noites frias"… E debocha dos líderes que vivem à luz do dia. Considerava-os falsos, hipócritas: "Mas em vez de lutar, congelam"… – interpretou Walter Lepsius.

– E nessa poesia declara seu messianismo: "E distribuo dádivas aos bons e aos justos… Minhas mágicas palavras lhes trazem bênçãos e riquezas"…

– declarou Kate.

Em seguida o dr. Walter Lepsius comentou outro sintoma da personalidade antissocial do *Führer*, as atitudes lagrantes e persistentes de desrespeito às normas, regras e obrigações sociais.

Ângela ponderou que os dois primeiros sintomas apareciam também no *transtorno de personalidade esquizoide* defendido pelo psiquiatra dr.

Runner. Júlio Verne concordou e, em seguida, discorreu:

– Em minha opinião, doutor Lepsius, na base da construção desses sintomas está a educação de Klara Hitler, a mãe.

– Explique-se melhor, professor – solicitou o compenetrado almirante Hans Oster, outro militar do projeto. Um homem de poucas palavras e muitas ações.

– Muito provavelmente Hitler não passou por importantes privações e violências que justi iquem sua personalidade doentia. Mas mesmo bons pais podem contribuir para gerar ilhos doentes. Sua mãe era uma mulher afetiva, dedicada e tinha grande apego ao pequeno Adolf. Pelos elementos históricos de que dispomos, ele foi superprotegido. Mesmo quando nasceu mais um ilho, quando Adolf tinha cinco anos, ela não deixou de dar-lhe atenção.

– Mas isso por si só não explica sua sociopatia – questionou Hans Oster.

– Correto. Mas pode explicar o embrião da formação desse transtorno –

discorreu Júlio Verne, agora não apenas como professor, mas como um intelectual da psicologia: – Um menino superprotegido tem possibilidade de desenvolver três características doentias em sua personalidade.

Primeiro: baixo limiar para suportar frustrações ou contrariedades.

Segundo: desrespeito aos limites e, portanto, às normas sociais, pois quer tudo na hora e ao seu modo. Terceiro: indolência e falta de garra para trabalhar, pois a superproteção não leva um adolescente a precisar fazer grande esforço para provar seu valor.

– E Hitler tinha essas características na juventude – con irmou o psiquiatra. – Hitler nunca teve um trabalho sério e produtivo, nem quando adulto. Mas compensava sua preguiça mental com uma eloquência agressiva, com tons teatrais.

– Exato, doutor Lepsius, e, infelizmente, essa característica foi interpretada erroneamente como a de um grande líder e de um grande orador. Observe como ele discursava. Ele socava o ar para disfarçar seu complexo de inferioridade.

Em seguida o dr. Walter Lepsius apontou outro sintoma, a incapacidade de manter relacionamentos, embora não houvesse di iculdades em estabelecê-los.

– Os íntimos tratavam Hitler por “*du*”, o equivalente alemão do “tu”.

Somente cinco pessoas tinham liberdade de tratá-lo dessa forma, entre elas Albert Speer, Rudolf Hess, Göring, Himmler – discorreu o psiquiatra.

– No contato inicial, Hitler era muito simpático e cativante. Inclusive seduziu até membros da família real inglesa, como William de Ropp, que estabeleceu uma relação pessoal com Hitler. Mas posteriormente sua sociopatia se revelava – comentou Júlio Verne.

– Até as mulheres com as quais Hitler conviveu adoeciam – disse Kate.

– Espere um pouco. Não concordo com sua interpretação. Não podemos descaracterizar a personalidade de Adolf Hitler só porque queremos eliminá-lo. Pelo que sei, teve uma boa convivência com Eva Braun –

comentou Eva Groener, que nutria certa simpatia pela amante de Hitler, cujo primeiro nome era igual ao seu.

– Ele nunca amou estável e profundamente Eva Braun – a irmou o professor. – Ele a usou como uma peça de marketing social. Sua relação era tão doentia que só se permitiu casar com ela quando a Alemanha estava derrotada e o *Führer* era a sombra de um líder. E como presente de casamento deu a sua amante cianureto, levou-a ao suicídio(67). – Em seguida, acrescentou: – Mas posso lhe apontar, Eva, algumas

características saudáveis de Hitler: determinação, capacidade de agregar uma sociedade, eloquência diante de grandes plateias, capacidade de vender sua autoimagem. Entretanto, as doentias são gritantes. Sabia que Hitler tinha certo pendor para o suicídio?

Compenetrada, a cientista Eva Groener fez um sinal de que não sabia.

– E o senhor, sabia, doutor Lepsius?

– Sim, mas, por favor, me dê os dados históricos. O senhor parece uma enciclopédia.

Todos sorriram. Por sua cultura ser tão notável é que Júlio Verne havia sido escolhido como viajante do tempo.

– Hitler não apenas praticou o suicídio quando perdeu a guerra, mas o tentou após o Putsch da Cervejaria de Munique em 1923, e possivelmente depois de determinar a morte do seu amigo Ernst Röhm. – Júlio ainda adicionou: – Uma de suas namoradas, Mimi Reiter, tentou suicídio em 1926. Geli, sua sobrinha e amante, se matou em 1931. O que pensa disso, Eva? Coincidência? E as relações traumáticas não pararam por aí. Renata Müller, outra amiga, tirou a própria vida em 1937(68).

– Conviver com Hitler era um convite à autopunição e à perda do encanto pela vida – afirmou o psiquiatra, que logo citou outra característica da sociopatia do *Führer:* baixíssima tolerância à frustração, acompanhada de baixo limiar para descarga de agressão, incluindo a violência. – Hitler tinha uma personalidade marcada por ataques de fúria, em especial quando estressado – comentou.

– Mas o senhor sabia, doutor Lepsius, que Hitler teve uma formação religiosa acima da média? – disse o professor, revelando outro dado para mostrar os paradoxos da personalidade de Hitler.

– Sinceramente desconheço esses fatos históricos da personalidade dele.

– O pequeno Adolf Hitler, então com seis anos de idade, serviu como coroinha e coralista numa igreja (69). Vocês podem imaginar uma criança cantando no coral para Deus, exaltando a sua compaixão, e três ou quatro décadas depois estar destruindo a humanidade?

– Incrível. Quem poderia imaginar isso? – concordou o cientista Theodor.

O professor comentou ainda que Hitler, mais tarde, com 15 anos, havia sido crismado na catedral católica romana de Linz, conforme o desejo de sua mãe, que tinha esperança de que seu ilho se tornasse um monge.

Adolf adorava a mãe e, quando o câncer a vitimou em 21 de dezembro de 1907, chorou amargamente.

Eva voltou sua artilharia para Walter Lepsius e questionou abertamente seu diagnóstico:

– A formação religiosa de Hitler e o choro pela perda da mãe indicam que ele tinha sensibilidade. Isso não contraria o primeiro sintoma, a indiferença pelos sentimentos alheios?

– Um sociopata e mesmo um psicopata não é destituído de sentimentos.

Pode até chorar em algumas circunstâncias e proteger determinadas pessoas do seu círculo, mas sua sensibilidade é pontual. Quando fecham o circuito da memória praticam atrocidades impensáveis – esclareceu o psiquiatra.

O professor o apoiou:

– A dor de Hitler não lapidou sua capacidade de resiliência. Alguns se reciclam quando sofrem, outros se fecham numa masmorra. Uma personalidade antissocial nem sempre surge quando há in luência genética, lares desagregados, famílias fragmentadas e privações na infância.

– Concordo com o professor, embora sejam casos mais infrequentes –

afirmou Lepsius.

Para defender sua tese, o professor comentou alguns aspectos psicossociais

da história da formação da personalidade de Adolf Hitler. Ele teve um pai, Alois Hitler, inanceiramente estável, um funcionário público, que gostava da natureza, criava colmeias. É provável que o pai expressasse ciúme da esposa, havia duas décadas de diferença entre eles, e isso tenha afetado o pequeno Adolf. Mas nada que fosse muito diferente de milhares de casais que têm conflitos de relacionamento.

Hitler não era ilho único. Teve vários irmãos, inclusive alguns não de sangue, para se relacionar. Klara Polzi era uma mãe afetiva e sensível e o estimulava a pintar, a desenvolver as artes plásticas. No cômputo geral, Hitler viveu numa família razoavelmente estruturada, não muito diferente de milhões de outras do seu tempo. Portanto, sua sociopatia não se explicava apenas pelo útero familiar. Era necessário observar o útero social, bem como as características de seu próprio mundo psíquico.

– A superproteção, a necessidade de ser o centro das atenções e a insegurança de Hitler canalizadas através de uma agressividade explosiva distorceram sua visão da realidade – abordou o psiquiatra.

– É o que penso – a irmou o professor convictamente. – A postura da mãe de Hitler e sua formação religiosa não explicam seu ódio obsessivo pelos judeus, nem o traço de antissemitismo que possivelmente seu pai

possuía. Hitler aprendeu a odiar os judeus posteriormente. O que é muito grave. Pode-se aprender a ser um monstro, mesmo não tendo sido devorado na infância. A psiquiatria tem de repensar seus paradigmas.

O professor discorreu que o clima tenso do pré e pós Primeira Grande Guerra tornou-se uma fábrica de transtornos emocionais. Munique não era generosa com os judeus e os imigrantes. Alguns começaram a culpá-los pela perda da Primeira Guerra. A crise econômica que se seguiu também teve os judeus como bodes expiatórios. Além disso, havia propaganda antissemita fazia séculos na Europa.

– Esses fenômenos foram moldando a personalidade de Hitler, fomentando radicalismo, exclusivismo, humor lutuante, intolerância a estímulos estressantes e incapacidade de se colocar no lugar dos outros –

concluiu Júlio Verne.

– Obrigado, professor. Você resolveu algumas das minhas dúvidas sobre o caráter desse devorador de humanos – afirmou Theodor.

– Acho que vou contratá-lo para minha clínica – brincou Walter Lepsius, surpreendido com o raciocínio de Júlio Verne. Momentos depois descreveu outro sintoma da personalidade de Hitler, a incapacidade de experimentar culpa e de aprender com a experiência, em especial com a punição. – Hitler não aprendia com seus erros, perdas e frustrações – afirmou.

– Uma pessoa só amadurece emocionalmente se utiliza suas falhas para se repensar. Quem tem medo de reconhecê-las terá sempre uma personalidade infantil. Esse é um dos motivos que faz com que muitos líderes estejam despreparados para o poder, seja ele político, empresarial, religioso ou no mundo acadêmico.

Ninguém argumentou mais sobre esse sintoma. Adolf Hitler o possuía em prosa e verso. Em seguida, o psiquiatra comentou o penúltimo sintoma do transtorno de personalidade antissocial: propensão marcante para culpar os outros por seus fracassos ou conflitos.

– Hitler era um grande dissimulador. Quando perdia batalhas não voltava à realidade senão para culpar os outros (70) – comentou Walter Lepsius.

O professor franziu a testa e recordou um fato histórico para corroborar as ideias do inteligente psiquiatra.

– Certa vez, num almoço em 1942, com convidados especiais como Himmler, Hans Heinrich, chefe da Administração da Chancelaria do Reich, e o coronel Kurt Zeitzler, chefe do Estado-Maior do Exército, Hitler teve a coragem de dizer: “Os judeus devem deixar a Europa. Do contrário não se

alcançará nenhum acordo com os europeus. Quando penso nisso, penso que sou extremamente humano… Por mim, restrinjo-me a dizer que devem partir… Todavia, caso eles se recusem a fazê-lo de modo involuntário, não vejo outra solução senão o extermínio… A inal de contas, por que os judeus começaram essa guerra?”(71)

– Eu não conhecia esse episódio presenciado pelo chefe do Estado-Maior do Exército – falou indignado o general Hermann. – Como Hitler pôde ter sido tão hipócrita a ponto de proclamar que os judeus começaram a

guerra? Ele mentia para si mesmo. E como pôde o coronel Kurt Zeitzler ter aceitado esses argumentos tão insanos? Sinceramente, quanto mais conheço os bastidores da Segunda Guerra Mundial, mais tenho nojo dos meus pares do passado.

– Ao observar as palavras do *Führer* vemos que não tinha nenhuma dignidade como um líder. Era uma farsa, uma peça teatral. Ele atirava e escondia sua mão assassina. E ainda se achava extremamente humano –

sentenciou Kate.

– Fico imaginando, Kate… – comentou Júlio César. – Quando Hitler disse tais palavras num almoço regado a vinho e a inas iguarias, Auschwitz já era uma fornalha que consumia seres humanos inocentes diariamente, seja pela fome ou pelo gás mortal… Para meu amigo Viktor Frankl, o líder da Alemanha e seus milhões de seguidores abriram mão de sua humanidade, esmagaram completamente seu sentido existencial.

E, por fim, o ilustre dr. Walter Lepsius descreveu o último sintoma de um quadro caracterizado como sociopatia de Adolf Hitler: os discursos super iciais ditos a viva voz ou gravados para explicar ou justi icar comportamentos agressivos, atitudes violentas e destrutividade.

– Alguns sociopatas, por meio de discursos prolongados feitos a viva voz ou gravados, tendem a explicar o inexplicável, tendem a justi icar o injusti icável. Hitler, ao mesmo tempo que tinha apreço pelo isolamento, quando estava em público amava um microfone, tinha a necessidade neurótica de estar em evidência – discorreu o psiquiatra.

– Longos e enfadonhos discursos izeram parte da história de muitos ditadores. Quanto mais nos aprofundamos na mente desse homem mais percebemos que sua mente, apesar de impulsivamente doente, de modo algum era simplista – a irmou o professor. – O homem que se escondia no *bunker* enquanto os jovens perdiam suas vidas nos campos de batalha tinha múltiplas faces e sofisticados disfarces.



CAPÍTULO 30

O TERCEIRO PSIQUIATRA: O TRANSTORNO

PARANOICO DE HITLER

Todos os membros do Projeto Túnel do Tempo estavam cansadíssimos após o debate com o dr. Runner Meissner e o dr. Walter Lepsius. A fadiga mental contrastava com a excitação emocional de conhecer Hitler de um modo que nunca tiveram oportunidade antes. Querendo aproveitar ao máximo a discussão, transferiram o terceiro debate para a manhã seguinte.

No outro dia, bem cedo, às 8 horas da manhã, o terceiro psiquiatra, Alfred Fromm, apresentou seu diagnóstico sobre a personalidade de Hitler.

Fromm tinha 60 anos bem vividos, era loiro, de olhos azuis, culto, sereno. O

mais velho dos psiquiatras, parecia o mais jovem emocionalmente. Com a voz vibrante de quem vivera mais de três décadas analisando mentes criminosas, ele deu início à exposição.

– De todas as mentes que estudei, confesso que a de Hitler é uma das mais di íceis de compreender, seja pela escassez de dados, seja pela multipolaridade do seu psiquismo. Em minha análise, o transtorno mental de Hitler passeia por múltiplos diagnósticos, mas se enquadra mais no

"Transtorno de personalidade paranoide" (72). E adianto que ele não tinha uma psicose paranoica. O austríaco Adolf Hitler não era um psicótico, pois se o fosse não teria consciência dos seus atos nem responsabilidade sobre eles.

E em seguida comentou que entre uma psicose paranoica, capitaneada pela crença absoluta em delírios persecutórios, e uma personalidade paranoica, pela qual o indivíduo se sente perseguido, mas está integrado à realidade, há uma diferença dantesca.

– Como ele não era psicótico, poderia evitar sua agressividade se o desejasse? – foi rapidamente perguntando Eva Groener.

O professor Júlio Verne tomou a frente e deu sua opinião:

– A consciência do comportamento é a base fundamental para alicerçar o Eu, que representa a capacidade de escolha, para ser gestor dos seus atos e, consequentemente, se tornar autor da própria história.

– Não há possibilidade de ter havido uma psicose coletiva na Alemanha nazista, que levava Hitler e seus discípulos, ou até os soldados subalternos, a perderem os parâmetros da realidade e serem mentalmente incapazes de decidir? – indagou Theodor.

– O clima era tenso, as pressões sociais, enormes, mas nenhum estímulo estressante seria capaz de abortar a consciência crítica. Eles feriram e destruíram porque quiseram – afirmou Alfred Fromm.

– Foram irracionais, mas não inconscientes. Quanto aos subalternos, é mais fácil obedecer às autoridades do que à própria consciência –

discorreu Júlio Verne, cuja tese foi aprovada pelo psiquiatra, que começou a enumerar os sintomas de uma personalidade paranoica:

– Em primeiro lugar, a tendência a guardar rancores persistentemente, a recusa a perdoar injúrias ou insultos. Hitler não conseguia superar suas mágoas. Elas icavam depositadas por anos a io. Ele jamais esqueceu os tempos de escassez inanceira e humilhação social em Viena e Munique.

Não conhecia o pensamento solene dos grandes líderes: a maior vingança contra um inimigo é compreendê-lo e perdoá-lo – comentou o psiquiatra.

O professor, em sintonia com Fromm, relatou um fato histórico:

– O *Führer* sofreu um atentado a bomba, engendrado por um grupo de

militares alemães. Ele conseguiu sair quase ileso, apenas com leve problema auditivo. Sua reação foi ordenar uma perseguição implacável a esses o iciais. E foi tão cruel que mandou dependurá-los num frigorí ico e, como gado, foram abatidos um a um(73). Profundamente sádico, pediu para

filmar as mortes e depois assistiu a elas.

– Que crueldade, meu Deus. A agressividade humana pode chegar a limites inimagináveis! – lamentou Ângela Feder.

– E a capacidade de Hitler de armazenar rancores foi mais longe, Ângela

– comentou o professor.

– Nada pode ir mais longe que isso…

– Infelizmente pode. Hitler não apenas assassinou atrozmente os conspiradores, mas teve a coragem de mandar aprisionar todos os seus familiares, incluindo crianças, mulheres, pais e avós, que nada tinham com a conspiração. Em seguida, ordenou que esses inocentes alemães fossem igualmente assassinados. Queria varrer a genética deles do tecido da sociedade.

O dr. Alfred Fromm icou chocado com o que ouvira. Em seguida citou outro sintoma do transtorno de personalidade paranoica.

– É marcante também a descon iança contínua, acompanhada de um sentimento de que há sempre alguém querendo lhe puxar o tapete. A paranoia é uma característica típica dos ditadores. Um homem que fere o direito dos outros, sempre pensa que alguém está tramando algo contra ele, por isso faz expurgos, exclui, mata – afirmou ele.

O professor aproveitou o ensejo e contou um caso chocante que con irmava essa característica doentia de Hitler. Ele conhecera Ernst Röhm em 1920, aos 31 anos de idade. Herói de guerra, obstinado, cruel, Röhm fundara a sociedade secreta Punho de Ferro, que congregava militares de extrema direita, à qual Hitler se uniu. Tornaram-se amigos. Röhm ajudou a custear o desempregado Hitler e depois o apresentou a militares e políticos in luentes. Depois que Hitler se in iltrou no Partido dos Trabalhadores Alemães (DAP), Röhm também se filiou, tornando-se o número 623.

De baixa estatura, obeso, faces desenhadas por cicatrizes, esse o icial agressivo tornou-se grande amigo de Hitler. Diziam que Röhm era homossexual(74). Hitler era um homofóbico violento. Infelizmente o preconceito era o cardápio diário que nutria o cérebro dos nazistas. Para Hitler e seus discípulos os homossexuais, assim como os judeus, não choravam, não pensavam, não sonhavam nem sentiam solidão ou possuíam uma mente complexa como qualquer ser humano.

Em 1931, Röhm tornou-se o comandante da Tropa de Assalto (SA) do Movimento Nacional-Socialista(75). Em 1934, essa terrível polícia teria nada menos do que 4,5 milhões de membros. Hitler, agora chanceler, temia os

tentáculos do poder de Röhm. Paranoico, não via o momento de desbancar o amigo. Não tardou para que Röhm caísse em desgraça e fosse considerado traidor. Entretanto, Hitler, mostrando grande "benevolência", em vez de mandar assassiná-lo, mandou-lhe oferecer uma arma para suicidar-se. Achava, assim, que Röhm, que o apoiara por longos anos, teria uma morte mais digna. Röhm recusou o suicídio. Foi assassinado.

Depois dessa narrativa de Júlio Verne, o psiquiatra citou outra característica do quadro de paranoia: a tendência a distorcer as experiências por interpretar erroneamente as atitudes neutras ou amistosas dos outros e considerá-las hostis ou desdenhosas.

– Hitler, por ter uma personalidade paranoica, era um cão farejador de traição. Vislumbrava ameaças que só estavam na sua cabeça. À mínima contrariedade, mesmo de um iel general, via um ato persecutório –

comentou o psiquiatra.

– Eu conheço alguns intelectuais, inclusive amigos meus, que têm comportamento paranoico. Parece que são mal resolvidos. Sempre interpretam críticas como se fossem algo pessoal, um ato contra eles e não contra suas ideias. Sentem-se vítimas nos departamentos das universidades, por exemplo – afirmou Eva.

– Hitler era um especialista em distorcer o processo de interpretação durante sua ascensão e mais ainda no período de queda – a irmou o professor.

Em seguida comentou que em 30 de janeiro de 1945, exatos 12 anos após ter sido nomeado chanceler, o *Führer* fez seu último discurso.

Interpretando mais uma vez de modo errôneo a realidade, produziu frases como "espírito de resistência" e "invencível vontade", que re letiam o delírio de grandeza de um homem que jamais se dobrara perante a verdade.

– No mesmo dia, Albert Speer dirigiu uma mensagem a Hitler, dizendo-lhe que a guerra estava perdida – completou Júlio Verne.

– Um arquiteto, Albert Speer, teve de alertar o grande estrategista militar, Hitler, de que a Alemanha estava derrotada? Esse homem era uma empá ia! Que líder que tivemos, meu Deus! – expressou o general Hermann.

– E, em vez de assumir seus erros, o combalido *Führer* não apenas não propôs negociação, mas teve a coragem de sentenciar que "a humanidade era péssima" para que ele continuasse a viver (76). Não reconhecia que ele era o monstro, não a humanidade. Segundo ele, a humanidade não o

merecia – citou o psiquiatra, que continuou a expor o transtorno do homem que causara a Segunda Grande Guerra Mundial. Ele mencionou em seguida outra característica do transtorno psíquico: um combativo e obstinado senso de direitos pessoais em desacordo com a situação real.

– Esse sintoma – a irmou Júlio Verne – explica por que em 1944, num clima de desespero, em vez de retroceder Hitler lançou mão de numerosas divisões de "granadeiros do povo", tropas sem grande experiência, como se fossem paredes humanas, que acabam se autodestruindo. Ao mesmo tempo ordenou que as divisões tradicionais derrotadas fossem reenviadas à linha de frente e que "sangrassem até a última gota"(77).

Nesse momento o austero militar Arthur Rosenberg comentou:

– Compreendo claramente hoje que o homem a quem a Alemanha con iou seu destino tinha graves con litos mentais. Seu espírito combativo para defender suas ideias, que parecia uma virtude, no fundo era re lexo de um ególatra, de alguém que só pensava em si. Em 12 de janeiro de 1945, as forças militares da Rússia que invadiram a Alemanha não eram superiores em qualidade, mas a superioridade numérica era gritante.

Qualquer estrategista, por mais estúpido que fosse, teria proposto uma negociação para poupar a população. Mas Hitler não poupou nossos jovens.

– Para o obstinado Hitler era insuportável o efeito desmoralizante de uma derrota, mesmo que destruísse uma nação. E era tão vingativo que, em vez de ter a mínima dignidade de reconhecer sua derrota, propôs a política da "terra arrasada", ou seja, destruir pontes, indústrias, estradas, para que seus inimigos não as utilizassem. Mais uma vez demonstrou que jamais amou a Alemanha, sua sociedade, seus ilhos. Nem muito menos amava a raça ariana que tanto defendia. Amava a si mesmo, o mundo girava em torno de sua ambição. Porém essa insana estratégia não foi corroborada por alguns dos seus iéis escudeiros, que mesmo no caos ainda raciocinavam e tinham afeto pelo seu povo – disse o professor.

Momentos depois o dr. Alfred Fromm apontou outro sintoma do transtorno paranoico de Hitler: as suspeitas recorrentes, sem justi icativa, com respeito à fidelidade sexual do cônjuge ou parceiro sexual.

– Esse sintoma re lete que um dos parceiros sexuais descon ia da in idelidade do outro sem que haja motivos. Geralmente acomete homens, que fazem uma tortura mental com suas mulheres. Homens paranoicos pressionam, fazem chantagens, acusam e até levam suas parceiras a confessar uma traição que não cometeram. Esse comportamento doentio tem dupla via, tanto excita a libido do portador do transtorno de

personalidade paranoica como o leva a exercer um controle aviltante sobre sua parceira – comentou o psiquiatra.

– Não podemos a irmar o que se passava entre quatro paredes entre Hitler e suas parceiras, mas, como comentamos, as tentativas de suicídio que cometeram evidenciam que eram infelizes e sujeitas a torturas psíquicas – discorreu o professor.

– O carrasco dos judeus e de outras minorias também o era com as mulheres que passaram pela vida dele – a irmou Kate, recordando-se dos comportamentos autoritários do *Führer* com a namorada Mimi Reiter, com a sobrinha Geli e Eva Braun.

– Outro sintoma – prosseguiu o psiquiatra – é a tendência a querer experimentar autovalorização excessiva, manifesta por uma frequente

autorreferência. Em seus discursos, o emprego excessivo da palavra “eu” indica uma autovalorização doentia, um egocentrismo exacerbado. O mundo tinha que girar em sua órbita.

Em sintonia com esse sintoma, o professor fez um interessantíssimo relato histórico:

– Por favor, ouçam essas palavras ditas por Hitler: “Resta um único fator e que devo incluir com toda a modéstia e que é minha pessoa: sou insubstituível. Nenhuma personalidade militar ou civil poderia me substituir. Os atentados como o de 8 de novembro de 1939, no Bürgerbräukeller, podem se repetir. Estou seguro da força do meu cérebro e da minha capacidade de decisão. As guerras nunca devem terminar a não ser pela capacidade de total aniquilamento do adversário… O inimigo não concluirá a paz se as reações de força nos estiverem desfavoráveis.

Portanto, nada de compromisso. Dureza consigo mesmo. Vou atacar e não capitular. O destino do Reich depende de mim e eu agirei em consequência dele”(78).

Ângela, emocionada com tudo que ouvia, opinou sobre as palavras de Hitler e o fez com muita propriedade:

– Como ser humano todos somos insubstituíveis, mas como pro issionais ou líderes, todos podemos ser substituídos.

– O raciocínio militar messiânico de Hitler era delirante. Evidenciava o abandono da racionalidade e o apego a decisões imediatistas – a irmou Kate categoricamente.

– Na esteira do extraordinário sucesso da primeira fase da guerra, Hitler desenvolveu uma euforia cega para invadir nações e dominar a Europa e o mundo – comentou o general Hermann.

Por im, o dr. Alfred Fromm comentou o último sintoma de uma personalidade paranoica: a preocupação excessiva com explicações conspiratórias.

O psiquiatra concluiu que Hitler possuía claramente essa característica.

– Ele se perdia em meio a discursos sobre movimentos conspiratórios contra a Alemanha. Perdia-se em a irmações de que existiam intenções conspiratórias contra sua própria pessoa. Era um homem perturbado, inquieto, ansioso. Vivia com medo de ser envenenado, inclusive por seus médicos ou cozinheiros, ou de sofrer um atentado.

– Mas não podemos deixar de considerar que os vencedores da Primeira Guerra criaram o monstro que de lagrou a Segunda Guerra – a irmou o general Hermann.

– Eu discordo – disse o psiquiatra.

O professor, apesar de ter aversão ao *Führer*, saiu em defesa do general.

– Os vencedores da Primeira Guerra pisaram na cabeça dos vencidos, em especial da Alemanha, com um tratado insuportável, o Tratado de Versalhes, que impunha entre outras cláusulas, uma punição inanceira severa e o controle das Forças Armadas. Além disso, a crise econômica, a in lação galopante e o desemprego em massa, em torno de trinta por cento, que se seguiram à perda da Primeira Guerra, criaram o meio de cultura para surgir um homem extremista, paranoico, mas ao mesmo tempo teatral, carismático e portador de soluções mágicas.

Culta, Eva Groener contribuiu para o caldeirão de ideias.

– Os extremistas se desenvolvem frequentemente em ambientes inóspitos. Relatos dizem que muitos ditadores surgiram em ambientes geográ icos de alta escassez hídrica, menos de quinhentos milímetros cúbicos de água por ano. Se a Alemanha vivesse um ambiente de segurança alimentar, social e de emprego, Adolf Hitler não se aninharia no seio social.

– A Europa é o continente mais sangrento do planeta – comentou o general Hermann. – O país "Europa" não pode ser fragmentado, caso contrário, pode se tornar um novo barril de pólvora. A Europa, mais do que qualquer outro continente, deve lutar para manter sua unidade, socorrer os países em di iculdades. Uma Terceira Guerra Mundial seria insuportável.

O debate com os três psiquiatras inalmente foi encerrado. Todos os

membros do Projeto Túnel do Tempo perceberam a complexidade da mente de Hitler.

– Qual psiquiatra estava correto? – indagou Ângela. – Que diagnóstico poderia ser mais adequado para descrever a personalidade do *Führer*?

Todos estavam corretos, concluiu Júlio Verne, os militares e os cientistas do projeto. Ele deu o fechamento no complexo debate.

– Hitler tinha uma personalidade esquizoide, antissocial e paranoica e, possivelmente, outras mais. Por exemplo, além desses três transtornos, Hitler tinha características marcantes de uma personalidade histriônica: autodramatização, teatralidade dos gestos; expressão exagerada das suas emoções em seus discursos e apelos; afetividade lábil, que mudava com frequência ao sabor do ambiente e dos estímulos estressantes; necessidade de ser o foco das atenções sociais e preocupação com a atratividade ísica. Hitler exaltava a raça ariana e amava ser fotografado.

Sua sociopatia e psicopatia eram multilaterais. Tinha de ser uma mente altamente doentia, com uma incrível capacidade de dissimular, se vender e se reinventar para conseguir primeiramente devorar o inconsciente coletivo de dezenas de milhões de alemães para depois devorar os judeus, os socialistas, os eslavos, o mundo… Foi esse o homem que deixou o mundo perplexo e ateou fogo na humanidade.



CAPÍTULO 31

O RELATÓRIO FINAL SOBRE A PERSONALIDADE

DE HITLER

Os membros do megaprojeto tinham agora elementos para fazer um relatório inal da personalidade do austríaco Adolf Hitler. Almejavam que tal relatório produzisse uma carga de tensão mental no psiquismo do professor Júlio Verne capaz de direcionar seu transporte na Máquina do Tempo para um momento especial. Um momento em que tivesse condições de varrer Hitler das páginas da história.

O professor mesmo compilou, a partir de todas as suas anotações, esse relatório. E icou tão impactado que, ao lê-lo na presença de toda a equipe do projeto, da sua esposa e dos três psiquiatras que participaram do debate, deu uma importante sugestão:

– Sugiro que este relatório seja divulgado em todas as universidades de todos os países do mundo com o objetivo de alertar os professores e alunos de todas as culturas a jamais serem seduzidos por líderes com as características de personalidade de Adolf Hitler. Quem sabe esse relatório poderá se tornar uma vacina para prevenir a ascensão de novos sociopatas no rol das nações com algumas características semelhantes às

da Alemanha do pré-guerra, em especial em tempos de aquecimento global e de escassez de recursos humanos? Não podemos nos esquecer de que Adolf Hitler, embora detestasse a democracia, foi gestado num regime democrático.

A sugestão do professor foi aceita por todos. O único que não se mostrou um entusiasta da solicitação foi o dr. Runner, o primeiro psiquiatra. Fez-se um silêncio forçado.

Relatório inal das 30 principais características doentias da personalidade de Adolf Hitler, algumas das quais presentes nos líderes que comentem crimes contra a humanidade.

1. Frieza emocional, afetividade distanciada ou embotada.

2. Capacidade limitada para expressar sentimentos ternos e calorosos.

3. Indiferença a elogios ou críticas.

4. Preferência quase invariável por atividades solitárias.

5. Falta de amigos íntimos ou confidentes reais.

6. Insensibilidade marcante para com normas e convenções sociais.

7. Baixa capacidade para sentir prazer.

8. Indiferença pelos sentimentos alheios.

9. Incapacidade de manter relacionamentos, embora não haja dificuldades em iniciá-los.

10. Humor lutuante: o céu e o inferno emocional estão muito próximos.

11. Baixa capacidade de tolerância à frustração.

12. Incapacidade de experimentar culpa.

13. Di iculdade de aprender com a experiência, em especial com os erros.

14. Propensão marcante a culpar os outros por seus fracassos ou conflitos.

15. Tendência a guardar mágoas persistentemente.

16. Recusa a perdoar injúrias, difamações ou insultos.

17. Descon iança contínua de que há sempre alguém querendo lhe puxar o tapete.

18. Tendência a distorcer a realidade de acordo com sua conveniência.

19. Tendência em interpretar erroneamente as atitudes dos outros, ainda que amistosas, e considerá-las hostis ou desdenhosas.

20. Necessidade de autovalorização manifesta por uma frequente autorreferência e pelo uso do pronome “eu”.

21. Comportamento messiânico ao se considerar único portador de uma missão histórica, o que é diferente da saudável busca de um sentido nobre para a existência.

22. Combativo e obstinado senso de direitos pessoais em desacordo com os direitos dos outros.

23. Autodramatização, teatralidade dos gestos e gosto excessivo por discursos.

24. Expressão exagerada das suas emoções em seus apelos.

25. Afetividade lábil, que muda com frequência ao sabor do ambiente e dos estímulos estressantes.

26. Necessidade de ser o foco das atenções sociais.

27. Preocupação em ser objeto de atração social.

28. Suspeitas recorrentes e sem justi icativa da idelidade dos mais íntimos, incluindo a fidelidade sexual do cônjuge ou parceiro sexual.

29. Preocupação excessiva com conspirações.

30. Atitude de considerar opositores não como mentes divergentes, mas como inimigos a serem abatidos.

Além dessas 30 características doentias de personalidade, havia 22 necessidades neuróticas expressas no psiquismo de Adolf Hitler. O professor Júlio as incluiu no relatório.

1. Necessidade neurótica e compulsiva de falar.

2. Necessidade neurótica de vender sua autoimagem.

3. Necessidade neurótica de se ouvir e não ouvir os outros.

4. Necessidade neurótica de bajuladores e não debatedores.

5. Necessidade neurótica de se colocar acima dos seus pares.

6. Necessidade neurótica de poder.

7. Necessidade neurótica de se colocar como messias político.

8. Necessidade neurótica de controlar os outros.

9. Necessidade neurótica de não reconhecer erros.

10. Necessidade neurótica de sublimar sentimentos de culpa.

11. Necessidade neurótica de impor e não expor as suas ideias.

12. Necessidade neurótica de aplausos.

13. Necessidade neurótica de evidência social.

14. Necessidade neurótica do culto à personalidade.

15. Necessidade neurótica de se sentir perseguido.

16. Necessidade neurótica de espalhar boatos falsos.

17. Necessidade neurótica do prazer sádico nas falhas dos opositores.

18. Necessidade neurótica de não reconhecer as qualidades dos desafetos.

19. Necessidade neurótica de crer que os meios justificam os fins.

20. Necessidade neurótica de reagir sem pensar nos focos de tensão.

21. Necessidade neurótica de se referir com exagero às origens humildes.

22. Necessidade neurótica de solidão, apesar de amar ser o centro das atenções quando está em grupo.

O professor ainda frisou bem que algumas dessas necessidades neuróticas e características doentias de personalidade podiam estar presentes em muitas pessoas que não apresentavam riscos para a sociedade, embora tais características devessem ser recicladas por não serem saudáveis. Aliás, os próprios membros da equipe do Projeto Túnel do Tempo também tinham algumas delas.

O menino Adolf não nascera geneticamente sociopata ou psicopata.

Acreditar nisso seria acreditar na teoria nazista de que crianças potencialmente destrutivas deveriam ser eliminadas. Sua história não era muito diferente da de milhões de outros jovens.

– A vida não foi cruel na infância de Adolf Hitler, mas ele aprendeu com requintes de detalhes a arte de ser cruel. Um ser humano portador de uma psicose não tem consciência dos parâmetros da realidade. Hitler tinha plena consciência dos seus atos, por isso não era um psicótico. Era um psicopata que executava suas atrocidades com impressionante detalhismo.

Se quisesse, poderia reciclar-se, mas deliberadamente as praticava como s e fosse um deus que tivesse em suas mãos a vida e a morte de outros seres humanos – concluiu o professor profundamente emocionado após a leitura final do relatório.

Enquanto o dr. Alfred Fromm e o dr. Walter Lepsius meneavam a cabeça em sinal de aprovação, o dr. Runner demonstrou insatisfação com essa conclusão.

– Todo psicopata se retroalimenta. Depois de matar um ou dois, eles não voltam mais atrás. Matar cem ou mil tanto faz – a irmou o general Hermann.

– Jamais devemos vender ou entregar nossa liberdade nas mãos de um homem, um líder, um partido político, uma ideologia social, uma nação ou um grupo ilosó ico. Os riscos são seriíssimos. Devemos frequentar grupos, defender seus ideais, mas jamais pertencer exclusivamente a um deles.

Devemos, sim, pensar como espécie, pertencer à humanidade – arrematou Ângela, sob os aplausos de todos.

Os psiquiatras não sabiam do Projeto Túnel do Tempo. Mas icaram comovidos com a possibilidade de o relatório ser difundido mundialmente nas universidades e outras instituições sociais. O dr. Lepsius e o dr. Fromm se despediram e agradeceram a oportunidade de expor suas ideias para um grupo de intelectuais argutos. Eles ensinaram e aprenderam muito. O

dr. Runner, que era militar, ficou. Foi o último a agradecer a oportunidade.

De repente, para espanto de todos os presentes, logo na saída da magna sala, ele elevou o tom de voz e chocou os presentes com essas palavras:

– Vocês estão cometendo um grande erro.

– O que você quer dizer com isso? Que erro, doutor Runner? – indagou rapidamente o general Hermann. Pois até onde sabia, o major Runner, respeitado médico psiquiatra das Forças Armadas da Alemanha, desconhecia os segredos do Projeto Túnel do Tempo.

– Viajar no tempo para eliminar Adolf Hitler não é corrigir um grande erro da História…

Todos icaram atônitos por ele demonstrar estar a par daquilo. E o psiquiatra completou seu raciocínio:

– Vocês vão cometer um dos maiores erros da História e um gravíssimo e imperdoável erro científico.

Fez-se um silêncio pesado. Nem mesmo o professor Júlio Verne, que sempre se perturbara com os laudos implacáveis do dr. Runner sobre sua saúde mental, disse alguma coisa. Desconfiava de seu apreço pelo *Führer*.

E virando-se para o próprio Júlio Verne, Runner desferiu essas palavras:

– Antes que o professor faça seus julgamentos precipitados, quero confessar que sempre admirei Hitler, mas não o Hitler assassino, não o promotor dos campos de concentração, não o iniciador da Segunda Guerra Mundial, mas o líder que retirou a Alemanha do caos, do desemprego maciço, na casa dos trinta por cento, do vexame do Tratado de Versalhes.

Ele foi o agregador do sentimento nacional e o exaltador de nossa cultura.

Era um homem, em minha visão, com uma personalidade esquizoide, mas ainda assim um grande líder, pouco compreendido.

Todos icaram chocados ao ouvir essas palavras. Não acreditavam que estavam diante de um admirador do líder nazista, ainda mais sendo ele um militar. À medida que o dr. Runner fazia seus comentários, se aproximava mais ainda da porta de saída, provavelmente querendo bater em retirada.

– Depois de todo esse debate e de todo esse relatório, como você pode ainda ter apreço por Hitler, mesmo que como líder? – perguntou irado o

professor.

O psiquiatra, visivelmente tenso e ofegante, respondeu:

– Confesso também que tudo o que ouvi aqui, inclusive dos meus colegas, abalou minhas convicções. Seus penetrantes argumentos, professor, fundamentados em fatos históricos, des iguraram Hitler como líder para mim. Estou abalado.

Todos relaxaram ao ouvir isso. E o psiquiatra adicionou:

– Não imaginava que o grande *Führer* era um homem com inúmeras necessidades neuróticas, marcadamente ególatra, que fomentava o culto à personalidade e que pensava em primeiro lugar em si. Compreendi que Hitler nunca amou a Alemanha, mesmo quando a defendia, mas usou-a.

Quando todos pensavam que o dr. Runner iria deixar o ambiente cabisbaixo e arrependido, ele meteu a mão no bolso do seu jaleco branco, inesperadamente sacou uma pistola e apontou-a para todos.

– Entretanto – a irmou ele – retornar ao tempo e tentar eliminar Hitler, insisto, é um grande erro. Um erro imperdoável.

– Por quê? – indagou apreensiva a sempre sensível Ângela.

– Por quê? Cerca de setenta milhões de pessoas perderam suas vidas na Segunda Grande Guerra. A grande maioria na Europa. Se Júlio Verne tiver sucesso em evitar esse con lito, o aumento populacional será explosivo e insuportável. Teríamos hoje pelo menos mais duzentas milhões de bocas para alimentar. A Europa não terá recursos naturais para nossos ilhos.

Toda a espécie humana sofrerá.

– Mas a humanidade poderá encontrar soluções para seus problemas –

afirmou o professor. – Acredite na humanidade.

– O ser humano é lento na busca pelas soluções sustentáveis. A Segunda Guerra Mundial foi inumana, mas retardou a implosão do planeta e patrocinou grandes descobertas cientí icas. Mas olhem! Um século se passou e o

aquecimento global está diminuindo a fertilidades das nossas terras. Nem o Brasil nem os países africanos estão dando conta das demandas mundiais. O preço das *commodities*, em especial dos alimentos, está caríssimo. Não acredito na humanidade, professor. Não acredito em você nem nesse projeto.

O general icou com um nó na garganta. Júlio Verne prendeu a respiração. O dr. Runner sem dúvida alguma usaria sua arma. De repente,

ele apontou para o peito do professor, mas num re lexo rápido o general desviou sua atenção e acionou o alarme. O professor deu um mergulho no chão tentando evitar ser alvejado. O dr. Runner disparou duas vezes. No tumulto, uma bala acertou o tórax de Theodor, o cientista líder do projeto, e outra acertou o ombro de Eva.

Perturbado com o alarme e com os disparos, o dr. Runner bateu rapidamente em retirada. Kate, Arthur e Bernard socorreram Eva, cujo ferimento não lhe tiraria a vida, embora lhe causasse grande sangramento e muita dor. O general Hermann, Júlio Verne e Ângela socorreram a vítima mais próxima, Theodor. Infelizmente seu ferimento foi fatal. Mas, antes de morrer, ele teve tempo de olhar para o professor e lhe fazer um pedido solene.

– É sua última oportunidade. A máquina está instável. Você… nos disse que uma vida sem sentido existencial… é um céu sem estrelas, vazio e frio.

Não me deixe… morrer sem sentido…

O professor lhe disse:

– Eu prometo, Theodor. Mas poupe energia…

Não deu tempo. O inteligente cientista expirou.

A partir desse momento começou uma implacável busca para prender o dr. Runner, mas, esperto, ele havia planejado uma fuga para um lugar em que jamais seria encontrado: a Máquina do Tempo. Como tinha todas as senhas e era um militar de alta patente, conseguiu furar o cerco. Duas horas depois de ter atirado em Eva e Theodor, o dr. Runner não estava mais em seu século. Viajara para um lugar desconhecido.

Ao saber disso, o general Hermann e toda a sua equipe icaram

preocupadíssimos, para não dizer desesperados. Fizeram uma reunião de emergência e o general disse solenemente:

– Theodor estava corretíssimo. A máquina está instável e corre o risco de implodir. – Depois se voltou para o professor e comentou: – Vamos desligar a máquina em uma semana. O Projeto Túnel do Tempo será encerrado. De fato esta é sua última chance.



CAPÍTULO 32

MUNIQUE: O GRANDE PONTO DE MUTAÇÃO

Dois anos após a derrota na Primeira Guerra, Hitler começou a seduzir os habitantes na região da Bavária, em especial Munique. O orador agressivo e vibrante começou a ganhar notoriedade ao tocar a alma dos abatidos, desempregados, arruaceiros, alcoólatras. Por frequentar lugares onde se encontrava a massa descontente, o austríaco que estava apenas havia pouco mais de seis anos na Alemanha conheceu as mazelas e os anseios do povo alemão como os políticos em seus gabinetes não conheceram. Amava discursar nas cervejarias.

As teses radicais, a proposta de soluções mágicas e os discursos vibrantes de Hitler o levaram, em julho de 1921, a assumir pela primeira vez a che ia de algo: o controle do minúsculo e radical Partido dos Trabalhadores Alemães. Amante da propaganda, Hitler e alguns amigos afixavam cartazes vermelhos com o resumo dos seus discursos.

O idealista Anton Drexler, que fundara o partido em 1919, já havia criado

a política de repúdio aos estrangeiros e aos judeus. Sob o controle de Hitler, o diminuto partido mudou de nome e passou a ser chamado de Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães. Estava formado o Partido Nazista, que entre outros pontos lutava pela união de todos os

alemães numa Grande Alemanha, a anulação do Tratado de Versalhes e a exclusão dos judeus dos cargos públicos. Os discursos de Hitler se intensi icaram, e frequentes pancadarias contra os marxistas aconteciam nas reuniões.

Um ex-cabo, desempregado, combativo, explosivo, que tinha a inidade com a palavra falada mas era despreparado política e intelectualmente, se tornaria um ativista político sedutor. Inspirado na bem-sucedida "Marcha sobre Roma" de 1922, que assinalou a chegada de Mussolini ao poder na Itália, Hitler, então com 34 anos, após analisar a in lação galopante, chegou à óbvia conclusão no outono de 1923 de que a economia da Alemanha entraria em colapso(79).

Reuniu amigos, como Hermann Göring e Ernst Röhm, e juntos arquitetaram que com o uso da força das SA, as Tropas de Assalto do Partido Nacional-Socialista, que tinha poucos membros na época, tomariam o governo regional da Bavária, episódio histórico que icou conhecido como Putsch da Cervejaria de Munique. Na quinta-feira, 8 de novembro, um fanático e ingênuo Hitler instigava os homens da SA, bem como bêbados, desempregados e outros radicais, a tomar o poder(80).

Enquanto isso, um século mais tarde, Júlio Verne despedia-se rapidamente de Kate, que pela primeira vez não estava excessivamente a lita. Ela torcia para que seu marido tivesse sucesso em sua magna e dificílima missão.

– Minha emoção pede para você icar, Júlio, mas meu intelecto suplica-lhe: vá e ceife o homem que odiou a humanidade – disse Kate emocionada.

– Eu voltarei e ainda verei meu ilho crescer em seu útero. E quando ele for expulso para o útero social, serei seu melhor amigo nos invernos da vida e seu melhor companheiro nas primaveras da existência. Não sou o marido e o pai mais perfeito, mas serei o homem que mais amará sua esposa e seu ilho – expressou Júlio Verne, como a mais solene promessa,

esquecendo momentaneamente os vales sórdidos da história que o aguardavam.

– Nós o educaremos juntos com os tesouros da sabedoria.

Transferiremos um tesouro que reis não transferiram e milionários não souberam dar: o capital das nossas experiências – a irmou a psicóloga social.

E em perfeita sintonia com ela, Júlio Verne comentou:

– Sim, falaremos das nossas lágrimas para que ele aprenda a chorar as dele.

– Comentaremos nossas aventuras para que ele rompa o cárcere do tédio e faça da sua vida uma grande aventura – disse ela, como se tivesse se libertado da masmorra do medo.

– Muito obrigado, Kate, por existir e irrigar minha história com amor.

– Sem você, Júlio, minhas manhãs não teriam orvalho, minha emoção não teria júbilo.

Foi um momento de rara sensibilidade. Beijaram-se apaixonadamente.

Mas de repente, para quebrar o clima, o inteligente mas austero general Hermann tocou os ombros de Júlio Verne e disse-lhe claramente:

– Já lhe disse. Meu desejo é que você retorne ao tempo quando Hitler era uma criança. E nesse momento pense em todos os milhões de seres humanos que morreram por causa desse crápula. Não titubeie, assassine-o!

O general Hermann dava importância signi icativa à educação, mas era um homem pragmático. Deixava sua emoção em segundo plano.

– Nunca! Nunca! Se encontrar Hitler criança, minha opção será a via educacional e não militar.

– Educação, educação! Ela é importante, mas as armas resolvem mais rápido – disse tenso o general.

– As armas resolvem os sintomas, mas não atacam as causas – a irmou o professor.

– Não seja romântico! – alertou o brilhante cientista Bernard. – Pense na dor…

Antes que Bernard terminasse, o general interveio.

– Um deve morrer no lugar de milhões…

O chefe militar não queria em hipótese alguma que o Projeto Túnel do Tempo falhasse. Muito dinheiro, muito tempo foram gastos, sem falar nas consequências do êxito ou do fracasso do projeto para a história da humanidade.

Júlio Verne, um amante de educação, insistiu efusivamente:

– Eu já disse. Vou encontrar Hitler adulto e culpado. Somente nessa fase optarei pela via militar.

Em seguida cumpriu o mais rápido possível todo o ritual para entrar na Máquina do Tempo. Dentro do aparelho giratório, procurou recordar os pontos principais do relatório sobre a personalidade de Hitler. Libertou seu imaginário para se ixar nas características mais doentias e num período histórico onde elas começaram a se manifestar. Veio-lhe à mente o

Putsch da Cervejaria de Munique.

A Máquina do Tempo girava numa velocidade tão espantosa que parecia que o corpo do professor iria se desintegrar. Seu cérebro parecia que estava perdendo a identidade e a memória. Momentos depois, seu corpo já não se encontrava dentro do aparelho.

Um homem completamente estafado achava-se deitado num canto de uma cervejaria. Parecia ter levado uma surra. Era Júlio Verne. Mal conseguia se mover, mas ouvia os discursos in lamados de um agitador social.

– Vamos tomar a Bavária! Abaixo o humilhante tratado de Versalhes!

Somos alemães, somos combativos, somos os melhores.

Quase incrédulo, Júlio Verne se levantou, se aproximou do balcão e pediu uma cerveja, embora não tivesse dinheiro para pagar. Havia tanta gente apinhada no ambiente que ele não conseguiu ver o rosto do agitador, mas o som não era estranho. A voz parecia conhecida das gravações do rádio e da TV.

– A hora é agora! – proclamou o líder, que já havia feito cinco discursos naquele dia. Esse era o último.

Subitamente começou a sair do ambiente para fazer o levante. E então, à medida que as pessoas começaram a se dissipar pelas ruas, o professor viu-se olhando diretamente para o político. Era Adolf Hitler, a somente cinco metros de distância. Seus olhares se encontraram como se ambos tivessem uma dívida com a história. O professor não sabia se ria ou se chorava. Deu um tapa no próprio rosto para ver se tudo era real. Estava fascinado pelo fato de que sua estratégia de chamar psiquiatras para debater sobre o psiquismo de Hitler tinha funcionado. Sua mente regulara a misteriosa máquina e ele viajara para o tempo que programara.

Júlio Verne, eufórico, quase sem respiração, procurou sacar sua arma para matar Hitler, ali mesmo, sem demora. Extremamente tenso, pegou o so isticado aparelho retangular que cabia na palma da mão. Ninguém naquele tempo descon iou que era uma arma poderosa capaz de paralisar o coração de Hitler. O líder nazista vinha em sua direção e Júlio esperou que ele se aproximasse, mas quando ia atirar foi atropelado pela multidão que o espremia. O aparelho caiu e foi pisoteado. O professor, como estava debilitado, também caiu ao chão e também começou a ser atropelado pelos admiradores cegos do líder do pequeno e barulhento Partido Nacional-Socialista.

Logo se levantou e foi ao encalço de Hitler. Não podia perdê-lo de vista.

Como não o assassinara no pequeno bar, teria de fazê-lo em espaço aberto.

Mas precisava de uma arma para atirar à queima-roupa, pois tiro ao alvo passava longe da especialidade do professor.

O levante para tomar o poder em Munique estava em plena ebulição. O

Exército se achava de prontidão para conter a revolta. Uma batalha nas ruas seria inevitável… Participar dela ao lado de Hitler era um risco

grande, mas valia a pena procurar estar próximo dele.

Hitler liderava a revolta junto com seus amigos Göring e Rhöm, mas ninguém era tão destemido e ousado quanto o austríaco. A inal de contas, não tinha nada a perder, não tinha curso superior ou quali icação pro issional e, ainda por cima, era um desempregado numa Alemanha com poucas oportunidades. Hitler também não tinha cidadania alemã, era um estrangeiro. Era um jogador que partia para o tudo ou nada.



CAPÍTULO 33

O EMBATE NO TRIBUNAL ENTRE O PROFESSOR E HITLER

O professor, como vivia no futuro, sabia que o plano dos revoltosos seria malsucedido. Hitler, Göring e Röhm eram amadores, não conseguiram controlar os meios de comunicação. Erro que, quando Hitler assumiu o poder, nunca esqueceu. O líder nazista prometia heroica e ingenuamente que venceriam a batalha em Munique com muita facilidade. Tanto assim, que Himmler, porta-bandeira, já havia posado orgulhosamente para a imprensa como um vencedor.

Os revoltosos tiveram que enfrentar uma real batalha campal com a polícia estatal e o Exército. Antes do enfrentamento, o professor pegou uma arma emprestada de um dos amotinados que estava embriagado.

– Dê-me essa arma, soldado! Sou um o icial. Viva a Bavária! – disse aos brados.

O alcoólatra, que nem sabia o que estava fazendo ali, deu-lhe uma velha espingarda e bradou:

– Viva!

Em seguida tropeçou e levou um belo tombo.

O ser humano quando está em grupo frequentemente contrai sua consciência crítica: minimiza sua fragilidade e maximiza seus poderes. O

bando que seguia Hitler estava sob incontrolável euforia. Rapidamente o professor começou a procurar por Hitler em meio a centenas de pessoas que soltavam o grito de vitória.

Furando o cerco com di iculdade, de repente se deparou com Hitler a sua frente, caminhando a passos largos e soltando gritos encorajadores.

– Avante, soldados! Somos imbatíveis! Viva a pátria!

Todos bradavam em coro suas palavras. Quando chegou a quatro metros de Hitler, o professor, sempre caminhando, apontou a velha espingarda para a nunca daquele que seria o maior carrasco da história. Tinha de apontar a arma e andar ao mesmo tempo. E quando com di iculdade se preparava para atirar, alguém veio por detrás e deu-lhe um empurrão com toda a força. O professor caiu e sua arma disparou na direção do Exército, atingindo um soldado no ombro. O professor olhou para quem o empurrara e viu um rosto conhecido. Era o dr. Runner Brant, o psiquiatra que entrara na Máquina do Tempo.

O dr. Runner pegou sua pistola.

– Como esperei este momento! É seu im, professor. A História tem de seguir seu curso!

Mas, quando ia assassinar o professor, a batalha campal começou. A polícia estadual e o Exército, socorrendo o soldado ferido e vendo a obstinação dos revoltosos, começaram a atirar contra eles. O tumulto foi tão dramático que uns atropelavam os outros. O dr. Runner, empurrado por todos os lados, não conseguiu alvejar o professor. Ao contrário, segundos depois, ele mesmo foi alvejado. Um projétil o atingiu na cabeça, o que o

levou à morte imediata.

Três policiais e catorze nazistas foram mortos, incluindo o dr. Runner.

Göring foi ferido e Hitler deslocou um ombro após tropeçar. Acusados de alta traição, eles sofreram em 26 de fevereiro de 1924 o julgamento no tribunal da Escola de Infantaria em Munique(81). O professor também foi preso e, como na investigação descobriu-se que fora o primeiro a dar um tiro, foi considerado um dos líderes entre os revoltosos e acusado não apenas de alta traição contra a pátria alemã, mas também de tentativa de assassinato.

Era para Hitler ser sepultado com a fracassada revolta. Mas o austríaco mostrou sua incrível habilidade de manipular fatos a seu favor. Num golpe de propaganda e de coragem, assumiu total responsabilidade pelo levante.

Sua atitude penetrou como um raio na mente dos alemães. Ele, um estrangeiro, chamava a responsabilidade para si e, deste modo, protegia os alemães, incluindo Göring, Himmler, Röhm e outros nazistas.

Chegou inalmente 26 de fevereiro de 1924, o dia do grande julgamento no tribunal de Munique. Hitler e o professor Júlio Verne estavam no banco dos réus, um separado do outro por cerca de 6 metros de distância.

Naqueles tensos momentos, o professor viajou no tempo, mas não na famigerada máquina do século XXI, e sim em outra mais complexa, a sua mente. Viajou 18 anos a frente, para 1942, o período em que conhecera a pequena Anne, Moisés e seu pai, o dr. Kurt. Lembrou-se de que as crianças que ajudara não sobreviveram. Recordou que elas e um milhão de outras crianças seriam ceifadas sem piedade no inferno dos campos de concentração. Reviveu em seu imaginário as dores e as privações terríveis que ele e seus amigos sentiram em Auschwitz.

Lembrou-se ainda de seu amigo Viktor Frankl. Perguntou para si qual era o sentido de estar naquele tribunal. Nada seria tão digno quanto expurgar Hitler e prevenir o sofrimento inimaginável pelo qual a humanidade em breve passaria. Estava no tribunal de infantaria de Munique, próximo do seu ponto de mutação, mas ao mesmo tempo tão distante dele. Se tentasse pegar uma arma e atentar contra Hitler, seria assassinado a sangue-frio pelos policiais do tribunal.

Ficou abatido por instantes. Porém logo pensou numa brilhante estratégia, mais factível: descaracterizar a imagem de Hitler e levá-lo a uma condenação maior do que Munique lhe dera. Era preciso convencer o juiz de que Hitler era um sociopata, um homem perigoso para a Alemanha, um barril de pólvora para a Europa.

Se fosse e iciente, Hitler receberia uma punição severa, o que o levaria a icar anos con inado. Isso deslocaria a sequência de eventos da história.

Hitler teria sua ascensão política abortada.

Toda a imprensa da Alemanha noticiava o caso nas primeiras páginas. O

débil líder de um partido pequeníssimo era notícia do momento. Num determinado momento do julgamento, o professor, ao ser inquirido, aproveitou o ensejo para se acusar e, ao mesmo tempo, dissecar a imagem de Hitler:

– Meritíssimo Juiz e demais membros da corte, gostaria de confessar meus erros. Sou um traidor da pátria, mas meu companheiro Adolf Hitler também o é.

Os presentes se agitaram com essas palavras. Colocaram seus ouvidos à

disposição do corajoso réu, mas quando ele comentou sobre a megalomania de Adolf Hitler todos deram gargalhadas.

– A intenção de Hitler é assumir o poder absoluto da Alemanha.

Todos os presentes, dos jurados ao espectadores, olharam para o estranho austríaco e não conseguiram se conter. Quase morreram de rir diante da a irmação de que aquele soldado bizarro, sem cultura, expressão nacional ou representatividade política, aspirasse ao poder absoluto na Alemanha democrática. Inclusive o juiz sorriu da anedota.

Constrangido, o professor alertou:

– Não se enganem! Esse simples cabo em menos de nove anos poderá assumir o controle total das Forças Armadas.

Mais risadas. Nunca ouviram tantas piadas num tribunal e nunca se enganaram tanto. Todos que estavam no tribunal da infantaria de Munique sabiam do poderio limitado da Alemanha, principalmente depois do Tratado de Versalhes. Hitler, no levante pelo qual estava sendo julgado, sequer conseguira mais do que centenas de bêbados e arruaceiros para segui-lo. Como poderia assumir a liderança total das Forças Armadas? O

tribunal virou um circo. Só Hitler não sorria. Demonstrava que odiara o deboche, mas, ao mesmo tempo, gostava de ser o centro das atenções.

Como ninguém dava qualquer crédito ao professor, ele, que sempre fora ponderado, começou a perder o controle. Aumentando o tom de voz, alertou:

– Não se enganem. Esse homem odeia a Alemanha, suas preocupações sociais são falsas. Ele vai deflagrar a Segunda Guerra!

– Cale-se, senhor Júlio Verne. O senhor é réu nesse crime contra o Estado. O senhor disparou o primeiro tiro, agora dispara acusações contra seu companheiro de rebelião!

– Não estou brincando, meritíssimo, sou um homem ligado à História.

Hitler ateará fogo na Europa. Milhões de judeus serão exterminados, bem como marxistas, ciganos, eslavos.

As risadas continuaram. Mas ao ouvir as palavras de que milhões de judeus e marxistas morreriam, Hitler pôs-se de pé e aplaudiu Júlio Verne.

Parecia que o professor tocava música para seus ouvidos. Era inimaginável que o radical e tosco soldado que Júlio Verne apontava tornar-se-ia um dos maiores criminosos da humanidade. Não levaram em consideração as palavras virulentas que Hitler proferia para as massas nas cervejarias da cidade. Desprezaram a noção de que um invisível vírus podia matar um enorme paciente.

Hitler olhou para Júlio Verne, fez um sinal de uma arma apontada para a cabeça dele, ingiu disparar e moveu os lábios, formando silenciosamente a palavra:

– Judeu!

Júlio Verne era mestre de grande eloquência, mas qualquer coisa que falasse de Adolf Hitler parecia completamente distante da realidade daquele público. O juiz nunca vira dois companheiros se acusarem. Para não ferir o direito de igualdade, pediu para Adolf Hitler também se pronunciar. Hitler, perito em oratória, começou a seduzir a plateia.

– Sou acusado por um homem que detesta a Alemanha, um homem que desconheço. E também sou julgado por este nobre tribunal. Mas *meu julgamento, senhores, cabe ao eterno tribunal da História… Essa corte não nos perguntará: "Os senhores são culpados ou não de alta traição?" Eu amo a Alemanha. Essa corte nos julgará como alemães que unicamente desejavam o bem de seu povo e sua pátria; que desejavam lutar e morrer… Se assim for, os senhores podem pronunciar mil vezes a minha culpa…*"(82) Hitler, com essas palavras e outras mais, conquistou a simpatia não apenas do juiz, mas de todos os presentes e de grande parte da sociedade alemã.

O professor reagiu.

– Não se deixem iludir. Esse homem mente! É radical, quer acabar com os demais partidos políticos, quer instalar uma ditadura. E se tem uma qualidade é que é um especialista em marketing de massa! Ele vai devorar o território da emoção dos alemães – gritou ansiosamente.

Marketing de massa? Ninguém sabia do que se tratava esse termo. O

rádio estava em plena expansão, mas ninguém o usava para outra função se não para noticiar fatos e tocar músicas. Goebbels, o gênio da propaganda de Hitler, daria outro destino a ele.

– Você é um judeu! – afirmou Hitler, bem alto.

Quando Hitler pronunciou a palavra "judeu", Júlio Verne, pego de surpresa, não o negou. Houve um alvoroço na plateia.

– Eu sou alemão dos alemães! Eu sangro por esta pátria! Enquanto os judeus, sua raça, são a razão de estarmos falidos social e economicamente.

Amo os arianos até o impensável – disse Hitler.

Muitos aplaudiram. O *Führer* já começava sua ascensão.

O juiz bateu seu pequeno martelo na mesa, impondo ordem no tribunal.

Alguns jornais de expressão nacional cobriam o evento. A fragmentada

Alemanha, destroçada política e socialmente, encontrava um herói, um homem que embora forasteiro, tinha coragem de brandir sua língua contra o Tratado de Versalhes e de defender com sua vida a pátria. Seu nome: Adolf Hitler. As palavras distorcem as intenções, e, às vezes, o que é pior, disfarçam segredos.

Abatido e inconformado, o professor bradou altissonante.

– Hitler é radical, insensível, esterilizará milhares de alemães, eliminará crianças especiais, as ixiará doentes mentais e assassinará todos os que se atreverem a levantar a voz contra ele… Não julguem um homem pelas palavras, julguem-no pelas ações!

Ninguém ouviu mais nada do professor. Batiam o pé no tribunal.

Começaram a odiá-lo. Teve de ser tirado da corte para não atrapalhar o julgamento. Mas antes de sair, Hitler, com um sorriso sarcástico, olhou para Júlio Verne e lhe enviou um bilhete que foi transmitido por seu advogado.

“Obrigado, judeu, por me encorajar a seguir meu glorioso caminho. Obrigado por acreditar que eu posso dominar a Europa e quem sabe o mundo…”

Júlio Verne tentou avançar sobre Hitler, queria esgoelá-lo, mas foi contido por cinco policiais. Sempre fora um homem inteligente e ponderado, mas a Máquina do Tempo parecia tê-lo esgotado mentalmente.

Sua passagem por Auschwitz, os espancamentos que sofrera, a responsabilidade da missão, o abandono de Kate e do ilho, tudo isso era um caldeirão fervilhante de angústias e tensão que lhe furtava a energia e o equilíbrio mental. E para aquecer ainda mais esse estressante caldeirão, o professor sempre fracassava em sua missão de mudar a História. Sentia-se o mais frustrado dos homens.

Agora, para completar seu cáustico deserto, sua intervenção no tribunal de infantaria de Munique, em vez de destruir a imagem de Hitler, realçara-a e fomentara nele a ambição geopolítica de dominar a Alemanha e a Europa.

Júlio sentiu-se assaltado pela culpa. Foi para a cadeia como um louco, um traidor da Alemanha, um traidor de um companheiro, um judeu digno de ódio, enquanto Hitler permaneceu no tribunal e foi para a prisão como um herói, o mais devotado dos alemães.

Os juízes, fascinados com Hitler, com seu patriotismo, se compadeceram dele e dos revoltosos, à exceção de Júlio Verne. Desaprovaram as ações dos revoltosos, mas exaltaram suas intenções. Não quiseram ver o monstro em gestação. O austríaco, num golpe ímpar de propaganda, começou a perturbar e fascinar uma sociedade que não lhe pertencia.

Hitler foi sentenciado a cinco anos de prisão, mas cumpriu apenas nove meses. Na prisão, aproveitava para criticar o governo incapaz de produzir segurança social, controlar a inflação e resolver as pendências humilhantes do Tratado de Versalhes.

Júlio Verne foi considerado por todos os seus comportamentos uma ameaça social. Foi condenado a 25 anos de reclusão.

Em 9 meses, a sede insaciável de Hitler pelo poder ganhou musculatura.

Escreveu no cárcere o primeiro volume de seu livro *Mein Kampf*(83), onde expôs suas teses: ódio aos judeus, superioridade da raça ariana representada pelos alemães e a predestinação do *Führer* para impor o germanismo, que seria conhecido como o Terceiro Reich, sobre o resto do mundo. O “herói” tosco, radical e falastrão, mas carismático, que queria salvar a Alemanha da crise, a mergulharia num caos inesquecível.

O tribunal de Munique perdeu a grande oportunidade de julgar com imparcialidade o maior réu da história…



CAPÍTULO 34

O EMBATE ENTRE JÚLIO VERNE E HITLER NA PRISÃO

O professor, como foi considerado violento, ameaçador, insolente, icou isolado numa pequena cela. Estava a 15 metros da de Hitler. Nos dias que seguiram, tentou desesperadamente subornar os guardas para escapar, mas não conseguiu. Não tinha dinheiro. Tentou usar estratégias e técnicas psicológicas para seduzi-los, mas dessa vez falhou. Os carcereiros estavam alertados sobre sua periculosidade. Além disso, todos eram admiradores de Adolf Hitler.

Quando icou sabendo da pesada pena que recebera, entrou em estado de pânico. Mofaria nas próximas duas décadas naquele presídio lúgubre, tempo su iciente para que Hitler cometesse todas as suas barbaridades.

Tenso, tentou chacoalhar sua cela como um louco para destruir seus grilhões. Mas nada. Esmurrou as paredes de raiva. O ponderado professor estava incontrolável. Sua chance de mudar a História estava lhe escapando pelas mãos. E para piorar sua crise de ansiedade, Hitler procurou torturá-

lo de sua cela.

– Eu farejo um crápula judeu a milhas de distância – afirmou o nazista.

– Só um cego não enxerga que no trivial somos diferentes, na essência

somos iguais. Somos seres humanos!

– Judeus são sub-humanos!

– Você é louco Hitler! Um ilho mimado por sua mãe, Klara Polzi! Um sujeito que teatraliza seus gestos para esconder um complexo de inferioridade.

Hitler ficou impressionado e furioso com a citação do nome de sua mãe.

– Não coloque o nome de minha mãe em seus lábios sujos!

– Seu fim será a derrota e depois o suicídio – afirmou Júlio Verne.

– Eu? Matar-me, seu verme? Serei o senhor da Europa. E, se você soubesse o que estou escrevendo em meu livro sobre sua raça, teria um colapso cardíaco – bradou Hitler com uma risada fantasmagórica.

O professor sabia muito bem o que Hitler estava escrevendo em *Mein Kampf*. Seu povo estava sendo sentenciado ao genocídio. Num ato desesperado, agarrou as grades, tentando chacoalhá-las e gritando, para o espanto de todos os presidiários.

– Qual é o sentido de fazer inocentes sofrerem?

– Ninguém é inocente! – devolveu Hitler.

– A necessidade neurótica pelo poder embriaga seu raciocínio?

– O poder? Ah… Eu amo o poder. Posso usá-lo para remover as bactérias da humanidade.

– Crianças, idosos, mulheres não são bactérias. São pessoas que pensam como você, sonham como você, amam como…

Hitler interrompeu raivosamente o raciocínio do professor Júlio Verne.

Não queria assimilar que os judeus eram seus semelhantes.

– Mentira! Mentira! Eles infectam a raça ariana. Não são nossos semelhantes!

Os prisioneiros que estavam ouvindo atentamente o debate romperam o silêncio e aplaudiram o destemido Adolf Hitler, um político em ascensão.

Mentalmente agitado, o professor lembrou-se das palavras do brilhante médico que desfalecera em seus braços quando estavam no comboio de trem em direção a Auschwitz.

– Guarde essa tese, seu monstro: *“ Se Deus não existir, sociopatas como você raramente serão punidos à altura das suas atrocidades, mas se Deus existir, e creio que ele exista, a alma é imortal e a morte das crianças e de todos os inocentes não será um ponto inal, mas apenas uma vírgula, pois o texto continuará a ser escrito na eternidade”*. Quando você colocar fogo em seu corpo em 1945, sua morte também não será um ponto inal. E eu não

queria estar na sua pele quando sua história for avaliada…

Hitler entrou em crise, cuspiu no chão e num ataque de raiva proclamou altissonante:

– Eu… o odeioooo! Eu serei lembrado na História… como aquele que desinfetou a humanidade das raças inferiores. A providência divina me louvará…

Hitler usara inúmeras vezes as palavras “providência divina” em seus discursos ao longo dos anos, indicando que criara um deus à sua imagem e semelhança, um deus que, segundo ele, aprovava suas vaidades e louvava suas loucuras. Quando assumiu o poder e começou a usá-lo com mão de ferro, ele considerou o Jesus-judeu que transformava prostitutas em rainhas, que era amigo de infectados leprosos e que proclamava em prosa e verso a arte de perdoar e amar seus os inimigos um grande obstáculo para se agigantar na mente dos alemães e desenvolver o nazismo. Por isso, desencorajou os alemães de frequentarem as igrejas e se colocou, com a ajuda do gênio do marketing de massa, Goebbels, como o messias de uma nova ordem mundial.

Hitler não suportava mais ouvir a voz de Júlio Verne. Subornou os carcereiros para espancá-lo, matá-lo ou transferi-lo para uma cela muito distante da dele. O professor resistiu. Precisaram reduzir-lhe a comida e a bebida como punição para que diminuísse sua agitação mental. Isolado e

angustiado, se autopunia dizendo mais uma vez para si:

– Eu falhei, eu falhei…

O colecionador de lágrimas vertia gotas que serpenteavam no teatro do rosto. Era digno de compaixão. Certa noite, estava tão estressado pela derrota e abatido pelo espancamento que adormeceu profundamente. E

nessa madrugada teve um sonho completamente diferente de tudo que sonhara com Adolf Hitler. Não teve pesadelos com campos de concentração, com privações nem com os erros insanos dos nazistas.

Sonhou com o erro grave que uma pessoa muito importante cometera: ele mesmo. Um erro real ocorrida na sua carreira como professor. Júlio Verne, que sempre fora dosado e inteligente como mestre, também falhara, e muito. Chegara a vez de dissecar suas mazelas.



CAPÍTULO 35

A GRANDE FALHA DO PROFESSOR JÚLIO VERNE

Em seu pesadelo, o professor estava no corredor da imensa universidade em que lecionava. Já era um escritor famoso e um intelectual admirado.

Como professor, poucos dos seus colegas tinham uma eloquência como a dele. Subitamente vê um aluno vindo em sua direção, desanimado e cabisbaixo. Ao se aproximar, o aluno levantou o rosto, mas não o cumprimentou. Mas Júlio Verne o reconheceu.

– Piter, meu querido aluno. Há quanto tempo não o vejo?

– Dez aaa…anos pro…professor. Péssimos aaa…anos.

Sabia que Piter tinha di iculdade de expressão verbal, mas ao que parecia havia piorado muito. Condoído e preocupado, o professor perguntou:

– Você era mais seguro. O que aconteceu? Por que está com tanta dificuldade de pronunciar as palavras?

O aluno itou bem os olhos do professor e o deixou perplexo com a resposta:

– Uma das cau…causas… foi… foi… vo…você… mee…mestre.

– Eu, Piter? O que lhe fiz? – indagou Júlio, assombrado.

Foi então que Piter lhe contou lenta e di icultosamente que ao ler um

texto diante da classe, a pedido de Júlio Verne, não conseguira articular uma palavra. Querendo ajudá-lo, Júlio Verne insistira que ele voltasse e repetisse a palavra. Piter não conseguiu. O professor não percebeu que Piter estava sequestrado por uma janela Killer ou con litante, cujo volume de tensão bloqueava milhares de outras janelas, fechando, assim, o circuito da memória. A síndrome do circuito fechado da memória impedia seu Eu de acessar inúmeras informações que inanciariam sua capacidade de pensar antes de reagir, a segurança e a ousadia.

Júlio Verne na época não admitira as limitações de Piter. Forçara-o a repetir múltiplas vezes o texto. Não entendia que *toda mente é um cofre, não existem mentes impenetráveis, mas chaves erradas.* Não individualizara a personalidade de Piter, não percebera que ele era diferente de outros alunos. Tentara arrombar o cofre da sua mente, usara chaves erradas, que jamais deveriam ser usadas.

Os demais alunos deram risadas da di iculdade fonatória de Piter, que depois de diversas tentativas frustradas e com olhos em lágrimas, sentou-se rubro, ofegante, taquicárdico e, o que foi pior, sentindo-se socialmente humilhado e psiquicamente incapaz. A humilhação pública é uma das experiências mais traumatizantes do psiquismo humano. Júlio Verne levou o

fenômeno RAM (registro automático da memória) a registrar no centro da memória de Piter uma janela traumática com alto poder de sequestro emocional, chamada de janela Killer duplo "P" (duplo poder): *poder* de encarcerar o Eu e *poder* de descolocar a maneira de ser e pensar(84). Piter, que já gaguejava um pouco desde a infância, expandiu sua di iculdade de articulação da voz. Nunca mais conseguiu falar em público.

O professor icou abaladíssimo com seu erro e pediu sinceras desculpas a Piter. E procurou repará-lo. Nos anos posteriores, conheceu os fenômenos básicos do complexo processo de construção de pensamentos e a teoria das janelas da memória e, como era psicólogo e, ao mesmo tempo, um bom orador, ajudou Piter terapeuticamente e deu-lhe aulas sobre técnicas de oratória. Foram longos 13 meses de atuação.

Aos poucos Piter construiu uma plataforma de janelas saudáveis no córtex cerebral que se tornou um núcleo de habitação do Eu, dando-lhe estabilidade para que se tornasse autor da sua própria história. O medo de falar em público e as di iculdades de articulação da voz foram em grande parte debelados.

Educar a emoção, por meio de plantar janelas Light, colocar-se no lugar dos outros, expor e não impor as suas ideias, expressar altruísmo e

solidariedade passaram a ser a bandeiras desse instigante educador. Por isso, quando os militares do Projeto Túnel do Tempo o encorajaram a eliminar o Hitler criança, ele se recusara. Crianças são inocentes. Queria eliminar o Hitler adulto, inumano, violento, insensível.

O pesadelo com Piter o levou a ter um sono agitado. Ficou mais uma vez atônito por ter sido causador de traumas. Sabia que mesmo brilhantes educadores, por desconhecerem as armadilhas da mente (85), cometem erros crassos. Parecia que queria alertar todos os educadores do mundo para cuidar da mente de seus alunos como tesouros da humanidade. E, de repente, algo imprevisível aconteceu. Seu pesadelo o conduziu a sair da esfera de Piter e o transportou para a história de um adolescente que também foi traumatizado por um professor: Adolf Hitler.

O pai, Alois Hitler, queria que o jovem austríaco Adolf Hitler se dedicasse à arte da voz, à música, mas sua mãe, Klara Polzi, queria que o garoto se

dedicasse às artes plásticas(86). A mãe, mais doce e influente, venceu.

Hitler saiu de sua pequena cidade para se candidatar na famosa escola de Belas Artes de Viena. Mas, para um rígido professor, para ser um gênio na pintura não bastava ter apreço pelas artes plásticas nem se encantar com pincéis e telas. Fazia-se necessário ter dom, habilidades manuais, traços únicos e principalmente uma mente criativa. O mestre de Viena que avaliou o adolescente Adolf considerou que ele não tinha tais habilidades, pelo menos não suficientemente.

Em seu pesadelo, Júlio Verne tentava de todos os modos evitar que Hitler desenvolvesse uma janela Killer duplo P. Debatia-se em sua cela. Seu sonho foi tão envolvente e estressante que mais uma vez abriu uma fenda cósmica que o transportou no tempo-espaço.

O professor estava dentro de um minúsculo banheiro, deitado, em posição fetal, como se tivesse desmaiado. Começou pouco a pouco a despertar. Mas achou por instantes que ainda estava passeando pela sua imaginação na prisão onde se encontrava Hitler. Ouviu gotas de água pingando da torneira do lavatório vitoriano. Teve a reação instintiva de molhar suas mãos e passá-las pelo rosto. Sentiu a temperatura fria da água. Depois olhou para as mãos e viu-as tingidas de vermelho. Era sangue. Estava sangrando devido às feridas produzidas pelo espancamento dos carcereiros.

Ao sair do pequeno espaço, depois de lavar o rosto e as mãos para ficar apresentável, andou por um longo corredor estreito e viu um garoto sendo

chamado para uma entrevista. Ao olhar para o garoto, quase desmaiou.

– Não é possível! Parece que tem a expressão facial de… de Adolf Hitler

– disse eufórico para si mesmo.

O garoto entrou pela porta para ser entrevistado por um professor de artes plásticas que desprezava candidatos considerados medianos e medíocres. Era um excelente plantador de janelas Killer, só selecionava candidatos ilustres ou provenientes de classes mais abastadas.

Júlio subitamente olhou para a janela e viu o sol brilhar. De repente focalizou a placa da instituição e teve a convicção de que havia viajado

no tempo. A placa dizia: Escola de Belas Artes de Viena.

Sob júbilo incontido, o coração do professor parecia que ia sair pela boca. Estava diante do seu maior ponto de mutação da história. Finalmente teria sua grande chance de mudar a trajetória da Segunda Guerra Mundial. Foi invadido por questionamentos tão poderosos que os verbalizou para si.

– Por que não pensei antes na educação para repaginar a história? Por que não estabeleci metas de educar a emoção do adolescente frustrado, Hitler, para que ele não se tornasse um dos maiores psicopatas funcionais da humanidade?

Fora preciso sonhar com seu grave erro educacional para reacender a chama do que mais acreditava: a educação como fonte transformadora da sociedade. Mas nem tudo são lores. As armadilhas da sua mente entraram em ação. Foi invadido por imagens de Auschwitz. Lembrou-se do seu cárcere, do carrasco da medicina, Mengele, e de todos os miseráveis que lá perderam suas vidas. Ficou ofegante. Enquanto se perturbava com essas imagens, o garoto Hitler estava fazendo sua fatídica entrevista. De repente o professor começou a colocar em xeque suas crenças.

– Mas será que a educação vai funcionar? Não é melhor usar uma arma do que as ideias? Bastaria usar uma bala e o pesadelo terrível da Segunda Guerra inexistiria – pensou alto.

Assassinar o adolescente era mais fácil do que educá-lo. Talvez Hitler fosse irremediável ou resistente a qualquer intervenção educacional. O

professor, angustiado pela dúvida fatal, colocou as mãos na cabeça. Parecia que ela ia explodir. Inseguro, não sabia se deveria entrar na sala sem pedir licença e suplicar para o professor da escola de Viena aceitar o jovem Hitler como pintor ou se emboscaria o jovem em algum lugar da cidade.

Lembrou-se do texto de um dos livros que escrevera: “ *O dinheiro mal usado forma servos, a educação os emancipa. As armas eliminam a vida, a*

educação a preserva. É por isso que sou um professor, o mais humilde e revolucionário dos pro issionais. E, como professor, acredito na educação, e por vivê-la tenho um poder que dinheiro nenhum pode comprar e arma

nenhuma pode propiciar. O poder de formar mentes livres…”.

Sabia que o general Hermann, o líder do Projeto Túnel do Tempo, que também valorizava muito a educação, se o estivesse aconselhando naquele angustiante momento, optaria pelas armas. Tinha convicção de que *quem não é iel ao que acredita tem uma dívida impagável consigo mesmo, uma dívida que contrairia seu sentido existencial ; dormiria, mas não descansaria; sorriria, mas sua alegria seria um disfarce.*

Colocou o ouvido na porta da sala onde o garoto que deixaria o mundo perplexo estava sendo entrevistado. Ouviu o professor rejeitar Hitler.

Escutou-o minimizar suas qualidades e maximizar seus erros, algo que um professor jamais deveria fazer… Deu três toques e sem esperar permissão adentrou a sala.



CAPÍTULO 36

A GRANDE ESPERANÇA OU A GRANDE

FRUSTRAÇÃO?

Júlio Verne não sabia o nome do professor que estava entrevistando o jovem Hitler. Foi logo pedindo desculpas pela invasão. Rígido, o professor de artes plásticas não gostou. Rapidamente pediu para o intruso se identificar. Constrangido e esperto, o viajante do tempo disse:

– Sou Júlio Verne, um professor de História da Arte contemporânea da Inglaterra, amante das artes plásticas.

Em seguida olhou para a expressão facial de Hitler. Parecia que este estava odiando as atitudes e as palavras do invasor e do professor que o estava avaliando.

– E o que o senhor faz aqui? – indagou o entrevistador de Hitler.

– Fiquei sabendo de sua fama como ilustre mestre em belas artes. Pedi permissão para conhecê-lo. E, se me conceder a honra, gostaria de conhecer seu método de avaliação de novos talentos, pois em meu país também estamos selecionando novos alunos.

Lisonjeado, o professor vienense pediu para Júlio Verne se sentar.

Continuou a fazer uma série de perguntas para Hitler sobre seus projetos,

intenções e expectativas na Escola de Viena. Hitler não era sociável, não encantava. Só demonstrava que tinha apreço pela pintura e queria aperfeiçoar suas técnicas.

Desapontado, o mestre em artes plásticas aplicou-lhe um teste prático para avaliar suas habilidades. Minutos depois analisou-o e, taxativo, o desaprovou.

– Você é muito comum. Não é criativo. Não há espaço para você nesta instituição.

Júlio Verne, desesperado, interveio.

– Desculpe-me, professor, mas o senhor não acha que esses traços podem indicar um jovem talento?

– Percebo que o senhor não consegue avaliar uma pérola. Não vejo criatividade expressiva nesse garoto.

Em seguida fez o último teste. Pediu rispidamente para Hitler pegar um lápis e desenhar sobre um papel cartonado aquilo que lhe viesse à mente.

Hitler rapidamente fez alguns traços e desenhou uma pessoa morta e um assassino ao seu lado. Embora não fosse um retratista, Hitler parecia ter indicado que o assassinado era o professor e o assassino era um garoto,

provavelmente ele mesmo. Júlio Verne icou pálido ao interpretar o cenário. Os traços psicóticos de Hitler já estavam presentes. Sua intolerância a contrariedades já estava instalada.

– Sem condições. Reprovado – disse categoricamente o professor.

Júlio Verne tentava de todas as formas evitar a formação de uma janela Killer duplo P, um núcleo traumático, mas o acidente psíquico já estava formado. O professor do século XXI sabia que essa janela jamais seria, por si só, responsável por formar a sociopatia de Hitler e transformá-lo num monstro, um assassino de massa, mas poderia ser um importante tijolo na b a s e da sua personalidade doente. Contribuiria para ele ser radical, impulsivo, pessimista e mais intolerante ainda às contrariedades.

Hitler pegou seus papéis, os atirou no chão e saiu revoltado da sala da entrevista. Bateu a porta. A lito, Júlio Verne ainda tentou dissuadir o professor de Viena.

– Por favor, dê uma chance a esse jovem.

– Não. Só aceitamos grandes talentos – expressou o mestre taxativamente.

– Ele é um mármore bruto. Se for incluído e não excluído, poderá ser lapidado, desenvolver seus talentos.

– Talento, ou se nasce com ele ou não se o tem.

Mais uma vez o preconceito e a exclusão social produziam seus desastres. Júlio Verne, num rompante de impaciência, bradou.

– A mente humana é uma obra de arte plástica! Mais plástica do que a pintura. Ela pode desenvolver suas habilidades!

– Abaixe seu tom de voz! O senhor está invadindo meu território – falou irado o mestre em belas artes, um homem que desconhecia a tela do psiquismo humano.

Júlio Verne respirou fundo e tentou se acalmar.

– Desculpe-me, mas eu imploro, aceite Hitler como seu aluno. Se o

aceitar o senhor estará fazendo um grande favor para a história da humanidade.

– Você está louco!

O clima estava pesado, Júlio Verne não sabia mais o que dizer. Queria abrir o cérebro do professor de pintura. Esgotando seus argumentos, rebateu:

– Não, não estou louco. Se o aceitar, Hitler talvez ique em Viena. Talvez nunca vá para Munique e não desenvolva o partido nazista, não seduza a Alemanha e não promova a Segunda Guerra Mundial.

O mestre da pintura icou perplexo com as palavras de Júlio Verne. O

século XX estava se iniciando, nunca ouvira falar de guerras mundiais.

– O senhor saia da minha sala! Nunca houve sequer uma Primeira Guerra Mundial, como o senhor diz que esse garoto vai iniciar uma Segunda? Saia daqui imediatamente.

O destino do mundo estava nas mãos daquele frágil garoto. Era quase impossível crer que ele seria o protagonista do mal.

– Sairei. Mas antes deixe-me contar a história de Piter e de um dos maiores erros da minha vida.

E contou rapidamente o que acontecera com Piter e como falhara como mestre. Discorreu como se formara uma janela Killer duplo “P” no psiquismo de seu aluno, como ele encarcerara seu Eu nessa janela e como desenvolvera uma fobia social que o impedia de falar em público e trabalhar em equipe. Depois de conhecer sucintamente a teoria das janelas da memória e o erro de Júlio Verne, o professor vienense icou re lexivo.

Parou, pensou, mas infelizmente foi incapaz de reconhecer sua própria falha.

– Não estou errado! Não repensarei minha atitude! Saia daqui, ou

chamarei a polícia. – E expulsou Júlio Verne da escola.

Mas antes de sair o professor sentenciou:

– Se izer a inclusão educacional, talvez tenhamos um artista plástico medíocre, mas existiria a chance de não termos um dos maiores criminosos da história.

Júlio Verme saiu. E saiu às pressas, pois precisava encontrar o adolescente Adolf nas ruas de Viena e fazer alguma coisa. Talvez apoiá-lo, encorajá-lo e ajudá-lo a proteger sua emoção.

Andou desesperado procurando-o, mas nada. Caminhou horas a io, fez inúmeras perguntas para os passantes nas ruas descrevendo a imagem do garoto que procurava, mas nenhuma informação o levava a encontrá-lo.

Enquanto caminhava, queria evitar pensar em as ixiá-lo com suas mãos ou silenciá-lo com uma arma. Em alguns momentos resgatava as palavras do general Hermann e sentia que a opção militar era mais segura.

Ficou perturbado, punindo-se por pensar nisso. Tinha optado pela educação e iria procurar o jovem Hitler e usar o seu método até esgotá-lo.

Dois dias depois, à noite, cansado, estressado, inalmente o encontrou num lugar úmido e mofado, desenhando alguns cartazes com propaganda para sobreviver. Quando Adolf viu o professor, logo o reconheceu e teve um ataque de raiva.

– Saia daqui!

– Por que essa agressividade?

– Você atrapalhou minha entrevista.

– Eu? – disse Júlio Verne, espantado com a incapacidade do jovem de interpretar a realidade. – Foi o professor de belas artes que não o aceitou.

Eu inclusive tentei fazê-lo mudar de ideia.

– Caia fora. Não preciso do favor de estranhos.

– Eu vim lhe dizer que você já tem algum talento. E este talento pode ser

desenvolvido ainda mais.

– Claro que tenho talento. Aquele estúpido professor é que não tem.

– Vamos conversar.

– Saia daqui! Não quero conversa.

– Um ser humano que não sabe dialogar cria as próprias verdades, não é digno da maturidade psíquica.

– Não sei do que você está falando.

– Estou falando de outra arte além do mundo da pintura, estou falando da arte das relações sociais, cujo pincel é a palavra. Sem usar a palavra

para trocar experiências e descobrir o valor de cada ser humano, inclusive o nosso, nos tornamos animais e não humanos.

– Caia fora, já disse. Não quero ouvi-lo mais. – E Adolf tapou os ouvidos.

O professor saiu arrasado com a capacidade do adolescente Adolf Hitler de distorcer a realidade do intelecto. Dentre os conflitos mais relevantes de sua personalidade, os que mais se sobressaíam eram sua impulsividade, o radicalismo interpretativo, a incapacidade de se colocar no lugar dos outros e de pensar antes de reagir. Para o professor, o destino era uma questão de escolha, e não inevitável, mas parecia que as escolhas já haviam sido feitas e a história seguia seu curso irreversivelmente. Abalado, questionou pela primeira vez a via educacional, embora soubesse que seriam necessários dias ou quem sabe semanas para tentar educar a emoção do tímido, mimado e agressivo adolescente.

Hitler já tinha características que transformavam sua psique num caldeirão de ansiedade, individualismo e egocentrismo. Júlio precisava de estratégias para de algum modo se aproximar dele. Teria êxito? Era uma tarefa dantesca. Sabia que toda mente é um cofre, não há mentes impenetráveis, mas chaves erradas. Precisava usar as chaves corretas para abrir a mente desse psicopata em gestação. Quais? Como?



CAPÍTULO 37

A GRANDE MISSÃO: O COLECIONADOR DE ESPERANÇAS!

O professor não tinha onde dormir. Não teve coragem de tentar pedir para Hitler um espaço para repousar seu combalido corpo, apesar de saber que a hipótese de aceitá-lo era quase nula. Hitler o enxotara do seu espaço. E, mesmo que o aceitasse, Júlio Verne não con iava no jovem austríaco. "Vai que ele resolve atentar contra minha vida". Era melhor cair fora, repousar em outras paragens.

Saiu a esmo sem saber para onde ir. Não tinha dinheiro para icar numa pousada. Foi dormir nas ruas, um espaço que estava virando sua morada o icial. Tinha tudo e não tinha nada. Era um caminhante no tempo, um intelectual esvaziado do seu orgulho, vivendo em épocas di íceis. Eram 10 horas da noite. Quase toda a população de Viena já havia se recolhido naquela noite de 1905.

A fome naquele tempo era intensa, a cidade vivia saturada de mendigos.

Alguns cidadãos de Viena criam que esses miseráveis sem abrigo estavam contaminando a bela cidade. Tentavam expulsá-los das praças e vias públicas. Não poucas vezes recorriam ao uso da força. Alguns eram espancados, outros mortos e ainda outros arrastados para fora da cidade.

O frio roçava-lhe o corpo como lâmina. Quando tentava pegar no sono

num banco de pedra de uma praça, o professor foi abordado por alguns homens que queriam limpar a cidade dos mendigos. Foi amarrado e começou a ser arrastado por um cavalo. Ele suplicava:

– Deixe-me em paz. Eu não fiz nada.

Mas ninguém lhe deu ouvidos.

– Eu tenho negócios importantíssimos nesta cidade – afirmava.

Ser um miserável era motivo para ser considerado um criminoso por aqueles justiceiros. Resgatando em sua lembrança a própria missão, resistiu. Sua resistência precipitou uma agressão. Eram seis homens fortes socando um frágil e debilitado herói. Deixaram-no mais uma vez quase desmaiado. Em seguida o colocaram numa carroça, andaram quilômetros e, por im, o atiraram à beira de uma estrada vicinal na zona rural. Um local onde se depositava lixo a céu aberto. Viveu mais uma terrível madrugada.

Depois de longas horas gemendo de dor, conseguiu adormecer por minutos. Nesse período teve mais um sonho.

Dessa vez não teve um pesadelo, mas seu mais incrível sonho. Sonhou com seu ilho. Assistiu ao parto de Kate. Beijava-a enquanto ela tinha contrações dolorosas. Pegou o bebê que foi expulso do útero materno para o útero social. Alegrou-se sobremaneira. Viu o bebê crescendo e o chamando de “papai”. Beijava-o e se sentia o pai mais feliz do mundo. Seu filho cresceu e começou a dar os primeiros passos e os primeiros tombos.

Aos poucos o menino começou a se irmar e correr pelos campos. Júlio Verne brincava com ele correndo atrás das árvores. Ensinava-o a andar de bicicleta, praticar futebol e basquete. Era um pai paciente que transferia o mais excelente capital, o capital que muitos reis não transferiram aos seus ilhos, o capital das suas experiências. Júlio Verne falava das suas lágrimas para que seu filho aprendesse a chorar as dele. Ensinou-lhe que a vida tem curvas imprevisíveis e acidentes inevitáveis. Cada erro não era objeto de punição, mas de elogio, uma etapa para crescer. Não era um manual de regras, mas um manual de vida. Era um pai espetacular, pelo menos no seu sonho.

O ilho icava fascinado com as histórias que o pai lhe contava. Contava das suas aventuras de viajar no tempo. Diante de um pai contador de

histórias, o menino não se importava muito com internet e computadores.

Era uma criança que tinha infância. Quando seu ilho tinha 9 anos, o pai disse algo simples, mas arrebatador:

– Obrigado, filho, por existir.

– Você é o melhor pai do mundo – expressou o ilho para a alegria do pai.

O sonho de Júlio Verne foi tão rico que abriu uma fenda cósmica. Pela primeira vez na sua história a fenda cósmica se abria por causa de um sonho agradável e não estressante. Júlio Verne foi deslocado novamente no tempo-espaço.

Encontrava-se dentro de um estábulo. Era uma tarde de verão. Chovia muito, mas logo a chuva cessou e o sol apareceu. Raios de luzes invadiam-lhe a face, fazendo-o protegê-la com as mãos. Pensou que havia dormido e acordado pela manhã. O mugido do gado e o balido das ovelhas eram serenatas aos seus ouvidos. Minutos depois foi encontrado por um idoso casal, proprietário da fazenda.

Dessa vez não foi agredido, nem encarado com estranheza, mas socorrido. O casal de fazendeiros não tinha ilhos e era muito generoso. O

que era deles era dos outros. Eram os vizinhos que todos amavam.

Pensaram-lhe as feridas, nutriram o corpo combalido do professor e refrigeraram-lhe a emoção. Não lhe izeram muitas perguntas. Queriam primeiro socorrê-lo.

– Onde estou?

– Na zona rural da pequena Braunau – disse o fazendeiro.

– Estou ainda na Áustria?

– Mas é claro!

Pensou estar próximo de Viena. Mas como já era um viajante do tempo

experiente, fez a pergunta fatal, mesmo pensando que não havia se deslocado muito no tempo-espaço.

– Em que ano estou?

Compadecida da sua confusão mental, a senhora lhe respondeu.

– Abril de 1897.

– Como? Ainda ontem estava em 1905!

De repente o professor foi iluminado.

– Em que cidade estou mesmo?

– Braunau… – disse o senhor.

– Braunau… Braunau… Não é possível! Estou na cidade de Alois Hitler!

– Alois. Nós o conhecemos. De vez em quando vem “caçar” colmeias na fazenda.

O professor quase desmaiou de susto. O sonho com seu ilho o levara ao

tempo em que Hitler era criança. Hitler nascera no dia 20 de abril de 1889

e estava com 8 anos em 1897.

Ficou se recuperando por uma semana de suas feridas e não via a hora de encontrar a criança que deixaria o mundo chocado. O que dizer? O que fazer? Sua mente era uma fonte de indagações. Enquanto se recuperava, fez trabalhos na fazenda para ajudar quem tanto o recebera bem. Quando melhorou, pediu desculpas e disse que tinha de partir. Alguns hematomas faciais denunciavam que sofrera um acidente. Arrumou uma pequena trouxa de roupas e de comida dada pelo amável casal e se foi. Braunau estava a dez quilômetros da fazenda. Não quis ir a cavalo, queria ir a pé, pensando no que ia fazer.

Seu coração batia mais forte quando se aproximou da cidade. Chegou à noite. No outro dia, bem cedo, foi procurar a escola que Hitler frequentava.

Não houve di iculdades, pois só havia uma escola na pequena cidade.

Enquanto caminhava, começou de novo a questionar se a educação seria o melhor caminho. Lembrou-se mais uma vez do general Hermann. Parecia que ouvia sua voz dizendo desde o começo que o mega Projeto Túnel do Tempo não podia ser encarado com paixões. Não se podia correr risco algum. O menino Hitler seria um alvo muito mais fácil.

O professor fora radical contra essa proposta, mas agora, depois de tudo por que passara, ela já não parecia tão inviável assim. Ao se aproximar da escola, suava intensamente como jamais um professor suou diante de uma plateia de alunos.

A escola tinha seis salas de aula, um imenso pátio, uma pequena biblioteca. Na entrada da escola havia uma escada de cinco degraus.

– O que fazer? – disse para si. – Um milhão de crianças e adolescentes judeus foram massacradas pelo adulto que se esconde atrás dessa criança.

Começou a rejeitá-la e a ter fagulhas de ódio.

– Está ali um psicopata em gestação? Está ali um monstro ou uma pequena e inocente criança? – questionava-se.

Lembrou-se da dócil Anne e de Moisés. Eles ainda não tinham nascido, mas quando viessem, suas existências logo seriam ceifadas pelos inumanos nazistas. Começou a povoar a mente com imagens das atrocidades patrocinadas por Hitler e Himmler. Colocou as mãos na cabeça e disse:

– Essa criança não pode viver. Não pode!

Subitamente, 50 metros a sua frente, uma mulher começou a subir os degraus lentamente. Olhou ixamente para ela. Parecia conhecida. De repente, ela virou o rosto como se estivesse procurando alguém. Os olhos

dela inalmente encontraram quem procurava: o professor. O professor a itou nos olhos. Ambos icaram chocados, quase petri icados de emoção.

Sem se conter, ela gritou.

– Júlio Verne, querido!

Perplexo, ele, como se tivesse saído da plateia e entrado na cena de um filme, bradou.

– Kate! É você!

E ambos saíram correndo para abraçar um ao outro. Beijaram-se e se abraçam como se fosse a primeira vez. O tempo parou. Não se importaram com quem os observava. E um espectador especial os itou enquanto subia as escadas: o menino Adolf. O menino e seus colegas icaram surpresos com o comportamento “escandaloso” do estranho casal.

Júlio Verne estava sem voz. Tudo parecia surreal como em seus pesadelos, mas em seguida Kate lhe explicou.

– Eu não suportei sua ausência, Júlio. Tive um sonho tão forte como os seus. Senti-me irresistivelmente atraída para entrar na Máquina do Tempo e procurar você. Supliquei à cientista Ângela por dias, e então ela generosamente me ajudou. Estou aqui em completo segredo.

– Mas os riscos foram grandes para você e nosso filho.

Nesse momento ela teve ânsia de vômitos devido à gravidez. Depois de apoiá-la, o professor completou seu raciocínio.

– É di ícil controlar o deslocamento na Máquina do Tempo. Você poderia se perder no tempo-espaço. Sofrer um aborto. Já pensou nas consequências disso?

Seu tom fora levemente áspero, mas no fundo expressava mais preocupação com duas pessoas que lhe eram caríssimas.

– Nem quero pensar. Mas é estranho. Eu parecia ter recebido um chamado para poder vir ajudar você, Júlio. Não me condene. Olhe para o quanto te amo.

Júlio Verne suspirou e procurou relaxar. Em seguida, mais calmo, comentou:

– Essa é a escola em que a criança que vai abalar os fundamentos da Europa estuda.

– Eu sei, cheguei ontem e já a pesquisei.

Tinham muito que conversar. Foram se sentar à sombra de uma árvore próxima da escola. Dava para ver as crianças brincando inocentemente.

– Qual é a estratégia? – indagou ela.

Desanimado e extremamente fatigado com todas as suas viagens, o professor respondeu:

– Kate, não há muito o que fazer.

– Como assim?

– Todas as minhas tentativas fracassaram.

– Mas, Júlio, você mudou a mente de algumas pessoas.

– Mas eram mudanças marginais. O cerne da História parece imutável.

– E o que você propõe?

– Essa criança não pode mais existir.

– E a educação? E tudo em que você crê?

– Não dá mais, Kate. Estou pensando na opção do general Hermann.

– Está pensando em tirar a vida dessa criança?

Ele apenas meneou a cabeça dizendo que sim, embora estivesse perturbado.

– Júlio, querido, lembre-se de que só a educação pode transformar o mundo. Você acreditava nisso. As armas eliminam sintomas, mas não resolvem as causas.

Júlio Verne, depois de todas as pressões, perdas, sofrimentos e fracassos que vivera, já não era mais o mesmo. Auschwitz, em especial, o mudara para sempre.

– É mais fácil e mais seguro – disse ele segurando a cabeça com as mãos e dando longos suspiros.

– Disparar uma arma é mais fácil do que educar, mas não é mais seguro.

– Pense, Kate… é eliminar uma criança para poupar milhões.

– Não é questão de matemática, mas de abandonar o princípio fundamental que transforma verdadeiramente uma sociedade. Em nosso tempo a juventude mundial tem acesso às informações e às redes sociais como nenhuma outra geração, mas a autonomia, as opiniões próprias e a consciência crítica estão cambaleantes. Sem a educação não pensamos como família humana, adoecemos, não protegemos a emoção. Sem educação, outros "Hitlers" seduzirão as massas em nosso século. Você sempre disse isso, Júlio.

– Eu sei! Eu sei! Mas…

– Espere, Júlio. Deixe-me contar algo sobre o Mestre dos mestres.

– Jesus? Admiro Jesus, mas não creio que ele é o messias. Sou um judeu, lembra? – expressou ele num tom de voz exasperado, algo raríssimo na

relação com sua esposa.

Kate era cristã ortodoxa, mas não estava falando de religião.

– Eu sei quem é o homem com que me casei e sempre respeitei o que você crê, mas não estou falando do messias, e sim do maior educador da História.

– Maior educador da história! Mais uma vez educação! Estou cansado de educação! Cansado!

A esposa de Júlio Verne era professora de psicologia social e tinha uma mente livre e sensível. Era o tipo de pessoa que sempre valia a pena ouvir.

Sua coerência e profundidade eram frequentemente arrebatadoras, e Júlio Verne o sabia muito bem.

– Desculpe-me, Kate, fale.

– Há dois mil anos o maior educador da História correu riscos seriíssimos ao escolher um grupo de jovens alunos da Galileia que só lhe davam dores de cabeça. Eles tinham a necessidade neurótica de poder, de controlar os outros e de evidência social. Eram radicais, conformistas e pouquíssimo altruístas e tolerantes. Nem sabiam colocar-se no lugar dos outros e ver o intangível.

Júlio Verne recostou-se no tronco carcomido da árvore e começou a escutá-la com atenção. A psicóloga social acrescentou:

– E para piorar o risco altíssimo de sua escolha, no final da sua história, o mais culto dos seus alunos, Judas Iscariotes, da tribo dos zelotes, iria traí-lo.

E o mais destemido e transparente, Pedro, iria negá-lo. O resto debandaria vergonhosamente.

Entretanto,

mesmo

às

portas

da

morte

e

dramaticamente frustrado, jamais desistiu da educação. Usou estratégias inimagináveis para abrir a mente deles.

Diante dessas palavras, o professor recordou a famosa tese que defendia, mas que estava nos porões da sua mente. Disse:

– Toda mente é um cofre, não existem mentes impenetráveis, mas chaves erradas.

– Exato. Precisava lhes ensinar as últimas lições, em especial que os fortes abraçam, mas os fracos condenam, que os fortes apostam tudo o que têm naqueles que pouco têm, mas os frágeis só apostam em quem lhes dá retorno.

– Que estratégias ele usou para educar a emoção? – indagou curioso Júlio Verne.

– Teve a coragem de pegar uma toalha e uma bacia de água e curvar-se

aos pés de seus alunos. Ele gritou no silêncio. Cada gota de água era como um rio que irrigava o egocentrismo, a insensibilidade, a competição predatória, en im, suas neuroses. Usou, portanto, uma dinâmica e metáfora poderosas para reeditar o ilme do inconsciente e gerar no centro da memória deles uma janela Light duplo P, capaz de estruturá-los para se tornarem autores da sua própria história.

Júlio Verne, inteligente que era, abalou-se com o comentário de Kate.

Lembrou-se da janela Killer duplo P que gerara em Piter e que o encarcerara. Recordou ainda que o professor da escola de Belas Artes de Viena izera o mesmo com Hitler, embora esse trauma, por si só, jamais justi icasse a sua monstruosidade, o assassino de massa, mas sem dúvida era mais um tijolo em sua sociopatia.

– *Nunca um professor tão grande se fez tão pequeno para tornar seus pequenos alunos grandes seres humanos* – concluiu o próprio professor, que esfregou as mãos no rosto e acrescentou para a sua esposa. – Eu estou emocionalmente doente, Kate, pela experiência de Auschwitz, pelos espancamentos que sofri e pelas viagens desgastantes na Máquina do Tempo. Mas você refrigerou minhas convicções. Eu aposto na educação.

– Vamos juntos ocupar espaço nessa escola e educar a emoção dessas crianças, incluindo o pequeno Adolf. Vamos usar metáforas e técnicas para ensinar as funções mais complexas da inteligência: respeitar os diferentes, o altruísmo, o prazer de expor e não impor as ideias, a arte da dúvida, a capacidade de pensar como humanidade.

E assim foi. Como eram notáveis professores no século XXI, não tiveram di iculdades para convencer um diretor de uma escola no inal do século XIX a contratá-los. Usaram algumas estratégias interessantes para estimular

o pensamento crítico das crianças. Em uma delas, dividiram-nas em duplas e pegaram o menino Hitler e formaram um par com um colega judeu.

Pediram para eles darem a mão direita um para o outro fortemente e levantarem o polegar para o alto. Pediram ainda que tentassem dominar o polegar um do outro. Cada vez que um dominasse o polegar do outro, ganhariam um ponto. Ganharia quem izesse mais pontos. Fizeram esse jogo durante um minuto.

– Quem ganhou? – indagou Kate.

O menino judeu ganhou do pequeno Hitler de 7 a 5. Outros izeram 10 a 8, 6 a 4 e assim por diante. Hitler icou acabrunhado. Mas Júlio Verne disse:

– Vocês não entenderam o jogo. Quem ganha não é quem domina o polegar do outro mais vezes, mas quem coopera um com o outro. O jogo é ganha-ganha. Tentem de novo.

Foi então que entenderam a dinâmica do jogo. Hitler e o menino judeu izeram 20 a 20. Ficaram felizes. Com essas e outras brincadeiras lúdicas, estimularam-nos a se interiorizar e a desenvolver um raciocínio complexo.

Aprenderam, portanto, as primeiras lições de que os fortes abraçam, mas os fracos condenam. Os fortes estendem as mãos aos diferentes, enquanto os frágeis os excluem. Foram dois dias fenomenais. Mas o céu de brigadeiro não tardaria a anunciar suas tempestades.



CAPÍTULO 38

A FELICIDADE CONTAGIANTE DOS MEMBROS DO

PROJETO

No terceiro dia, animados com a reação dos alunos, foram ansiosos para a escola. Mas, infelizmente, um fato dramático ocorreu. Logo que se aproximaram da escola, viram um homem apontando um ri le na direção das crianças, com uma luneta na ponta. Ao seu lado havia outro homem.

Desesperados, se aproximaram dos estranhos personagens para inquiri-los. Pensaram se tratar de policiais realizando um treinamento.

Subitamente ficaram perplexos. Eram rostos conhecidos.

– General Hermann! Bernard! – bradou Júlio Verne.

– Professor? O que faz aqui? – indagou o general assustado.

– Tentando mudar a História – afirmou o professor.

– Pois eu e Bernard também. Depois do embate com os psiquiatras sobre a personalidade doentia de Hitler, sentimo-nos também atraídos e capacitados para controlar a Máquina do Tempo. E, desse modo, cumprir a meta fundamental de nosso projeto.

– Mas e essa arma? – indagou Kate.

Bernard foi lacônico.

– Essa arma é o nosso método – afirmou o cientista.

– Mas e a educação? – ponderou o professor.

– A educação é o seu método – argumentou o general Hermann. E

acrescentou: – Nós entramos na Máquina do Tempo, arriscamos nossas vidas, pois sabíamos que se você realmente estivesse diante de seu ponto de mutação, diante do menino “nazista”, você não usaria as balas, mas as ideias.

– Não podemos nos arriscar mais – afirmou Bernard

– Mas estamos dando aulas para as crianças sobre educação emocional e social. Dê-nos uma chance, por favor.

– Por favor – interveio Kate. – As crianças estão reagindo bem.

De repente um grupo de professores passou por eles. Pareciam felizes com a arte de ensinar. O general Hermann e Bernard se entreolharam e recuaram naquele momento. Ficaram de se encontrar à noite, num lugar ermo. O casal pensou que talvez então se mostrassem mais solícitos.

– Nossa opção é militar. Não há garantias de que a educação funcionará

– rea irmou o general sem meias palavras, assim que se viram, horas mais tarde.

– Mas… – iniciou Júlio Verne. E antes que completasse seu pensamento, o general meteu as mãos na sua bolsa. Júlio Verne pensou que ele iria pegar uma arma e sacri icar mais duas pessoas. Mas na realidade ele ia pegar algemas, as quais Júlio viu de relance quando o zíper foi aberto.

– Não tem “mas”. Sinto muito, não podemos falhar…

Num golpe rápido, Júlio Verne gritou “Não!” e tentou arrancar a bolsa do general. Este deu um murro em seu peito e o derrubou. Kate correu para socorrê-lo, mas foi empurrada por Bernard e sofreu uma queda.

– Meu filho…! – bradou Júlio Verne, preocupado com sua esposa.

A bolsa se abriu e as algemas caíram. Nesse ínterim, o general pegou uma pistola, diminuta, que estava escondida em seu casaco, e que paralisava a musculatura. Júlio Verne desconhecia aquela arma, que de tão poderosa poderia levar Kate ao aborto. No exato momento em que Hermann ia puxar o gatilho, diante dos olhos perplexos de Kate e Júlio Verne houve um grande estrondo. Uma luz intensa invadiu o ambiente, quase cegando a todos… Uma fenda cósmica novamente se abriu.

Júlio Verne estava se debatendo numa cama. Lutava consigo mesmo entre o sono e o despertar. De repente, um menino de dois anos e meio

subiu em cima da cama e depois montou em seu corpo. Animado, dizia:

– Vamos, cavalinho!

O professor acordou assustado, mas, ao mesmo tempo, fascinado com a felicidade daquela criança. Lembrou-se de Kate e a chamou ansiosamente:

– Kate!

O menino insistiu em brincar.

– Vamos, cavalinho!

Subitamente alguém tocou a campainha do apartamento onde estavam.

– Kate, atenda a porta!

Mas será que Kate estava ali? Estava naquele tempo? Estava viva? O semblante dele mudou quando não houve reação dela.

O som da campainha não se interrompia. O professor saiu do quarto com a criança no colo e foi abrir a porta. Era um senhor bem idoso.

– O senhor se chama Júlio Verne?

– Sim!

– Vamos, cavalinho – dizia a criança mexendo-se sem parar em seus braços.

– Há muito tempo que o procuro.

– Mas quem é o senhor?

– Sou tataraneto de um professor da Escola de Belas Artes de Viena.

– Escola de Belas Artes de Viena? Você está de brincadeira?

– Meu tataravô deixou entre suas relíquias um quadro para entregar a você.

– A mim?

– Sim. E havia um estranho bilhete numa pequena bolsa na parte de trás da tela.

“Aos meus descendentes. Peço-lhes que encontrem um professor de história que vive em Londres e num futuro muito distante do meu, na década de 40 do século XXI. Loucura? Talvez.

Nunca vi um maluco tão inteligente! Seu nome é Júlio Verne. Dê-lhe de presente esse quadro de um dos meus alunos.”

E o bilhete tinha uma parte endereçada ao próprio professor.

“Eu o ouvi, professor Júlio Verne. Eis o quadro de um pintor mediano, para não dizer medíocre, mas que talvez tenha menos chance de ser um perigo para a sociedade…”

O professor olhou espantado a mensagem escrita à mão num velho papel desbotado e amarelado. Parecia estar vendo um fantasma.

– Eu o procurei em Londres, mas o vim achar em Berlin. A internet me ajudou.

Mas Júlio Verne não o ouvia. Enquanto lia o bilhete, o menino mexia em seus cabelos e fazia estripulias. Mas ele parecia que não se perturbava. O

idoso que lhe entregou o quadro perguntou-lhe:

– Belo garoto! É seu filho?

– Não! Não! Não sei… – Mas de repente olhou para o garoto e se viu nele.

O idoso homem o achou realmente maluco.

– É claro que é seu filho. É a sua cara.

E lhe entregou o quadro. O professor o recebeu e observou a assinatura e quase derrubou a criança no chão. A assinatura era de *Adolf Hitler.*

Indignado, criticou o homem que lhe deu o presente.

– Você não se envergonha de transportar um quadro de um assassino de massa? Do homem que deflagrou a Segunda Guerra Mundial?

– Segunda Guerra Mundial? Que Segunda Guerra?

Subitamente o professor caiu em si e começou a chorar, mas de alegria…

E incontrolavelmente se perguntava:

– É possível? É possível?

Deixou o homem falando sozinho. Com a criança no colo, foi aos seus livros de história e vasculhou desesperadamente as páginas. A criança continuava mexendo com seus cabelos. Queria que o mundo parasse, queria brincar. Júlio Verne não acreditava. Perplexo, agora exclamava:

– Impossível…! Impossível…!

Não havia nos livros menção aos extensos e dramáticos episódios da Segunda Guerra Mundial. Ansioso, entrou em seu computador, mas não havia nenhuma informação na internet sobre o colapso da Europa. Nada de campos de concentração, de Auschwitz e das atrocidades patrocinadas pelos nazistas.

O mestre que vivia em busca de um sentido mais nobre para a sua vida não parava de derramar lágrimas. Beijava a criança e chorava. O menino também começou a derramar lágrimas.

Rapidamente ele abriu a janela e viu judeus ortodoxos com seu *kipá* sobre a cabeça andando lado a lado com alemães, mulçumanos e pessoas de outras nacionalidades. Todos expressavam um ar feliz e harmônico.

Pareciam apaixonados pela mais incrível e perturbadora família, a família humana. O homem que lhe trouxera o presente já havia partido.

Júlio Verne pegou a criança e saiu como um desvairado pelas ruas.

Pulava de alegria.

Perguntava para os passantes:

– Você já ouviu falar da Segunda Guerra Mundial?

Mas ninguém ouvira falar daquele inferno.

Ele jogava seu ilho para o alto e o pegava. O menino caía na gargalhada.

E Júlio gritava sem parar.

– A educação funcionou! A educação funcionou!

Atrás dele, uma bela mulher começou a fazer coro:

– Sim, a educação funcionou! A educação é a esperança! Mas você vai derrubar nosso filho.

Era Kate, vindo de uma padaria com ingredientes para lhe preparar um delicioso café. Um júbilo incontido tomou conta do casal enquanto caminhavam para seu apartamento.

– Nosso filho! Meu filho! Meu filho!

Foi uma emoção enorme para Kate observar Júlio Verne beijando seu menino.

– Filho, eu te amo!

– Tinha de ser seu filho, ele é tão agitado – disse ela alegremente.

Subitamente, outra surpresa ocorreu. Alguém lhes tocou os ombros. Eles se viraram e ouviram:

– Sinceras desculpas. A educação penetra mais profundamente que as armas… – Era o general Hermann, com lágrimas nos olhos. Em seguida deu-lhes explicações sobre as algemas e a arma que paralisava a musculatura. Eles acreditaram nele, pois era um homem transparente.

Pela primeira vez o general chorou em muitos anos. E humildemente pediu para carregar o ilho do casal. Carregava uma criança, um ilho da humanidade, um representante do futuro da nossa espécie.

O casal se beijou como namorados em início do romance enquanto Hermann segurava no colo o alegre e inquieto menino. Os cientistas Eva,

Ângela, Bernard e outros membros do Projeto Túnel do Tempo apareceram subitamente e sem conseguir dizer palavra se juntaram a eles, profundamente comovidos. Estavam todos numa bela e ajardinada praça de Berlim.

Os caminhantes paravam para ver o que estava acontecendo. Um general fardado chorando de alegria com uma criança radiante em seu colo, perante um casal de mãos dadas e alguns amigos que também vertiam lágrimas de júbilo. A cena era tão impactante que se formou uma

grande roda de pessoas de muitas nacionalidades, chineses, árabes, japoneses, americanos, latinos, judeus, africanos, em torno daqueles estranhos personagens. Sem saber por quê, seus olhos também icaram úmidos.

Raramente as lágrimas substituíram com tanta nobreza os mais belos discursos… Num mundo digital, onde parecia que estávamos tão próximos, mas na realidade estávamos tão ilhados, aquele grupo de pessoas arriscara a vida porque tivera um raro romance, um romance com a humanidade… Raramente a vida ganhou um sentido tão nobre. A felicidade deles era tanto inteligente quanto contagiante…



REFERÊNCIAS & NOTAS

1 WILLIAMSON, Gordon, *A SS: o instrumento de terror de Hitler*, São Paulo: Escala, 2006.

2 FEST, Joachim, *Hitler*, volume II, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006. KERSHAW, Ian, *Hitler*, São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

3 O tratado de Versalhes foi imposto pelos vencedores da Primeira Grande Guerra à Alemanha, exigindo, entre outras coisas, o controle das

forças armadas e o pagamento de indenizações.

4 KERSHAW Ian, *Hitler*, Companhia da Letras, São Paulo, 2010; COHEN, Peter. Arquitetura da Destruição, Versátil Home Vídeo, Suécia, 1992

5 KERSHAW, Ian, *Hitler*, São Paulo: Companhia da Letras, 2010.

6 FEST, Joachim, *Hitler*, volume II, p. 770, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

7 FEST, Joachim, *Hitler*, volume II, p. 770, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

8 Ferguson, Niall, *A Ascensão do dinheiro*, São Paulo: Planeta, 2009.

9 KANT, Immanuel, *Crítica da razão pura*, São Paulo: Vozes, 2012.

10 ROUSSEAU, Jean-Jacques, *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*, São Paulo: Martins Fontes, 2005.

11 CURY, Augusto, *A fascinante construção do Eu*, São Paulo: Editora Planeta, 2011

12 FROMM, Erich, *Anatomia da Destrutividade Humana*, Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1987.

13 WILLIAMSON, Gordon, *A SS: O Instrumento de Terror de Hitler*, São Paulo: Escala, 2006.

14 WILLIAMSON, Gordon, *A SS: O Instrumento de Terror de Hitler*, São Paulo: Escala, 2006.

15 CURY, Augusto, *Armadilhas da Mente*, Rio de Janeiro: Editora Arqueiro, 2013.

16 FEST, Joachim, *Hitler*, volume II, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

17 KERSHAW, Ian, *Hitler*, São Paulo: Companhia da Letras, 2010.

18 Os *Kapos* também podiam ser prisioneiros nos quais os nazistas con iavam, escolhidos especialmente por sua brutalidade.

19 BARANOWSKA, Olga; DZIENIO, Eliza; SOSNOWSKA, Katarzyna, *Lugares de Extermínio*, Polônia: Parma Press, 2011. PELT, Robert Jan Van; DWORK, Deborah, *Auschwitz*, New York: Yale University Press, 1996.

20 BARANOWSKA, Olga; DZIENIO, Eliza; SOSNOWSKA, Katarzyna, *Lugares de Extermínio*, Polônia: Parma Press, 2011. PELT, Robert Jan Van; DWORK, Deborah, *Auschwitz*, New York: Yale University Press, 1996.

21 KERSHAW, Ian, *Hitler*, São Paulo: Companhia da Letras, 2010.

22 DELAFORCE, Patrick, *O Arquivo de Hitler*, p. 94, São Paulo: Panda Books, 2010.

23 BARANOWSKA, Olga; DZIENIO, Eliza; SOSNOWSKA, Katarzyna, *Lugares de Extermínio*, Polônia: Parma Press, 2011. PELT, Robert Jan Van; DWORK, Deborah, *Auschwitz*, New York: Yale University Press, 1996.

24 BARANOWSKA, Olga; DZIENIO, Eliza; SOSNOWSKA, Katarzyna, *Lugares de Extermínio*, Polônia: Parma Press, 2011. PELT, Robert Jan Van; DWORK, Deborah, *Auschwitz*, New York: Yale University Press, 1996.

25 BARANOWSKA, Olga; DZIENIO, Eliza; SOSNOWSKA, Katarzyna, *Lugares de Extermínio*, Polônia: Parma Press, 2011. PELT, Robert Jan Van; DWORK, Deborah, *Auschwitz*, New York: Yale University Press, 1996.

26 CRÜSEMANN, Frank, *A Torá*, SP: Editora Vozes,: 2008.

27 Salmo 23, http://www.bibliaonline.com.br/acf/sl/23

28 KERSHAW, Ian, *Hitler*, São Paulo: Companhia da Letras, 2010.

29 KERSHAW, Ian, *Hitler*, São Paulo: Companhia da Letras, 2010.

30 KERSHAW, Ian, *Hitler*, São Paulo: Companhia da Letras, 2010.

31 FRANKL, Viktor E., *Man's search for meaning*, EUA: Beacon Press, 2006.

32 BARANOWSKA, Olga; DZIENIO, Eliza; SOSNOWSKA, Katarzyna, *Lugares de Extermínio*, Polônia: Parma Press, 2011. PELT, Robert Jan Van; DWORK, Deborah, *Auschwitz*, New York: Yale University Press, 1996.

33 BARANOWSKA, Olga; DZIENIO, Eliza; SOSNOWSKA, Katarzyna, *Lugares de Extermínio*, Polônia: Parma Press, 2011. PELT, Robert Jan Van; DWORK, Deborah, *Auschwitz*, New York: Yale University Press, 1996.

34 Revista *Ultimato*, Edição 327, Viçosa: novembro/dezembro 2010.

35 Revista *Ultimato*, Edição 327, Viçosa: novembro/dezembro 2010.

36 Revista *Ultimato*, Edição 327, Viçosa: novembro/dezembro 2010.

37 CURY, Augusto, *Os segredos do Pai-nosso*, Rio de Janeiro: Sextante, 2006.

38 FEST, Joachim, *Hitler*, volume II, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

39 Szpilman, Marcelo, *Judeus – suas extraordinárias histórias e contribuições para o progresso da humanidade*, Rio de Janeiro: Mauad, 2012.

40 DURANT, Will, *História da Filosofia*, São Paulo: Record, 1996.

41 *O Estado de São Paulo*, edição de 26 de agosto de 2012.

42 Szpilman, Marcelo, *Judeus – suas extraordinárias histórias e contribuições para o progresso da humanidade*, Rio de Janeiro: Mauad, 2012.

43 WILLIAMSON, Gordon, *Instrumento de Terror de Hitler*, p. 292, São Paulo: Escala, 2006.

44 ABRAHAM, Ben, *A Segunda Guerra Mundial*, São Paulo : Sherit Hapleita, 1985

45 ABRAHAM, Ben, *A Segunda Guerra Mundial*, São Paulo : Sherit Hapleita, 1985

46 WILLIAMSON, Gordon, *Instrumento de Terror de Hitler*, p. 292, São Paulo: Escala, 2006.

47 WILLIAMSON, Gordon, *Instrumento de Terror de Hitler*, p. 292, São Paulo: Escala, 2006.

48 KERSHAW, Ian, *Hitler*, p. 723, São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

49 KERSHAW, Ian, *Hitler*, p. 723, São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

50 KERSHAW, Ian, *Hitler*, p. 181, São Paulo: Companhia das Letras, 2008.)

51 FEST, Joachim, *Hitler*, volume II, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

52 FEST, Joachim, *Hitler*, volume II, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

53 FEST, Joachim, *Hitler*, volume II, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

54 Em alemão, *blitzkrieg*.

55 FEST, Joachim, *Hitler*, volume II, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

56 CURY, Augusto, *Armadilhas da Mente*, Rio de Janeiro: Arqueiro, 2013.

57 FEST, Joachim, *Hitler*, volume II, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
KERSHAW, Ian, *Hitler*, São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

58 American Psychiatric Association, *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders: DSM-III-R*, EUA: 1987

59 DELAFORCE, Patrick, *O Arquivo de Hitler*, p. 32, São Paulo: Panda Books, 2010.

60 DELAFORCE, Patrick, *O Arquivo de Hitler*, p. 32, São Paulo: Panda Books, 2010.

61 DELAFORCE, Patrick, *O Arquivo de Hitler*, p. 32, São Paulo: Panda Books, 2010.

62 American Psychiatric Association, *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders: DSM-III-R*, EUA: 1987

63 Edição especial da revista *Superinteressante, Nazismo - O lado oculto do Terceiro Reich*, Editora Abril, São Paulo, junho de 2013.

64 DELAFORCE, Patrick, *O Arquivo de Hitler*, São Paulo: Panda Books, 2010.

65 DELAFORCE, Patrick, *O Arquivo de Hitler*, São Paulo: Panda Books, 2010.

66 DELAFORCE, Patrick, *O Arquivo de Hitler*, São Paulo: Panda Books, 2010.

67 DELAFORCE, Patrick, *O Arquivo de Hitler*, p. 30, São Paulo: Panda Books, 2010.

68 DELAFORCE, Patrick, *O Arquivo de Hitler*, p. 30, São Paulo: Panda Books, 2010.

69 DELAFORCE, Patrick, *O Arquivo de Hitler*, São Paulo: Panda Books, 2010.

70 FEST, Joachim, *Hitler*, volume II, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

71 DELAFORCE, Patrick, *O Arquivo de Hitler*, São Paulo: Panda Books, 2010.

72 American Psychiatric Association, *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders: DSM-III-R*, EUA: 1987

73 FEST, Joachim, *Hitler*, volume II, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

74 DELAFORCE, Patrick, *O Arquivo de Hitler*, p. 34, São Paulo: Panda Books, 2010.

75 WILLIAMSON, Gordon, *A SS: O Instrumento de Terror de Hitler*, São Paulo: Escala, 2006.

76 FEST, Joachim, *Hitler*, volume II, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

77 FEST, Joachim, *Hitler*, volume II, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

78 FEST, Joachim, *Hitler*, volume II, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

79 FEST, Joachim, *Hitler*, volume II, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006. KERSHAW, Ian, *Hitler*, São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

80 FEST, Joachim, *Hitler*, volume II, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006. KERSHAW, Ian, *Hitler*, São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

81 FEST, Joachim, *Hitler*, volume II, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006. KERSHAW, Ian, *Hitler*, São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

82 DELAFORCE, Patrick, *O Arquivo de Hitler*, p. 94, São Paulo: Panda Books,

2010.

83 FEST, Joachim, *Hitler*, volume II, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

84 CURY, Augusto, *A fascinante construção do Eu*, São Paulo: Academia de Inteligência, 2011.

CURY, Augusto, *Armadilhas da Mente*, Rio de Janeiro: Editora Arqueiro, 2013.

85 CURY, Augusto, *Pais brilhantes, professores fascinantes* , 2a edição, São Paulo: Academia de Inteligência, 2007.

86 DELAFORCE, Patrick, *O Arquivo de Hitler*, p. 34, São Paulo: Panda Books, 2010.

NOTA DO AUTOR

Um professor, por mais humilde que seja e por mais anônimo que viva, com uma das mãos escreve num quadro, com a outra pode mudar a História da humanidade quando muda o mundo de uma criança. Escrevi essa obra profundamente emocionado e preocupado com o futuro da humanidade. E alicerçado por essa preocupação, eu não me curvaria diante de um rei, celebridade ou pessoa multimilionária, mas curvo-me humildemente diante de todos os educadores de todas as nações e de todo ser humano que acredita que a educação é o motor fundamental para transformar a sociedade. Sem a educação nossa mente será estéril, nossos invernos emocionais não precederão as primaveras, nossas lágrimas não irrigarão a sabedoria… Sem uma educação capaz de contemplar as funções mais importantes da inteligência cultivaremos servos e não pensadores, nossa espécie será doente, formando pessoas doentes para um sistema doente…

NOTA DA EDITORA PLANETA

Os dois volumes dessa obra, *O colecionador de lágrimas* e *Em busca do sentido da vida*, foram escritos durante anos a io pelo psiquiatra e pesquisador dr. Augusto Cury, um dos poucos pensadores da atualidade a ter elaborado uma nova teoria sobre a formação do Eu, o complexo processo de construção de pensamentos e o processo de formação de pensadores. Ele vasculhou porões da História para produzir dois romances incomuns, histórico-sociológico-psiquiátricos que podem contribuir com muitos

povos…

A Editora Planeta, como uma das maiores editoras do mundo, agradece a todos os leitores, pais, jovens, professores, psicólogos, médicos, historiadores e pro issionais de todas as áreas que têm considerado essa obra de grande relevância intelectual e social e a têm divulgado em escolas, universidades, empresas, instituições sociais. Nada propicia um sentido tão nobre para a existência como aprendermos a ser autores da nossa história e termos um romance com a humanidade…

CONHEÇA O PROGRAMA EI: A EDUCAÇÃO DA EMOÇÃO

Conheça a EI (Escola da Inteligência/Emoção inteligente), que é um programa que trabalha na grade curricular a *Educação da Emoção* como alicerce das funções mais complexas da inteligência: capacidade de se colocar no lugar do outro, pensar antes de reagir, iltrar estímulos estressantes,

gerenciar

os

pensamentos,

desenvolver

altruísmo,

solidariedade, tolerância, capacidade de trabalhar perdas e frustrações, resiliência, raciocínio complexo, pensar como humanidade. Já re letiu sobre os benefícios de uma escola psicologicamente saudável?

Durante mais de 15 anos o dr. Augusto Cury idealizou esse programa, que conta com a colaboração de notáveis psicólogos e pedagogos. Há mais de 100 mil alunos no programa e dezenas de países interessados em aplicá-lo. O programa entra na grade da escola uma hora por semana com rico material ilustrado, vídeo, áudio. Os próprios professores da escola são treinados e acompanhados para aplicá-lo. Além disso, os pais recebem cursos específicos, como “Hábitos dos pais brilhantes”. Eles amam.

O dr. Cury renunciou aos direitos autorais da EI para que o programa tenha recursos para se desenvolver, tenha um custo muito acessível e também para que seja aplicado gratuitamente em orfanatos e para jovens em situação de risco.

Os resultados são surpreendentes. Os alunos não veem a hora de chegar a aula semanal da EI. Além das importantes funções da inteligência citadas, os alunos também melhoram o raciocínio, o debate de ideias e o desempenho nas provas, sendo preparados para serem bons atores sociais e pro issionais. Solicite que a escola do seu ilho conheça a EI. Formar não

“repetidores de informações”, mas pensadores com uma mente livre e uma emoção saudável é o nosso grande objetivo…

Acesse o site: www.escoladainteligencia.com.br

VOCÊ ACREDITA

que tomando uma atitude pode mudar o mundo?

É POSSÍVEL

encontrar sentido na vida quando o mundo desaba sobre nós?

LEIA ESTE ROMANCE

e encontre algumas respostas. Você vai se surpreender.

AUGUSTO CURY é psiquiatra, psicoterapeuta, cientista e escritor. Um dos autores mais publicados no mundo, seus 34 livros já ultrapassaram os 20 milhões de exemplares vendidos somente no Brasil. É autor da Teoria da Inteligência Multifocal, que estuda a formação do Eu, os papéis da memória e a construção dos pensamentos. É um dos poucos pensadores vivos cuja teoria é objeto de pós-graduação, máster internacional e doutorado. Também é autor do programa Escola da Inteligência. Seu instituto – o Augusto Cury Institute – promove cursos intensivos para adultos e crianças com foco na educação da emoção e no desenvolvimento das funções mais importantes da inteligência. Seu livro *O Vendedor de Sonhos* recebeu da Câmara Internacional de Literatura Chinesa o cobiçado Prêmio de Ficção em 2009. No segundo semestre de 2014, será adaptado para o cinema.

Twitter @augustocury

Facebook facebook.com/augustocury

Homepage www.augustocury.com.br

AUTOR VENCEDOR DO 21º PRÊMIO DE LITERATURA INTERNACIONAL DA CHINA.

Considerado o mais lido da década no Brasil.

(Folha de S. Paulo, Veja On Line, IstoÉ)

"Um dos ficcionistas brasileiros de maior sucesso nos últimos anos."

(Veja)

"Os livros do psiquiatra Augusto Cury almejam trazer enriquecimento psicológico."

(La Vanguardia)

"Se você não tiver esperança, estará num campo de concentração pior do que o Auschwitz".

Document Outline

- Prefácio
- C APÍTULO 1
- No ninho dos doentes mentais
- C APÍTULO 2
- Herói ou psicótico?
- C APÍTULO 3
- Viagens mentais
- C APÍTULO 4
- No caminho da incerteza
- C APÍTULO 5
- Nazistas caçadores
- C APÍTULO 6
- Primavera de 2045
- C APÍTULO 7
- A grande decisão
- C APÍTULO 8
- A segunda viagem no tempo
- C APÍTULO 9
- O que fizeram com os filhos da Alemanha?
- C APÍTULO 10
- Uma família destruída
- C APÍTULO 11
- O caos de Júlio Verne
- C APÍTULO 12
- Preservando as crianças
- C APÍTULO 13
- A farsa é descoberta
- C APÍTULO 14
- Os brutos também se emocionam
- C APÍTULO 15
- Um dia como animal
- C APÍTULO 16
- O encontro com Viktor Frankl
- C APÍTULO 17

- Um banquete intelectual inimaginável
- C APÍTULO 18
- O cárcere dos jovens alemães
- C APÍTULO 19
- O surto psicótico do professor
- C APÍTULO 20
- Pesadelos de um intelectual
- C APÍTULO 21
- Querendo eliminar Himmler
- C APÍTULO 22
- O sabor da liberdade
- C APÍTULO 23
- A Polônia antes do caos
- C APÍTULO 24
- Um novo ataque de pânico
- C APÍTULO 25
- O retorno ao futuro
- C APÍTULO 26
- Bombardeado pelos membros do projeto
- C APÍTULO 27
- A grande estratégia para retornar ao tempo correto
- C APÍTULO 28
- O primeiro psiquiatra: a personalidade esquizoide de Hitler
- C APÍTULO 29
- O segundo psiquiatra: a sociopatia de Hitler
- C APÍTULO 30
- O terceiro psiquiatra: o transtorno paranoico de Hitler
- C APÍTULO 31
- O relatório final sobre a personalidade de Hitler
- C APÍTULO 32
- Munique: o grande ponto de mutação
- C APÍTULO 33
- O embate no tribunal entre o professor e Hitler
- C APÍTULO 34
- O embate entre Júlio Verne e Hitler na prisão
- C APÍTULO 35
- A grande falha do professor Júlio Verne
- C APÍTULO 36
- A grande esperança ou a grande frustração?

- C APÍTULO 37
- A grande missão: o colecionador de esperanças!
- C APÍTULO 38
- A felicidade contagiante dos membros do projeto
- Referências & Notas
- Nota do autor
- Nota da Editora Planeta
- Conheça o programa EI: a educação da emoção